

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

*Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e
ditadura no Brasil e na Argentina*

LÍVIA GONCALVES MAGALHAES

Orientador: Prof. Dr. Samantha Viz Quadrat

Niterói
2013

Folha de Aprovação

COM A TAÇA NAS MÃOS: SOCIEDADE, COPA DO MUNDO E DITADURA NO
BRASIL E NA ARGENTINA

Lívia Gonçalves Magalhães

Tese submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal Fluminense - UFF, como parte dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Doutor em História. Área de Concentração: História Social

Aprovada por:

_____ - Orientador
Prof. Dr. Samantha Viz Quadrat (UFF)

Prof. Dr. Alessandra Carvalho (UFRJ)

Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda (FGV)

Prof. Dr. Daniel Aarão Reis Filho (UFF)

Prof. Dr. Marcos Alvito Pereira de Souza (UFF)

Suplentes:

Prof. Dr. Denise Rollemberg Cruz (UFF)

Prof. Dr. Maria Paula Nascimento Araujo (UFRJ)

Niterói

2013

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

M188 Magalhães, Lívia Gonçalves.

Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina / Lívia Gonçalves Magalhães. – 2013.
221 f. ; il.

Orientador: Samantha Viz Quadrat.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.

Bibliografia: f. 205-221.

1. Futebol. 2. América Latina. 3. Ditadura militar. 4. Violência política. I. Quadrat, Samantha Viz. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 796.334

Para vovó Iáia, que deixou tudo tão confuso; e para Alice, o pacotinho que trouxe sentido de volta.

Agradecimentos

Ao iniciar o doutorado, parece que este momento está muito distante. Sem perceber, os últimos meses chegam e com eles a sensação de que, na verdade, tudo passou muito rápido. E apesar de todas as dificuldades, escrever os agradecimentos torna-se um motivo de apreensão: e se eu esquecer alguém? Por isso, começo estas páginas agradecendo àqueles que talvez não apareçam com seus nomes aqui, mas sabem que foram essenciais nestes anos.

Agradeço ao apoio recebido pelo Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, que desde março de 2011 me contemplou com uma Bolsa REUNI. Sou igualmente grata à CAPES pela bolsa PDEE de estágio de doutoramento no Centro *d'Histoire des Sciences Politique* em Paris, entre os meses de setembro e dezembro de 2011. À recepção do professor Denis Rolland, quem também me guiou pelas bibliotecas francesas e entre os contatos de pesquisa, abrindo portas algumas vezes difíceis para os estrangeiros.

Meus agradecimentos ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense e sua estrutura que tanto apóia seus alunos. Aos queridos funcionários da secretaria da Pós, que além da disposição e da ajuda em momentos de “crise”, ainda conseguem acalmar um pós-graduando.

Aos professores Daniel Aarão Reis Filho e Francisco Carlos Teixeira da Silva, pelas críticas e contribuições no Exame de Qualificação. Da mesma forma, aproveito para agradecer às professoras Marina Franco e Patrícia Funes, que em 2008 me incentivaram a arriscar mais e seguir em frente com o futebol.

Ao professor Carlos Fico, agradeço a disponibilização de parte de seu acervo pessoal de documentos, que já não são acessíveis nos Arquivos.

Aos que concordaram em conceder uma entrevista para este trabalho, minha gratidão: Daniel Aarão Reis Filho, Eduardo Roberto da Silva, Dr. João Havelange e o jornalista Juca Kfourri.

Foram muitos os arquivos e funcionários que tornaram tudo mais fácil ao longo deste caminho. No Brasil, sou eternamente grata à equipe da Ação Educativa, do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Pelo convite e a confiança em meu trabalho, e nossa grande conquista: o querido livro *Histórias do Futebol*, em 2010. Agradeço também ao funcionário Paulo Augusto Ramalho, do Arquivo Nacional em Brasília. Sua

ajuda e gentileza tornaram possível que, aos quarenta e cinco do segundo tempo, eu conseguisse incluir os arquivos recém disponibilizados do Serviço Nacional de Informações na pesquisa, mesmo enfrentando as adversidades da greve.

Na Argentina, agradeço aos funcionários do *Archivo Comisión Provincial por la Memoria*, da cidade de La Plata. Sou igualmente grata aos funcionários do *Memoria Abierta*, especialmente Evangelina Sanchez, por sua paciência e *buena onda*, inclusive na contenção em momentos em que a emoção é mais forte em alguns relatos. Na França, devo agradecer a muitos funcionários de arquivos como a Biblioteca nacional e a BDIC, pela paciência e gentileza em explicar até superarmos a barreira do idioma. Meu *merci* especial ao colega de pesquisa Jean Christophe Meyer, que além da recepção em Estrasburgo conseguiu o contato para a pesquisa na Suíça, e ao colega Pierre Weiss, pela amabilidade. Finalmente, à Christa Bühler, quem me recebeu na FIFA com cortesia, cafés e *lembrancinhas* da entidade.

À Samantha Viz Quadrat que entre os alunos brincamos ser a orientadora dos temas alternativos: história em quadrinhos, rock, futebol. Sou grata, e certamente não a única, por sua iniciativa em apoiar estes estudos. Agradeço também pela recepção no meu retorno à UFF, após quatro anos afastada do país. Não poderia deixar de recordar sua insistência em abrir minha mente para as fontes, arquivos e documentos. Os incentivos de ir sempre além do esperado, e as palavras nos momentos difíceis: “o doutorado é o momento de plantar, depois vem a colheita”. E a lembrança, sempre presente, de que é a História é feita por *pessoas*.

O doutorado também nos deixa amigos. Ainda bem! Agradeço ao carinho e conselhos dos novos colegas: Alessandra, Aline, Claudiane, Denise, Maria Paula e Samantha, companheiras de Congressos, viagens, e de momentos em que precisamos simplesmente sentar e rir um pouco. A Isabel, Larissa, Marcos e Pâmela, que ajudaram a desvendar arquivos e bibliografias. Aos colegas do CEBRI agradeço pela compreensão na reta final.

Como uma Copa do Mundo, uma tese também é feita por aqueles que não aparecem no momento final, com a bola rolando. Primeiramente, agradeço minhas famílias. Aos meus pais, Elizabeth e Daniel, e meus irmãos, Débora e Bruno, sou imensamente grata pela paciência de vocês comigo. Por estarem ao meu lado, mas colocarem os limites que preciso. Ao *papi* por saber que distância física não significa, de forma alguma, estar longe; por rir e incentivar cada loucura minha, de viagens aos *vai e vens*, e entender esse meu lado *cidadã do mundo*, pela sua cara de bobo orgulhoso

em cada conquista, que torna tudo ainda mais divertido. *Mamy medialuna*, como vou conseguir agradecer a você? Ainda te devo dedicatórias em livros, mas dessa vez não consigo fugir. Claro, preciso tornar público seu apoio num item fundamental: a alimentação de uma mulher escrevendo tese. Não sei como eu faria qualquer coisa sem os seus brigadeiros. Obrigada pelas portas de casa sempre abertas, pela acolhida no meu retorno quando vocês já imaginavam que eu tinha virado portenha. Pela companhia nas viagens, e o colo em todas as horas. Ao Menininho e à Furacão, os irmãos que são os amigos que todos queriam para si. Eu tenho a alegria de que eles serão obrigados a me aturar para sempre.

Ao Alejandro, eu agradeço tudo. Sem você eu não estaria ansiosa escrevendo estes agradecimentos. Seu apoio incondicional, mesmo tantas vezes sem entender ou concordar; a paciência em tantas ausências, separações, distâncias. Prometo que, pelo menos por um tempo, não serei mais a pessoa do “não posso, tenho que estudar”. Por seu olhar, que faz com que eu me encontre.

Minha prima Ana Lúcia ganhou chocolates, beijos, abraços e mensagens fofas no celular. Mas nada disso é suficiente. Essa conquista também é sua. Obrigada pela certeza de saber que sempre posso contar com você e o César. Minha prima Natália e o primo Thiago, quem estiveram sempre com os ouvidos preparados para um desabafo. Ao meu Tiquinho, primo Conrado, por estar sempre pronto para me acalmar e me transportar.

Tenho a sorte de utilizar a palavra família no plural. No ritmo de unidade latino-americana, ganhei uma família portenha, que me abraçou desde o primeiro momento. Agradeço por terem sempre me recebido nas muitas viagens de pesquisa, de aceitar a casa bagunçada e cheia de papéis. Por terem cuidado do Lucho e de mim com tanto carinho. Maite, Martín, Amália e Sofia, que bom é ser parte da loucura argentina. Ao Santiago e à Carmina agradeço a acolhida no Natal invernal do continente europeu.

Aos amigos, claro, que felizmente são muitos. Aos que estiveram desde sempre e ofereceram os ouvidos para os momentos mais difíceis: minhas meninas Anna Paula, Beth, Flávia, Ju (sempre disposta companheira de viagens) e Liana, que crescem comigo há tanto tempo. À Beth, pelas horas de terapia no telefone, de qualquer parte do mundo. Ao Marcelo, por romper com as formalidades da vida. Ao trio Roberta, Carla e Camila, sempre dispostas a encarar tudo com humor. As Lulus, Camilla, Nanda e Marcela, que ajudaram a manter o futebol como um prazer, não apenas um objeto de estudo. Aos amigos que a Argentina me deu: Grana, minha francesa especial, Marce,

Lau, Jose, Tol, Túlio e, claro, minha marida Gaby. Ao Roberto Cardoso, vascaíno tão querido, por ter conseguido agendar a entrevista com João Havelange. Tia Diva, quem me preparou para a viagem à Paris, evitando que eu ficasse ainda mais perdida nos primeiros dias na cidade luz.

Falando nelas, agradeço às cidades que me acolheram: Paris, o lugar em que os verbos *amar* e *odiar* podem conviver harmonicamente. E minha querida Buenos Aires, pela sensação de que cada visita era uma volta *al hogar*. Suas empanadas, seu vinho, seus portinhos enlouquecidos... você continua sendo meu lugar no mundo.

No embalo do cantor argentino Gustavo Cerati no show de despedida do grupo Soda Stereo em 1997, faço das dele as minhas palavras finais: “No solo no hubiéramos sido nada sin ustedes, sino con toda la gente que estuvo a nuestro alrededor desde el comienzo; algunos siguen hasta hoy. ¡GRACIAS TOTALES!”

Resumo

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditaduras no Brasil e na Argentina** Orientador: Samantha Viz Quadrat. Niterói: UFF/ICHF/PPGH, 2013. Tese (Doutorado em História)

A tese discute as diferentes manifestações sociais no Brasil e na Argentina durante as Copas do Mundo de 1970 e 1978, respectivamente. Apesar de terem sido elemento da propaganda oficial de ambos os regimes, estas competições possuem outras interpretações além do uso feito pelas ditaduras. Jogadores, comissão técnica, jornalistas, torcedores: todos tiveram suas formas de viver aqueles dias que culminaram na vitória da seleção nacional no torneio mais importante do futebol mundial. São distintas também as memórias sobre as conquistas, que se tornaram um espaço de disputa que permite uma análise das próprias relações sociais que marcaram as últimas ditaduras civil-militares de Brasil e Argentina.

Abstract

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditaduras no Brasil e na Argentina** Orientador: Samantha Viz Quadrat. Niterói: UFF/ICHF/PPGH, 2013. Tese (Doutorado em História)

This dissertation aims the various social events in Brazil and Argentina during the World Cups of 1970 and 1978, respectively. Despite being an official propaganda element for both regimes, these competitions have other interpretations besides the use made by the dictatorships. Players, coaching staff, journalists, fans: they all had their ways of living those days that culminated in the victory of the national team in the most important competition in football. The memories about the victory are also distinct, and the supremacy have also become an area of contention which allows an analysis of social relations that marked the last civil-military dictatorships of Brazil and Argentina.

Resúmen

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditaduras no Brasil e na Argentina** Orientador: Samantha Viz Quadrat. Niterói: UFF/ICHF/PPGH, 2013. Tese (Doutorado em História)

La tesis analiza los diferentes eventos sociales en Brasil y Argentina durante Mundiales de Fútbol de 1970 y 1978, respectivamente. A pesar de haber sido elemento de propaganda oficial de ambos regímenes, estas competencias tienen otras interpretaciones, además de la utilización por las dictaduras. Los jugadores, el cuerpo técnico, los periodistas, la hinchada: todos tenían sus maneras de vivir esos días que culminaron con la victoria de la selección nacional en el torneo más importante del fútbol. Así de distintas son las memorias acerca de dichos logros, que se han convertido en una zona de disputas que permite un análisis de las relaciones sociales que marcaron las últimas dictaduras cívico-militares de Brasil y Argentina.

Siglas e Abreviaturas

ABI	Associação Brasileira de Imprensa
AERP	Assessoria Especial de Relações Públicas
AFA	Associação do Futebol Argentino
AFC	Confederação Asiática de Futebol
ALN	Ação Libertadora Nacional
APEA	Associação Paulista de Esportes Atléticos
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
ATC	Argentina Televisor en Color
AUF	Associação Uruguaia de Futebol
BDIC	Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine
CAF	Confederação Africana de Futebol
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CEDINCI	Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas en Argentina.
CIDH	Comissão Interamericana de Direitos Humanos
CND	Conselho Nacional de Desportos
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
CSPLA	Comité de Soutien aux Luttes du Peuple Argentin
COBA	Comité d' Organization pour le Boycotte a la Coupe du Monde en Argentine
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONCACAF	Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
Cosena	Comissão Seleccionadora Nacional
CRD	Conselho Regional de Desportos
DIPBA	Dirección de Inteligencia de la Policía de la Provincia de Buenos Aires
Embratel	Empresa Brasileira de Telecomunicações
EAM 78	Ente Autárquico Mundial 78
FA	The Football Association

FAA	Futebolistas Argentinos Agremiados
FAW	Football Association of Wales
FBE	Federação Brasileira dos Esportes
FBF	Federação Brasileira de Futebol
FIFA	Federação Internacional de Futebol Associado
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFA	Irish Football Association
IFAB	International Football Association Board
ISL	International Sports Leisure
LCF	Liga Carioca de Futebol
LMEA	Liga Metropolitana de Esportes Atlético
LPF	Liga Paulista de Futebol
OEA	Organização dos Estados Americanos
OFC	Confederação de Futebol da Oceania
OMS	Organização Mundial de Saúde
PCA	Partido Comunista Argentino
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCF	Partido Comunista Francês
PCI	Pessoal Civil de Inteligência
PRI	Partido Revolucionário Institucional
REI	Rede de Emissoras Independentes
SFA	Scottish Football Associatio
SNI	Serviço Nacional de Informações
TVA	Televisão Abril
UEFA	União das Federações Européias de Futebol
VPR	Vanguarda Popular Revolucionária

Lista de imagens

Imagem 1 ⇒ Distâncias sede 1978 Arquivo FIFA	96
Imagem 2 ⇒ Mapa sedes 1978 Arquivo FIFA	96
Imagem 3 ⇒ Comeorações em Brasília APESP	142
Imagem 4 ⇒ Presidente Médici ergue a taça APESP	142
Imagem 5 ⇒ Mascote Copa 1978 Arquivo autora	148
Imagem 6 ⇒ Junta Militar argentina e João Havelange Arquivo FIFA	157
Imagem 7 ⇒ Slogan Montoneros CEDINCI	175
Imagem 8 ⇒ Charge Henfil Revista <i>Placar</i>	179
Caderno de imagens I ⇒ Arquivo COBA	
Caderno de imagens II ⇒ Arquivo FIFA	
Caderno de imagens III ⇒ Arquivo autora Copa 1978	
Caderno de imagens IV ⇒ Arquivo autora Copa 1970	

Lista de Quadros e Tabelas

1 ⇒ Associações afiliadas à FIFA	40
2 ⇒ Estádios da Copa de 1970	90
3 ⇒ Estádios da Copa de 1978	95
4 ⇒ Confrontos Brasil na Copa de 1970	138
5 ⇒ Confrontos Argentina Copa de 1978	143

Lista de vídeos

1 ⇒ Argentina te queremos ver campeón:

<http://www.youtube.com/watch?v=XuKH3Vp4CvA&list=PLF7F9A982DB6DAE7B&index=1>

2 ⇒ Música Oficial Copa 1978:

<http://www.youtube.com/watch?v=Bb6IUr3LSUk&list=PLF7F9A982DB6DAE7B&index=4>

3 ⇒ Hino da Copa de 1978:

<http://www.youtube.com/watch?v=QzCVOosTZ8k&list=PLF7F9A982DB6DAE7B>

4 ⇒ Programa “Os Trapalhões” sobre a Copa 1978:

<http://www.youtube.com/watch?v=fH3Oup6wppY>

5 ⇒ Gol Chile Eliminatórias 1974: <http://www.youtube.com/watch?v=ISOOqcQUiyY>

6 ⇒ João Saldanha e a polêmica com o presidente Médici:

<http://www.youtube.com/watch?v=X3gRDhJYX2w>

7 ⇒ Pelé ameaça não jogar a Copa de 1970:

<http://www.youtube.com/watch?v=7OZOwtrckmU>

8 ⇒ Música “Pra Frente Brasil”: <http://www.youtube.com/watch?v=r1H2goWC6ug>

9 ⇒ Pelé visita o Presidente Médici:

<http://www.youtube.com/watch?v=9rwMyv3KxtM>

10 ⇒ Presidente Médici ergue a Jules Rimet:

<http://www.youtube.com/watch?v=5Qc8LYOVvrI>

11 ⇒ Seleção brasileira com Presidente Médici:

<http://www.youtube.com/watch?v=xEod3acFnV8>

12 ⇒ Presidente Médici recebe os craques do tri:

<http://www.youtube.com/watch?v=Z7CjzvyRL9Y>

13 ⇒ Videoclipe Arde la Ciudad 1:

<http://www.youtube.com/watch?v=-8vxXsfbxj4>

14 ⇒ Videoclipe Arde la Ciudad 2:

<http://www.youtube.com/watch?v=y0Nrw4VrI0s>

15 ⇒ Videoclipe Crimines Perfectos:

<http://www.youtube.com/watch?v=Vxtis3XaHRI>

Sumário

Agradecimentos	05
Resumo	09
Abstract	10
Resúmen	11
Siglas e Abreviaturas	12
Lista de Imagens	14
Lista de Quadros e Tabelas	15
Lista de Vídeos DVD	16
Introdução: Aquecimento	19
1. Futebol e Copa do Mundo no Brasil e na Argentina	21
2. Questões norteadoras	23
3. Preparando o campo de jogo	29
Capítulo 1: Apito Inicial	33
1. E o futebol se torna coisa séria	37
1.1 A paixão é mundial	37
1.2 O jogo fica sério também na América do Sul	44
2. Brasil e Argentina entram em campo	56
Capítulo 2: Bola Rolando	58
1. A pátria entra em campo	60
2. A era da vitória verde e amarela	67
3. O México recebe a festa	74
4. Alemanha 1974: nova decepção	76
5. <i>Todos jugando de argentinos</i> : a Copa de 1978	78
Capítulo 3: O Palco	85
1. O protagonista do espetáculo	87
1.1 Vargas e Perón: os primeiros investimentos	88
2. O palco brasileiro no México	90
3. Argentina: o palco principal é em casa	92
4. Os outros palcos	98

Capítulo 4: Heróis	106
1. Os líderes	108
1.1 Quem liderou os tricampeões?	108
1.2 <i>El Flaco</i>	122
2. Heróis em campo	124
2.1 Os tricampeões	124
2.2 O segredo do sucesso	128
2.3 Heróis ou cúmplices?	130
3. Outros jogadores	132
4. Os conflitos de memórias	135
Capítulo 5: O décimo segundo jogador	137
1. A grande festa do futebol	138
1.1 México: a consagração brasileira	138
1.2 A glória em casa	143
2. As ditaduras fazem a festa	149
2.1 Presidente também é torcedor	156
Capítulo 6: Os corneteiros	162
1. Boicote!	163
1.1 O barulho que vem de fora	164
2. A Copa é do povo!	171
3. A corneta toca em casa	177
3.1 A imprensa esportiva e a crise do futebol brasileiro	177
3.2 O (alto) preço da vitória	182
Capítulo 7: Prorrogação	185
1. O que as Copas deixaram	186
1.1 O Brasil do tri	186
1.2 “Derechos y humanos”	189
1.2.1 Entre a euforia e as denúncias	191
2. O jogo da memória	195
Referências bibliográficas	205
Caderno de Imagens I	
Caderno de Imagens II	
Caderno de Imagens III	
Caderno de Imagens IV	

Introdução: Aquecimento

Confesso que o futebol me aturde, porque não sei chegar até o seu mistério (...) Sua magia opera com igual eficiência sobre eruditos e simples, unifica e separa como as grandes paixões coletivas.¹

Iniciar um trabalho sobre futebol apontando a importância que este esporte tem para as sociedades brasileira e argentina talvez não seja a forma mais original de apresentar quatro anos de pesquisa. Afinal, ambos países são mundialmente conhecidos por esta “loucura” em torno do esporte mais popular, e são exaustivas as alusões e associações entre as seleções e a questão nacionalista. Porém, me pareceu pertinente contar a experiência de como nasceu esta pesquisa.

Em 2005 fui morar em Buenos Aires para cursar o Mestrado, com um projeto sem qualquer relação com o mundo esportivo.² Ao chegar na capital argentina, me deparei com um momento especial para a sociedade: faltando um ano para as comemorações dos 30 anos do último golpe civil-militar, os argentinos viviam intensamente um debate sobre os sentidos deste passado recente. Um ano antes, em 2004, o Brasil também havia passado por um momento parecido, nos quarenta anos do golpe. Porém, não pude deixar de me surpreender com o peso e o lugar que a Copa do Mundo de 1978 ocupava na sociedade vizinha naquele momento.

Foi a partir desta experiência como “pessoa de fora”, que percebi que também deveria olhar para o caso brasileiro. Afinal, mesmo com a Copa de 1970 realizada fora do país, a vitória e a conquista permaneceram, para muitos, como uma referência dos anos ditatoriais. Eu mesma cresci escutando ideias como “as eleições no Brasil são em ano de Copa para que o povo vote alienado”. Reproduzia-se muitas vezes a lógica de um regime autoritário e uma sociedade inocente, apenas vítima desta opressão. E o próprio futebol era apresentado apenas como um elemento mais de manipulação,

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de Futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 28.

² Em 2005 entrei para o Mestrado em *Estudios Latinoamericanos* na Universidade Nacional de San Martín, com um pré-projeto de estudo comparado sobre a construção da nacionalidade brasileira e argentina na segunda metade do século XIX. Em março de 2006, alterei o rumo da pesquisa e, com o incentivo do professor Pablo Alabarces, aceitei o desafio de estudar os meios de comunicação no Brasil e na Argentina nas ditaduras civil-militares na década de 1970. O resultado foi a dissertação *Trece jugadores en campo: medios de comunicación, dictaduras militares y mundiales de fútbol em Brasil y Argentina*, Dissertação (Mestrado). UNSAM, Buenos Aires, 2008.

supostamente sem qualquer autonomia ou dinâmica própria, nestas sociedades. Entretanto, como destaca Pierre Bourdieu:

[...] a história do desporto é uma história relativamente autônoma que, ainda quando é escandida pelos grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio ritmo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica.³

A partir destas reflexões, alguns questionamentos começaram a surgir: nesta disputa de memórias, de interpretações e significações dos períodos autoritários recentes, qual seria o papel da sociedade em tudo isso? E como entender estes momentos de glória esportiva: a simples lógica da manipulação era suficiente para explicar as grandes manifestações, comemorações e o orgulho nacional com as vitórias? As questões estavam colocadas, e o desafio de enfrentá-las passou a ser a proposta desta tese de doutorado.

O objetivo desta tese é mostrar como o uso, em um momento específico, de um elemento popular tanto no Brasil como na Argentina, o futebol, permitiu aos últimos governos civil-militares destes países a breve renovação do consenso que inicialmente permitiu os próprios golpes. Ao mesmo tempo, as Copas do Mundo foram também um espaço de distintas manifestações sociais, que vão além da dicotomia apoio/resistência, e consideramos aqui que o autoritarismo deve ser entendido como elemento da cultura política destas sociedades.⁴ Esta é mais uma proposta que procura entender o papel da própria sociedade nestes períodos ditatoriais, afastando-se da ideia de que o autoritarismo era apenas imposto.

³ BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 119.

⁴ ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha “Apresentação” In ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha (org). *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Europa*, Volume 1. ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha (org). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp. 9-30.

1. Futebol e Copa do Mundo no Brasil e na Argentina

Nas nações modernas que se formaram entre os séculos XVIII e XX, esporte e política sempre *jogaram* juntos. As disputas entre nações, em distintas categorias e em eventos como as Olimpíadas e as Copas do Mundo, surgem no contexto de estimular as relações internacionais pacíficas entre os países.⁵ A partir da intensificação destes encontros, novas interpretações e significações foram construídas:

As razões que fizeram do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas teriam sido a facilidade e a facilidade de provocar, mesmo nos menores atores políticos individuais ou públicos a identificação com a nação. A imaginária comunidade de milhões de concidadãos parece mais real, mais protagonista, na forma de um time de jogadores nomeados. O indivíduo, mesmo o simples torcedor, torna-se o próprio símbolo de sua nação.⁶

Para alguns países, como Brasil e Argentina, o futebol e as Copas do Mundo são o momento máximo de expressão do nacionalismo através deste esporte, pois é quando as nações são representadas em cada seleção.⁷ Ao longo do século XX, a Copa do Mundo de Futebol da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) tornou-se um dos maiores eventos esportivos mundiais. Com o passar do tempo e a consolidação da competição, a mesma se tornou um importante marco na história dos séculos XX e XXI.

O Brasil chegou sete vezes à final do torneio, consagrando-se campeão em cinco oportunidades: 1958, na Suécia, 1962, no Chile, 1970, no México, 1994, nos Estados Unidos e 2002, na Coreia do Sul-Japão; e vice-campeã em 1950, no Brasil, perdendo para o Uruguai, e em 1998, na França, perdendo para os donos da casa. Já a seleção argentina esteve em quatro finais, vencendo a metade delas: em 1978, como país sede e em 1986, no México, e garantiu o vice-campeonato em 1930, no Uruguai, perdendo para a seleção anfitriã e em 1990, na Itália, perdendo para a Alemanha. Durante a última ditadura civil-militar, o Brasil participou de cinco Copas -1966, 1970, 1974, 1978 e 1982- e no caso argentino, durante o autodenominado *Processo de Reorganização Nacional* foram duas Copas do Mundo, em 1978 e 1982.

Os exemplos sobre o uso político do futebol são diversos, como a Copa do Mundo de 1934, na Itália, então governada por Benito Mussolini. O evento foi utilizado como propaganda pelo regime fascista, e a vitória da seleção anfitriã explorada como

⁵ VASCONCELLOS, Douglas W. de. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: Fundação Gusmão, 2011.

⁶ Idem, p. 11.

⁷ GASTALDO, E. e GUEDES, S. “De pátrias e de chuteiras”. In GASTALDO, E. e GUEDES, S (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p. 8.

sinônimo da superioridade do modelo italiano: “Para o regime, o êxito esportivo e sua potencialidade propagandística criavam mais uma vez uma ocasião monumental, capaz de ritualizar a fidelidade nacional e exaltar valores do regime”.⁸

Na América Latina encontramos diversos exemplos do uso político do futebol durante as ditaduras das décadas de 1960-1980, além da tradicional rivalidade regional entre clubes e seleções.⁹ No Chile, o regime de Augusto Pinochet não pôde capitalizar uma conquista mundial de sua seleção, mas na Copa da Alemanha Ocidental de 1974, aproveitou a oportunidade do desfile de delegações para difundir sua visão política da cultura nacional.¹⁰ A apresentação do tradicional grupo folclórico Huasos Quincheros foi organizada por Germán Becker Ureta, que foi responsável por outros atos públicos do governo de Augusto Pinochet Ugarte. Em suas memórias, Becker Ureta destaca o impacto da apresentação, “(...) que por intermedio de la televisión mundial, la vieron y oyeron, más de um millón de personas”.¹¹

Para questionar a visão mais comum do uso do futebol como elemento a favor das ditaduras, o caso do Uruguai é emblemático. Entre 1980 e 1981, o país organizou a competição Copa de Ouro dos Campeões Mundiais, conhecida como *Mundialito*, apenas dois anos após a organização da Copa de Futebol da FIFA em 1978 na Argentina. Organizado oficialmente pela FIFA como comemoração dos cinquenta anos da primeira Copa do Mundo, que teve lugar no próprio país, o evento reuniu os principais campeões mundiais até então (com exceção da Inglaterra, que foi substituída pela Holanda), e teve uma importante repercussão internacional. Para o governo civil-militar uruguaio, foi uma oportunidade de utilizar um evento popular como canal de diálogo e propaganda oficial. Assim como nos casos de Brasil e Argentina nas Copas de 1970 e 1978, respectivamente, o *Mundialito* representou para o Uruguai o momento da chegada da televisão em cores, o que teve um grande peso no discurso oficial. A seleção anfitriã conquistou a competição, vencendo na final os representantes brasileiros, e pareceria que a ditadura uruguaia também celebraria seu triunfo esportivo.¹²

⁸ AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 65. Dois anos depois, as Olimpíadas de Berlim em 1936 também ficaram marcadas pelo uso do regime nazista, que utilizou a competência esportiva como mais um meio de propaganda e divulgação de seus ideais.

⁹ Sobre as Copas do Mundo, foram realizadas na América Latina as seguintes competições: 1930 no Uruguai; 1950 no Brasil, 1962 no Chile, 1970 no México, 1978 na Argentina, em 1986 no México e em 2014 novamente o Brasil será sede.

¹⁰ LUCAI, C. G e JARA, B. Q, *A Discreción*, Santiago de Chile: Editorial Forja, 2010.

¹¹ URETA, Germán Becker. *De memoria*. Biblioteca Virtual Universal, 2003, p. 72.

¹² Sobre o tema, há o interessante documentário *Mundialito – o filme*. Direção: Sebastian Bednarik, Produção Uruguai/Brasil, 2009, 75min.

Entretanto, o *Mundialito* tornou-se um caso do futebol como espaço de manifestações contrárias ao regime. O torneio foi realizado poucos meses após o plebiscito convocado pelo próprio regime e no qual a ditadura foi derrotada.¹³ Na final, após a vitória da seleção uruguaia, nas arquibancadas a torcida gritava eufórica: “se va a acabar, se va a acabar, la dictadura militar”, misturando a alegria futebolística com a vitória nas urnas. Ironicamente, a memória social apagou este evento do mundo esportivo. Nem mesmo a Associação Uruguaia de Futebol (AUF) o inclui entre os títulos da seleção em sua página oficial.¹⁴ Sempre seletiva, a memória da associação negativa entre esporte e ditadura parece não ter lugar para casos como o uruguaio. Permanece a ideia de que o futebol, e os esportes de uma maneira geral, são usados, manipulados, pelos regimes autoritários. Da mesma forma os torcedores, que participam supostamente sem o conhecimento da realidade em que vivem, o conhecido “nós não sabíamos”. Porém, atitudes como a da torcida uruguaia naquela final ajudam a problematizar estas memórias.

2. Questões norteadoras

As Copas do Mundo não serão tratadas aqui como parte de um projeto nacional das ditaduras, mas sim um momento específico em que os líderes de ambos os países utilizaram um elemento típico do imaginário nacional de suas sociedades em um sentido político. Esta conjuntura permite também analisar e comparar as diferentes manifestações sociais em relação ao evento e pensá-las além da intenção dos governos de renovar/construir o consenso a partir da competição.

Para perceber este tipo de relação entre a sociedade e o regime é preciso ampliar a análise social. O principal objeto de estudo é a ideia proposta por Pierre Laborie de uma zona cinzenta, que se posiciona ora como oposição, ora como apoio ao regime, ou nos dois espaços ao mesmo tempo.¹⁵ Na época de realização das Copas analisadas, as sociedades brasileira e argentina viviam diferentes momentos em relação aos seus respectivos regimes, em ambos os casos os eventos foram importantes para as ditaduras

¹³ O plebiscito ocorreu no dia 30 de novembro de 1980, dois meses antes do início do torneio. A votação decidiria a reforma constitucional prevista no decreto no. 464/973, de 27 de junho de 1973, e procurava legitimar no poder o governo civil-militar. Com a maioria de votos para a opção “Não”, os uruguaio demonstraram sua insatisfação com o regime, já que o plebiscito foi interpretado pela população como uma forma de legitimá-lo.

¹⁴ www.auf.org.uy. Página consultada em 11/09/2012.

dialogarem com essas zonas cinzentas. Entretanto, foi também um espaço para diversos setores sociais refletirem sobre sua relação com o governo, como por exemplo, parte da oposição que buscou vias de contestação no espaço esportivo, enquanto outros indivíduos optaram por torcer pelo título.

Neste sentido, deve-se problematizar a temporalidade tanto das ditaduras como das Copas do Mundo aqui trabalhadas. Em primeiro lugar, destaca-se que no caso brasileiro a competição foi em outro país, no México, enquanto a Copa de 1978 foi realizada na própria Argentina, o que foi a principal causa das críticas externas, uma vez que a participação da seleção nacional não foi questionada (ou seja, criticava-se o local do evento, não quem participava). A realização do torneio foi vista pelo *Processo* como uma oportunidade de difundir uma campanha positiva do país, combatendo sua imagem negativa no exterior.¹⁶ E também uma chance de renovar o apoio interno inicial à ruptura democrática e ao próprio governo, já que naquele momento se anunciava a “vitória” contra a “subversão interna”, uma das principais justificativas para o golpe. Em contrapartida, o uso político da competição pelo governo brasileiro não foi tão discutido ou questionado como ocorreu no caso argentino.

Tampouco houve no caso brasileiro na época da Copa o mesmo tipo de mobilização internacional (ações de movimentos, partidos e organizações políticas estrangeiras) em função das violações aos direitos humanos como no caso argentino, mesmo com algumas críticas de setores da oposição. Isso pode ser explicado pela própria temporalidade da repressão. Se na Argentina e demais ditaduras do Cone Sul os primeiros anos do regime representam o auge da repressão, no caso brasileiro esse período corresponde aos anos entre 1970-1974, portanto seis anos após o golpe.¹⁷

Esta diferença se deve tanto por características de cada regime como pelo contexto internacional de cada Copa. Neste sentido, destaca-se que foi só a partir do golpe chileno de 11 de setembro de 1973 e a consequente repressão instalada naquele país que a América Latina entrou na pauta de Direitos Humanos das principais organizações e partidos políticos de esquerda internacionais.¹⁸

¹⁵ LABORIE, Pierre. *Les français des années troubles. De la guerre d'Espagne à la Libération*. Paris, Seuil, 2003.

¹⁶ Voltaremos ao tema no capítulo cinco.

¹⁷ QUADRAT, Samantha. V. *A repressão sem fronteiras*. Niterói: PPGH, 2005. Tese de doutorado.

¹⁸ QUADRAT, Samantha. V. “A emergência do tema dos direitos humanos na América Latina” In FICO, C. et al (orgs.). *Ditadura e democracia na América latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

Em relação às temporalidades das próprias ditaduras, também é importante diferenciar alguns aspectos. Em 1970, vivia-se no Brasil o período de maior popularidade do regime, sob a presidência de Emílio Garrastazu Médici, durante o “milagre econômico”, e a vitória esportiva foi incorporada e associada a este momento positivo.¹⁹ Contudo, era também o auge a violência política no país, os presos políticos e a tortura, e o evento foi, neste momento, uma maneira do regime desviar a atenção destes crimes.²⁰ Os primeiros exilados começam a deixar o país ainda em 1964, mas foi no final de 1968 e início de 1969 que este movimento ganhou força. Portanto, a Copa de 1970 ocorre no início deste processo, com a oposição que sai do país ainda se organizando. E neste momento, o principal destino era o Chile de Salvador Allende (1970-1973), e só a partir do golpe naquele país em 1973 que os brasileiros passam a focar a Europa como destino.²¹

Por sua vez, a Argentina que sediou a Copa de 1978 vivia o início do declínio da violência política, concentrada nos anos de 1976 e 1977.²² De fato, a saída de argentinos em função da repressão no país começou antes mesmo da ditadura, ainda no período democrático do governo de María Estela Martínez Cartas de Perón, a Isabel Perón (1973-1976), com a ação da Aliança Anti-Comunista Argentina (*Triple A*).²³ Entre os principais destinos dos exilados estavam o México, o Brasil e a Europa (principalmente Espanha –recém retornando à democracia- e França).²⁴

Por fim, é importante considerar também que foi o primeiro título em Copas do Mundo conquistado pelos argentinos, e ainda por cima *em casa*. Já para os brasileiros

¹⁹ CORDEIRO, Janaína. “Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici”. Estudos Históricos, RJ, vol. 22, nº 43, janeiro-junho 2009, pp 85-104.; e FICO, C. *Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

²⁰ Durante o período Médici, especialmente após a edição do Ato Institucional número 5, concentra-se o maior número de mortos e desaparecidos políticos da última ditadura civil-militar. Para mais informações: *Direito à verdade e à memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007, disponível em http://portal.mj.gov.br/sedh/biblioteca/livro_direito_memoria_verdade/livro_direito_memoria_verdade_se_m_a_marca.pdf.

²¹ ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

²² SÁBATO Ernesto (org). *Nunca Mais*. Porto Alegre: L&PM, 1984.

²³ A *Triple A* foi um grupo paramilitar de direita associado ao Estado nos anos 1974-76, sob responsabilidade de José López Rega, Ministro de Bem Estar Social de Juan Domingo Perón (1973-1974) e de Isabel Perón (1974-1976). A *Triple A* desapareceu e assassinou diversos militantes de grupos de extrema esquerda, sendo o embrião do projeto de extermínio posteriormente adotado pela ditadura a partir de 1976. (NOVARO, Marcos e PALERMO, Vicente. *Historia Argentina v. 9 – La dictadura Militar 1976/1983, del golpe de Estado a la restauración democrática*, Buenos Aires: Paidó, 2003).

²⁴ FRANCO, Marina. *El exilio. Argentinos en Francia durante la dictadura*. Buenos Aires, Siglo XXI, 2008; e YANKELEVICH Pablo (org.). *Represión y destierro. Itinerarios del exilio argentino*. La Plata, Ediciones Al Margen, 2004.

era a conquista do terceiro evento, e a garantia de levar a Taça Jules Rimet definitivamente *para casa*. Em ambos os casos, os governos puderam utilizar a vitória como um marco único na história nacional. E foram também momentos importantes de manifestações sociais que mostram algumas formas de consenso ao longo daqueles anos.

Uma dos principais conceitos que será trabalhado nesta tese é a questão do consenso ao longo dos anos ditatoriais. Existem diversas definições e interpretações para o que entendemos aqui como consenso. Algumas o entendem como uma imposição do Estado ou governo em questão; outras trabalham com a idéia de uma relação intrínseca entre governos e sociedade, muito mais complexa do que pode aparentar em uma primeira leitura. Ao analisar o caso da Cuba revolucionário, Daniel Aarão Reis Filho trabalha a construção do consenso a partir da ideia de que o mesmo aparece:

aglutinando uma ampla maioria, ou francamente favorável, ou apenas simpática, ou ainda que passara a aceitar a situação dominante com algo inevitável, uma espécie de onda contra a qual não valia a pena resistir, por inexistirem os meios ou a vontade, ou ambos.²⁵

Em seu trabalho, Mario Riorda chama a atenção para o fato de que o consenso existe em qualquer forma de governo contemporâneo, tanto em democracias como em regimes autoritários.²⁶ Em segundo lugar, cabe ressaltar que, diferente do que costuma reproduzir o senso comum, ele não é necessariamente uma ação negativa por parte dos governos. De fato, pode-se pensar na existência de dois tipos de consenso: o que diz respeito às próprias regras de funcionamento dos sistemas políticos (nesse caso, das democracias), e outro cujos objetos e instrumentos têm fins particulares.

Considerando, então, o consenso como uma relação entre regime e sociedade, utilizaremos aqui a ideia de consentimento para relacioná-las. O mesmo aparece nas manifestações sociais que nascem do consenso.²⁷ Nas Copas do Mundo, o torcer com o

²⁵ REIS, Daniel Aarão. “A Revolução e o Socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso”. In ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha (orgs.) *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Europa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 367.

²⁶ Para Riorda: “el consenso es una condición determinada del sistema de creencias de una sociedad, existe cuando entre los miembros de una unidad social dada hay acuerdo, acerca de principios, valores, normas y también respecto de la deseabilidad de ciertos objetivos de la comunidad y de los medios aptos para lograrlos”. RIORDA, Mario. “Hacia un modelo de comunicación gubernamental para el consenso” In ELIZALDE, L.; PEDAMONTE, D.F, RIORDA, M. *La construcción del consenso*. Buenos Aires, La Crujía, 2006, pp.15-38, p. 19, **negrito no original**.

²⁷ ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha. *Op. Cit*, 2010.

regime, agradecendo, por exemplo, a conquista, é uma expressão que deve ser pensada e interpretada a partir destas relações de consentimento.

Não podemos deixar de pensar o consenso como a procura de um acordo político operante, que envolve, no mínimo, duas partes. Trabalharemos, então, com a ideia de um consenso que, diferente ao que induz a palavra, não significa uma unanimidade entre os diversos atores sociais envolvidos. Retomamos, assim, o conceito de zona cinzenta de Pierre Laborie para pensar que parte da sociedade se coloca frente a diversas questões: torcer ou não torcer? O futebol representa o governo ou representa a nação? Governo e nação se confundem? E os “heróis” da conquista, jogadores e comissão técnica, qual papel cumprem neste espetáculo? No caso da Argentina como sede da Copa de 1978, como interpretar a organização que começou no governo anterior e as mudanças pós golpes: foram apenas rupturas ou marcam também continuidades entre os dois governos? E muitas outras perguntas apareceram ao longo destes anos, que estarão refletidas ao longo das próximas páginas.

Ao iniciar o doutorado, era a questão do consenso o principal eixo da pesquisa. À medida em que a mesma era desenvolvida, surgiu a necessidade de incluir e trabalhar outro eixo: a oposição. Os primeiros trabalhos de fontes e as leituras mostraram que os que se opunham ao regime (de diferentes formas: intelectuais, luta armada, políticos, etc.), também viveram momentos ambíguos durante as competições.

No contexto da Copa analisada para cada país, a oposição a ambos os governos estava bastante ativa. As Copas do Mundo permitem perceber conflitos e posições distintas que apareceram em diversos setores sociais de esquerda que tradicionalmente se opunham aos respectivos governos civil-militares. Para alguns, apoiar o torneio era também apoiar a ditadura, que o utilizava a seu favor. Para outros, ao contrário, era uma possibilidade de denunciar o autoritarismo e a repressão. Dessa forma, as duas Copas também foram marcadas pelos conflitos que geraram entre os membros da oposição, e no caso argentino também fora do país.

Considera-se também nesta discussão as diferentes *culturas políticas* tanto do Brasil como da Argentina naquela época. De acordo com Serge Bernstein, as culturas políticas significam, em determinados momentos:

vários sistemas de representações coerentes, rivais entre si, que determinam a visão que os homens que deles participam têm da sociedade, de sua organização, do lugar que aí

eles ocupam, dos problemas de transmissão do poder, sistemas que motivam e explicam seus comportamentos políticos.²⁸

As diversas culturas políticas nos últimos governos civil-militares estudados estão relacionadas diretamente com a questão do consenso existente na sociedade e ajudam a problematizar e a questionar a ideia da dicotomia apoio/resistência. Considera-se que algumas delas são dominantes em determinado instante, e que “suas concepções atendem diretamente às aspirações majoritárias da sociedade, porque elas parecem traduzir os anseios da maioria e porque elas oferecem respostas aparentemente pertinentes para os problemas do momento”.²⁹ Portanto, tais culturas políticas dominantes tendem a se impor através do consenso que geram na sociedade.

Para entender como determinada cultura política se expressa através deste evento esportivo e faz parte do discurso dominante, é necessário pensar como atua neste contexto a opinião e a memória. Sobre a opinião, novamente utilizarei uma definição de Pierre Laborie, que considera que esta é, assim como as culturas políticas, um fenômeno coletivo, que reflete e afirma uma posição dominante dentro de um grupo social, que se difere das diversas outras também existentes, e por isso ela é também instável, ao mesmo tempo em que é adaptável e até passiva.³⁰ Neste sentido, a propaganda elaborada pelos regimes brasileiro e argentino foi fundamental para a construção/elaboração de uma opinião que fosse também dominante. E as Copas do Mundo tiveram um importante destaque nesta construção.³¹

Surge, então, outra questão: qual a memória atual do período repressivo? Como ela reproduz as duas vitórias esportivas e sua relação (ou não) com os sucessos dos regimes civil-militares naquele momento? Torna-se necessário refletir também a questão do papel da memória neste quebra-cabeça, e como ela vai ser fundamental para a pesquisa.

No que diz respeito às Copas do Mundo de 1970 e 1978, os conflitos também são fortes. Se por um lado diversos atores procuram condenar seu uso pelos governos – e nesse caso os principais defensores dessa memória são os meios de comunicação– existem também aqueles que não apenas dissociam totalmente o êxito esportivo do

²⁸ BERSTEIN, S. “Culturas políticas e historiografia”. In AZEVEDO, C. *et all* (org). *Cultura política, memória e historiografia*, RJ, Editora FGV, 2009, PP. 29-46, p. 32.

²⁹ Idem, p. 37.

³⁰ LABORIE, P. “De l’opinion publique à l’imaginaire social” In Vingitième Siècle, vol. 18, n°18, 1998.

³¹ FICO, Carlos *Op Cit*, 1997. E FRANCO, Marina. “La ‘campana antiargentina’: la prensa, el discurso militar y la construcción de consenso”, In BABOT, J. e GRILLO, M. (eds.), *Derecha, fascismo y antifascismo en Europa y Argentina*. Tucumán, Universidad de Tucumán, 2002, pp.195-225.

regime – e aqui temos como principais vozes os envolvidos na vitória, como comissão técnica e jogadores.³²

3. Preparando o campo de jogo

No Brasil, lembra-se com entusiasmo da seleção, das comemorações nas ruas, do orgulho de ser brasileiro, dono do melhor futebol do mundo. Mesmo com algumas leituras da associação entre regime e os campeões, não existe no imaginário social a condenação do triunfo. Em contrapartida, para os argentinos a Copa adquiriu ao longo dos anos diferentes significados. Se no momento da conquista o entusiasmo foi semelhante ao brasileiro, com o povo orgulhoso para comemorar, sempre houve de críticas que questionavam o mérito do título, considerando o evento como a *Copa da ditadura*. Neste sentido, a edição de 1986, no México, também vencida pelos argentinos é vista pela sociedade de maneira semelhante à 1970 para o Brasil:

El festejo de 1986 fue similar cuantitativa y cualitativamente al de 1978, pero tiene dos factores diferenciadores: el orgullo del triunfo perduró en el tiempo con objeciones que no mellan el recuerdo sino que lo mantienen, lo hacen flotar en las redes del orgullo. Y además es un recuerdo que no suele relacionarse con la más o menos habitual utilización que todos los gobiernos hacen de los éxitos deportivos: el de México 86 está emparentado con un país transitando en una incipiente democracia, no como aquél Argentina 78, con la más sangrienta y morbosa de las dictaduras.³³

As Copas mostram então sua riqueza como espaço de análise. Pelo sentimento maior que representava o futebol, pela euforia coletiva ou pela ideia de resistir através do *esporte do povo*: enquanto a pátria vestia chuteiras, como disse Néelson Rodrigues, existia um consenso em torno daquela cultura política nacional. Torcer pelo Brasil ou pela Argentina não era um sentimento exclusivo de determinado grupo, mas um ponto em comum até entre os que pareciam nada compartilhar. Ninguém, nem mesmo os que entendiam que o *torcer* não era válido, puderam passar imunes àqueles dias de festa.

Esta tese foi construída na lógica de um jogo de futebol. Primeiro, no **Apito Inicial**, preparamos o **campo** para responder aos questionamentos apresentados, refletindo sobre a construção da identidade do futebol nos países objetos desta tese,

³² MAGALHÃES, Livia. “Salve a Seleção”: as muitas memórias da conquista a 40 anos do Tricampeonato Mundial de futebol”. In V Jornadas de Trabajo sobre Historia Reciente, Anais Eletrônicos, Los Polverines, 22 a 25 de junho de 2010.

³³ GOTTA, Ricardo. *Fuimos Campeones*. Buenos Aires, Edhasa, 2008, p. 268.

ressaltando a importância das Copas do Mundo para estas nações. Desta forma, o **primeiro capítulo** versa sobre como o futebol foi se desenvolvendo, deixando de ser elitista, institucionalizando-se, de forma diferente para argentinos e brasileiros, mas firmando-se enquanto principal esporte popular em ambos os países.

Este capítulo terá como eixo o significado tanto do futebol como das Copas do Mundo para o Brasil e para a Argentina, bem como a questão da formação de identidades coletivas através deste esporte. Para isso, discutiremos as relações de poder que marcaram o desenvolvimento do futebol como esporte popular em ambos os países, desde a sua fase amadora até sua profissionalização, passando por sua institucionalização e o papel do Estado, principalmente a partir da década de 1930. Trataremos também das seleções de cada país, as disputas e o caráter de identidade nacional que elas adquirem ao longo dos anos. Neste sentido, discutiremos a formação e o papel da FIFA, da AFA e da Confederação Brasileira de Desportos.

O **segundo capítulo** dedica-se à **Bola Rolando**: nele trabalharemos as Copas do Mundo, destacando a trajetória de Brasil e Argentina nas competições, ressaltando a atuação das seleções e tendo em vista as relações mencionadas acima e o significado deste jogo a partir dos grupos de jogadores que representaram a nação. Desta forma, será debatido o sentido político deste evento esportivo desde sua primeira edição e ao longo de sua consolidação como grande espetáculo midiático. São também tratadas no capítulo a preparação para as Copas de 1970 e 1978, as eliminatórias, as seleções no momento dos golpes e as outras Copas em ditadura.

Para um evento tão importante quanto uma Copa do Mundo é necessário que o país realize uma série de obras de infraestrutura, e preparar **O Palco** para a grande festa. Dessa forma, o **terceiro capítulo** versa sobre a importância dos estádios e sua contribuição na formação social do futebol, além de explicar as intervenções estatais em infraestrutura. Analisaremos também os investimentos feitos em telecomunicações para viabilizar as transmissões, a *espetacularização* do futebol, bem como as leis das Copas, sobretudo na Argentina, uma vez que a competição representa o próprio país sede, bem como sua capacidade de organização e realização do espetáculo. No Brasil, mesmo sem a Copa em casa, o governo investiu em modernizar **o palco** da festa, transportando a emoção do torneio (e da conquista) para o próprio país.

No **quarto capítulo**, começa o jogo: **Os Heróis** entram em campo. Nesta instância, analisaremos os “personagens” das seleções vencedoras: os técnicos e os jogadores de futebol. A partir da diversidade de fontes, que incluíam entrevistas e

relatos da época e atuais, percorrendo as décadas desde a conquista, analisaremos algumas das disputas e as memórias criadas sobre o momento. A partir da questão teórica das ambivalências e do pensar-duplo, trabalhei as relações destes personagens com as ditaduras, como um reflexo da própria sociedade.³⁴ Ampliando o tema, neste capítulo também veremos outros esportistas do espaço do futebol que se envolveram diretamente com a ditadura no Brasil e na Argentina.

No **quinto capítulo**, é a vez da torcida. **O décimo segundo jogador** e seu papel na festa do futebol. Na primeira parte, o cotidiano dos eventos: a torcida, a repercussão social dos jogos e das comemorações, da festa da vitória; o *consentimento* e a torcida como da resistência. Na segunda, os próprios regimes e suas ações de propaganda política, com os presidentes do Brasil Emílio Garrastazu Médici e da Argentina Jorge Rafael Videla misturando-se como um torcedor mais.

Em seguida, no **sexto capítulo**, aparecem **Os corneteiros**. Seja a partir dos protestos no exterior ou mesmo dentro de *casa*, as manifestações de crítica também foram diversas. Veremos como, nem sempre, à mesma se referia à competição. No caso Argentino, por exemplo, o principal tema foi a realização da Copa no país durante a ditadura, e houve grande pressão externa para a mudança da sede, com a organização de uma campanha de boicote ao torneio. As expressões de comemoração entre atores sociais diversos, que escondidos, dentro das prisões ou no exílio, viveram intensamente a festa. No caso brasileiro, veremos o papel da imprensa esportiva nas críticas à seleção, considerando que este foi um espaço em que a censura oficial não atuou da mesma forma que nas demais esferas da sociedade.

No último capítulo, o **sétimo**, intitulado, a **Prorrogação**. Trabalharemos os diferentes legados e memórias das Copas de 1970 e 1978. No Brasil, a Taça da Independência em 1972 e o Campeonato Brasileiro de Futebol a partir de 1971.³⁵ Na Argentina, a nova euforia com o Mundial Juvenil do Japão em 1979, no mesmo momento em que o país recebe sua primeira visita internacional para avaliar as diversas denúncias relacionadas à violação de direitos humanos. Finalmente, analisaremos a memória dos eventos no período de abertura política, no caso brasileiro, e principalmente após a redemocratização, e sua repercussão em diferentes esferas -como

³⁴LABORIE, *Op. Cit*, 2003.

³⁵ CORDEIRO, Janaína Martins. “Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do Sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento (1972)”. (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.

a música, filmes, livros-, e como a mesma se relaciona com a memória do próprio período ditatorial.

Capítulo 1: Apito inicial

Desde o início de sua prática no Brasil e na Argentina no século XIX, o futebol foi um ator de destaque na história de ambos os países. Ao longo dos anos, ele ganhou espaço e consolidou-se como o principal e mais popular esporte, ao mesmo tempo em que as próprias identidades eram construídas, tornando-se um elemento fundamental desta e da cultura dos países. O objetivo deste primeiro capítulo é analisar alguns dos elementos que permitem acompanhar e entender como se deu esta consolidação.

A partir de tais questões, propomos pensar o papel que a seleção nacional vai ocupar no imaginário social, e porque ela se tornará então objeto de interesse de diversos atores políticos e sociais ao longo da história recente de Brasil e Argentina. O capítulo divide em duas partes. A primeira é dedicada a analisar como ocorreram a institucionalização e a popularização do futebol nos dois países. A segunda trabalhará o significado das seleções, as disputas entre os países, e a construção da lógica da seleção como representante da própria nação.³⁶

Como é comum, a memória e a história do tema foram construídas a partir de alguns mitos. No caso do futebol moderno, sua expansão mundial a partir da Inglaterra se deu principalmente de duas formas:

(...) de um lado, através das escolas enquanto esporte elitista e aristocrático; por outro, através de processos de harmonia imitativa, e reapropriação, através das massas populares. Evidentemente, na Alemanha, Argentina ou Brasil a historiografia oficial do futebol, acompanhada e incentivada pela mídia, incentivou a versão das origens únicas advindas do “nobre esporte bretão”, buscando ares de nobreza para um esporte bastante popular.³⁷

De fato, inicialmente o futebol foi um esporte elitizado, comum nas escolas tradicionais inglesas e que chegou aos países latino-americanos com os imigrantes e trabalhadores de empresas britânicas. No Brasil, o mito do esporte que foi “conquistado” pelas camadas populares permanece, principalmente através da figura do inglês Charles

³⁶ Como o objetivo desta tese é a atuação da seleção nacional, quem representa os países na Copa do Mundo, não aprofundaremos aqui a discussão sobre o papel dos clubes de futebol no espaço futebolístico de ambos os países. Reconhecemos que tais clubes foram fundamentais para a própria popularização do futebol e sua transformação no grande espetáculo atual, porém não cabe aqui entrar mais no tema. No caso argentino, esta questão terá maior influência, devido à ausência opcional da seleção nacional de diversos eventos.

³⁷ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. “Futebol: uma paixão coletiva” In SILVA, F. C. T. da e SANTOS, R. P. dos (orgs). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora e FAPERJ, 2006, vol 2, p. 18.

Miller, o “pai do futebol brasileiro”. Porém, como aponta Leonardo Pereira, existem relatos ainda do século XIX desta prática esportiva fora deste âmbito, por navegadores e até operários, e em muitos casos a apropriação deste esporte ocorreu não pelas vias das elites e seus clubes, mas por manifestações sociais de atores diversos, que praticavam o futebol fora destes espaços fechados e controlados.³⁸ Portanto, a formação dos primeiros clubes populares como o Sport Club Corinthians Paulista, em São Paulo, ou o clube de operários de Bangu, no Rio de Janeiro, representou a massificação do esporte, e não apenas sua expansão para novos setores sociais.³⁹

No caso argentino, o mito segue a mesma tendência, com a chegada do futebol pelas mãos de um imigrante escocês, Alexander Watson Hutton, que corresponderia ao Miller do vizinho do sul. Porém, na página oficial da Associação do Futebol Argentino (AFA), consta como data da chegada do esporte ao país a década de 1840, acompanhando o desenvolvimento das ferrovias, e Hutton como seu posterior difusor.⁴⁰ Com o passar dos anos, na memória do esporte, enfatizou-se o caráter local, *criollo*,⁴¹ que o futebol adquiriu, em detrimento do tradicional modelo inglês.⁴²

Outro mito comum foi o da “pureza do esporte”, que construiu a ideia de que neste âmbito os interesses políticos, seja de ditaduras ou de democracias, não teriam sucesso, e de certa forma construiu-se um tabu no que diz respeito ao futebol como ferramenta política. Da mesma maneira, os jogadores também tiveram, em muitos casos, uma imagem ingênua, inocente, de atores manipulados pelos dirigentes. Ao mesmo tempo, criou-se também o mito contrário, do futebol como ferramenta de manipulação social nas mãos dos regimes e dos dirigentes dos clubes e seleções:

Eu acho que essa confusão [futebol e regime] se estabeleceu de maneira tal que a nossa própria esquerda teve muita dificuldade de digerir. E a pensou de maneira muito equivocada. E de tal forma, e com tal prejuízo, que durante muitos e muitos anos, até

³⁸ PEREIRA, Leonardo A. de M.. *Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

³⁹ MAGALHAES, Livia G. *Histórias do Futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

⁴⁰ www.afa.org.ar, site consultado no dia 19/11/2011.

⁴¹ Entende-se por *criollo* ou *rioplatense* o estilo de futebol característico dos argentinos e uruguaios, “basada en la gambeta, “juego de cintura”, improvisación y espontaneidad em oposición a la rigidez de esquemas tácticos que serían típicos del fútbol europeo de una forma generalizada” (HELAL, Ronaldo, “Jogo Bonito” y Fútbol Criollo: la relación futbolística Brasil-Argentina en los medios de comunicación” In: Alejandro Grimson (org.). *Pasiones Nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. 1ª edição. Barcelona: Edhasa, 2007, v.1, p. 349-385, p. 2)

⁴² FRYDENBERG, Julio. “El nacimiento del fútbol profesional argentino: resultado inesperado de una huelga de jugadores”. Trabalho apresentado no II Encontro de Esporte e Ciências Sociais Faculdade de Filosofia e Letras – UBA, 6 de novembro de 1999.

com elaboração intelectual, dizia-se que futebol era o ópio do povo, futebol era o pão e circo, quer dizer, era o circo, não dá pão, dá circo.⁴³

A pesquisa realizada nos documentos do arquivo do COBA, na BDIC em Paris, mostra que a questão da manipulação dos esportes também foi tema constante entre os manifestantes europeus da década de 1970.⁴⁴ No material analisado, diversas vezes a Copa de 1978 na Argentina é considerada como parte da lógica imperialista de manipulação das massas através de um esporte popular, conforme pode ser observado no trecho abaixo:

b. Esporte crítica institucional.

"Berlim 1936, Argentina 1978": a campanha para boicotar a Copa do Mundo na Argentina destacou o fato de que o esporte não é "neutro", é um instrumento de poder com objetivo de fortalecer a exploração e a opressão do povo. O próprio transcurso do Mundial revelou como este tipo de concorrência não era apenas um jogo, mas uma questão política e econômica (como no caso da Adidas para a seleção da França, o roubo no jogo Argentina-Peru ...).⁴⁵

A análise realizada por diversos pesquisadores e profissionais que trabalham com o tema esporte -como Julio Frydenberg, Pablo Alabarces e Eduardo Archetti na Argentina; Leonardo Pereira, Giselle Moura, Carlos Eduardo Sarmiento e Gilberto Agostino, no Brasil, por exemplo-, é sobre o caráter mobilizador que o mesmo possui.⁴⁶ Seguindo essa linha de pensamento, tais estudiosos apontam que foi por isto que o futebol não escapou de ser objeto de interesse de governos e políticos. No Brasil, o futebol de maneira geral, os clubes, a prática do esporte e os campeonatos nacionais

⁴³ Juca Kfourri, entrevista concedida à autora no dia 19/07/2011, em São Paulo, SP.

⁴⁴ Este arquivo será trabalhado ao longo da tese, mas principalmente no capítulo seis, "Corneteiros".

⁴⁵ *Aux chiottes l'arbitre : à l'heure du mondial, ces footballeurs qui nous gouvernent*, de Daniel Denis, 1978. Cote : F Delta 1831, Fundo COBA, BDIC, Paris, França. "b. Critique de l'institution sportive. « Berlin 1936, Argentine 1978 » : la campagne de boycott de la Coupe du Monde en Argentine a mis en évidence le fait que le sport n'est pas « neutre », qu'il est un instrument au service des pouvoirs en place pour renforcer l'exploitation et l'oppression des peuples. Le déroulement même du Mondial a dévoilé à quel point ce genre de compétition n'était pas un simple jeu, mais un enjeu politique et économique (Affaire Adidas pour l'Équipe de France, truquage du match Pérou-Argentine...)." Tradução feita pela autora.

⁴⁶ Entre os diversos trabalhos destes autores podemos citar: FRYDENBERG, Julio. "El nacimiento del fútbol profesional argentino: resultado inesperado de una huelga de jugadores". Trabalho apresentado no II Encontro de Esporte e Ciências Sociais Faculdade de Filosofia e Letras – UBA, 6 de novembro de 1999; ALABARCES, Pablo (org). *Deporte y Sociedad*. Buenos Aires: Eudeba, 1998; ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades, Fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003; PEREIRA, Leonardo. *Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000; MOURA, Giselle de Araújo, *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998; SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.; AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

foram alvo de interesse e até intervenção do Estado desde as primeiras práticas no país.⁴⁷ Com o tempo, a seleção nacional tornou-se o principal “alvo” de interesses políticos, e foi instrumento para muitos governos, tanto em ditaduras como em períodos democráticos.

Por sua vez, na Argentina houve um predomínio inicial do futebol como uma identidade local através dos clubes dos bairros.⁴⁸ A seleção tinha um importante peso, principalmente até a primeira Copa do Mundo em 1930, porém nas décadas seguintes a política esportiva enfatizava a não participação nos torneios da FIFA por conflitos diversos com o futebol internacional.⁴⁹ Por outro lado, durante este período o Estado investiu no futebol interno, incentivando e ajudando a construção de clubes.⁵⁰ Desta forma a seleção argentina manteve sua participação apenas em torneios regionais, principalmente o Sul-Americano, que posteriormente se tornaria a Copa América, enquanto a AFA procurava fortalecer a CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol) e tentava esvaziar o poder da FIFA na América do Sul.⁵¹

No Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, o futebol também foi espaço de conflitos, incluindo uma Portaria do dia 3 de fevereiro de 1942 que proibia que os eventos esportivos fossem espaço de manifestações nacionais.⁵² Na prática, a medida afetou principalmente os clubes fundados por imigrantes italianos, como o Palestra Itália, de São Paulo (atual Sociedade Esportiva Palmeiras) e o Sociedade Esportiva Palestra Itália, de Minas Gerais (atual Esporte Clube Cruzeiro), e ambos mudaram tanto seus uniformes como seus nomes para evitar medidas mais extremas.⁵³

⁴⁷ GUTERMAN, Marco. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

⁴⁸ Neste primeiro momento, a formação dos clubes tanto no Brasil como na Argentina esteve associada também à questão da imigração, como um espaço de sociabilidade (ARCHETTI, *Op. Cit.*, 2003).

⁴⁹ No site da AFA, a própria associação explica que “En esos tiempos, a raíz de la diferencia de criterios y enojos impensables en la actualidad, sumado a la dramática situación que se vivía en Europa con la Segunda Guerra Mundial, nuestro equipo nacional quedó al margen de las grandes competencias y sufrió las secuelas” (www.afa.org.ar, consultado em 20/11/2011). A posição argentina durou até a Copa de 1954, na Suécia.

⁵⁰ FRYDENBERG, J. *Op Cit.*, 1999.

⁵¹ A CONMEBOL foi fundada em 1916, após o primeiro Sul-Americano organizado pela Argentina para comemorar o centenário da independência do país. Sua principal competição entre seleções é a Copa América, nome oficialmente adotado em 1975 (www.conmebol.com, consultado em 03/10/2012).

⁵² Portaria publicada no Diário Oficial do Estado (03.02.1942), assinada pelo capitão Sylvio Magalhães Padilha, que representava o Conselho Regional de Desportos (CRD). (*Apud* SALUN, Alfredo Oscar. *Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou tudo Buona Gente?*– São Paulo, 2007, Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social - Universidade de São Paulo.)

⁵³ AGOSTINO, Gilberto. *Op. Cit.*, 2002.

1. E o futebol se torna coisa séria

Em diversas partes do mundo, o final do século XIX e as primeiras décadas do XX marcaram a difusão e a popularização do futebol. O fenômeno ocorreu de forma parecida nos países industrializados e em via de industrialização, europeus e latino-americanos. Entre os fatores que o caracterizam destaca-se:

o processo de metropolização de algumas cidades, que fez do futebol um esporte especial, pois cumpria o papel de adaptar a população urbana ao ritmo industrial que se impunha; o aparecimento e a expansão da radiodifusão, que permitiu ao futebol chegar a mais pessoas e a lugares mais distantes; além das transformações na imprensa esportiva escrita, que aproximou ainda mais os torcedores do futebol.⁵⁴

Mesmo com as tentativas de manter o futebol exclusivo das elites, a popularização e conseqüente massificação foram inevitáveis. Os torcedores passaram a frequentar os jogos, pagando pelo ingresso, e gerando renda para os clubes. A facilidade da prática do esporte –quase qualquer objeto pode ser utilizado como bola, e o campo de jogo tampouco precisa de muita elaboração- fez com que o futebol se difundisse mesmo sem a inserção das massas nos primeiros clubes.

Logo, não demorou muito para ele se tornar popular em toda a sociedade e em menos de um século, o esporte mais popular do planeta. E ao mesmo tempo em que se difundia e popularizava, o futebol se institucionalizou. De fato, foi o crescimento como espaço de sociabilidade que o transformou também em um espaço de interesses políticos e econômicos.

1.1. A paixão é mundial

A sede da FIFA em Zurique, Suíça, está localizada ao lado do jardim zoológico da cidade. Apesar do terreno amplo, o edifício é discreto, e por fora não se percebe seu real tamanho: os andares não são para cima, como de costume, mas subterrâneos. Ali são realizadas não apenas as mais importantes reuniões do futebol mundial, como também alberga uma biblioteca sobre o tema e os arquivos da Federação. É possível realizar visitas, comprar lembranças oficiais, adquirir grátis exemplares da revista da FIFA, e, com autorização, pesquisar nos arquivos da entidade. A dimensão atual da Federação hoje representa tanto seu poder político como o sucesso do objetivo principal

de seus fundadores: unificar, sob uma entidade mundial, as diversas associações nacionais de futebol que se formavam com a expansão do futebol.

Os ingleses formaram a primeira das associações nacionais em 1863, a The Football Association (FA), que formulou as regras oficiais do esporte. Em 1886, a FA e as respectivas associações da Escócia (Scottish Football Association - SFA), País de Gales, (Football Association of Wales - FAW) e da Irlanda (Irish Football Association – IFA, que hoje representa somente a Irlanda do Norte) fundaram a International Football Association Board (IFAB), um modelo de organizar internacionalmente o esporte que se popularizava e difundia pelo mundo:

Desde que foi fundada no século XIX, a International Football Association Board (IFAB) possui um papel vital no futebol internacional. Ela atua como guardiã das regras do jogo e é responsável pelo estudo, modificação e supervisionar quaisquer alterações nele⁵⁵

Novas associações surgiam ao redor do mundo, e a ideia de uma Federação que controlasse o próprio esporte significava também o poder sobre o mesmo. Os britânicos perceberam isto rapidamente, e apesar da IFAB ter sido posteriormente incorporada pela FIFA, a FA possui lugar cativo em seu diretório. Ao longo da primeira metade do século XX, as tensões entre as duas entidades envolvendo a disputa pelo poder o futebol significaram a ausência por décadas da seleção da Inglaterra de eventos organizados pela FIFA.

No início do século XX, com a propagação de entidades futebolísticas em todo o mundo e a realização de disputas internacionais entre as seleções, o futebol foi percebido por seus dirigentes e por políticos como uma forma de impulsionar relações diplomáticas. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi uma prática comum entre França e Inglaterra; no pré Segunda Guerra, a Itália de Mussolini e a Alemanha de Hitler viram nas disputas internacionais um meio de romper com o isolamento internacional realizado por alguns países ocidentais (França e Inglaterra, principalmente). Importante destacar que Brasil e Argentina também tiveram atuações neste sentido. Por exemplo, em 1904, durante uma partida entre as duas seleções, o então presidente argentino Julio

⁵⁴ NEGREIROS, Plínio. J. L. de C. “Futebol e Identidade Nacional: o caso da Copa de 1938”. In: *Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 1997, p.1 O autor se refere ao caso brasileiro, mas a análise também se aplica para o caso argentino.

⁵⁵ www.fifa.com. Página consultada no dia 10/10/2012. “Ever since it was founded in the 19th century, the International Football Association Board (IFAB) has played a vital role in international football. It acts as the guardian of the Laws of the Game and is responsible for studying, modifying and overseeing any changes to it”. Tradução realizada pela autora.

Argentino Roca compareceu ao vestiário de sua seleção no intervalo para pedir moderação no placar: a vitória por três a zero era suficiente, uma diferença maior poderia afetar a boa relação entre os dois países naquele momento.⁵⁶

Ao mesmo tempo, o futebol se associava também à ideia de civismo, de representação da própria nação. De fato, esta era uma tendência dos esportes de modo geral, como refletia a organização dos Jogos Olímpicos modernos. A prática esportiva surgia como uma opção de ócio para todos os setores sociais, e:

Mais do que à simples preocupação de regulamentar a prática desportiva, o início do século XX assistiu à legitimação do esporte como um ideal superior de expressão das qualidades humanas. Resgatada da esfera da brutalidade de seres considerados inferiores e incultos, a expressão esportiva tornou-se um campo propício para as elites se lançarem à construção simbólica de seus valores civilizatórios.⁵⁷

Foi neste contexto que em 1904 foi criada a FIFA, em Paris. Nesta data diversos países já tinham sua própria federação, como a Argentina, cuja fundação ocorreu em 1893. Portanto, como é comum neste primeiro momento, a entidade nasce lidando com a luta de poder entre os países membros e não membros, em um quadro internacional complicado no início do século XX, que desembocaria na Primeira Guerra Mundial dez anos depois. Os países fundadores foram França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça, e seu primeiro presidente foi o francês Robert Guérin.⁵⁸ Em 1932 a sede da entidade foi transferida para a Suíça, país considerado neutro no quadro de tensões do período entre guerras europeu.⁵⁹

A Inglaterra, considerada a inventora do futebol moderno, filiou-se à nova entidade em 1905, porém em 1924, por desavenças relacionadas ao amadorismo e à participação das seleções locais e não a do Reino Unido, as quatro associações britânicas -Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales- se retiraram,

⁵⁶ AGOSTINO, *Op. Cit.*, 2002.

⁵⁷ SARMENTO, C. E. *Op. Cit.*, 2006, p.5.

⁵⁸ Até a atualidade, a FIFA teve apenas oito presidentes em quase 110 anos de existência: Robert Guérin, França (1904-1906); Daniel Burley Woolfall, Inglaterra, (1906-1918) ; Jules Rimet, França (1921-1954) ; Rodolphe Seeldrayers, Bélgica (1954-1955) ; Arthur Drewry, Inglaterra (1955-1966) ; Stanley Rous, Inglaterra (1961-1974) ; João Havelange, Brasil (1974-1998), e Joseph Blatter, Suíça (atual presidente, desde 1998). (www.fifa.com, site consultado no dia 15/05/2011). Os longos mandatos de dirigentes são uma tradição no futebol, e no mundo esportivo de forma geral. No início de 2013, por exemplo, o presidente da AFA Julio Grandona está no poder desde 1979. Já Ricardo Teixeira presidiu a CBF entre 1989 e 2012.

⁵⁹ Muito se discute sobre a mudança da sede da FIFA para a Suíça. De fato, este era um país neutro no entre guerras, e esta tradição permanece nos dias atuais. Porém, ao declarar-se como um clube esportivo, a entidade encontra-se isenta de impostos neste país (www.fifa.com, site consultado em 03/03/2010, e http://www.swissinfo.ch/por/Capa/Archive/Grandes_instancias_do_futebol_estao_na_Suica.html?cid=6356518, site consultado no dia 03/03/2010).

retornando somente em 1946.⁶⁰ No tocante à Argentina, ela foi o primeiro país americano a se associar à nova entidade, em 1912, enquanto o Brasil o fez apenas em 1923.⁶¹

Desde sua fundação, a FIFA refletiu o cenário das relações internacionais dos países integrantes, da mesma forma que o futebol foi utilizado como construtor destas relações. Ao longo do século XX, os países que formavam parte da entidade foram se organizando em agrupações regionais, que englobavam as seleções nacionais, mas se mantinham submissas à FIFA. Em 2012, existem seis Associações, todas ligadas à FIFA.⁶² São elas:

Nome	Número de afiliados	Data de Fundação ⁶³
CONMEBOL (Confederação Sul Americana de Futebol)	10	09/07/1916
AFC (Confederação Asiática de Futebol)	47	08/05/1954
UEFA (União das Federações Europeias de Futebol)	54	15/06/1954
CAF (Confederação Africana de Futebol)	56	08/02/1957
CONCACAF (Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe)	40	18/09/1961
OFC (Confederação de Futebol da Oceania)	15	15/11/1966

⁶⁰ Com a fundação da FIFA na França em 1904, os ingleses sentiram sua liderança ameaçada, e durante décadas tiveram uma relação conflituosa com a entidade principal do futebol mundial, que resultou no caso de exclusão citado. Entre os oito presidentes da FIFA até a atualidade, três foram ingleses: Daniel Burley Woolfall (1906-1918), Arthur Drewry (1955-1961) e Stanley Rous (1961-1974) (www.fifa.com, site consultado em 15/05/2011, e <http://www.thefa.com/>, site oficial da The Football Association, (consultado no dia 12/08/2011). Até hoje é a FA que define as regras do futebol, inclusive qualquer mudança nas regras do esporte.

⁶¹ MODERNO, Luis Barros “De Rimet a Cañedo” In *Programa Oficial para el IX Campeonato Mundial de Fútbol*, Cidade do México, 1970. Arquivo Institucional da FIFA, Zurique, Suíça.

⁶² No total, as associações somam 222 países. A FIFA possui 209 membros oficiais, o que significa que não formam parte dela alguns dos países integrantes das entidades regionais: da UEFA, Gibraltar (representante dos Territórios Ultramarinhos Britânicos); da AFC, Marianas Setentoriais; da CAF, as Ilhas Reunião e o Zanzibar; da CONCACAF a Guiana Francesa, Guadalupe, Martinica, Saint-Martin e Sint Maarten; e da OFC Kiribate, Ilha de Niue, Palau e Tuvalu.

⁶³ A tabela foi feita a partir da consulta às páginas oficiais de cada entidade: CONMEBOL www.conmebol.com; AFC www.the-afc.com; UEFA www.uefa.com; CAF www.cafonline.com; CONCACAF www.concacaf.com; OFC www.oceaniafootball.com.

A tabela mostra que a organização regional dos países membros foi uma tendência entre as décadas de 1950 e 1960. Com exceção da CONMEBOL, as demais entidades foram fundadas quando a FIFA já estava consolidada.

As relações entre tais associações e a FIFA foram –e ainda são- constantemente marcadas por disputas de interesses e contradições. Uma das principais críticas feitas à entidade é ao seu caráter autoritário, procurando controlar não apenas os eventos que organiza, mas mantendo sob suas regras as associações continentais que reclamam maior autonomia:

Por um lado, externamente a FIFA pode ser representada, em termos de poder de organização, como um caso particularmente avançado de burocratização progressiva mundial e racionalização, embora com uma fachada democrática. Por outro, internamente, a FIFA com um olhar mais profundo, é mais bem compreendida como uma organização hierárquica, tão presa ao padrão oligarca e corporativo, que a sua coerência organizacional se transformou em uma forma de poder total, muitas vezes compreendido no social europeu como "despotismo oriental". A justaposição dessas duas articulações do poder fez uma grande contribuição para a crescente crise dentro do coração da FIFA, que ameaça minar a missão global da organização.⁶⁴

Durante muitos anos, como se pode ver na tabela acima, a CONMEBOL foi a única entidade regional existente, o que permite compreender tanto sua consolidação e poder nas associações locais como seus conflitos com a FIFA.⁶⁵ Para a entidade mundial, durante anos a existência da CONMEBOL significava limitações ao seu controle, uma autonomia para os países membros que não interessava na lógica de reunir sob uma entidade o controle do futebol mundial. Ao mesmo tempo, a FIFA teve que fazer concessões aos interesses da entidade, já que ela abrigava algumas das principais seleções do mundo, como o Uruguai, que na década de 1930 era bicampeão olímpico e campeão e sede da primeira Copa do Mundo da FIFA.⁶⁶

⁶⁴ SUGDEN, John e TOMLINSON, Alan. *FIFA and the contest for the world football: who rules the peoples' game?*. Cambridge: Polity Press, 1998, p. 7. "At one level, the outer circle of FIFA can be represented, in terms of organizational power, as a particularly advanced case of progressive global bureaucratization and rationalization, albeit with a democratic facade. At another, deeper level FIFA's inner circle is best viewed as an hierarchical organization, so steeped in oligarchic and corporate patronage, that its organizational coherence has bordered on a form of total power often conveyed in European social thought as "oriental despotism". The juxtaposition of these two articulations of power has made a major contribution to a crisis growing within the heart of FIFA which threatens to undermine the organization's global mission". Tradução realizada pela autora.

⁶⁵ As dez afiliadas da CONMEBOL são: a Associação do Futebol Argentino, a Federação Boliviana de Futebol, a Confederação Brasileira de Futebol, a Federação de Futebol do Chile, a Federação Colombiana de Futebol, a Federação Equatoriana de Futebol, a Associação Paraguaia de Futebol, a Federação Peruana de Futebol, a Associação Uruguaia de Futebol e a Federação Venezuelana de Futebol.

⁶⁶ Apesar de ser a menor das afiliadas, a CONMEBOL possui 9 títulos de Copas do Mundo: 5 do Brasil, 2 da Argentina e 2 do Uruguai. Até a Copa do Mundo da África do Sul em 2010, era a mesma quantidade

As tensões aumentaram durante a presidência de Sir Stanley Ford Rous, entre 1961 a 1974. Foram durante seus anos na FIFA que a disputa entre o futebol europeu e o sul-americano ganhou força, principalmente pela discussão entre os modelos de futebol: os europeus dominariam um estilo que ficou conhecido como *futebol força*, enquanto os sul americanos eram os representantes do chamado *futebol arte*.⁶⁷ Por trás desta questão estava a disputa pela liderança de um esporte que se tornava cada vez mais popular e de uma entidade que aumentava seus poderes político e econômico.

Para John Sugden e Alan Tomlinson, um dirigente em especial destacou-se a partir de tais conflitos:

Estas questões destacadas pela tensão FIFA-CONMEBOL foram utilizadas com brilhantismo pelo brasileiro Havelange, como representante de uma experiência e sofisticação do Segundo Mundo, e em nome dos emergentes do Terceiro Mundo e suas demandas, dentro do contexto de blocos de elites empresariais e federações em blocos, como Rous os viu.⁶⁸

De fato, em 1974, após uma intensa campanha mundial, Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange foi eleito presidente da FIFA pelos votos das entidades latino-americanas, asiáticas e africanas, que se sentiam desprestigiadas com as políticas do antecessor, Stanley Rous. Nascido no Rio de Janeiro em 1916, Havelange é empresário e advogado, ex-nadador e jogador de pólo aquático, respectivamente os esportes em representou o Brasil nas Olimpíadas de Berlim (Alemanha) em 1936 e de Helsinque (Finlândia) em 1952. Em 1963 passou a formar parte também do Comitê Olímpico Internacional (COI). Naquele contexto da década de 1970 e expansão do futebol mundial, o brasileiro soube negociar e trazer como seus aliados à FIFA países que se consideravam excluídos da entidade, por seu forte caráter eurocêntrico. Antes disso, durante sua presidência na Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entre os anos 1958 e 1975, fez sua campanha para a FIFA utilizando o bem mais valioso da entidade brasileira: a seleção de futebol tricampeã do mundo.

Havelange assumiu a FIFA após a Copa do Mundo de 1974, na Alemanha. A primeira competição organizada por ele foi justamente a de 1978 na Argentina, torneio

da Europa, que ultrapassou com a vitória da Espanha. Os outros campeões europeus são: Itália, 4 vezes, Alemanha, 3 vezes, e França e Inglaterra, 1 vez cada.

⁶⁷ SUGDEN, John e TOMLINSON, Alan, *Op Cit*, 1998; YALLOP, David A. *Como eles roubaram o jogo – segredos dos subterrâneos da FIFA*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

⁶⁸ SUGDEN, John e TOMLINSON, Alan, *Op Cit*, 1998, p. 25. “These issues highlighted FIFA-CONMEBOL tensions that were to be played upon with brilliance by the Brazilian Havelange, as a representative of a Second World experience and sophistication, and on behalf of the Third World’s

que recebeu diversas denúncias em função do governo sede como veremos nesta tese.⁶⁹ A “era Havelange” foi de grandes transformações tanto para a FIFA como para o esporte mundial. Na página da entidade, o dirigente é descrito como:

presidente da FIFA durante 24 anos, comandando um período de profundas mudanças na organização. Nadador e jogador de polo aquático olímpico quando jovem, Havelange se destacou como administrador de futebol pelo aumento do número de participantes da Copa do Mundo da FIFA de 16 para 32, pela criação de novas competições (os Mundiais Sub-17 e Sub-20 no final da década de 80; a Copa das Confederações da FIFA e a Copa do Mundo Feminina da FIFA no início da década de 90) e pela maior participação de seleções da Ásia, África, CONCACAF e Oceania, regiões que juntas haviam tido apenas três vagas na Copa do Mundo da FIFA 1974. O número de funcionários da sede da FIFA em Zurique passou de 12 para quase 120 em função das maiores responsabilidades comerciais e de organização.⁷⁰

Durante seu mandato, multiplicaram-se e diversificaram-se os recursos da entidade, e a reformulação que a mesma sofreu permitiu também um aumento significativo no número de membros, sendo que hoje possui mais países que a Organização das Nações Unidas (ONU).⁷¹ Em um editorial publicado em razão da inauguração da Copa do Mundo de 2006 na Alemanha, o então secretário geral da ONU, Kofi Afta Annan comentou esta diferença:

Você pode estar se perguntando por que o secretário-geral das Nações Unidas está escrevendo sobre futebol. Mas a Copa do Mundo faz com que nós, nas Nações Unidas, morramos de inveja. Como o único jogo realmente global, praticado em todos os países, por todas as raças e religiões, é um dos poucos fenômenos tão universais quanto as Nações Unidas. Podemos até dizer que é ainda mais universal. A FFA tem 207 membros. Nós temos 191.⁷²

Nos 24 anos em que Havelange esteve na presidência da entidade, aumentaram também os contratos publicitários, transformando-a, e o futebol mundial, em um grande modelo empresarial. Em 2011 as denúncias contra Havelange sobre o período em que

emerging pleas and demands, within the context of business elites and cross-federational ‘blocks’, as Rous saw them”. Tradução realizada pela autora.

⁶⁹ O evento havia sido confirmado em 1973 pelo regime da então presidente Isabel Perón, e ainda durante o mandato como presidente da FIFA de Stanley Rous.

⁷⁰ www.fifa.com, site consultado em 25/01/2010.

⁷¹ A FIFA possui em dezembro de 2012 209 nações filiadas, já a ONU possui 192 (www.fifa.com, www.un.org). Entretanto, alguns membros da FIFA não são reconhecidos como países soberanos.

⁷² Publicado dia 12/06/2006 no Editorial do Jornal *The New York Times*, http://www.nytimes.com/2006/06/09/opinion/09iht-edannan.1940224.html?_r=0, site consultado dia 20/10/2012. “You may wonder what a secretary general of the United Nations is doing writing about football. But in fact, the World Cup makes us at the United Nations green with envy. As the pinnacle of the only truly global game, played in every country by every race and religion, it is one of the few phenomena as universal as the United Nations. You could even say it's more universal. FIFA has 207 members; we have only 191”. Tradução realizada pela autora.

esteve na presidência da FIFA tornaram-se tema em diversas investigações judiciais na Suíça e jornalísticas em todo o mundo. Em 2012 o dirigente respondeu às denúncias sobre seu envolvimento e no suborno recebido pela empresa International Sports Leisure (ISL), responsável pela transmissão das Copas do Mundo e que trabalhava com o marketing da FIFA. Tais acusações fizeram com que Havelange renunciasse ao seu cargo no COI em dezembro de 2011, evitando assim sua possível expulsão e a divulgação pública das acusações.⁷³ Em julho de 2012 a justiça suíça tornou públicos os valores das comissões que teriam sido recebidas, assim como o processo envolvendo o ex dirigente.

Apesar do destaque da FIFA no cenário mundial, o futebol não se organiza somente entre as nações. Ao contrário, foi primeiro internamente que os interessados – dirigentes, jogadores e demais envolvidos na nova paixão que se expandia- passaram a se organizar e a disputar o poder do futebol.

1.2 O jogo fica sério também na América do Sul

No Brasil, fundaram-se primeiro as ligas e associações regionais, e posteriormente uma entidade que fosse responsável pelo esporte nacional, a CBD, criada em 1916.⁷⁴ Frente a este cenário, os regionalismos, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, foram um dos principais marcos da construção do futebol como um ator social.⁷⁵ As primeiras entidades surgiram para representar as elites, e tentar manter seus privilégios nesta prática esportiva. Porém, já no início do século XX surgiram os primeiros clubes de caráter popular, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, que começaram a exigir participação nos campeonatos e disputas dos “times grandes”. O futebol deixava, aos poucos, de ser um *hobby* elitista para chegar às classes mais populares, que transformariam seu caráter, levando ao profissionalismo e posteriormente, ao fenômeno mundial.

⁷³ Folha Online, “Havelange renuncia ao COI dias antes de possível expulsão”, 04/12/2011, consultado no dia 07/12/2011. O caso que segue na justiça Suíça refere-se à falência da empresa ISL, e inclui denúncias contra diversos dirigentes do futebol mundial, entre eles João Havelange e o ex-presidente da CBF, Ricardo Teixeira.

⁷⁴ Em 1915, os paulistas fundaram a Federação Brasileira de Futebol e os cariocas a Federação Brasileira de Esportes, que objetivavam comandar o futebol no país. Entretanto, foi somente com a CBD em 1916 que fundou-se uma entidade que de fato englobava o futebol nacional.

⁷⁵ Até hoje existem no Brasil os campeonatos regionais, e o embrião do campeonato nacional de clubes foi o Torneio Rio – São Paulo (criado durante o governo provisório de Getúlio Vargas, em 1933). O primeiro campeonato nacional organizado pela Confederação Brasileira de Desportos em 1922 foi entre as seleções de cada estado, já que organizar um campeonato de clubes era caro pela questão da logística.

A primeira associação de futebol fundada no Brasil foi a Liga Paulista de Futebol (LPF), em 1901. Quatro anos depois, fundou-se no Rio de Janeiro a Liga Metropolitana de Futebol, que em 1908 passou a ser Liga Metropolitana de Esportes Atléticos (LMEA).⁷⁶ No caso do futebol brasileiro, o pioneirismo das ligas regionais ajuda a compreender a dificuldade de centralização do poder, como no caso argentino.

A CBD, inicialmente Federação Brasileira dos Esportes (FBE), surgiu da necessidade de uma entidade única que fosse responsável pelo esporte nacional, principalmente o futebol, às vésperas de realizações de importantes competições internacionais: os Jogos Olímpicos de Berlim (cancelados pelo prolongamento da Primeira Guerra Mundial) e a Copa organizada pela Argentina pela celebração do centenário de sua independência,⁷⁷ ambas em 1916.⁷⁸ Como tanto a FIFA e o COI somente reconheciam uma entidade oficial por país, os principais dirigentes esportivos não demoraram a perceber que era uma questão de tempo para alguém fazer a primeira entidade centralizada que pudesse se associar às internacionais.⁷⁹

Porém, a crise entre os dirigentes não foi controlada e, em 1915, a LPF com o apoio de dirigentes do Paraná e do Rio Grande do Sul, criou a Federação Brasileira de Futebol (FBF). A situação agravou-se quando esta entidade foi reconhecida pelas equivalentes argentina e uruguaia, praticamente invalidando a recém-criada FBE.⁸⁰

⁷⁶ Tais entidades foram constantemente espaço de conflitos entre os dirigentes, tanto em suas regiões como no âmbito nacional. Não demorou muito para que surgissem as dissidentes: em 1913, fundou-se em São Paulo a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), que futuramente seria um dos braços da CBD; Em 1923, com a crise do “amadorismo marrom” no futebol carioca, surgiu a associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), que foi integrada à CBD após o desligamento da LMEA. A antiga LPF fundou, com o apoio de outras ligas regionais, insatisfeitas com a centralização do futebol na capital, a Federação Brasileira de Futebol, ao mesmo tempo em que surgia a CBD. (MAXIMO, J. “Memória do Futebol Brasileiro”. Revista *Estudos Avançados* – Dossiê Memória. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo, v. 13, n. 37, p.179-118, set./dez, 1999).

⁷⁷ O campeonato recebeu o nome de Sul-Americano, e hoje é considerado como a primeira Copa América. A prática de celebrar os centenários das independências com disputas entre seleções nacionais foi comum. Além da Argentina em 1916, o Brasil fez uma série de atividades em 1922, que incluíram o VI Campeonato Sul-Americano e as Taças Rio Branco e Rodrigues Alves, contra Uruguai e Paraguai, respectivamente. O Uruguai no seu centenário sediou a Primeira Copa do Mundo da FIFA.

⁷⁸ A própria fundação da CBD já mostra o peso que o futebol tinha naquele momento, e a necessidade de uma entidade que pudesse representar o país internacionalmente, acima dos interesses regionais. No mesmo encontro foi criado o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), responsável pelas delegações que iriam às Olimpíadas.

⁷⁹ Participaram da sessão: os representantes da Federação Brasileira das Sociedades de Remo, da LMEA, do Automóvel Clube Brasileiro, da Comissão Central de Concursos Hípicos, do Clube Ginástico Português, do Iate Clube Brasileiro e do Aeroclube Brasileiro (SARMENTO, Carlos Eduardo *Op. Cit.*, 2006).

⁸⁰ A crise entre a recém-formada FBE e a LPF agravou-se em 1914, quando a entidade nacional decidiu entregar à dissidente paulista APEA a definição, junto com a carioca LMEA, dos jogadores que iriam disputar a primeira edição da Copa Roca, contra a Argentina (competição que será retomada ainda neste capítulo).

Ambas as associações enviaram um pedido de afiliação à FIFA, que não respondeu a nenhum deles. Visando finalizar os conflitos pela liderança esportiva, mais precisamente do futebol -que afetava a própria imagem do país no exterior uma vez que não podia participar de eventos internacionais- em 1916 o então ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, organizou uma reunião na qual foi fundada a CBD, que seria a partir de então a única responsável por dirigir o futebol brasileiro.⁸¹

O ano de 1916 foi um marco na consolidação das entidades futebolísticas da América do Sul. Foi o ano do primeiro torneio Sul-Americano, que ocorreu na Argentina, e que por muito tempo seria a principal competição regional. Foi nessa ocasião, no jantar de comemoração do centenário do país anfitrião decide-se criar a uma entidade regional, a CONMEBOL, oficializada em dezembro. No mesmo mês, o Brasil aprovava definitivamente o estatuto da CBD, e conseguia que a entidade fosse reconhecida provisoriamente pela FIFA (a aceitação definitiva viria em 1923).⁸²

O fortalecimento da CBD e do futebol como esporte popular no país ocorreu com a organização do III Campeonato Sul-Americano no Rio de Janeiro, em 1919.⁸³ Foi neste evento, quando a seleção conquistou seu primeiro título na competição, que a torcida comemorou pela primeira vez euforicamente um título nacional e:

...para além dessas disputas políticas, a realização do torneio confirmou muitas das expectativas de seus idealizadores. Primeiro, porque o esporte reafirmou sua condição de meio de expressão das construções imaginárias acerca da identidade nacional. Intelectuais, artistas e políticos, como o escritor Coelho Neto, manifestaram-se favoravelmente à disseminação da prática desportiva como elemento de ascensão social e de realização das aspirações e projetos relacionados à construção da identidade nacional brasileira. Em segundo lugar, porque o caráter lúdico e popular do futebol foi fortalecido. A presença do público nos jogos surpreendeu os organizadores e os delegados das demais nações representadas, evidenciando a lenta, porém irreversível, tendência de popularização de um esporte elitista em seu nascedouro.⁸⁴

Uma das formas da CBD consolidar seu poder como entidade nacional, e de gerar algum tipo de recurso econômico para a entidade, foi a realização de campeonatos nacionais. O modelo definia a disputa entre seleções de cada estado, que se enfrentaram

⁸¹ SARMENTO, Carlos Eduardo *Op. Cit*, 2006. A questão só foi de fato resolvida no final da década de 1930, já que a postura inicial da CBD contra o profissionalismo declarado em 1933 levou à uma nova ruptura e à formação de uma outra Liga, unificada em 1937 (MAGALHAES, L. G, *Op. Cit*, 2010).

⁸² A CBD considerava sua data de fundação o ano de 1914, e por isso em 1964 organizou-se a “Taça das Nações”, um torneio celebrando os 50 anos da entidade. Apesar de ocorrer durante a ditadura, foi definido antes do golpe. Participaram do torneio as seleções do Brasil, da Argentina, de Portugal e da Inglaterra. A Argentina consagrou-se campeã ao vencer a seleção brasileira, o que gerou constrangimento para a CBD frente ao novo governo civil-militar.

⁸³ A data original era 1918, mas com o surto de febre amarela na cidade a competição teve que ser adiada.

entre si e depois haveria uma final com os melhores de cada região. Portanto, não eram os clubes que participavam do novo torneio, o que representava uma clara tentativa da entidade de diminuir o poder das ligas estaduais.⁸⁵

Já na Argentina, o caráter institucional do futebol se desenvolveu de forma diferente. O processo de centralização em uma entidade única foi anterior ao do surgimento das ligas regionais e locais.⁸⁶ A AFA tem suas origens em 1893, quando surge como The Argentine Association Football.⁸⁷ Seu nome foi alterado em 1903 para Argentine Football Association, e novamente em 1912, para Asociación Argentina de Football. Neste mesmo ano a entidade associou-se à FIFA, e desentendimentos referentes à troca de jogadores entre os clubes levou à criação da dissidente Federación Argentina de Football, que organizou um campeonato paralelo até 1914, quando se fundiu com a primeira entidade.⁸⁸

Em 1919, novamente os conflitos entre os clubes levaram ao rompimento. A ameaça do profissionalismo fez com que quinze dos vinte clubes membros criassem a Asociación Amateurs de Football, e outra vez um campeonato paralelo. A situação prolongou-se até 1926, quando de novo houve a fusão das duas associações após a intervenção direta do então presidente da República Marcelo Torcuato de Alvear (1922-1928), agora com o nome de Associação Amateur Argentina de Football. Em 1931, com a profissionalização surgiu a Liga Argentina de Football, e novamente o futebol do país encontrava-se dividido, com a antiga entidade renomeada como Asociación de Football Amateurs y Profesionales. Finalmente as duas associações fundiram-se em 1934, dando forma definitiva à AFA.⁸⁹

Segundo Gustavo Albano Abreu, até 1939 apenas os clubes que estavam no máximo a oitenta quilômetros da cidade de Buenos Aires poderiam participar dos campeonatos organizados pela AFA:

⁸⁴ SARMENTO, C. E, *Op. Cit.*, p. 20.

⁸⁵ Como veremos nesta tese, um campeonato brasileiro oficial, envolvendo clubes de todas as regiões do país e organizado pela CBD foi realidade somente em 1971. Em 2010 a CBF reconheceu os clubes campeões dos torneios Taça Brasil (1959 a 1968), e Roberto Gomes Pedrosa (1967 e 1970) como campeões brasileiros, igualando estas competições às realizadas a partir de 1971.

⁸⁶ Existem ligas locais na Argentina, algumas filiadas à AFA, porém elas não possuem o mesmo poder político que no Brasil. Na primeira divisão existem apenas dois campeonatos anuais, sem o modelo de torneios regionais como conhecemos. É importante destacar que no Brasil a CBF organiza apenas os torneios nacionais, porém seu calendário respeita os regionais, responsabilidade de cada entidade estadual.

⁸⁷ As primeiras associações foram nomeadas em inglês em função da influência dos britânicos na difusão do futebol no país.

⁸⁸ Como era costume, a FIFA reconhecia apenas uma das Associações, a que já era sua afiliada.

⁸⁹ www.afa.org.ar, site consultado no dia 13/08/2011.

La incorporación, por méritos deportivos, de los clubes Newell's Old Boys y Rosario Central de la ciudad de Rosario (situada a 300 kms. de la Capital Federal) en 1939, fue el primer acto de apertura de la AFA hacia los clubes indirectamente afiliados. Luego se sumaron Unión y Colón de la ciudad de Santa Fe en 1940 y 1948 respectivamente, entre las excepciones más relevantes que se pueden contabilizar.⁹⁰

A partir de então, os clubes de outras regiões se associaram, mas não houve, como no caso brasileiro, as disputas entre entidades regionais. A identidade popular era principalmente a identidade do bairro, e o futebol passava por ela. Com isso houve o surgimento de uma grande quantidade de clubes atrelados a esta lógica local, que cresciam e tornavam-se parte das competições nacionais, mas que também continuavam, muitas vezes, com seu caráter localista. Na Argentina, a institucionalização do futebol se deu, portanto, através de uma entidade com caráter nacional, mas que de fato representava apenas os clubes da capital federal Buenos Aires e de suas proximidades:

En esa época, el fútbol era en Buenos Aires, el gran Buenos Aires, La Plata y Rosario, un espectáculo multitudinario, una pasión barrial y ciudadana, y la práctica del amateurismo marrón estaba muy extendida. El enfrentamiento entre las asociaciones del fútbol organizado no sólo estaba vinculado a esta práctica económica sino a la oposición de los clubes de Buenos Aires y La Plata con las asociaciones del interior del país. El enfrentamiento culminó con la introducción del profesionalismo en 1931, impulsado por los clubes más ricos que tenían más asociados y recursos, y la formación de la Liga Argentina de Football que nucleó a los clubes más importantes. (...) Los clubes del Interior, pese a formar parte de la Asociación a través de la afiliación de las diferentes ligas, quedaron marginados de este proceso por su escaso poder económico. El interior del país quedó así relegado y pasó a funcionar como semillero para los clubes ricos.⁹¹

Tanto no Brasil como na Argentina, com a popularização do futebol o chamado “amadorismo marrom” passou a ser uma prática comum em todo o mundo: oficialmente os atletas não eram contratados pelos clubes, mas recebiam diversas formas de recompensa por suas atuações. Era comum também a contratação de alguns jogadores como operários ou empregados de uma fábrica que não frequentavam, dedicando-se exclusivamente ao futebol.⁹² Outro ponto importante foi a “fuga” de jogadores para o

⁹⁰ ABREU, Gustavo A. “El pobre federalismo del fútbol Argentino. Comparación con el sistema de competición de Brasil”. In *Revista de Derecho del Deporte*, Buenos Aires: Información Jurídica Editores, abril de 2012, s/n. Disponível em: <http://www.ijeditores.com.ar/articulos.php?idarticulo=48765&print=2>.

⁹¹ ARCHETTI, E. “Fútbol: imágenes y estereótipos” In DEVOTO, F e MADERO, M. *Historia de la vida privada en la Argentina, tomo 3*. Buenos Aires: Taurus Ediciones, 2000, pp 229-230.

⁹² FRYDENBERG, J. *Op. Cit*, 1999.

exterior. A Itália foi um dos principais destinos, principalmente de jogadores argentinos e paulistas, descendentes de italianos e por isso com a cidadania dupla.⁹³

Foi neste contexto que, em todo o mundo, começou-se a discutir a profissionalização ou não do futebol. De uma maneira geral, foi uma questão conflituosa, que gerou rupturas e ausências entre os clubes nos âmbitos nacional e internacional. A Inglaterra, por exemplo, uma das pioneiras em adotar o profissionalismo, ausentou-se durante anos de torneios internacionais que exigiam o amadorismo para a participação das seleções, como era o caso dos Jogos Olímpicos.⁹⁴

Também marcou as primeiras décadas do futebol internacional a disputa no que diz respeito à profissionalização do esporte, que ao menos no caso latino-americano envolvia diretamente os interesses da elite que o praticava e o dirigia. No Brasil, a disputa entre profissionalismo e amadorismo também foi marcada pela tentativa dos clubes de elite de controlar a popularização do esporte. Os principais clubes do Rio de Janeiro e São Paulo defendiam o amadorismo e a manutenção do futebol no espaço limitado das elites nacionais.⁹⁵ Com a prática cada vez mais comum e as proporções que as partidas e campeonatos ganhavam, tornou-se impossível controlar o “amadorismo marrom”.⁹⁶ O conflito levou à saída de alguns clubes, como os cariocas Clube de Regatas Flamengo e o Fluminense Futebol Clube, e o paulista Clube Athletico Paulistano, de suas ligas regionais, e a fundação de nova entidades, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. Com a profissionalização na Argentina, em 1931, e no Uruguai, em 1932, a pressão aumentou. As próprias disputas regionalistas marcaram o conflito, e impediam uma solução por parte CBD, que era contra a profissionalização. Após o fracasso na Copa de 1930 e a crise pela questão do profissionalismo entre os clubes, em 1933 ele tornou-se uma realidade no futebol brasileiro.

⁹³ AGOSTINO, *Op Cit*, 2002. Outros casos citados pelo autor são o do Vasco da Gama que em excursão pela Europa “perdeu” dois de seus jogadores, Fausto e Jaguaré, que aceitaram a oferta do espanhol Barcelona e não retornaram ao Brasil; e o do argentino Boca Juniors, cujo jogador Luisito Monti, vice-campeão na Copa de 1930, foi contratado pelo Juventus de Turim.

⁹⁴ Outra questão que influenciou a ausência da Inglaterra de competições organizadas pela FIFA durante anos (entre as décadas de 1920 e 1950, quando esteve fora da entidade) foi a questão da representação nacional. Tanto o COI como a FIFA não aceitavam que Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte, que compunham o Reino Unido, fossem representados separadamente. Até hoje este é um problema que enfrentam tais seleções. A FIFA cedeu, porém o COI continua considerando apenas a seleção do Reino Unido no futebol. Nas Olimpíadas de Londres em 2012 a questão recebeu destaque mais uma vez. Como sede, os ingleses aceitaram organizar uma seleção britânica para participar da competição futebolística.

⁹⁵ No período da profissionalização, os principais clubes cariocas eram o Clube de Regatas Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama e o Fluminense Futebol Clube; em São Paulo, o Palestra Itália, o Sport Club Corinthians Paulista e o Clube Atlético Paulistano.

⁹⁶ MAGALHAES, Livia. G. *Op. Cit*, 2010.

Com o não reconhecimento do mesmo pela CBD, as ligas dissidentes do Rio de Janeiro e São Paulo (Liga Carioca de Futebol, LCF, e APEA, Associação Paulista de Esportes Atléticos) formaram novamente a Federação Brasileira de Futebol, enquanto a CBD apoiou a formação da Federação Paulista de Futebol. O conflito teve consequências na seleção brasileira enviada para a Copa da Itália em 1934, que não contou com jogadores filiados a LCF, APEA ou FBF, ou seja, os jogadores profissionais. Somente em 1937 a CBD reconheceu o profissionalismo e absorveu a FBF, o que significou também a unificação das ligas do Rio de Janeiro (com a Liga de Futebol do Rio de Janeiro e posteriormente, em 1941, a Federação Metropolitana de Futebol)⁹⁷ e de São Paulo (Liga Paulista de Futebol, que em 1941 tornar-se-ia a atual Federação Paulista de Futebol).

No caso da Argentina, o fim do amadorismo ocorreu como resultado de uma greve dos jogadores, que exigiam a liberdade para trocar de clubes sem a autorização dos mesmos. Em 1931, durante a ditadura liderada por José Felix Uriburu (1930-1932), apesar do estado de sítio declarado, os jogadores em greve marcharam até a casa de governo para apresentar ao presidente suas reivindicações. Os atletas foram atendidos por um funcionário designado pelo mandatário, o prefeito Guerrico, que ao reunir-se com os presidentes dos clubes, associou a greve à questão do profissionalismo, e assim forçou sua definição.⁹⁸

Os conflitos não cessaram, alguns clubes se recusavam a pagar seus jogadores, e as disputas atravessaram a década de 1940. O conturbado clima político do país, com sucessivos golpes e interrupções de governos, impedia ações diretas no esporte por parte do Estado, e o profissionalismo das diversas categorias foi afetado. Em 1944 foi criado o sindicato Futebolistas Argentinos Agremiados (FAA).⁹⁹ Dois anos depois, em 1946, Juan Domingo Perón chegou ao poder, colocando em prática uma política oficial de esporte, associada à política social do governo. Os projetos e mudanças não foram suficientes, e em 1948 os jogadores, através do sindicato, iniciam uma nova greve no futebol nacional. O campeonato da primeira divisão foi cancelado, e somente em 1949 os atletas voltaram a campo, após garantirem o reconhecimento do FAA, o pagamento das dívidas dos

⁹⁷ Com a fusão dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, a Federação Carioca de Futebol e a Federação Fluminense de Desportos se unificam na atual Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro.

⁹⁸ FRYDENBERG, J. *Op Cit*, 1999.

⁹⁹ No Brasil, o primeiro sindicato do futebol foi criado em 1939, no Rio de Janeiro, mas não aparece na bibliografia nem nas fontes trabalhadas, como no caso argentino.

clubes e a livre contratação.¹⁰⁰ Portanto, se por um lado a disputa no caso brasileiro se deu principalmente entre as entidades responsáveis pelo futebol (no âmbito regional e entre estas e a CBD), no caso argentino a tradição de centralização da AFA fez com que os jogadores atuassem através de outros espaços.

Devemos pensar também o papel do Estado em ambos os casos. O papel de mediador que muitas vezes tiveram as diversas esferas do poder público – prefeitos, ministros, governadores, presidentes, etc.-, de fato ocorreu por interesse dos demais atores envolvidos nos conflitos. Jogadores, entidades e clubes, frente ao impasse, foram à procura deste mediador, o que, a longo prazo, significou a abertura para a entrada do poder público (que tinha interesse em participar de tais relações) como novo ator no espaço político esportivo que se configurava.

Logo, ambas as associações, AFA e CBD, se consolidaram no mesmo período, com o fim do amadorismo no futebol e o início de um modelo nacional de intervenção estatal e incorporação das massas populares como atores políticos. Uma das consequências desta nova relação que se estruturava foi a intervenção direta do Estado no esporte. Enquanto no Brasil a CBD conseguiu manter certa independência até 1975, quando com a saída de João Havelange, em 1974, a ditadura civil-militar nomeou o Almirante Heleno de Barros Nunes para o cargo de presidente da entidade, as interferências na AFA foram mais comuns.¹⁰¹ Durante a greve de 1948, por exemplo, a primeira dama Eva Perón se posicionou a favor dos jogadores, o que foi essencial para o êxito do movimento, e significou também o afastamento do então presidente da AFA, Oscar Nicolini, que estava a favor dos dirigentes dos clubes.¹⁰² Contudo, intervenções frequentes ocorreram a partir da ditadura governada por Juan Carlos Onganía (1966-1970) até a chegada do atual presidente Julio Grandona em 1979 durante o *Proceso de Reorganización Nacional*.¹⁰³

Esa es la historia de un fútbol que los militares podían controlar sin temor a sufrir represalias de la FIFA. Después vendrían las intervenciones en democracia desde el ex Ministerio de Bienestar Social a cargo de José López Rega. En total, hubo nueve dirigentes al frente de la AFA en ocho años (1966-1974). Todos puestos a dedo. De esa inestabilidad institucional se pasó, golpe mediante, al largo período de Grandona como presidente. Entre aquellos interventores y él, apenas hubo un par de elegidos: el

¹⁰⁰ GONZALEZ, S. S. "Perón y el deporte", In revista Todo es Historia, N° 345, Buenos Aires, abril 1996. Sobre as políticas esportivas durante o peronismo, a questão será retomada adiante neste capítulo.

¹⁰¹ O tema será retomado no último capítulo desta tese.

¹⁰² SCHER, A. e PALOMINO, H. *Fútbol: pasión de multitudes y de elites*, Buenos Aires: CISEA, 1988.

¹⁰³ Em 1976 na Argentina, após o golpe civil-militar, a Junta de Governo retirou o então presidente da AFA e colocou em seu lugar Alfredo Francisco Cantilo.

peronista David Bracutto y Alfredo Cantilo, un hombre funcional al vicealmirante Carlos Lacoste.¹⁰⁴

Como vimos, desde o final do século XIX e nas primeiras décadas do XX houve intervenções de presidentes, ministros e representantes estatais, mas foram esporádicas e sem um caráter de política nacional. Foi também o período de consolidação das entidades nacionais do futebol, que em determinados momentos viram no Estado um mediador nos conflitos de cada país. Porém, a partir das décadas de 1930 e 1940, no novo cenário que se desenhava no futebol brasileiro e argentino, os governos de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón, com suas políticas de incentivo ao esporte, tiveram um papel essencial:

El deporte operó así sobre la articulación de las modalidades y los mecanismos de consenso civil y político porque se trata de un conjunto de emociones, necesidades y subjetividades relacionadas con las modalidades narrativas de un sentimiento patriótico.¹⁰⁵

Durante os primeiros governos de Vargas (entre 1930 e 1945), o futebol tornou-se de fato um elemento do Estado na construção de um modelo nacional. Se a Copa de 1934 foi um fracasso, em 1938 a participação foi vivida de forma diferente pelos brasileiros.¹⁰⁶ Pela primeira vez os jogos eram transmitidos pelo rádio, um veículo de comunicação importante para o regime varguista. O presidente recebeu a seleção antes da viagem, incentivou seu clamor mesmo após a derrota, e de fato “o futebol assumia uma função crucial nos valores ideológicos governamentais. A presença de negros na seleção era apresentada como símbolo da democracia racial”.¹⁰⁷ Neste quadro, os estádios de futebol também foram apropriados, e tornaram-se importante espaço de comícios do presidente, como o São Januário, no Rio de Janeiro, e o Pacaembu, em São Paulo.¹⁰⁸

Na Argentina, durante o governo de Perón os esportes tornaram-se parte do projeto estatal de inserção social:

¹⁰⁴ “La AFA modelo 69”, Jornal *Página12*, 29/05/2009. O primeiro interventor foi Arturo A. Bullrich, em 1956.

¹⁰⁵ ALABARCES, P. e RODRÍGUEZ, M. G. “Fútbol y Patria: La crisis de la representación de lo nacional en el fútbol argentino”. Trabalho apresentado no North American Society of Sociology of Sport (NASSS) Conference Toronto, Canada, 5 al 8 de Noviembre, 1997, s/n.

¹⁰⁶ O sentido da Copa de 1938 para o Brasil será trabalhado no próximo capítulo.

¹⁰⁷ AGOSTINO, G. *Op. Cit.*, 2002, p. 144.

¹⁰⁸ É interessante considerar neste caso que o São Januário é um estádio privado, que pertence ao Vasco da Gama, enquanto o Pacaembu é público, propriedade do município de São Paulo.

la deportiva estaba inmersa dentro de las políticas sociales, junto con los correlatos educativos, laborales, de salud y hasta turísticos, y en la nueva Constitución de 1949 se incluyó el derecho constitucional a la cultura, que también integraba a la cultura física”.¹⁰⁹

O regime organizava os anuais campeonatos de Futebol Evita, com mais de cem mil crianças em todo o país, em que os vencedores eram premiados pelo casal presidencial.¹¹⁰

Apesar da seleção argentina de futebol não participar de nenhuma Copa do Mundo durante os primeiros peronismos (1946-1955), eles ganharam três Sul-Americanos e mantiveram a tradição de disputas de Taças com seus principais rivais regionais, Brasil e Uruguai.¹¹¹ Porém, de fato foi através dos clubes que o governo se envolveu no espaço futebolístico: “investindo na construção, ou reforma, de estádios de capacidade média para os principais clubes do país, o governo Perón sustentou a possibilidade de tornar qualquer jogo uma missão difícil, às vezes quase impossível, para os visitantes”.¹¹²

Nesse sentido, uma questão essencial para ambos os países foi a construção de estádios. No início do século XX, entre as exigências da AFA para um clube participar da liga oficial estava ter uma arena própria, o que significou um grande número de estádios particulares, sendo que entre os que hoje possuem capacidade para mais de 30 mil pessoas, o primeiro foi construído por alguma ramificação do poder estatal apenas em 1975.¹¹³ A AFA exigia ao menos uma pequena tribuna, normalmente para os sócios, mas a torcida também era considerável. O caráter intimista da equipe local fez com que o número de torcedores nas ligas argentinas sempre fosse considerado alto. Isso estimulava não só a popularidade do esporte, mas os interesses econômicos e políticos no mesmo. Os clubes eram espaços de sociabilidade, não apenas de futebol.

¹⁰⁹ ANTÚNEZ, M. e MIRANDA, N. E. “El deporte como política pública. Participación y representación femenina”. In Anais do VII Seminário Fazendo Gênero, UFSC, 28-30 de agosto, 2006, p. 2.

¹¹⁰ AGOSTINO, *Op. Cit.*, 2002.

¹¹¹ A ausência da seleção argentina nas Copas do Mundo entre 1934 e 1958 será tratada no próximo capítulo. Nesta instância, é interessante pensar que durante seus dois governos (três mandatos), Perón governou somente parte de uma Copa do Mundo com participação de seu país. No primeiro mandato, entre 1946 e 1955 (reeleito em 1952 para governar até 1958, interrompido por um golpe de estado), os argentinos não disputaram nenhuma das Copas realizadas. Em 1974, na Copa da Alemanha, a Argentina compareceu, porém Perón faleceu em primeiro de julho daquele ano, e o evento ocorreu entre os dias 13 de junho e 7 de julho, sendo o último jogo da seleção no dia 03 de julho.

¹¹² AGOSTINO, *Op Cit.*, 2002, p. 165.

¹¹³ Trata-se do Estádio Municipal de Comodoro Rivadavia, na cidade de mesmo nome na província de Chubut, que não foi sede da Copa de 1978.

A questão dos estádios de futebol é fundamental para compreender a formação social do futebol no Brasil e na Argentina. Neste caso, consideramos os clubes que possuem capacidade para mais de trinta mil torcedores.¹¹⁴ Na Argentina, dos vinte e seis estádios, apenas seis não pertencem a algum clube, ou seja, são propriedade de algum poder estatal (provincial ou municipal). Entre eles, três foram construídos para a Copa de 1978. No Brasil, dos trinta e cinco estádios correspondentes a tal critério, vinte e três pertencem ou foram construídos por esferas estatais.¹¹⁵ Destes, catorze foram construídos durante o último regime civil-militar, como veremos ao longo deste trabalho.

Mesmo com a exigência de um estádio para os jogos no início do século XX, na Argentina o fenômeno da construção de grandes estádios ocorreu a partir do final da década de 1930, como no Brasil. O impacto da profissionalização transformou as relações e o próprio mundo futebolístico, e, como consequência, mais interessantes para o público, que entendia a participação estrangeira como um aumento na qualidade técnica das partidas. O torcedor já incorporava a ida aos estádios como parte de seus momentos de lazer, e a bilheteria arrecadada tornou-se uma importante fonte de renda para os clubes. O mercado ao redor do futebol crescia e se desenvolvia, e não demorou muito para os clubes perceberem a vantagem de ter estádios próprios e com capacidade para muitos torcedores. O espaço futebolístico se transformava a cada dia, tornando-se mais complexo e abrangendo cada vez mais setores da sociedade.

A partir da década de 1950, com o profissionalismo consolidado nos principais países capitalistas e com as novas relações desenhadas no mapa mundial esportivo, a nova grande mudança ocorreria a partir do Brasil.¹¹⁶ Em janeiro de 1958, João Havelange assumiu como presidente da CBD em meio a uma *crise do futebol brasileiro*,¹¹⁷ e quando se retirou em 1975, a seleção brasileira era tricampeã do torneio.

¹¹⁴ Este é usualmente o parâmetro usado tanto pela AFA como pela CBF em suas estatísticas.

¹¹⁵ Neste caso estão incluídos o Estádio João Havelange (conhecido como Engenhão), Rio de Janeiro (RJ), Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro (Arrendado pelo Botafogo de Futebol e Regatas); e o Estádio Elmo Serejo Farias (Boca do Jacaré), Taguatinga (DF), Governo do Distrito Federal (Arrendado pelo Brasiliense Futebol Clube).

¹¹⁶ Nos países comunistas, o esporte permanecia como amador. Sobre este tema, ver os trabalhos de EDELMAN, Robert “Moscow 1980: Stalinism or Good, Clean Fun?” In TOMLINSON, Alan e YOUNG, Christopher (org). *National Identity and global sports events – culture, politics and the football world cup*. Albany: State University of New York Press, 2006; e VASCONCELLOS, Douglas Wanderlei. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011.

¹¹⁷ A crise era consequência do fracasso nas Copas do Mundo até então, principalmente nas edições de 1950, no Brasil e 1954, na Suíça.

A chegada de Havelange simbolizou uma significativa mudança no futebol brasileiro, que já era o principal esporte para a CBD, e o fim da geração de dirigentes que transformou o espaço esportivo brasileiro com o profissionalismo. As novas diretrizes eram, principalmente, conseguir a primeira vitória na Copa do Mundo. Havelange mudou também a própria estrutura da CBD, que passou a funcionar com uma lógica de geração de lucro através dos esportes.¹¹⁸ Foi juntando estes dois objetivos que o novo dirigente investiu em muitos amistosos da seleção, aumentando a arrecadação da entidade, o que também foi feito através de empréstimos a longo prazo com a Caixa Econômica Federal e, após o êxito internacional com a conquista do tricampeonato na Copa De 1970, com publicidade. Como vimos anteriormente neste capítulo, a transformação feita por Havelange não se limitou à CBD e ao esporte brasileiro, foi também posteriormente para a FIFA.

Entretanto, se internamente os dirigentes e jogadores disputavam os interesses do esporte, exteriormente o objetivo era comum: a vitória da seleção nacional. Desde o primeiro momento, o futebol foi marcado pela questão da representação da pátria pelos jogadores em campo. E apesar do controle da história e da memória do futebol que a FIFA procura ter desde sua fundação, as seleções nacionais já organizavam confrontos entre si e disputavam seu orgulho em batalhas nos estádios antes mesmo da institucionalização esportiva.

¹¹⁸ Esse tema será retomado ao longo da tese, no período de Havelange na CBD na época da ditadura e posteriormente, na presidência da FIFA durante a Copa de 1978.

2. Brasil e Argentina “entram em campo”

Na América do Sul, os jogos entre as novas entidades recém-criadas ocorreram antes mesmo da fundação da FIFA. Em 1901, por exemplo, os argentinos jogaram sua primeira partida internacional contra os uruguaios, em Montevideú. Já o primeiro jogo internacional oficial da seleção brasileira foi contra a Argentina no que ficou conhecido posteriormente como Copa Roca, torneio organizado pela primeira vez em 1914. Idealizado pelo ex-presidente e então Ministro das Relações Exteriores argentino Julio Argentino Roca, foi nomeada em sua homenagem. O torneio se resumia ao enfrentamento entre Brasil e Argentina, e foram onze edições até 1976, quando foi interrompido. Em 2011 a AFA e a CBF retomaram a competição, renomeada como Superclássico das Américas, com uma segunda edição em 2012, ambas vencidas pelos brasileiros.

Este tipo de partida foi comum ao longo do século XX, como forma de integração entre países. No caso do Brasil, disputas semelhantes foram feitas com o Uruguai (a Taça Rio Branco),¹¹⁹ com o Paraguai (Taça Rodrigues Alves em 1922 e depois Taça Oswaldo Cruz entre 1950 e 1976, com oito disputas), e com o Chile (Taça Bernardo O’Higgins, entre 1955 e 1966, disputada cinco vezes).¹²⁰

Entre Argentina e Uruguai foram diversos os torneios, o que refletia o destaque das duas seleções no cenário regional das primeiras décadas do século XX. O primeiro foi a Copa de Caridad Lipton, disputada 29 vezes entre 1905 e 1992, no início quase anual, mas ao longo dos anos foi tornando-se esporádico, sendo as duas últimas edições em 1976 e 1992. Seu nome é uma homenagem ao inglês Thomas Lipton, quem doou a taça do evento. Outra disputa foi Copa Newton, cujo primeiro encontro foi em 1906, e foi jogada 27 vezes até sua última edição, em 1976. Também foram organizados eventos deste tipo com outros países, como a Copa Marechal Ramón Castilla, disputada com o Peru, com apenas três edições, em 1972, 1976 e 1978; e a Copa Carlos Dittborn, contra o Chile, disputada nove vezes entre 1962 e 1976.¹²¹

¹¹⁹ A primeira edição deveria ter ocorrido em 1922, no marco das comemorações do centenário da independência do Brasil. Porém, após a insatisfação da Federação uruguaia com a atuação de um juiz durante o VI Campeonato Sul-Americano que ocorreu no Rio de Janeiro no mesmo ano –alegando que o árbitro tentava beneficiar os brasileiros ao favorecer o Paraguai–, a Taça foi cancelada. Somente em 1931 ocorreu a primeira disputa, e foram no total de dez edições, até 1976.

¹²⁰ ASSAF, Roberto e NAPOLEÃO, Carlos Antonio. *Seleção Brasileira, 1914-2006*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

¹²¹ www.afa.org.ar. Site consultado em 15/10/2011.

Mas, apesar dos diversos jogos que procuravam criar e melhorar as relações entre os países envolvidos, as entidades futebolísticas também foram espaço de conflito. Em 1922, por exemplo, insatisfeita com atitude de um árbitro brasileiro que apitou o jogo do Sul-Americano entre Uruguai e Paraguai (o resultado favorável ao segundo significava a classificação brasileira), os uruguaios se retiraram do torneio e se recusaram a jogar a Taça Rio Branco contra a seleção brasileira. Em 1925, foi a vez da CBD mostrar sua indignação com o apoio da escolha da sede dos jogos Sul-Americanos de 1927 no Chile, o que levou os brasileiros a retirarem-se da CONMEBOL.¹²²

Ao longo dos anos, Brasil e Argentina também romperam relações futebolísticas. Em 1946, também em função de conflitos na final do Sul Americano, desta vez em Buenos Aires, as duas seleções proporcionaram o que no futebol se descreve como batalha campal:

Além das costumeiras provocações de lado a lado, tão comuns nessas decisões, ainda antes de a bola rolar, os dirigentes argentinos promoveram um espetáculo bastante singular, visando acalantar o ânimo dos torcedores. Batagliero, jogador que quebrara a perna em uma partida três meses antes, jogando contra a seleção brasileira no Rio de Janeiro, desfilou para a torcida carregado em uma maca. Iniciado o jogo, as tensões cresciam minuto a minuto, culminando, ainda no primeiro tempo, com o choque entre Jair Rosa Pinto e o capitão argentino Salomon, com o atleta porteño fraturando a tibia e a fíbula. Indignada com o incidente, a torcida invadiu o campo, obrigando o time brasileiro a se esconder no vestiário. Depois de mais de uma hora de paralisação, o policiamento garantiu o restabelecimento da ordem, pressionando para que os brasileiros voltassem ao campo. O jogo continuaria. Com apenas dez jogadores de cada lado, os argentinos marcaram dois gols e sagraram-se campeões da competição.¹²³

Após a partida, os conflitos entre a AFA e a CBD se estenderam por dez anos, o que significou não só a ausência de confrontos diretos entre os dois países, mas também a não participação da Argentina na Copa de 1950 no Brasil. Rapidamente, as seleções *roubaram* o protagonismo dos clubes no futebol internacional, e foi questão de tempo até que a FIFA organizasse seu próprio evento, dando o pontapé inicial para a maior competição esportiva do mundo.

¹²² A CBD recuou a partir de 1929, com a confirmação do Uruguai como sede da Primeira Copa do Mundo, para evitar, assim, conflitos com a própria FIFA.

¹²³ AGOSTINO, *Op Cit*, 2002, pp 164-165.

Capítulo 2: Bola Rolando

A cada quatro anos, o mundo do futebol se concentra para saber quem será o novo rei do espetáculo, e vencer a Copa do Mundo da FIFA é na perspectiva futebolística, a maior conquista que um país pode desejar. Muitos grandes jogadores entraram e continuarão entrando para a história do esporte como meros coadjuvantes, ou pelo menos, motivo de discórdia, pelo fato de nunca terem erguida a cobiçada taça pela sua seleção. Da mesma forma que outros talvez não tão brilhantes fiquem para sempre na memória esportiva por sua participação em uma conquista.

Para alguns países, a Copa do Mundo é o momento máximo de expressão do nacionalismo através deste esporte, pois é quando as nações são ratificadas na seleção de cada país. E é neste contexto que alguns governos passam a considerar a seleção de futebol pela nação que representa e “símbolos nacionais de diferentes ordens se fundem, bandeiras, hinos, cada elemento tomado como peça em uma unívoca ideologia da superioridade nacional sobre o resto do mundo”.¹²⁴ E se o futebol é um importante elemento de formação da identidade, as Copas são os momentos em que ela se manifesta em relação ao *outro*, a partir do reconhecimento da seleção nacional como elemento de uma determinada *comunidade imaginada*.¹²⁵

Antes do primeiro evento em 1930, no Uruguai, a principal disputa esportiva internacional eram os Jogos Olímpicos. Desde sua fundação a FIFA demonstrou interesse em realizar o seu próprio torneio que:

(...) repetiu a dupla face do internacionalismo esportivo do início do século: de um lado, o desejo de aumentar os encontros esportivos e, assim, reforçar a cooperação e compreensão entre os povos; do outro, organizar um confronto atlético que permitisse estabelecer uma hierarquia de nações de acordo com seus méritos esportivos.¹²⁶

¹²⁴ GASTALDO, E. L. e G., S. L. “De pátrias e de chuteiras”. In Gastaldo, Edison Luis e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, pp. 7-12, p. 8.

¹²⁵ DAMO, A. S. “O ethos capitalista e o espírito das Copas” In Gastaldo, Edison Luis e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Op Cit*, 2006, pp. 39-72. A idéia de *comunidade imaginada* utilizada pelo autor é a desenvolvida por ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, Cidade do México: FCE, 1993.

¹²⁶ DIETSCHY, P.; GASTAUT, Y.; MOURLANE, S. *Histoire Politique des Coupes du Monde de Football*. Paris : Vuibert, 2006, p. 14. “(...) reprenait la double face de l’internationalisme sportif du début du siècle : d’un côté, le désir de multiplier les rencontres sportives internationales et renforcer ainsi la coopération et la compréhension entre les peuples ; de l’autre, il s’agissait d’organiser une confrontation athlétique que permettant d’établir une hiérarchie des nations selon leurs mérites athlétiques”. Tradução realizada pela autora.

A competição foi adiada por diversas razões, como a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, as crises econômicas e políticas que enfrentou a Europa nas primeiras décadas do século XX, a falta de recursos da entidade e a dificuldade entre as seleções europeias de chegar a um consenso sobre a competição. Frente a este quadro, a entidade optou por um acordo com o COI, que aceitou incluir o futebol nos Jogos Olímpicos. Portanto, entre 1908 e 1928 foi esta a competição considerada oficial pela FIFA. O Uruguai venceu duas vezes, em 1924 e 1928, o que significou seu reconhecimento como uma das principais seleções pela entidade, e para os uruguaios, o bicampeonato mundial.¹²⁷ Nas Olimpíadas de 1932, devido aos conflitos entre o COI e a FIFA na questão do amadorismo e profissionalismo dos atletas, o evento não incluiu a disputa futebolística. A FIFA decidiu, então, no XVIII Congresso da entidade em 1928 em Amsterdam, Holanda, realizar a sua própria competição.¹²⁸ Todos os países integrantes foram convidados e não houve necessidade de realizar eliminatórias prévias, única vez que isso ocorreu na história da competição.¹²⁹

Ao longo de suas edições desde a primeira em 1930, a Copa do Mundo foi se adaptando, mudando sua organização, seu alcance e até mesmo sua lógica, de uma disputa entre seleções para um objetivo mais comercial dentro da FIFA. Os estudos técnicos da entidade, que começaram a partir da IX Copa, no México em 1970, mostram estas alterações, como no número de países participantes, as substituições nos jogos, o uso de cartões vermelho e amarelo, a capacitação dos árbitros, a preparação das seleções, entre outros.¹³⁰ Como veremos ao longo deste capítulo, o grande espetáculo esportivo possui sua própria história e memória, que precisam ser consideradas na análise de casos específicos.

¹²⁷ A FIFA não reconhece as vitórias olímpicas como Copas do Mundo, que para a entidade é outra competição que somente passa a ser considerada a partir de 1930. Por isso, ao vencer a Copa do México em 1970 o Brasil foi considerado o primeiro tricampeão da FIFA, e não o Uruguai com o campeonato em casa na inauguração do torneio.

¹²⁸ www.fifa.com, site consultado no dia 05/11/2011. Segundo o sitio da entidade, os Congressos ocorrem normalmente a cada dois anos. De fato, nunca houve uma data fixa, e diversos encontros extraordinários tiveram lugar ao longo dos mais de cem anos de sua existência. Na mesma página, a FIFA destaca alguns deles: o V, realizado em 1908 em Viena, quando se decidiu pela primeira vez organizar disputas entre seleções; o XVIII em 1929 na cidade de Barcelona, quando escolheram a sede da Primeira Copa do Mundo; o XXV, em 1946, em Luxemburgo, o primeiro após a Segunda Guerra, marcado pelo retorno das quatro seleções britânicas à FIFA; em 2003, o Congresso Extraordinário, realizado pela primeira vez no Oriente Médio, em Doha, e com todos os países afiliados.

¹²⁹ DIETSCHY, P.; GASTAUT, Y.; MOURLANE, S. *OP Cit*, 2006.

¹³⁰ Arquivo Institucional FIFA, Zurique, Suíça.

1. A pátria em campo

Apesar da rivalidade entre europeus e latino-americanos pela liderança no futebol mundial, a realização da primeira Copa do Mundo em um país da América do Sul teve como principal razão as crises política e econômica europeias do período entre guerras. Ademais, o Uruguai, além de se destacar por seus dois campeonatos olímpicos, comemorava em 1930 o centenário de sua independência, e o governo local aceitou pagar os gastos de viagens dos participantes.¹³¹ A confirmação ocorreu em maio de 1929, no Congresso da FIFA em Barcelona, o que significou pouco mais de um ano para a organização por parte dos anfitriões.

Diversas seleções europeias, como Inglaterra e Itália, não participaram do torneio. Outras, como Espanha e Suécia, que também se candidataram a sediar os jogos, argumentaram agir como forma de protesto pela escolha da sede na América do Sul, por considerarem que isso significava um desequilíbrio de poder a favor das entidades sul-americanas. As associações europeias também afirmavam a impossibilidade de afastamento de alguns jogadores profissionais por até dois meses, em função da longa viagem marítima para chegar ao Uruguai. Em 1930, o profissionalismo já era uma realidade na maioria dos países da Europa, e seus clubes não aceitavam, com a nova condição, ficar um período tão longo sem seus principais atletas.¹³² Finalmente, participaram Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Chile, Estados Unidos, França, Iugoslávia, México, Paraguai, Peru, Romênia e o anfitrião Uruguai.

A seleção argentina chegou à final da primeira Copa, contra a seleção anfitriã. Já neste primeiro acontecimento perceberam-se conflitos que marcariam o futebol internacional e regional – por exemplo, a atitude de alguns torcedores argentinos, que após a derrota na final apedrejaram o consulado uruguaio em Buenos Aires, e ao retornar à Buenos Aires, o presidente da Associação Amateur Argentina de Football rompeu relações com a entidade uruguaia. Apesar da ideia da FIFA do futebol como um promotor das boas relações entre os países da entidade, desde o início o nacionalismo esteve presente como principal eixo das disputas.

A segunda Copa do Mundo ocorreu em 1934, na Itália. Após as questões envolvendo a localização do primeiro evento, as diversas federações europeias exigiram a realização no seu continente. O Uruguai, como protesto pelo boicote sofrido na edição

¹³¹ SARMENTO, Carlos Eduardo *Op. Cit.*, 2006.

¹³² www.fifa.com, site consultado no dia 10/11/2011.

anterior, se recusou a participar. Foi também a primeira Copa em que foram jogadas eliminatórias, devido ao aumento no número de seleções interessadas para trinta e quatro, com a participação final de dezesseis.¹³³ A Itália vivia sob o regime fascista de Benito Mussolini, que utilizou o evento como um espaço para difusão de sua propaganda, e a organização do evento foi responsabilidade do secretário geral do Partido Nacional Fascista, Achille Starace. Também se tornou referência à pressão feita por Mussolini pela vitória, tanto sobre seus atletas como sobre árbitros e outros responsáveis. A Itália consagrou-se campeã, o que serviu no discurso oficial fascista como uma forma de legitimação do regime.¹³⁴

A segunda edição da Copa se tornaria, assim, uma espécie de momento inaugural e referência do uso político desta competição. A partir dela, as edições seguintes alvo de crítica, como a Argentina em 1978, passaram a ser analisadas pela lógica de se houve ou não uso político pelo país sede. Com a realização das Olimpíadas em Berlim em 1936, esta visão vai ganhar força, pelo uso do governo nazista do evento como veículo de propaganda.

Além de ser o “ponto inicial” da do esporte como arma política de ditaduras, a partir da Itália em 1934 ficou estabelecida também a crítica ao uso pelo país sede. As denúncias futuras não seriam aos participantes ou vencedores, mas aos que recebem tais eventos esportivos.¹³⁵ O caso da vitória do Brasil na Copa de 1970, no México, e da própria Itália fascista na Copa de 1938, na França, países que não sofriam as mesmas acusações internacionais –apesar de o regime mexicano daquele momento ser contestado por seu caráter autoritário–, não receberam a mesma crítica ou contestação por seu uso político pelo fato dos países vencedores não terem sediado o evento. No material produzido pelo COBA, por exemplo, os organizadores procuram deixar esta posição clara:

Além disso, é claro, nós não questionamos o boicote da Copa do Mundo em si, não é o fenômeno esportivo que é tido como alvo principal, mas isso é porque tem lugar na Argentina, com a situação política particular que reina por lá, (...).¹³⁶

¹³³ Os participantes foram: Alemanha, Argentina, Áustria, Bélgica, Brasil, Egito, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Hungria, Itália, Romênia, Suécia, Suíça e Tchecoslováquia (BUFALI, Andrés Alberto, BOIMVASER, Jorge Daniel e CECCHINI, Daniel Guillermo. *El libro negro de los Mundiales de Fútbol*. Buenos Aires: Planeta, 1994).

¹³⁴ AGOSTINO, *Op. Cit.*, 2002.

¹³⁵ Como veremos, o México em 1970 também vivia uma situação política autoritária, ainda que não propriamente uma ditadura. Porém, não foi questionada a realização da Copa em 1970 como das Olimpíadas em 1968 naquele país.

¹³⁶ Arquivo COBA, Cote: F Delta 1831, Fundo COBA, BDIC, Paris, França, destaques no original. “Par ailleurs, évidemment, nous ne demandons pas Le boycott de la Coupe du Monde EN SOI, ce n’est pas le

A questão das denúncias não se referia, portanto, ao vencedor, já que era impossível garantir a vitória, mas ao país organizador, que recebia as atenções mundiais em virtude da competição esportiva. Esta observação é importante para pensar a situação de boicote proposta para a Copa de 1978.

Na competição de 1934, Brasil e Argentina viviam situações distintas em seu futebol. A profissionalização deste esporte já era uma realidade nos dois países, mas novos conflitos surgiram. Os clubes, que agora pagavam por seus jogadores e de certa forma tinham o direito sobre os mesmos, não concordavam em liberá-los argumentando o prejuízo que sofriam com tais desfalques. A Argentina participou apenas com jogadores amadores, frente a recusa da Liga Argentina de Futebol de liberar os seus atletas para o evento.¹³⁷

Os problemas dos países da América do Sul com a FIFA, mais especificamente com as diversas federações que a compunham, foram longos. Nem o Uruguai (mantendo a posição de boicotar as sedes europeias) nem a Argentina participaram da Copa realizada na França, em 1938. Os argentinos, entre outras questões, alegavam seu protesto contra o uso de jogadores latino-americanos, de ascendência europeia, por seleções do velho continente. A seleção italiana, campeã em 1934, nacionalizou quatro jogadores argentinos e um brasileiro - alguns deles já haviam jogado na Copa anterior por seus países de origem-, o que levou a AFA a boicotar as competições seguintes.¹³⁸ Além disso, os argentinos criticavam também a escolha de uma nova sede europeia, sem realizar o rodízio entre América e Europa, proposto informalmente entre os países.¹³⁹ Entre as seleções americanas, apenas o Brasil e Cuba participaram.

Também não participaram da competição a Espanha, em plena Guerra Civil, o Japão, que se encontrava na guerra sino-japonesa, e a Áustria, anexada pelo estado Alemão. A Itália consagrou-se bicampeã, em um torneio que ficou marcado para muitos brasileiros como uma derrota injusta, que envolvia um polêmico pênalti a favor dos italianos no jogo que desclassificou a seleção *tupiniquim*.¹⁴⁰ De todas as formas, para o

phénomène sportif qui est pris comme cible première, mais c'est bien parce qu'il a lieu en Argentine, avec la situation politique particulière qui y règne, (...)" . Tradução realizada pela autora.

¹³⁷ Como dito no capítulo anterior, esta era uma Liga dissidentes, e, portanto não reconhecida pela FIFA.

¹³⁸ Os jogadores argentinos eram: Luis Monti, Raimundo Orsi, Guaita e Demaría; o brasileiro, Anfiloquio Marques Filo.

¹³⁹ AGOSTINO, Gilberto. *Op Cit*, 2002.

¹⁴⁰ GUTERMAN, Marcos. *Op. Cit*, 2009.

Brasil aquela Copa teve um significado especial, já que pela primeira vez o torneio adquiriria um sentido de representação da pátria nos gramados estrangeiros.

No Brasil, os meios de comunicação tiveram um papel fundamental na construção de um sentimento nacional em relação à seleção. A Copa de 1938 foi trabalhada como uma oportunidade do Brasil se mostrar no exterior, com os jogadores representando o próprio povo brasileiro, como o ídolo Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, símbolo da mestiçagem do país.¹⁴¹ O presidente Getúlio Vargas não hesitou em associar a própria seleção ao povo brasileiro, seu caráter democrático e lutador. Além disso, pela primeira vez os jogos seriam transmitidos pelo rádio, o que significou uma nova forma de participação para o torcedor, justamente o meio de comunicação que era característico do presidente como canal de diálogo com a sociedade. A comoção nacional com o evento foi tamanha que foi enviado "um convite à senhorita Alzira Vargas [filha de Getúlio], que servirá de madrinha do 'scratch' e pude verificar que aceitou satisfeita".¹⁴² Mesmo com a desclassificação nas semifinais, a seleção foi recebida com grande festa no porto do Rio de Janeiro em seu retorno. Como aconteceria posteriormente em 1950, o sentimento da derrota teve um papel fundamental na afirmação do futebol como elemento de identidade do brasileiro.

Com o início da Segunda Guerra Mundial em 1939 e seu prolongamento na década de 1940, a FIFA suspendeu a realização das Copas programadas para 1942 e 1946. O Brasil era candidato para o primeiro dos eventos, e com o fim do conflito e a situação crítica dos países europeus, a América do Sul novamente foi escolhida sede. Foi a primeira Copa do Mundo em que a Inglaterra participou após suas discordâncias com a FIFA, o que teve forte repercussão pelo papel histórico do país na difusão do futebol moderno. Alemanha e Japão não foram autorizados a participar da competição, após o pedido de exclusão de outros países, após a crise da Segunda Guerra Mundial.¹⁴³

A Argentina, sob o governo de Juan Domingo Perón, novamente optou por não participar do torneio. No site da AFA justifica-se mais esta ausência por diferentes questões:

Brasil 1950 también fue otra cita en la que Argentina estuvo ausente. Cuando el máximo organismo del fútbol mundial decidió que los brasileños llevaran adelante esa Copa, los argentinos se negaron a disputarla. El año anterior, en ocasión de la victoria 2-0 de Argentina por la Copa América Extra, se produjo una violenta gresca que generó la

¹⁴¹ NEGREIROS, P. J. L. de C. *Op. Cit.*, 1997.

¹⁴² Idem.

¹⁴³ *Programa Oficial para el IX Campeonato Mundial de Fútbol*, Cidade do México, 1970. Arquivo Institucional da FIFA, Zurique, Suíça.

ruptura de relaciones deportivas. Además, la huelga de 1948 que había hecho emigrar a muchas figuras a Colombia, ocasionó que desde el gobierno del General Juan Domingo Perón desistieran de participar del Mundial.¹⁴⁴

Em um documento preparado sobre as diversas edições da Copa em comemoração à sua IX edição, no México em 1970, a FIFA confirma este conflito entre os dois países, explicando que:

Los ches [os argentinos] no habían concurrido al sudamericano, organizado en Río de Janeiro de abril a mayo de 1949, y, en represalia, la Confederación de Deportes de Brasil no autorizó al Bangú para que jugara en la Argentina, ni en otro sitio, contra ningún equipo pampero. La Argentina respondió anunciando, en marzo de 1950, que organizaría una Copa del Mundo, por su cuenta, en 1951.¹⁴⁵

Como em diversas outras competições esportivas, a rivalidade regional entre Brasil e Argentina também se refletia no futebol.¹⁴⁶ Sem a realização de eventos internacionais como os Jogos Olímpicos e as Copas do Mundo nos períodos das duas grandes guerras mundiais, os países sul-americanos, afastados geograficamente do conflito, mantiveram suas disputas regionais. Foi assim que o Sul-Americano e a Copa Roca tornaram-se os principais espaços de confrontos entre os dois países. Sem os principais vizinhos participando das Copas do Mundo, a rivalidade brasileira se construiu a partir de outras disputas. Mas, com o retorno do Uruguai à competição da FIFA em 1950, o clássico entre ambos tornou-se o principal do futebol sul-americano, e foi assim até a Copa de 1978, quando a consagração argentina como campeã, ao mesmo tempo em que o futebol uruguaio decaiu no cenário internacional, e a rivalidade entre Brasil e Argentina se consolidou.

Em 1948 o Brasil confirmou que seria sede da quarta edição da Copa. Em apenas dois anos, foi construído o maior estádio do mundo na época, o Mario Filho, popularmente conhecido como Maracanã, na zona norte do Rio de Janeiro. Para os brasileiros, era uma oportunidade de marcar seu lugar na nova ordem mundial que surgiria em seguida com a Guerra Fria. Portanto, o evento era um palco para mostrar a capacidade do brasileiro, assim como sua suposta superioridade futebolística. E se a

¹⁴⁴ www.afa.org.ar, site consultado no dia 20/10/2011. A Colômbia, por não ser filiada à FIFA naquele momento “não se via presa às questões financeiras referentes a passes e transferências de atletas, podendo pagar somas astronômicas aos jogadores” (AGOSTINO, *Op Cit*, 2002, p. 167).

¹⁴⁵ *Programa Oficial para el IX Campeonato Mundial de Fútbol*, Cidade do México, 1970, p. 81. Arquivo Institucional da FIFA, Zurique, Suíça.

¹⁴⁶ Brasil e Argentina se enfrentaram em Copas do Mundo quatro vezes. A primeira foi em 1974, na Alemanha, com vitória brasileira; a segunda em 1978, na Argentina, com um empate; a terceira em 1982,

construção do novo estádio reacendia as disputas entre Rio de Janeiro e São Paulo, também “[...] representava a própria monumentalização do projeto nacional desenvolvimentista e reforçava a atuação do povo e do governo, trabalhando juntos pelo engrandecimento do Brasil”.¹⁴⁷

O investimento da CBD na seleção mostrava que a vitória era o objetivo principal, que significaria também o êxito do modelo que se tentava mostrar ao exterior. A população participou ativamente das comemorações e do espetáculo, em uma época em que o futebol já era o esporte das massas e principal entretenimento coletivo. Procurou-se valorizar também a suposta democracia racial do país, considerado como um exemplo no mundo pós Guerra. Na memória, ficou a confiança da vitória antes do jogo final contra o Uruguai, como descreve o escritor e jornalista uruguaio Eduardo Galeano:

El dueño de casa estrenaba el estadio más grande del mundo. Brasil era una fija, la final era una fiesta. Los jugadores brasileños, que venían aplastando a todos sus rivales de goleada en goleada, recibieron en la víspera, relojes de oro que al dorso decían: *Para los campeones del mundo*. Las primeras páginas de los diarios se habían impreso por anticipado, ya estaba armado el inmenso carruaje de carnaval que iba a encabezar los festejos, ya se había vendido medio millón de camisetas con grandes letreros que celebraban la victoria inevitable.¹⁴⁸

Como sabemos, o final não foi o esperado, e a seleção brasileira perdeu o título para os uruguaios em um Maracanã lotado. O trauma de 1950 se perpetuaria por décadas, e a própria idéia de democracia racial foi questionada com a derrota, em algumas acusações de que os jogadores negros foram os responsáveis.¹⁴⁹ O goleiro Moacir Barbosa Nascimento, conhecido simplesmente como Barbosa, foi o principal culpado pelos jornais e torcedores. Na memória sobre a derrota, ficou a frase do próprio goleiro: “A maior pena que existe para um crime no Brasil é de trinta anos. Mas desde 1950 eu sou condenado”.¹⁵⁰ Entretanto, como posteriormente mostraram diversos autores ao trabalhar este episódio, entre eles Giselle Moura e Marcos Guterman, foi o sentimento de dor, um verdadeiro luto coletivo, o responsável pela afirmação, a partir de

na Espanha, novamente vitória brasileira; a última foi em 1990, na Copa da Itália, quando a Argentina venceu o confronto pela primeira vez.

¹⁴⁷ MOURA, Giselle, *Op Cit*, 1998, p. 37.

¹⁴⁸ GALEANO, Eduardo. *Fútbol a sol y sombra*. Madrid, Siglo XXI, 2003, p. 33.

¹⁴⁹ RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Forno, 1994.

¹⁵⁰ Moacir Barbosa Nascimento, citado por MORAES NETO APUD ABRAAO, B., e SOARES, A. “Que o Brasileiro Não Esquece Nem a Tiro É o Chamado Frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro.” IN Revista Movimento, Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 13-31, abril/junho de 2009, p. 1.

então, que o futebol e a seleção nacional se tornassem um dos pilares da nacionalidade brasileira.¹⁵¹

Tanto no Brasil como na Argentina, com a consolidação das Copas do Mundo como evento máximo do futebol internacional, a falta de títulos passou a ser interpretada e associada à inferioridade frente aos países já campeões. Foi nesse contexto que o mito da “fragilidade psicológica” da seleção marcou durante um período o futebol nacional. No caso brasileiro, o auge foi após a derrota de 1950 no Maracanã contra o Uruguai. A questão foi uma das principais justificativas para a mudança na administração da seleção feita por João Havelange ao assumir a presidência da CBD em 1958, quando uma equipe de psicólogos passou a acompanhar o grupo que iria às Copas do Mundo.

Na Argentina, a justificativa do trauma seria também as derrotas para o vizinho Uruguai, neste caso na final das Olimpíadas de Amsterdam em 1928 e na primeira Copa do Mundo, em 1930. Foi somente com a participação na Copa de 1966 na Inglaterra, em que os argentinos consideraram-se prejudicados pela arbitragem que favorecia a seleção local, que esta imagem mudou, e “amadurecida”, a seleção passou ao rol da elite mundial de acordo com seus torcedores.

Deste trauma psicológico e de sua superação criou-se e fortaleceu-se em ambos os países a lógica da disputa entre os modelos do *futebol arte* (Brasil)/ *criollo* (Argentina) versus *futebol força* (Europa), debate que, como veremos ao longo desta tese, marcou a identidade futebolística brasileira e argentina. É interessante pensar que tanto o mito da debilidade psicológica da seleção como a disputa dos modelos passa pelo espaço da Copa do Mundo. No mesmo período em que tais discussões ocupavam jornais e revistas especializadas nos dois países, as seleções continuavam vencendo constantemente os Sul-Americanos e outras competições internacionais. Porém, o jejum mundial permanecia, e o Uruguai, bicampeão olímpico e da Copa da FIFA, reinava absoluto na América do Sul. A importância da vitória no torneio mundial se destacava, e tornava-se ao longo do tempo o principal status e objetivo.

Em 1954, na Copa da Suíça, o trauma de 1950 permaneceu, e novamente a atuação da seleção brasileira foi decepcionante. Os argentinos não participaram, mantendo sua postura de desacordo com as entidades futebolísticas. Em paralelo, as competições regionais entre seleções sul-americanas ocorriam frequentemente, e se consolidavam da mesma forma que a própria Copa do Mundo.

¹⁵¹ MOURA, Giselle. *Op. Cit.*, 1998; GUTERMAN, Marcos *Op. Cit.*, 2009.

Mas a atitude isolacionista da seleção argentina começou a mudar no segundo mandato de Perón, entre 1951 e 1955, com a retomada da participação nas eliminatórias da Copa, por exemplo. Diferente do caso de Vargas, Perón não teve a oportunidade de utilizar a competição como parte de seu projeto nacionalista, já que o país não participou de nenhuma Copa durante os seus dois primeiros mandatos. Além da ausência já citada em 1950 no Brasil:

Posteriormente, en el año 1954, el equipo nacional tampoco concurrió a disputar el Campeonato Mundial de Fútbol, aunque esta vez viajó una delegación a Suiza, en donde se desarrolló el evento, para sacar algunas conclusiones que pudieran ser útiles para seguir enriqueciendo a nuestro juego.¹⁵²

Os anos fora do cenário internacional demorariam a ser recuperados. Para um país que acreditava na superioridade de seu futebol, e por isso não necessitaria prová-lo em competições que não considerava interessante, foi um duro golpe ver seu vizinho, e um dos principais rivais, consagrar-se tricampeão mundial em apenas quatro disputas. Enquanto o Brasil se afirmaria como potência máxima do futebol mundial, a Argentina começaria a planificar e superar a ausência em duas décadas de Copas do Mundo.

2. A era da vitória verde amarela

No Brasil, a perda do título em 1950 e 1954 desencadeou uma campanha, em grande parte difundida pelos meios de comunicação e pela imprensa esportiva, de que a sociedade brasileira não estava madura para a conquista. Colocava-se em discussão muito mais que a capacidade de jogo da seleção, mas a própria capacidade do povo.¹⁵³ Foi por isso que, com a entrada de João Havelange na CBD, o principal projeto da entidade era conquistar uma Copa do Mundo. No evento de 1958, realizada na Suécia, a estratégia da entidade visava superar o derrotismo dos anos anteriores:

A ideia, encampada pela nova presidência da CBD, era dotar o selecionado brasileiro de todo um conjunto de forças auxiliares que pudessem promover a superação de suas tradicionais deficiências. Para vencer era necessário organizar-se, programar-se estrategicamente e curar mazelas físicas, morais e psicológicas. Só assim se poderia pavimentar o caminho para a conquista mundial. Encontramos embutida nesse discurso uma clara proposta civilizatória, que procurava incorporar à representação simbólica da

¹⁵² DI GIANO, Roberto. “El fútbol en el marco de políticas nacionalistas”. In Revista Digital, Buenos Aires, ano 8, número 55, dezembro de 2002, s/n.

¹⁵³ MOURA, Giselle A. *Op. Cit.*, 1998.

nacionalidade um conjunto de elementos então associados à modernidade e ao progresso. Nesse sentido, a seleção brasileira de futebol enviada à Suécia poderia servir de parâmetro para a sociedade brasileira. O atraso só podia ser superado através da organização científica do trabalho.¹⁵⁴

A nova estrutura incluía uma comissão técnica completa, não apenas com um técnico, mas com um grupo de profissionais que trabalharia como na lógica de uma empresa privada, com tesoureiro, empresário etc. O foco deixava de ser a organização esportiva e a CBD se transformava aos poucos em um modelo administrativo empresarial.¹⁵⁵ A estratégia de Havelange deu certo, e o Brasil finalmente consagrou-se campeão do mundo em 1958. Iniciou-se uma nova era no futebol nacional, que, como vimos no capítulo anterior, em pouco tempo passaria para a transformação de toda a estrutura do futebol mundial com as mudanças incorporadas por João Havelange.

A conquista do primeiro campeonato foi celebrada como triunfo nacional nas ruas do país. O presidente Juscelino Kubitschek fez questão de receber os jogadores e toda a comissão, e participar da festa coletiva. A modernização do Brasil se via refletida na da própria CBD, que garantia o sucesso do modelo de nação. Surgia também a figura de Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, considerado o maior jogador de todos os tempos do futebol mundial. Nos anos seguintes, ele se tornaria chave também no sucesso da CBD, e nos projetos de seu presidente, João Havelange. Pelé tornou-se a figura que todos queriam ter por perto, e o governo civil-militar não hesitou em trabalhar esta questão a seu favor, e o “rei” Pelé tampouco hesitou em aproveitar as oportunidades que lhe apareciam, como será discutido ao longo desta tese.

Enquanto isso, a Argentina voltou a participar de Copas do Mundo em 1958, porém não passou da primeira fase da disputa, apesar de ter chegado como favorita. Inconformados, os torcedores:

(...) desahogaron su cólera por el 6X1 [contra a Tchecoslováquia] apedreando las oficinas de la Federación Argentina y luego, dándose cita en el aeropuerto, al regreso de la selección, la recibieron con insultos y abucheos y le lanzaron tomates y monedas en señal de desprecio. No hicieron más porque a los jugadores se les protegió con las macanas y mangueras de la policía y de los bomberos.¹⁵⁶

¹⁵⁴ SARMENTO, Carlos Eduardo *Op. Cit*, 2006, p. 97.

¹⁵⁵ Nesta lógica, o futebol era o foco principal já que era também a principal fonte de lucros da entidade. Com isso, diminuía cada vez mais o investimento e interesse em outras modalidades esportivas.

¹⁵⁶ *Programa Oficial para el IX Campeonato Mundial de Fútbol*, Cidade do México, 1970, p. 113. Arquivo Institucional da FIFA, Zurique, Suíça.

No evento seguinte, em 1962 no Chile, a campanha insuficiente se repetiu, e o país não conseguia se consagrar no cenário internacional fora da América do Sul. O futebol argentino permanecia mais focado na questão dos clubes que na seleção, ainda que o país conquistasse importantes títulos, como a Copa América em 1955, 1957 e 1959. Ou seja, era considerada uma potência regional, porém não mundial. A questão começava a incomodar os dirigentes, e iniciou-se um lento processo de reestruturação do próprio modelo *criollo*, considerado pela imprensa esportiva como ultrapassado em relação ao europeu.¹⁵⁷

Na Copa realizada no Chile o Brasil reafirmaria sua soberania futebolística com a conquista do bicampeonato, mesmo com a ausência de Pelé, machucado no início do torneio. Quem brilhou foi Manuel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha, estereótipo e símbolo do brasileiro: o malandro *gente boa*, humilde, que via o futebol como prazer, e não um trabalho. O presidente João Goulart também fez questão de receber os jogadores em seu retorno ao país, no tradicional ritual de recepção de atletas vitoriosos, e na primeira celebração esportiva na nova capital, Brasília.

Nos eventos seguintes, em ditadura ou em períodos de forte crise política e social (caso da Argentina em 1974), ambos os países vão enxergar a vitória esportiva com outros olhos. O contexto mudava, assim como o significado de erguer a taça, cada vez mais uma prova de superioridade que um troféu esportivo. Em sua interpretação, para estar na elite mundial, era preciso atingir a elite esportiva, e a taça da FIFA se tornava uma obsessão.

A VIII Copa do Mundo foi realizada em 1966 na Inglaterra, entre os dias 11 e 30 de julho. O evento foi marcado pelo “jogo duro” em campo, atuações mais violentas por parte dos jogadores, o que era conhecido como estilo europeu de futebol. As polêmicas envolvendo a arbitragem e o suposto favorecimento da equipe inglesa também foram destaque, a ponto de na edição seguinte, em 1970 no México, a FIFA realizar cursos de aperfeiçoamento para os árbitros.¹⁵⁸

A realização da Copa na Inglaterra tinha diversos significados: o presidente da FIFA, o inglês Stanley Rous, procurava melhorar as relações entre a entidade máxima

¹⁵⁷ Como dito, a discussão em torno da rivalidade entre um modelo latino-americano de futebol contra um modelo europeu –o futebol arte X o futebol força– marcou a imprensa esportiva de Brasil e Argentina durante as décadas de 1960 e 1970. Com a vitória inglesa em 1966, jornalistas de ambos os países passaram a considerar o fim do estilo sul-americano. Mas a identidade do jogo era revivida a cada nova vitória, como nos casos da Copa de 1970 para o Brasil e 1978 para a Argentina. De fato, até os dias atuais esta rivalidade é retomada no debate esportivo.

do futebol mundial e a Football Association, quem regulamentava o futebol inglês; além disso, o presidente também queria o retorno da Taça para os europeus, inconformados com as duas últimas vitórias brasileiras. O evento, de fato, marcava mais uma vez a constante disputa pela hegemonia do futebol mundial entre latino-americanos e europeus.

Após dois anos do golpe, o Brasil viveria a primeira Copa durante a nova ditadura. Com a campanha vitoriosa dos anos anteriores e o bicampeonato, o interesse não era apenas uma nova vitória, mas seu significado: a posse definitiva da Taça Jules Rimet. Esta conquista colocaria o Brasil num lugar privilegiado na história das Copas do Mundo e do futebol mundial.

Tradicionalmente, o vencedor da Copa do Mundo fica com a Taça até o evento seguinte, quando ela é entregue para o vencedor. No caso da Jules Rimet, a FIFA decidiu que a primeira seleção que conquistasse a competição três vezes ficaria com o troféu definitivamente, o que ocorreu em 1970 quando o Brasil foi tricampeão. A nova taça, entregue a partir de 1974, não é de posse definitiva.

A história da Jules Rimet é permeada de mitos. Durante a Segunda Guerra Mundial, ela estava em posse dos italianos, que tinham vencido a última disputa em 1938 e deveriam mantê-la em seu poder até o evento seguinte. Com a eclosão da guerra, a taça foi escondida pelo jogador italiano Otorino Barassi, que, segundo a lenda, teria evitado seu desaparecimento escondendo-a embaixo de sua cama.¹⁵⁹

Em 1966, a Jules Rimet foi roubada pela primeira vez, em Londres. Em função da realização da Copa na Inglaterra, foi organizada uma exposição em que o troféu foi exposto ao público. No dia 20 de março ela foi roubada, e encontrada apenas uma semana depois. A taça estava em um terreno, abandonada, e foi um cão (Pickles) quem a descobriu enrolada em jornais.

Após a conquista definitiva da Taça pela seleção brasileira em 1970, no México, a mesma ficou exposta na sede da CBD, no Rio de Janeiro. Em 20 de dezembro de 1983, ela foi roubada pela segunda vez, agora da sala da Confederação Brasileira de Futebol (CBF, fundada em 1979 com o fim da CBD), e nunca a recuperaram. Os

¹⁵⁸ *Programa Oficial para el IX Campeonato Mundial de Fútbol*, Cidade do México, 1970. Arquivo Institucional da FIFA, Zurique, Suíça.

¹⁵⁹ *Idem*.

responsáveis foram presos, e confessaram ter derretido o troféu, que tanto fascínio despertou no mundo.¹⁶⁰

Às vésperas da Copa da Inglaterra, a Argentina vivia uma nova crise institucional. O golpe civil-militar que derrubou o presidente Arturo Illia em 28 de junho de 1966 foi denominado por seus líderes Revolução Argentina. Foram três os presidentes militares deste período: Juan Carlos Onganía (1966-1970), Roberto Marcelo Levingston (1970-1971) e Alejandro Agustín Lanusse (1971-1973).¹⁶¹

No âmbito futebolístico, o país tentava recuperar seu prestígio internacional após décadas de isolamento das competições da FIFA, o que significou o fracasso nas Copas de 1958 e 1962. O técnico Juan Carlos Lorenzo, que se manteve mesmo com a derrota da Copa no Chile quatro anos antes, procurava balancear a abertura do modelo argentino de jogo com a identidade *criolla* dos atletas. A seleção começava a ganhar maior peso na sociedade, e o bicampeonato dos rivais Brasil e Uruguai tornava cada vez mais urgente a conquista de uma Copa do Mundo.

Novamente, o sonhado campeonato seria adiado. A participação dos argentinos no evento da Inglaterra foi marcada pela insatisfação com a arbitragem, principalmente no jogo contra a seleção anfitriã nas quartas de final.¹⁶² A expulsão de jogadores argentinos e as agressões dos mesmos no final do jogo transformaram aquela partida em um marco para o país: “a indignação dos jogadores eliminados chegou ao ponto de cuspirem em um bandeirinha, urinarem nos túneis e baterem violentamente na porta dos vestiários adversários”.¹⁶³ Depois, a Argentina foi sancionada pela FIFA e ameaçada de ser banida de futuros eventos pela entidade caso a atitude voltasse a se repetir, mas os argentinos voltaram para casa como heróis. O presidente Onganía recebeu os jogadores, afirmando que eles eram os campeões morais do evento. Alguns dias depois de seu fim, no Congresso oficial da FIFA, o país foi escolhido sede da Copa de 1978.

No caso brasileiro, apesar dos interesses, a ditadura optou em um primeiro momento por não interferir diretamente na estrutura da entidade, que, afinal, parecia funcionar para os objetivos buscados. Para a Copa da Inglaterra Havelange assumiu

¹⁶⁰ *Jules Rimet: A incrível história da Copa Do Mundo*. Direção: César Meneghetti, Filippo Macelloni, Lorenzo Garzella. Itália, Argentina. Não informado, 2010. DVD.

¹⁶¹ Lanusse realizou eleições em 1973, mas proibindo a participação direta de Juan Domingo Perón. O candidato peronista Héctor José Cámpora venceu as eleições, renunciou e convocou um novo plebiscito, vencido então por Perón.

¹⁶² A Argentina venceu o primeiro jogo contra a Espanha por 2X1, empatou o segundo em 0X0 com a Alemanha Ocidental e venceu o terceiro contra a Suíça por 2X0, resultados que garantiram sua vaga na fase seguinte. No jogo contra a Inglaterra a seleção anfitriã venceu por 1X0, desclassificando os argentinos.

também a função de chefe da delegação, mais uma mostra da importância da competição, que era agora responsabilidade direta do presidente da CBD.

Havelange buscou agradar também o cenário político, interessado em aproveitar a imagem favorável da seleção nacional, e “alegando a falta de recursos, a CBD procurou praticar uma política de menores custos, aceitando os convites de prefeitos e parlamentares que desejavam ter o selecionado treinando em suas cidades e redutos”.¹⁶⁴ Havelange percebeu a necessidade de agradar ao regime e seus aliados, e tornou a seleção nacional em objeto de propaganda. Diversos amistosos, aparições públicas e eventos foram marcados, com um número excessivo de jogadores convocados – alguns amistosos eram jogados com atletas regionais, e faltando pouco mais de um mês para a Copa, havia 44 jogadores convocados pelo técnico Vicente Feola, o que gerava um clima de disputa e insegurança no grupo-, e pouca preocupação na parte técnica e na preparação do elenco foram as marcas daqueles meses.

Como sabemos, a seleção fracassou nos gramados ingleses, após vencer dois dos três jogos da primeira fase e não conseguir a classificação para a etapa seguinte do torneio.¹⁶⁵ No Programa Oficial da FIFA para a Copa de 1970, a entidade cita a pressão por parte de alguns políticos para a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar o fracasso:

Un diputado federal, Anisio Rocha, recogió firmas entre los congresistas a fin e solicitar una investigación por la derrota pues había transcendido que, antes del partido contra Portugal, hubo una fuerte discusión en los vestidores entre la comisión técnica y Feola [técnico da seleção] quien había amenazado inclusive con renunciar.¹⁶⁶

A derrota deixou tanto Havelange quanto os demais membros da CBD numa situação delicada no retorno ao país, e o caso chegou a ser investigado pelo Serviço Nacional de Informações (SNI).¹⁶⁷ A CBD representava um importante espaço de poder e interesse para a ditadura, e:

a noção crescente entre os agentes do SNI era de que o futebol, por seu potencial de mobilização de massas, deveria ser mantido sob estreita e severa observação. Nesse

¹⁶³ AGOSTINO, Gilberto. *Op Cit*, 2002, p. 172.

¹⁶⁴ SARMENTO, Carlos Eduardo. *Op. Cit*, 2006, p. 118.

¹⁶⁵ A seleção brasileira venceu o primeiro jogo contra a Bulgária por 2X0, mas perdeu os outros dois, contra a Hungria e Portugal, por 1X3 ambos. O último jogo foi no dia 19/07.

¹⁶⁶ *Programa Oficial para el IX Campeonato Mundial de Fútbol*, Cidade do México, 1970, p. 162. Arquivo Institucional da FIFA, Zurique, Suíça

¹⁶⁷ SARMENTO, *Op. Cit*, 2006.

quadro, assumia importância ainda maior a gestão da seleção, mais uma vez compreendida como símbolo da representação nacional.¹⁶⁸

Frente a tais pressões, Havelange optou por certa abertura de poder dentro da CBD, e criou, em 1968 a Comissão Seleccionadora Nacional (Cosena), responsável pelos principais pontos na gerência da seleção: a escolha da comissão técnica e do treinador, e a análise dos jogadores escalados. Esta comissão era formada por dirigentes esportivos e também por representantes de políticos, o que significou uma entrada direta do governo na CBD, ou seja, uma forma de integração entre a entidade, antes fechada por Havelange, e os militares.

Apesar disso, o dirigente reitera até os dias de hoje que nunca sofreu qualquer tipo de pressão governamental, nem mesmo no período da ditadura civil-militar:

Primeiro eu nunca fiz política, não entra. Segundo, eu respeitei o sentimento de cada um, sobre aspecto de cultura e política eu não tenho nada a ver com isso, eu administro. (...) Eu acho que a gente quando é um atleta não tem que ver se a política é isso ou aquilo, ou então a senhora não vai ao país. Eu vou no país, eu vou respeitar. Eu fui muitas vezes ao Sadam Housseim, não era fácil. Mas nunca deixei de ir, sempre me recebeu. Nos primeiros momentos era mais violento, desagradável, depois se acalmava. Eu não tenho nada a ver com Israel, nem com “A”, nem com “B”; não faço política”.¹⁶⁹

Após a realização de alguns amistosos não convincentes,¹⁷⁰ a CBD desfez a Cosena, e nomeou como novo técnico da seleção João Alves Jobim Saldanha, jornalista e ex-técnico do Botafogo do Rio de Janeiro entre 1957 e 1959, tema que será tratado com profundidade no quarto capítulo. Após o fracasso da Copa de 1966, a seleção brasileira sofria com o descrédito junto a sua torcida, e tanto a CBD como o governo procuravam melhorar a imagem do grupo.

¹⁶⁸ Idem, p. 123.

¹⁶⁹ João Havelange. Entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 28/01/2010. Esta postura não foi exclusiva de seu período na CBD, mas também durante a presidência da FIFA Havelange insistiu em que não sofreu qualquer tipo de pressão política, e que tampouco as entidades se envolveram em questões fora do âmbito esportivo. A afirmação de Havelange (compartilhada por outros dirigentes esportivos, como Stanley Rous) merece ser questionada, considerando tanto entidades nacionais como internacionais do esporte. A FIFA, por exemplo, ao longo de seus cem anos teve diversas posições políticas claras, inclusive durante a presidência de Havelange, como o caso citado do apartheid na África do Sul, e a vista de Havelange ao ditador iraquiano Saddam Hussein. A questão é que tais entidades se posicionam apenas em determinadas situações, e a aceitação de outras, como eventos e membros de países ditatoriais, é justificada com o discurso do apolítico.

¹⁷⁰ Foram diversos os técnicos no período da COSENA, mas os resultados insatisfatórios começaram com Aymoré Moreira no cargo. Alguns dos placares foram: derrota por 2 x 1 para a Alemanha Ocidental, vitória por 6 x 3 contra a Polônia, derrota para a Tchecoslováquia por 2 x 3, vitória sobre a Iugoslávia por 2 x 0, vitória por 2 x 0 sobre Portugal, vitória por 2 x 0 e derrota por 1 x 2 contra o México e vitórias sobre o Peru por 4 x 3 e 4 x 0, todos os jogos fora do Brasil. (ASSAF, Roberto e NAPOLEÃO, Carlos Antonio. *Op. Cit.*, 2006).

3. O México recebe a festa

A IX Copa do Mundo da FIFA foi realizada no México em 1970, entre os dias 31 de maio e 21 de junho. Após os escândalos envolvendo a arbitragem na Copa de 1966 na Inglaterra e o suposto favorecimento dos donos da casa, a FIFA decidiu realizar um treinamento para os juízes e auxiliares nas vésperas da Copa, e pela primeira vez foram utilizados os cartões amarelo e vermelho como punição nos jogos. A entidade também procurou valorizar a ideia de *fair play* e jogo limpo, o que também foi uma forma de condenar a violência que dominou os campos ingleses. O evento foi novamente marcado pela disputa entre o modelo europeu e o latino-americano de jogar, tanto em campo como na imprensa especializada. De um lado o futebol força, que se consagrou na Copa anterior com a vitória inglesa, e do outro o futebol arte, naquele momento considerado por muitos como superado, mas que terminou ovacionado com a vitória brasileira.

Uma das principais preocupações da organização do evento foi a participação da seleção israelense e a possibilidade de atentados terroristas contra a mesma. A FIFA procurou evitar que o tema se transformasse em histeria coletiva, como a recusa de participantes de enfrentar a seleção de Israel para evitar consequentes ataques, e mais uma vez a posição da entidade foi de despolitizar a questão, enfatizando que se tratava de uma competição de cunho exclusivamente esportivo. Porém, os serviços secretos inglês e israelense atuaram durante o evento para garantir a segurança do mesmo.¹⁷¹

É importante considerar também a situação política mexicana no período. Em 1968, o país tinha sido sede dos Jogos Olímpicos, recebendo grande destaque internacional. Porém, a instabilidade política que levou a manifestações estudantis que culminaram no *Massacre de Tlatelolco*, apenas dez dias antes do início das Olimpíadas, não foi questionado internacionalmente por participantes da Copa de 1970. Novamente a FIFA e demais entidades ignoraram a situação política, e aceitaram a garantia

¹⁷¹ Apenas a federação marroquina mostrou-se de fato incomodada com a participação israelense: “La clasificación de Israel a la fase final había provocado la inmediata reacción de Marruecos, que amenazó con retirarse del campeonato. Las arduas gestiones de Rous lograron que el país del Norte de Africa diera marcha atrás, pero a cambio de determinada seguridad: -La FIFA deberá garantizar que el combinado de nuestro país no se enfrentará con la selección israelí – exigió el representante marroquí”. BUFALI, BOIMVASER e CECCHINI. *El libro negro de los Mundiales de Fútbol*. Buenos Aires: Planeta, 1994, p. 110.

mexicana de que o evento era viável e seria realizado.¹⁷² Se não era de fato uma ditadura, o país também não era exatamente uma democracia. O México enfrentava uma crise política e institucional, iniciada com as manifestações de 1968, e que mostravam o esgotamento do pacto estabelecido a partir da Revolução Mexicana:

A crise de 1968 não foi uma crise estrutural que pusesse em questão a existência da nação; foi, acima de tudo, uma crise política, moral e psicológica de convicções e valores que sacudiu os esquemas triunfais da camada governante; foi o anúncio sangrento de que os tempos haviam mudado sem que mudassem as receitas para enfrentá-lo.¹⁷³

Para o governo mexicano do presidente Gustavo Díaz Ordaz (1964-1970), do Partido Revolucionário Institucional (PRI, no poder desde 1946), que reprimiu de forma violenta as manifestações sociais, principalmente o movimento estudantil, era importante, que a Copa, assim como as Olimpíadas dois anos antes, servisse como uma janela para o mundo, de um país em mudanças, porém controlado política e socialmente. Ao mesmo tempo, o México era um país que recebia diversos exilados latino-americanos de esquerda, entre eles brasileiros, e receberia a partir de 1973 uruguaios, argentinos e chilenos, consolidando-se como um dos principais destinos dos exilados do Cone Sul.

Nas eliminatórias sul-americanas, Brasil, Uruguai e Peru garantiram uma vaga na competição. A Argentina novamente não participaria, o que levou mais uma vez a AFA a uma reflexão sobre a situação e as mudanças necessárias no modelo de gestão de sua seleção, visando atingir o nível das principais do mundo. O país pretendia ser parte da elite mundial no esporte, porém percebeu que precisava se adaptar a uma lógica que tentou se distanciar durante décadas.¹⁷⁴

No final da Copa, a FIFA organizou mais um de seus Congressos, onde foi decidido o presidente da entidade. João Havelange foi candidato, e significava uma

¹⁷² Esta questão é interessante para pensar depois o Boicote ao evento de 1978, que será tratado no capítulo seis desta tese.

¹⁷³ CAMIN, H. C e MEYER, L. *À sombra da Revolução Mexicana. História mexicana contemporânea, 1919-1989*. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 270.

¹⁷⁴ As eliminatórias foram marcadas principalmente pelo conflito entre Honduras e El Salvador, que ficou conhecido como “Guerra do Futebol”. Na disputa por uma vaga na Copa do México, tais países tiveram que se enfrentar em jogos de ida e volta. Porém, as tensões em relação à imigração salvadorenha a Honduras levaram a hostilidades que desembocaram em uma guerra após os dois jogos, que foram o estopim para o conflito. A FIFA decidiu que a partida de desempate seria jogada em campo neutro, e a cidade do México foi escolhida, o que significou uma oportunidade do governo mostrar que estava preparado para lidar com o tema segurança. O saldo final da guerra é de mais de dois mil mortos e quinze mil feridos. A seleção de El Salvador conseguiu a classificação (AGOSTINO, *Op Cit*, 2002).

ameaça real para o presidente Stanley Rous, que tentava novamente a reeleição e com isso manter a entidade máxima do futebol mundial em mãos europeias. Finalmente, “llegaron a un acuerdo: si el brasileño [Havelange] no se interponía en el camino del inglés a la reelección, Rous no pondría obstáculos a que el brasileño fuera su sucesor en 1974”.¹⁷⁵ O dirigente brasileiro aceitou a “oferta”, e sua candidatura somente ocorreu quatro anos depois.

4. Alemanha 1974: nova decepção

A X Copa do Mundo, realizada entre os dias 13 de junho e 7 de julho na Alemanha Ocidental, foi marcada pelo fantasma do terrorismo. Dois anos antes, nas Olimpíadas de Munique, a delegação israelense foi sequestrada por terroristas palestinos, episódio que ficou conhecido como Setembro Negro. Os onze reféns israelenses foram mortos, e a crise mostrou que, apesar da tentativa dos dirigentes esportivos em suas declarações públicas, esporte e política estavam em relação direta. O caso também chamou a atenção para a questão da segurança em grandes eventos internacionais, e abriu espaço para preocupações com a situação da guerrilha na Argentina na década de 1970.

Além da Copa da apreensão, foi também o último evento organizado por Stanley Rous, quem, no final da competição, seria vencido nas eleições realizadas no 35º Congresso da FIFA por João Havelange. No mesmo Congresso, em 1974, a Argentina era confirmada sede da XI edição da competição, apesar das dúvidas envolvendo a segurança devido à situação política do país. Os argentinos foram escolhidos sede da XI Copa de Mundo em 1966, dez anos antes do golpe civil-militar.

Antes mesmo de seu início o evento foi marcado por polêmicas. Na repescagem das eliminatórias, a União Soviética se recusou a jogar contra o Chile na capital deste país, argumentando que o regime do general Augusto Pinochet havia derrocado a apenas poucos meses o regime socialista de Salvador Allende.¹⁷⁶ Os jogos foram nos dias 26 de setembro de 1973, com o mando de Campo dos soviéticos, e 21 de novembro do mesmo ano no Chile, no Estádio Nacional, que até então funcionava como prisão de opositores à ditadura, o que, para muitos, simbolizava a própria repressão daqueles

¹⁷⁵ BUFALI, BOIMVASER e CECCHINI, *Op. Cit.*, p. 117.

¹⁷⁶ Idem, *Op. Cit.*, 1994.

tempos no país.¹⁷⁷ Frente a tal embate, a FIFA confirmou que o jogo seria no local indicado pelos chilenos e;

Le había comunicado el 10 de noviembre de 1973 a la Federación de Fútbol de la Unión Soviética que debería jugar en Chile. La respuesta desde Moscú demoró sólo dos días y contenía dos líneas de texto: “Con respecto a su telegrama del pasado 10 de noviembre, partido en Chile es imposible. Federación de Fútbol de la URSS”.¹⁷⁸

A ditadura esvaziou o estádio e manteve o *palco* do duelo, e mesmo sem a presença dos rivais, os jogadores chilenos entraram em campo, apoiados por torcedores que compareceram mesmo sabendo da não participação soviética. Para coroar a classificação, o jogador Francisco Chamaco Valdez fez um gol simbólico no Estádio Nacional.¹⁷⁹ Esta também foi a única vez em que a Alemanha Oriental e a Ocidental se enfrentaram em Copas do Mundo.

O Brasil, sem a maioria dos craques de 1970, teve uma participação apagada na competição. Após brilhar nos gramados mexicanos quatro anos antes, a seleção canarinho iniciava em solo alemão um longo período de jejum, que terminaria apenas com a vitória na Copa dos Estados Unidos em 1994. Por sua vez, a Argentina, que retornava após não ter sido classificada para o México em 1970, também não surpreendeu. Ambos foram eliminados na segunda fase, e a campeã foi a seleção anfitriã.

No Brasil a derrota significou a decisão do regime de militarizar definitivamente a seleção nacional, despedindo o técnico Zagallo e organizando uma comissão técnica formada por profissionais militares. Em 1975, a pressão do regime na CBD e as denúncias de corrupção envolvendo o presidente Havelange levaram a seu afastamento. O novo responsável pelo esporte brasileiro era o Almirante Heleno Nunes, e como técnico assumia Osvaldo Brandão.

Para os argentinos, a derrota foi ofuscada pela comoção nacional com o falecimento três dias antes do último jogo do presidente Juan Domingo Perón. Mas foi também um momento de ruptura: a partir de mais uma derrota, e visando garantir ao menos uma boa apresentação na Copa organizada em casa, a AFA projetou uma nova

¹⁷⁷ BUFALI, BOIMVASER e CECCHINI, *Op. Cit.*

¹⁷⁸ *Idem*, 1994, p. 133. Os autores informam também que os soviéticos foram multados em 5 mil francos suíços pela ausência.

¹⁷⁹ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ISQOqcQUiyY>. O vídeo também faz parte do DVD que acompanha esta tese.

tática, envolvendo um ex-jogador e técnico que vencida com um futebol empolgante e popular: César Luis Menotti.

5. *Todos jugando de argentinos:*¹⁸⁰ a Copa de 1978

Além da Argentina, o outro país candidato para sede da Copa de 1978 era o México, que renunciou após ser confirmado em 1964 como anfitrião do torneio de 1970. Na época da escolha, a Argentina vivia há poucos dias sob a ditadura liderada pelo General Onganía, e mesmo com as crises política, social e econômica que se agravaram ao longo dos anos, a escolha foi ratificada pela FIFA em 1974. No mesmo ano, o então presidente Juan Domingo Perón definiu que a organização da Copa seria responsabilidade do Ministério de Bem Estar Social, sob o comando de José Lopez Rega, através da “Comissão de Apoio ao Mundial”.¹⁸¹ Seus principais integrantes eram: Dr. David Lorenzo Bracuto, presidente; Dr. Santiago Leyden, vice presidente; Paukino Nimbro, Secretário geral; Oscar Ganete Blasco, chefe de imprensa, Osvaldo Sanchez, coordenador de imprensa.¹⁸²

A partir do fim da Copa da Alemanha em 1974, os olhos da FIFA se voltaram para a Argentina. As correspondências entre a Comissão e a entidade passaram a ser frequentes, abordando questões sobre a organização do evento. Para a FIFA, o país estava bastante atrasado e precisava acelerar as obras de infraestrutura e dar as garantias necessárias para a realização da Copa:

Declaração Geral a partir da visita em 1971.¹⁸³

Com satisfação e prazer, nós podemos mencionar que os líderes responsáveis da AFA estão inteiramente conscientes da extensão do trabalho a ser realizado e eles começaram a trabalhar com zelo e entusiasmo. Lembremo-nos, também, que antes de sua morte, o presidente havia elevado a organização da Copa do Mundo de 1978 na Argentina como "interesse nacional" e tinha assegurado estes responsáveis na AFA todo o apoio possível por parte das autoridades governamentais. Durante a reunião inaugural, em 10 de outubro, os porta-vozes dos departamentos governamentais competentes apresentaram um plano detalhado em nível nacional, especialmente em relação à infra-estrutura

¹⁸⁰ A frase faz referência ao slogan oficial do Ente Autárquico Mundial 78, “En el Mundial usted juega de argentino”.

¹⁸¹ José Lopez Rega também foi Ministro de Bem Estar Social de Isabel Perón, e foi o responsável pela organização e ação da Triple A, grupo paramilitar de direita que atuou na década de 1970.

¹⁸² Relatório AFA 1974, Arquivo Institucional FIFA, Zurique, Suíça.

¹⁸³ No documento aparece o ano de 1971, porém, o texto é referente à visita do Comitê da FIFA em 1974, pouco tempo após o falecimento de Juan Domingo Perón, mencionado no texto.

(comunicações - telefone, telex, rádio, televisão), transporte, alojamento e construção necessários. Estes aspectos positivos nos permitem acreditar que tudo que for necessário será feito para que tal empreendimento, importante como a Competição Final da Copa do Mundo, tenha uma organização impecável. O estado atual da infra-estrutura, bem como os locais de competição e de comunicações, não permitiria uma realização satisfatória da Copa do Mundo. Na verdade, com exceção de dois estádios em Buenos Aires: River Plate e Vélez Sarsfield (o último inspecionado em 1971) nenhum outro estádio vistoriado e visitado em: Rosario, Córdoba, Mendoza e Mar del Plata poderia ser considerado, em seu estado atual, para os jogos da competição final. Em relação à infra-estrutura de telecomunicações, deve ser estabelecida e finalizada para satisfazer as exigências mínimas. Nós desejamos repetir: Os planos realmente existem, mas devem ser realizados sem demoras para que tudo esteja pronto em data a ser determinada e para que os estádios estejam em conformidade com as condições, fixadas pela AFA.¹⁸⁴

Em uma carta de novembro de 1974, a FIFA pede ao governo argentino garantias da organização da Copa. A primeira reunião do Comitê de Organização da FIFA para a Copa do Mundo de 1978 ocorreria nos dias oito e nove de fevereiro de 1975, e a entidade solicitava saber qual era a situação da organização do país: “Somente se todas essas questões forem resolvidas rapidamente será possível para nós construirmos um quadro completo da situação e termos a certeza de que o Campeonato do Mundo de Futebol de 1978 pode com toda a segurança ser realizado na Argentina”.¹⁸⁵ Na mesma carta, a FIFA reitera a necessidade de que sejam enviados até o dia oito de fevereiro os nomes dos responsáveis argentinos na organização da Copa.¹⁸⁶

¹⁸⁴ Relatório de visita da Delegação da FIFA à Argentina ocorrida entre 10 a 13 de outubro de 1974 . Arquivo Institucional FIFA, Zurique, Suíça. “General Statement, from the visit in 1971.

With satisfaction and pleasure we can mention that the responsible leaders of the AFA are entirely conscious of the extent of the work to be carried out and they have started working with zeal and enthusiasm. Let us recall as well, that before his death, the President had ruled the organization of the FIFA World Cup 1978 in Argentina of “national interest” and had assured these responsible at AFA of all possible support from governmental authorities. During the inaugural meeting on October 10th, the spokesmen of the competent governmental departments submitted a detailed plan at national level, especially concerning the infrastructure (communications – telephone, telex, radio, television), transport, accommodation and necessary construction. These positive aspects allow us to believe that everything necessary will be done in order that such an important enterprise as the Final Competition of the FIFA World Cup will have an impeccable organization. The present state of the infrastructure as well as the places of competition and the communications would not allow a satisfactory realization of the World Cup. Indeed, except for the two stadia at Buenos Aires: River Plate and Velez Sarsfield (the latter inspected in 1971) no other stadium surveyed and visited at: Rosario, Cordoba, Mendoza and Mar del Plata could be taken into consideration in its present state for the matches of the Final Competition. Concerning the infrastructure of telecommunications, it must be established and finished to satisfy minimal demands. We wish to repeat: The plans do exist, but they must be carried out without delay for everything to be ready at a date to be determined and for the stadia to comply with the conditions, fixed by AFA”. Tradução realizada pela autora.

¹⁸⁵ Carta datada de 14/11/1974, Arquivo Institucional FIFA, Zurique, Suíça. “Only if all these questions are settled speedily will it be possible for us to build a complete picture of the situation and have the certainty that the 1978 World Football Championship can in all safety be held in Argentina”. Tradução realizada pela autora.

¹⁸⁶ Carta datada de 14/11/1974, Arquivo Institucional FIFA, Zurique, Suíça.

“We sincerely hope that you will be successful in fulfilling the main part of the conditions and wishes we have expressed herein by 8th February, 1975. We thank you for the pains you have taken and trust that

Sobre a alteração feita depois do golpe, não existe qualquer referência nem nos arquivos da FIFA nem nos da AFA.

De fato, os documentos disponibilizados para consulta na sede em Zurique não contemplam a questão do golpe e das mudanças ocorridas. Em um documento de 26 de março de 1976, dois dias após o golpe, a Comissão da FIFA disponibiliza as observações sobre a visita realizada pelo Comitê responsável ao país em janeiro, e mostra sua preocupação com o clima político do país:

A este ponto da competição, os planos detalhados em papel eram mais avançados do que em qualquer das competições anteriores de Copas do Mundo. Se a segurança política ou a estabilidade econômica do país afetarão o eventual lugar de competição da Copa, ou a sua cobertura de mídia, não é a preocupação da Missão(...).¹⁸⁷

Os documentos seguintes já se referem aos novos organizadores designados pelo *Processo de Reorganização Nacional*. Apesar de podermos questionar o que foi disponibilizado pela entidade para consulta pública até o ano de 2011, é interessante pensar também por outra perspectiva: a organização da Copa por parte da Argentina mostra a continuidade existente entre os dois governos.

Após o golpe em 1976, a Junta Militar que assume o poder decide pela manutenção do evento, pois sabia que, seria negativo para a imagem do país cancelar uma competição deste porte, faltando apenas dois anos para a sua realização. E também seria ruim para a imagem da FIFA, especialmente para o novo presidente João Havelange, afinal, era a primeira Copa sob sua responsabilidade.

A conturbada situação do país fez com que a FIFA solicitasse, em maio do mesmo ano, uma posição definitiva em relação a realização ou não da Copa naquele país:

Eu fui ver a Isabelita, segunda mulher do presidente Perón, eu lhe disse: “Nós estamos a dois anos e meio da Copa, e nós estamos com problemas” –não, estávamos a três anos-, e ela me disse: “Não, eu vou ver, presidente Havelange...”, não sei o que. O tempo passou, veio a revolução, e eu aí um dia fui a Buenos Aires. Fui recebido pelo

the reliable co-operation with us will continue”. (“Nós esperamos, sinceramente, que tenham sucesso em cumprir a parte principal das condições e desejamos que nos encontremos aqui em 8 de fevereiro de 1975. Nós agradecemos pelos esforços tomados e confiamos que a sua cooperação sólida conosco vai continuar”). Tradução realizada pela autora.

¹⁸⁷ Missão de averiguação para a Argentina: relatório sobre a primeira visita a Buenos Aires (26 a 30 de janeiro de 1976). Arquivo Institucional FIFA, Zurique, Suíça. “This far ahead of the competition, the detailed plans on paper were more advanced than on any of the previous World Cup competitions. Whether the political security or the economic stability of the country will affect the eventual site of the Cup competition, or its media coverage is not the concern of the Mission” Tradução realizada pela autora.

presidente Videla, e eu disse a ele: “Presidente, o senhor tem que me garantir que vai fazer, se não tem que tomar uma providência”. “Senhor Havelange, eu não lhe dou a melhor Copa do Mundo; mas vou lhe dar uma das melhores Copas. O senhor pode estar tranquilo”. E me deu. Agora, o que ele fez e o que ele não fez eu não tenho nada a ver com isso. A decisão da Copa na Argentina foi do Congresso [da FIFA], não era minha, e antes de eu chegar. Então, eu tinha que respeitar.¹⁸⁸

Foi nesse contexto que o governo argentino começou a intervir diretamente no futebol nacional. Ainda em 1976 nomeou para presidente da AFA Alfredo Francisco Cantilo, nome de confiança das Forças Armadas.¹⁸⁹ Em junho do mesmo ano criou o Ente Autárquico Mundial 78 (EAM 78), que substituía a antiga comissão criada por Perón, o que na prática significava que a organização da Copa ficava nas mãos do governo, e a AFA se responsabilizava somente pela preparação da seleção nacional. Mesmo com a tentativa de desassociar o evento do governo anterior, ironicamente, a Copa do Mundo que ajudou aos militares a renovar o apoio da sociedade ao governo representava a memória peronista que os mesmos procuravam extinguir. Os símbolos do evento, divulgados internacionalmente antes do golpe e pensados ainda durante o governo peronista, estavam diretamente associados ao ex-presidente: “el diseño de las dos líneas paralelas que parecen el contorno de una Copa no era otra cosa que el clásico saludo de Perón, con las manos en alto”.¹⁹⁰

O período do *Proceso* também foi marcado por diversas disputas entre as Forças Armadas, e a realização da Copa do Mundo foi mais um espaço de conflito, principalmente entre o ministro de Economia José Alfredo Martínez de Hoz e o chefe da Marinha, o Almirante Emílio Eduardo Massera. O Almirante exigiu uma pessoa de sua confiança em uma posição central no Ente Autárquico Mundial 78. Em 1976, o presidente e chefe do Exército Jorge Videla nomeou o General Actis como presidente da instituição. Massera aceitou, porém exigiu que o Almirante Carlos Alberto Lacoste fosse o segundo nome na instituição, e os desentendimentos entre os dois responsáveis pelo EAM foram constantes.¹⁹¹ Em agosto de 1976 Actis foi assassinado em um

¹⁸⁸ João Havelange. Entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 28/01/2010.

¹⁸⁹ GOTTA, Ricardo. *Fuimos campeones: la dictadura, el Mundial 78 y el misterio del 6 a 0 a Paerú*. Buenos Aires: Edhasa, 2008.

¹⁹⁰ GILBERT, A. e VITAGLIANO, M. *El terror y la gloria – La vida, el fútbol y la política en la Argentina del Mundial 78*. Buenos Aires: Editorial Norma, 1998, p. 13.

¹⁹¹ Lacoste foi também homem de confiança de José Lopez Rega, Ministro de Bem Estar social dos governos de Juan Domingo Perón e Isabel Perón. Posteriormente, já no período democrático, sua carreira política no espaço esportivo continuou por um tempo, quando foi tesoureiro da FIFA, durante a presidência de João Havelange (BUFALI, BOIMVASER e CECCHINI, *Op. Cit.*, 1994). Esta questão das disputas entre os integrantes das Forças Armadas será retomada no capítulo seis.

episódio contraditório, e a presidência da entidade foi ocupada formalmente pelo general Antonio Merlo, mas o poder de fato possuía Lacoste.¹⁹²

Assim, mais do que a vitória da seleção nacional, a principal arma nas mãos da ditadura era a realização e organização do próprio evento. Era a oportunidade de melhorar a imagem da ditadura tanto interna – em 1978 a “guerra contra a subversão de esquerda”, a principal justificativa para o golpe, era considerada vencida pelo regime – como externamente, em meio a denúncias de violação de direitos humanos tanto por exilados como por organizações internacionais. Para o *Proceso*, o êxito futebolístico ultrapassava o limite esportivo, e o objetivo era que os próprios líderes ficassem associados à vitória.

Para isso, o governo realizou diversas campanhas, como veremos no capítulo cinco desta tese, cujo objetivo era construir a participação da população no projeto civil-militar do novo país e instaurar a idéia de guerra e luta contra a “subversão”, seja ela interna ou externa. Uma das ações oficiais de propaganda política foi a contratação da agência de relações públicas Burson Marsteller.¹⁹³ Foram feitas diversas publicidades internacionais do país, convidados jornalistas e personalidades estrangeiras à Argentina, além da realização de atividades culturais em importantes cidades européias, como Roma e Paris.¹⁹⁴ Neste espaço da propaganda, a realização da competição no próprio país dava aos militares argentinos uma ferramenta a mais no uso da Copa a seu favor, ao mesmo tempo em que foi um dos principais desafios em relação à sua imagem que o regime teve que enfrentar.¹⁹⁵ Segundo o então presidente Jorge Rafael Videla:

Cuando llegamos al gobierno, hacía dos años que se había aceptado a la Argentina como sede del Mundial. La verdad era que mis predecesores se habían movido poco, sobre todo en las obras de infraestructura, donde el atraso era muy grande. Hubo un debate en el gobierno sobre si había que hacerlo o no, incluso a nivel de la Junta Militar; al final primó una razón casi de cholulismo: demostrar al mundo que éramos capaces de hacerlo. Pero también la idea de que en ese momento era positivo mover al público hacia un evento futbolístico de alcance mundial, en un país donde el fútbol era y sigue siendo tan importante. Podíamos tener ganancias en términos de imagen. Y si bien esas

¹⁹² BUFALI, BOIMVASER e CECCHINI, *Op. Cit*, 1994. Apesar da informação oficial sendo de que o crime foi responsabilidade da organização armada Montoneros, o mesmo não foi incluído pelos militares em um livro publicado posteriormente com todos os supostos atentados de grupos guerrilheiros contra as Forças Armadas, o que gerou a suspeita de que os responsáveis foram homens fortes da própria Marinha.

¹⁹³ A questão da propaganda será retomada no capítulo cinco.

¹⁹⁴ Esta também foi a empresa responsável pelo slogan “Los argentinos somos derechos y humanos”, de 1979, nas vésperas da visita da Comissão Internacional de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos.

¹⁹⁵ FRANCO, M. “La ‘campana antiargentina’: la prensa, el discurso militar y la construcción de consenso”, In Judith Casali de Babot e María Victoria Grillo (eds.), *Derecha, fascismo y antifascismo en Europa y Argentina*. Universidade de Tucumán 2002, pp.195-225.

obras ocasionaban gastos elevados, habría también ingresos con la venida al país de tanta gente.¹⁹⁶

Outro problema enfrentado era a garantia, exigida pela FIFA de que não ocorreriam atentados durante a competição. Para isso, o governo não hesitou em negociar com os líderes da oposição armada que estavam no exílio, assim como ameaçou de morte membros da oposição que mantinha nos centros clandestinos de detenção.¹⁹⁷ Mesmo assim, houve uma ameaça de bomba no centro de imprensa antes do jogo de abertura, e durante alguns minutos membros do grupo Montoneros conseguiram interromper a transmissão do evento em La Plata e colocaram no ar a Marcha Peronista.¹⁹⁸

No relatório técnico final realizado pela FIFA, retomou-se a questão do atraso inicial na organização, como mostravam os primeiros documentos. Entretanto, fica claro que, se o evento pôde ser considerado um sucesso, foi pela reestruturação que ocorreu após o golpe, o que legitimava o governo argentino. Nas palavras da FIFA:

Diversas visitas de inspeção foram feitas por completo pelo Comitê Organizador ou pelas delegações menores do Comitê Organizador, do Comitê de Imprensa e das delegações combinadas do Comitê Organizador e do Comitê de Imprensa, desde novembro de 1975. As várias mudanças na configuração da Associação do Futebol Argentino (AFA) que vieram como consequência de mudanças no cenário político do país, tinham retardado a organização na Argentina e nas várias cidades planejadas como locais para os grupos jogarem. Estes responsáveis na FIFA sentiram crescendo os temores pelo tempo perdido devido a essas mudanças repetidas na configuração da organização argentina. O progresso real e os resultados efetivos de trabalho surgiram somente após a criação do Ente Autárquico Mundial 1978 (EAM), após o governo militar assumir os destinos da Argentina. Foi considerado por muitos como um verdadeiro milagre que o EAM em cooperação com a comissão técnica / administrativa da AFA finalmente conseguiu criar uma organização quase perfeita do Torneio Final e isso no último momento e em um virtualmente impossível curto período de tempo.¹⁹⁹

¹⁹⁶ REATO, Ceferino. *Disposición final. La confesión de Videla sobre los desaparecidos*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012. Pp. 206-207.

¹⁹⁷ Sobre o papel da oposição, o tema será tratado no capítulo quatro.

¹⁹⁸ As ações Montoneras durante a Copa serão analisadas no capítulo seis.

¹⁹⁹ The Fifa 1978 World Cup – Final Technical Report, p. 83. Arquivo Institucional FIFA, Zurique, Suíça. “Several inspection visits were made by full Organising (sic) Committee or by smaller delegations from the Organising (sic) Committee, the Press Committee and combined delegations of the Organising (sic) Committee and the Press Committee since November 1975. The various changes in the set-up of the Asociación de Fútbol Argentino (AFA) wich came as a consequence of changes in the political scene of the country, had retarded the organisation (sic) in Argentina and the various cities planned as venues for the group matches. Those responsible in FIFA felt growing fears for the time lost due to these repeated changes in the set-up of the Argentinian organisation (sic). Real progress and effective working results came about only after the creation of the Ente Autárquico Mundial 19778 (EAM) after the military government had taken over the destinies of Argentina. It was considered by many as a real miracle that the EAM in co-operation with the technical/administrative committee of AFA had finally managed to set u a nearly perfect organisation (sic) of the Final Tournament and this at he very last moment and in a virtually impossible short period of time”. Tradução realizada pela autora.

Assim, com o desenvolvimento ao longo do século XX das Copas do Mundo como principal evento futebolístico, a seleção nacional adquiriu um papel fundamental tanto na sociedade brasileira como a argentina. Neste sentido, vencer uma Copa do Mundo tinha (e ainda tem), um valor simbólico além da celebração esportiva. No cotidiano, a prática futebolística se afirmou ao longo do século XX como um espaço de relações privadas: pai, filho, avô, amigos, a família, mas normalmente um espaço masculino. Isso ocorreu principalmente na Argentina, mais que no Brasil, e o que de fato integrou a mulher neste espaço foi a Copa do Mundo, o torcer pela seleção nesta competição internacional e mundial.²⁰⁰ Este se tornou também um espaço público das manifestações futebolísticas, que englobava todos os atores sociais, unidos pelo simbolismo da seleção na própria pátria.

No próximo capítulo, analisaremos as transformações que Brasil e Argentina, palcos do nosso espetáculo, viveram em suas infraestruturas por conta das Copas do Mundo.

²⁰⁰ ALABARCES, Pablo (org). *Deporte y Sociedad*. Buenos Aires: Eudeba, 1998: e GUTERMAN, Marcos, *Op. Cit*, 2009.

Capítulo 3: O Palco

Uma Copa do Mundo é muito mais do que os jogos entre as seleções. Ela envolve toda uma infraestrutura, a participação da população de um país, os turistas (que são ao mesmo tempo os torcedores adversários), o esforço de governantes, instituições e de grande parte da sociedade do lugar que a recebe. Desta forma, a sede torna-se mais que um simples espaço de realização de um evento; ele é o verdadeiro palco do espetáculo do futebol mundial.

Neste capítulo a proposta é apontar, questionar e dar protagonismo a este palco. O “ator” principal é, claro, o estádio. Geralmente um é escolhido para ser o grande palco da abertura e do encerramento (em alguns casos esse protagonismo é dividido em dois locais), e torna-se espelho e modelo do próprio país sede. Existem também os outros estádios, que se tornam um local de festa em cidades que normalmente não são o centro principal de seus países. De um modo geral, um estádio de futebol é muito mais que um espaço de confronto esportivo. Em alguns casos, ele é um símbolo tão forte para o clube como sua camisa, seu hino, ou seja, um elemento a mais na própria identificação do torcedor com a equipe de coração. Mesmo os clubes que não possuem estádio próprio estabelecem esta relação com algum local que usam para seus confrontos, da mesma forma que consideram território inimigo a “casa” do adversário. De fato:

O estádio e o campo de futebol não são exatamente um lugar de beleza. A admiração por um estádio está relacionada com o gosto pelo esporte, a paixão por um determinado clube ou pelo jogo, pelo espetáculo: “O campo, enquanto local, evoca memórias e estimula expectativas. (...) ...considera-se que os campos de futebol possuem seu próprio caráter sociogeográfico, representativo da comunidade dos torcedores”.²⁰¹

Existem também os “atores coadjuvantes” neste palco: hotéis, aeroportos, vias expressas e diversas outras obras são feitas para receber os visitantes e seu “exército”

²⁰¹GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010, p. 97. Atualmente os estádios tornaram-se também um ponto turístico. É comum em diversos países a visita aos “templos do futebol”, que são também um símbolo da própria nação, da cidade ou do bairro. No Brasil, por exemplo, o Maracanã é um ponto turístico em destaque no Rio de Janeiro, que inclusive esteve aberto para visita durante parte das obras para a Copa do Mundo de 2014. Em São Paulo, o Pacaembu além de ser aberto para visitas, abriga o Museu do Futebol, sob a gerência do Estado de São Paulo (o estádio é municipal). Em Buenos Aires o estádio do Boca Juniors, “La Bombonera”, e o Monumental de Nuñez, do River Plate e lugar da final da Copa de 1978, também são pontos turísticos e possuem um museu com a história dos clubes. Giullianoti também destaca esse fenômeno dos museus nos estádios, que acompanha a obsessão pela memória atual no mundo.

esportivo. Assim, o capítulo incluirá também a questão das obras de infraestrutura além dos estádios que foram realizadas nos períodos selecionados. O caso da Argentina terá mais destaque, porém é importante refletir no caso brasileiro exatamente o fato de que a realização de um evento tão distante fisicamente tenha resultado em mudanças tão importantes para o país. A Argentina viveu anos intensos entre 1976 e 1978 com a construção de hotéis, reforma de aeroportos, abertura de estradas para alguns estádios, e até da instalação de um novo sistema e uma nova rede de transmissão televisiva, o regime se viu frente a oportunidade de trabalhar a organização da Copa como uma vitrine de propaganda oficial.

Com os avanços tecnológicos, o *palco* deixou de se limitar ao espaço físico do país que sediava a Copa. A transmissão ao vivo pela televisão permitiu que mesmo os que não tiveram a oportunidade de ir ao país da competição tivessem a possibilidade de acompanhar e participar da festa. Nesse sentido, o Brasil também entrou no clima da preparação em 1970. Já na Argentina, a transmissão internacional em cores movimentou o governo a criar um novo edifício de transmissão.

A “era” Havelange na FIFA, período em que o dirigente comandou a Associação entre 1974 e 1998, significou profundas mudanças no futebol mundial. Foi a consolidação do futebol, e por consequência da Copa do Mundo, como o grande espetáculo esportivo e televisivo mundial. Neste contexto, a competição passou a receber mais seleções -24 a partir da Copa da Espanha em 1982 e 32 a partir da Copa na França em 1998 -, o que significou na maior participação de asiáticos e africanos e na redução do peso político das seleções europeias.

Ao mesmo tempo, tornou-se cada vez mais um grande espetáculo, com grandes patrocinadores e cotas milionárias pelo direito de transmissão televisivo.²⁰² Com isto, houve mudança também no público que participava das Copas e, em alguns casos, os jogos são quase completos com convidados da associação ou de patrocinadores. Isso significou uma importante mudança nos padrões exigidos pela FIFA para os estádios das sedes, muitas vezes pensados também para outros esportes e eventos, aumentando assim o lucro.

²⁰² O caso da Copa de 1994 nos Estados Unidos serve de exemplo. País quase sem tradição no futebol, o maior interesse em sediar o evento era exatamente o lucro que o mesmo representava como espetáculo mundial. Segundo Giulianotti, “Os organizadores da Copa do Mundo de 1994 declararam ter propiciado um crescimento de 4 bilhões de dólares na economia americana” (GIULIANOTTI, R., *Op. Cit.*, p. 106). Como veremos nos próximos capítulos, em 1978 a Argentina teve gastos acima do esperado e prejuízo econômico com a organização.

Tais mudanças já podem ser percebidas a partir da Copa do México em 1970 (antes de Havelange), no caso da importância das transmissões televisivas. Para se ajustar ao horário nobre dos países europeus, por exemplo, os jogos foram realizados em horários de forte calor no verão mexicano.²⁰³ Foi a partir da Copa de 1978, a primeira com o brasileiro na presidência da entidade, que essa nova realidade ganhou força sendo importante considerar como fator ao analisar as obras e investimentos feitos pela Junta Militar argentina. De um lado, a FIFA, com Havelange em seu primeiro mandato, procurando revolucionar o futebol mundial; do outro, a ditadura argentina, que via naquele evento uma oportunidade de responder às críticas externas e estabelecer internamente uma imagem positiva.

1. O protagonista do espetáculo

A questão dos estádios de futebol é fundamental para compreender a formação social do futebol no Brasil e na Argentina, e também para estudar as Copas do Mundo. Partes fundamentais do espetáculo, neles acontecem as “guerras” entre as seleções. No que se refere às Copas, eles representam também o próprio país sede, sua capacidade de organização e realização do espetáculo. Assim, ganham um novo sentido, e, claro, nova importância e interesse. Com a Copa realizada em casa, a Argentina viveu esta realidade, apesar dos conflitos que rodeavam a realização do evento. No caso do Brasil em 1970, com a Copa em outro país, veremos que os estádios foram um dos legados da vitória, com o impulso na construção de novas arenas, principalmente com investimento público.

Mesmo com a exigência de uma arena para os jogos no início do século XX, na Argentina, o fenômeno da construção de grandes estádios ocorreu a partir do final da década de 1930, assim como no Brasil. Neste sentido, o impacto da profissionalização transformou as relações e o próprio mundo futebolístico, com os campeonatos e partidas ficando mais frequentes, organizados e disputados. O torcedor já incorporava a ida aos estádios como parte de seus momentos de lazer e a bilheteria arrecadada tornou-se uma importante fonte de renda para os clubes. Em vista disso, o mercado ao redor do futebol crescia e se desenvolvia,

²⁰³ BUFALI, Andrés Alberto, BOIMVASER, Jorge Daniel e CECCHINI, Daniel Guillermo, *Op Cit*, 1994.

Desde o final do século XIX e nas primeiras décadas do XX tanto no Brasil como na Argentina houve intervenções de presidentes, ministros e representantes estatais no esporte, mas foram esporádicas e sem um caráter de política nacional. Foi também um período de consolidação das entidades nacionais do futebol que, em determinados momentos, viram no Estado um mediador nos conflitos de cada país. A partir das décadas de 1930 e 1940, no novo cenário que se desenhava no futebol brasileiro e argentino, os governos de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón, com suas políticas de incentivo ao esporte, tiveram um papel essencial:

El deporte operó así sobre la articulación de las modalidades y los mecanismos de consenso civil y político porque se trata de un conjunto de emociones, necesidades y subjetividades relacionadas con las modalidades narrativas de un sentimiento patriótico.²⁰⁴

1.1 Vargas e Perón: os primeiros investimentos

Como discutido no primeiro capítulo, durante os primeiros governos de Getúlio Vargas (1930-1945), o futebol passou a compor a implantação de um modelo nacional. Após o fracasso do Brasil em 1934, a Copa de 1938 teve outro enfoque, com o apoio do presidente à seleção. Pela primeira vez os jogos foram transmitidos pelo rádio, um veículo de comunicação primordial para o regime varguista. Ademais, a miscigenação do povo brasileiro refletia-se no futebol, conforme retratado na obra *O Negro no futebol brasileiro*, do jornalista Mário Filho, em 1947, que concretiza a ideia de que o talento do jogador brasileiro é resultado de sua “mistura racial”, seguindo a lógica de leitura da sociedade feita por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*²⁰⁵. Segundo Mario Filho, os negros e mulatos eram os verdadeiros defensores da nacionalidade brasileira, que honravam suas origens e, durante a procura europeia por jogadores sul-americanos com ascendência para jogar no Velho Continente, “os mulatos e pretos é que se importavam. Fazendo questão de conservar o nome da pia batismal, fazendo muito mais questão de continuarem a ser brasileiros”.²⁰⁶

Na Argentina, durante o governo de Perón os esportes tornaram-se parte do projeto estatal de inserção social. Os campeonatos de Futebol Evita são exemplo em que os vencedores eram premiados pelo casal presidencial:

²⁰⁴ ALABARCES, P. e RODRÍGUEZ, M. G. “Fútbol y Patria: La crisis de la representación de lo nacional en el fútbol argentino”. Trabalho apresentado no North American Society of Sociology of Sport (NASSS) Conference Toronto, Canada, 5 al 8 de Noviembre, 1997, s/n.

²⁰⁵ RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Fumo, 1994.

²⁰⁶ Idem, p. 184.

Os campeonatos Evita tiveram início em 1948, envolvendo apenas crianças da Grande Buenos Aires (...) O campeonato foi um sucesso tão grande (...) Os Campeonatos Evita passaram então a serem disputados anualmente agora envolvendo time de crianças de todas as províncias argentinas(...) Os jogos finais eram disputados em estádios de times profissionais, como River Plate, Boca Juniors e San Lorenzo, e contavam com a presença de Perón e Evita, além de outros políticos como Ramón Cereijo. Estes campeonatos (...) auxiliavam na criação de uma identidade nacional, ao promover a disputa direta entre todas as províncias em um campeonato “argentino”.²⁰⁷

Apesar da seleção argentina de futebol não participar de nenhuma Copa do Mundo durante o primeiro peronismo (1946-1955), como visto no primeiro capítulo desta tese, eles ganharam três Sul Americanos e mantiveram a tradição de disputas de Taças com seus principais rivais regionais, Brasil e Uruguai. Cumpre lembrar que na Argentina, o governo se incluiu no futebol através dos clubes e neste quadro, os estádios de futebol também se tornaram um importante espaço para ambos regimes, tanto em sua utilização para comícios como para atividades oficiais. No Brasil, Vargas teve nos estádios de São Januário no Rio de Janeiro, e no Pacaembu, em São Paulo, importantes locais de manifestações políticas e diálogo com a sociedade, em destacados eventos e datas comemorativas, como o Primeiro de Maio.²⁰⁸

No caso argentino, os estádios também foram espaço de encontro entre os líderes peronistas e a sociedade:

A associação do regime com o esporte atingiu proporções tão grandes na Argentina, que várias praças esportivas foram batizadas em homenagem ao primeiro mandatário e sua esposa. Em setembro de 1950, o Racing inaugura seu novo estádio, construído com verbas do governo, batizado Estádio Presidente Perón. Já o Club Atlético Sarmiento inaugurou seu estádio em julho de 1951, sob o nome de Estádio Eva Perón.²⁰⁹

Apesar da importância das arenas, como dito, o investimento na construção das grandes locais não chegou a ser uma prática massiva dos dois líderes, que seguiram a lógica europeia de um grande espaço nacional esportivo:

No sul da Europa, grandes estádios foram tipicamente erguidos durante períodos de ditadura política, quando os espaços públicos eram constituídos para gerar sentimentos nacionalistas. Mussolini construiu o Estádio Olímpico para as finais da Copa do Mundo

²⁰⁷ DRUMOND, Mauricio. “Pátrias em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas e Perón”. In MELO, Victor Andrade de (org.), *História Comparada do Esporte*, Rio de Janeiro: Shape, 2007, pp 61-78, p. 70

²⁰⁸ O São Januário é um estádio privado, que pertence ao Vasco da Gama, enquanto o Pacaembu é público, propriedade do município de São Paulo.

²⁰⁹ DRUMOND, Mauricio. *Op. Cit.*, p. 70.

de 1934; Franco construiu o Bernabeu de 1944 a 1947; Salazar edificou o Estádio da Luz, em Lisboa, em 1954.²¹⁰

O que ocorreu posteriormente durante as ditaduras civil-militares foi uma prática distinta de construção de diversos estádios, espalhados em áreas diferentes do país. Além disso, estes foram financiados diretamente pelo poder público, sem pertencer a um clube específico, o que ocorreu pela primeira vez na Argentina apenas em 1975, já com o foco na Copa de 1978, e no Brasil também em consequência da Copa, em 1950, e no já citado Pacaembu.

De todas as formas, fica evidente uma lógica que se tornara mundial: investir na organização de uma Copa do Mundo significava investir também em estádios –nesse caso, na remodelação dos existentes e de alguns clubes, ou na construção de novos.

2. O palco brasileiro no México

A escolha do México para ser a sede da Copa do Mundo de 1970 foi confirmada em 1964, quando o país já se preparava para os Jogos Olímpicos em 1968, na capital Cidade do México. Durante as Olimpíadas, o estádio principal foi o Estádio Universitário, inaugurado em 1952, e que posteriormente seria uma das sedes da Copa do Mundo de 1986, a segunda sediada pelo país.

Na Copa de 1970, os jogos foram realizados em cinco estádios, cada um em uma sede diferente. O quadro a seguir, elaborado para esta tese, detalha algumas características dos mesmos:

México 1970 ²¹¹			
Cidade	Estádio	Capacidade	Construção
Guadalajara	Estádio Jalisco ²¹²	62 384	1952
Léon	Estádio León ²¹³	33 943	1967
Cidade do México	Estádio Azteca ²¹⁴	115 500	1966
Puebla	Estádio Cuauhtémoc ²¹⁵	46 912	1968
Toluca	Estádio Luis Dosal ²¹⁶	27 000	1954

²¹⁰GIULIANOTTI, Richard. *Op. Cit.*, 2010, p. 94.

²¹¹ O quadro foi feito pela autora a partir dos documentos do Arquivo Institucional da FIFA, Zurique, Suíça.

²¹² Hoje é onde joga o Atlas de Guadalajara, e foi também do Chivas de Guadalajara.

²¹³ Também conhecido como Nou Camp, propriedade do município de León, e onde joga o Club León.

²¹⁴ Inicialmente era propriedade pública, desde 1997 pertence à Televisa.

²¹⁵ Administrado pelo Puebla F.C.

²¹⁶ Propriedade do Deportivo Toluca.

Como é comum no caso dos países sede, alguns dos estádios foram construídos especialmente para o evento e outros remodelados. Os estádios León, na cidade de mesmo nome, e Cuauhtémoc, em Puebla, foram construídos para o evento da FIFA. Os estádios Jalisco, em Guadalajara, e Luis Dosal, em Toluca, foram ampliados e remodelados para a competição. O grande símbolo de ambas as Copas realizadas no México, o Estádio Azteca, foi inaugurado dois anos após a confirmação do país como sede, resultado de um antigo projeto. Segundo o Boletim oficial da FIFA, foi a principal “arma” para a vitória na escolha do local da Copa, por seu projeto inovador.²¹⁷

Na primeira fase, as dezesseis seleções participantes estavam divididas em quatro grupos: o primeiro formado por México, União Soviética, Bélgica e El Salvador, e os jogos foram disputados na Cidade do México; o segundo por Itália, Uruguai, Suécia e Israel, e as partidas foram disputadas nas cidades de Puebla e Toluca; no terceiro grupo estavam Brasil, Inglaterra, Romênia e Tchecoslováquia, e os jogos foram em Guadalajara; finalmente, o quarto grupo era composto por Alemanha Ocidental, Peru, Bulgária e Marrocos, e as seleções se enfrentaram na cidade de León.

Nas quartas de final, os dois primeiros colocados de cada grupo se classificavam. O primeiro confronto, entre União Soviética e Uruguai, foi na Cidade do México. O segundo, entre Brasil e Peru, foi em Guadalajara. O terceiro confronto ocorreu em Toluca, entre Itália e México. Finalmente, o último confronto desta etapa, entre Alemanha Ocidental e Inglaterra, foi celebrado na cidade de León. Na primeira semifinal, o Uruguai foi derrotado por 3X1 pelo Brasil em Guadalajara, e posteriormente a Itália venceu a Alemanha Ocidental por 4X3 na Cidade do México. Na disputa pelo terceiro lugar, os alemães venceram os uruguaios pelo placar mínimo, 1X0, e na grande final o Brasil venceu a Itália por 4X1, ambos os jogos na Cidade do México.

Com exceção da final, definida no estádio Azteca na capital do país, o Brasil fez todos os seus jogos em Guadalajara. De fato, os confrontos mostram que as seleções não se deslocaram muito entre as sedes, diferente do que ocorreria com os visitantes anos depois na Copa sediada pela Argentina.

3. Argentina, o palco principal é em casa

No caso da Argentina, a organização e o planeamento da Copa foram motivo de conflito desde os governos anteriores ao *Proceso de Organización Nacional*, refletindo a própria situação de crise do país no final da década de 1960 e ao longo da década de 1970. Em abril de 1974, durante o governo de Juan Domingo Perón, foi promulgada a *Ley del Deporte* (Ley 20.655), cujo objetivo era controlar de forma geral o esporte no país, e dentre outros pontos, estabelecia:

Capítulo 1 ARTICULO 1° - (...) f) Crear en lo nacional una estructura de administración, coordinación y apoyo al deporte; en lo provincial, concretar una armónica realización de esfuerzos tendientes al logro de tal estructura; en lo municipal, apoyar la satisfacción de las necesidades que la comunidad no pueda concretar, y, en lo privado, asegurar el asesoramiento y apoyo que le sea requerido; (...).²¹⁸

A lei também criava o Conselho Nacional de Desportos (CND), sob responsabilidade direta do Ministério de Bem Estar Social, liderado por José López Rega, e formado por representantes do próprio Ministério. Desta forma, o mesmo controlava não apenas a difusão dos esportes no país, mas todos os assuntos diretamente envolvidos, o que significava a própria organização da Copa do Mundo, já que era o responsável por designar os recursos e as condições de uso dos mesmos ao CND:

ARTICULO 5° - Para el cumplimiento de los fines establecidos en la presente ley el Ministerio de Bienestar Social, a través de su área competente, tendrá las siguientes atribuciones:

- a) Asignar y distribuir los recursos del Fondo Nacional del Deporte, obtenidos de acuerdo al artículo 12, con sujeción al presupuesto anual que proponga el Consejo Nacional del Deporte, fijando las condiciones a que deberán ajustarse las instituciones deportivas para recibir subsidios, subvenciones o prestamos destinados al fomento del deporte;
- b) Aprobar el presupuesto de recursos y gastos propuesto por el Consejo Nacional del Deporte;
- c) Orientar, coordinar, programar, promover, asistir, ordenar y fiscalizar la actividad deportiva del país en todas sus formas (...).
- f) Proceder a la cancelación de prestamos, subvenciones y subsidios que acuerde, cuando no se hubiere dado cumplimiento a las condiciones previstas para su otorgamiento; (...).
- r) Establecer y aplicar las normas para la organización e intervención de delegaciones nacionales en competencias deportivas de carácter internacional; (...).²¹⁹

²¹⁷ *Boletín México 1970* número 1, Arquivo Institucional FIFA, Zurique, Suíça.

²¹⁸ Lei 20655, de 4/04/1974, disponível em <http://www.infoleg.gov.ar>, site consultado em 25/04/2012.

Com o golpe em 1976, o novo regime decidiu alterar o controle da organização da Copa e criou em 2 de julho através de um decreto lei o EAM 78. Na nova lei já era reconhecido o problema do atraso nas obras e na organização do evento:

Dado que se está en tiempo límite para continuar y/o iniciar las obras y tareas correspondientes a la erección de la infraestructura necesaria y a los distintos trabajos de organización y comercialización, solicito de Vuestra Excelencia el pronto tratamiento y despacho del adjunto proyecto de ley.²²⁰

Assim, a realização das obras teve caráter de urgência, e o novo regime sabia que para cumprir com o prazo precisaria gastar mais do que o esperado. A solução foi criar mecanismos legais que permitissem aos responsáveis autonomia nos gastos da organização. Na lei que criou o EAM 78, um dos principais pontos foi abrir espaço para tais construções, com autonomia e diversas isenções fiscais:

ARTICULO 7º- Asimismo se dispondrá el destino final de las obras de infraestructura construidas específicamente por el Estado a los fines de ese certamen, estableciéndose los derechos patrimoniales, las afectaciones y usufructo de los mismos, con arreglo a la preservación privilegiada del interés comunitario. En el caso de remodelaciones y mejoras introducidas en bienes de propiedad de terceros, se convendrá su destino final, y, en su caso, las tasaciones y formas de transferencias definitivas.²²¹

A lei também garantia outras facilidades: as importações para as obras estavam isentas de taxaço de impostos; o lucro das associações esportivas e até da FIFA e das Confederações Continentais também estava livre de tributação; a distribuição dos fundos do EAM 78 era decisão da própria entidade, que não precisava prestar contas sobre suas decisões. Sobre tais fundos, a lei detalha suas origens desta forma:

ARTICULO 14.- Para el cumplimiento de su misión el Ente Autárquico Mundial 1978, dispondrá de los siguientes recursos: a) Una participación equivalente al cinco por ciento (5%) del producido del Concurso de Pronósticos Deportivos (PRODE); b) Los porcentajes que F.I.F.A. abone sobre los ingresos por venta de entradas y en concepto de alquileres de estadio; c) Los fondos que la Asociación del Fútbol Argentino (AFA) reconozca a su favor sobre su participación en los beneficios económicos que arroje el evento deportivo; d) El porcentaje que correspondiere sobre la explotación comercial del logotipo, mascotas y propaganda estática en los estadios; e) Los fondos que el Estado Nacional asigne en cada presupuesto para el desarrollo de las obras de infraestructura y adquisición de equipamiento, pago de servicios de seguridad, etc.; f) Los ingresos y aportes de origen privado y/o de cualquier otra naturaleza que se puedan

²¹⁹ Idem.

²²⁰ Lei 21349, de 2/07/1976, disponível em <http://www.infoleg.gov.ar>, site consultado em 25/04/2012

²²¹ Idem.

percibir en el futuro; g) Los fondos provenientes de tasa e impuestos que el Estado Nacional establezca y destine para el desarrollo y la ejecución de la infraestructura.²²²

Parte da origem de tal fundo não era totalmente esclarecida, como se pode perceber na referência abstrata a possíveis contribuições privadas. Também não existem limitações ou controle sobre que tipos de doações poderiam ser feitas, ou o controle das mesmas. Em outras palavras, a lei deixava diversas brechas para o gasto sem controle oficial, o que ajuda a entender o elevado custo final que teve o evento para o Estado argentino: 700 milhões de dólares segundo os meios de comunicação da época.²²³

A Copa de 1978 foi a última realizada pela FIFA com apenas 16 equipes participantes. As mesmas estavam divididas em quatro grupos: o primeiro formado por Argentina, França, Hungria e Itália; o segundo, pela Alemanha Federal, México, Polônia e Tunísia; o terceiro, pela Áustria, Brasil, Espanha e Suécia; e o quarto por Escócia, Irã, Holanda e Peru.

Para a Copa de 1978 o EAM decidiu construir três novos estádios e restaurar outros três. As sedes do evento eram Buenos Aires (com dois estádios, o Monumental de Nuñez, do Clube Atlético River Plate, e o José Amalfitani, do Clube Atlético Vélez Sarsfield, ambos restaurados com financiamento governamental); Córdoba (o Estádio Olímpico de Córdoba foi construído para o evento); Mar del Plata (o Estádio Mundialista foi construído para a ocasião); Rosário (o Gigante de Arroyito, estádio do Rosário Central); e Mendoza (onde foi construído o Estádio Ciudad de Mendoza). O quadro abaixo mostra os detalhes sobre cada um deles:

²²² Lei 21349, de 2/07/1976, disponível em <http://www.infoleg.gov.ar>, site consultado em 25/04/2012.

Argentina 1978			
Cidade	Estádio	Capacidade	Construção
Mar del Plata	Jose María Minella	43.542	1978
Rosário	Dr. Lisandro de la Torre	41.654	1929 (reformado em 1978)
Córdoba	Estádio Olímpico (em 2010 renomeado Mario Alberto Kempes)	57.000	1978 (reformado em 2011 para a 43ª Copa América)
Buenos Aires	José Amalfitani (Clube Velez Sarsfield)	50.000	1951
Mendoza	Estádio Cidade de Mendoza (Em 1982 renomeado Malvinas Argentinas)	45.000	1978
Buenos Aires	Estádio Monumental Antonio Vespucio Liberti	77.000	1938 (reformado em 1958 e 1978. Ampliado em 2012)

A organização –e aqui entram principalmente as obras realizadas- era a principal retórica no discurso do regime, que insistia em ideias como *quando querem, os argentinos podem*, ou *mostramos ao mundo que somos capazes*. Neste discurso, a capacidade de superação nacional, seja ao superar os problemas internos ou as críticas externas, passava pela organização positiva da Copa do Mundo. Esta foi entendida como uma oportunidade de mostrar as qualidades do próprio povo argentino.

Em um editorial a poucos dias do início da Copa, a revista *El Gráfico* utiliza esta lógica ao referir-se à construção e remodelação dos estádios:

“Los estadios del Mundial – Estamos en el decisivo período de la prueba de los estadios para nuestro inminente Mundial. Y cada examen está sumando elogios, comprobándose una sólida realización en los trabajos. En River Plate, por ejemplo, ya testearon la iluminación: el resultado fue óptimo. En Vélez Sarsfield, la Selección practicó de noche: se vio como se fuera de día... En Mendoza – por citar otro caso – estuvieron el periodista Hans Schroeder y el camarógrafo Peter Hennie, de la televisión alemana, y llegaron a esta conclusión: **“El estadio mendocino supera al de Munich. El nuestro tiene el inconveniente del techo de plástico. Cuando el sol da sobre él no se puede soportar. Calculamos que a la Argentina vendrán 6.000 aficionados alemanes...”** Ya nadie duda. Es que ante hechos tan contundentes no se puede dudar.”²²⁴

²²³ GOTTA, Ricardo. *Op. Cit.*, 2008.

²²⁴ *El Gráfico*, 09/05/1978, s/n, negrito no original.

O estádio principal do torneio era o Monumental, sede do clube portenho River Plate. Nele ocorreram, entre outros, o jogo de abertura, a final, a disputa pelo primeiro lugar. Uma das principais questões envolvendo o grande palco da festa era sua proximidade, apenas 800 metros com a Escola de Mecânica da Marinha (ESMA), onde funcionava um dos principais centros clandestinos de detenção do período. Nos arquivos do COBA, esta foi uma das principais denúncias:

Jogar futebol no próximo mês, na ARGENTINA, perto do centro de detenção da Escola de Mecânica da Marinha não é só admitir a possibilidade de convivência do jogo e tortura, mas também mobilizar a opinião pública mundial a favor de um espetáculo esportivo que oculta a opressão e a tortura, é aceitar que o esporte é colocado a serviço de um poder totalitário, é exonerar a Junta argentina de seus crimes.²²⁵

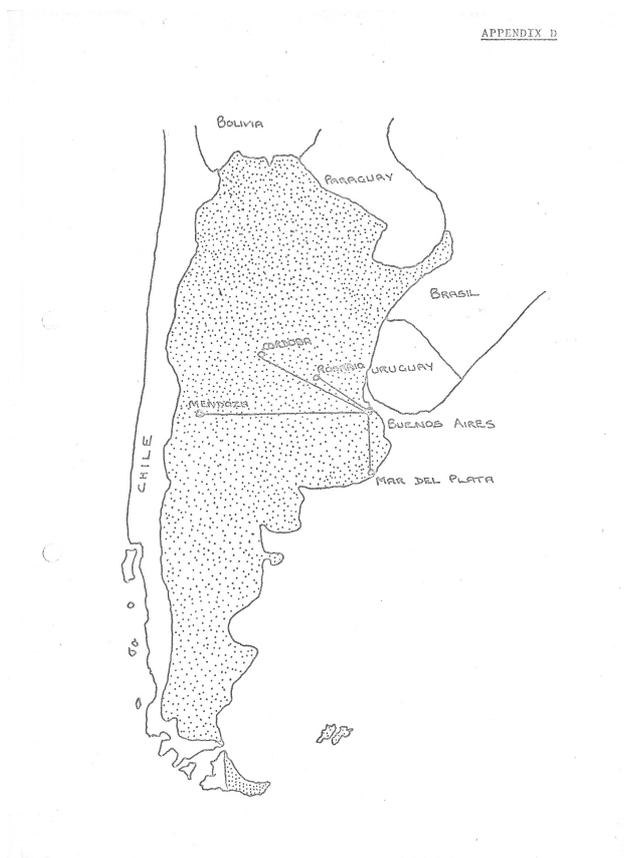
Foi também tema de discórdia a distribuição das seleções nas cidades sede. De acordo com o calendário, a seleção local viajaria apenas entre as províncias de Buenos Aires e Santa Fé (onde fica a cidade de Rosário), o que foi considerado por alguns competidores um favorecimento, já que outras seleções faziam longas viagens entre as distintas sedes, como mostra o quadro abaixo:

CITY	NUMBER OF STADIUM TO USE IN ARG. 76	ROAD DISTANCE TO BUENOS AIRES	DURATION OF TRIP		
					
BUENOS AIRES	2				
ROSARIO	1	310 Km.	6 HRS.	5 HRS.	30 MINS
CORDOBA	1	702 Km.	12 HRS.	11 HRS.	60 MINS
MENDOZA	1	1,063 Km.	18 HRS.	17 HRS.	135 MINS
MAR DEL PLATA	1	404 Km	7 HRS.	4 HRS.	45 MINS

Fonte: Relatório Missão de visita FIFA, 1976. Arquivo Institucional FIFA, Zurique, Suíça.

²²⁵ Fundo COBA Cote : F Delta 1831, BDIC. “Jouer au football, le mois prochain, en ARGENTINE, près du centre d’incarcération de l’École de Mécanique de la Marine, c’est non seulement admettre la possibilité de cohabitation du jeu et la torture, mais c’est aussi mobiliser l’opinion publique mondiale au profit d’un spectacle sportif qui dissimulera l’oppression et le supplice, c’est accepter que l’activité sportive se mette au service d’un pouvoir totalitaire, c’est disculper la Junte argentine de ses crimes”. Tradução realizada pela autora.

O Brasil, por exemplo, considerado o principal rival da seleção argentina, teve jogos da primeira fase nas cidades de Mar del Plata e Mendoza, o que significou atravessar o país, como se pode ver no mapa a seguir:



Fonte: Relatório AFA, 1974, Arquivo Institucional FIFA, Zurique, Suíça.

Ao mesmo tempo, deve-se questionar o interesse em não viajar com a seleção ao longo do país, levando o grupo a outras áreas. Menos viagens e menos cidades significava um roteiro que não espelhava uma “união nacional”, já que a seleção praticamente não saía do eixo da capital. De fato, se tivesse sido classificada em primeiro lugar de seu grupo como se esperava, a seleção argentina teria feito todos os seus jogos no Estádio Monumental, na capital do país. A segunda colocação no grupo levou a equipe à Rosário, na província de Santa Fé que, como mostra o mapa, era, entre as opções, o destino mais próximo (Mar del Plata ficava praticamente à mesma distância, porém não foi sede da segunda fase, como mostra o mapa acima). Era jogando na capital que se conseguia maior participação de argentinos, já que a maioria da população se encontrava na região metropolitana de Buenos Aires. Foi nesta região que o governo fez mais investimentos de infraestrutura, e historicamente era também a

parte mais desenvolvida do país, o que a tornou a grande vitrine do regime para o mundo.

A qualidade dos estádios também foi motivo de críticas para alguns participantes. Após o jogo entre a Espanha e o Brasil pela primeira fase, no dia 21 de maio, em Mar del Plata, os dois técnicos reclamaram da qualidade do gramado:

Coutinho y Kubala Le echan la culpa al piso – “(...) Sin embargo hay um atenuante importante. El campo de juego. Su césped estaba tremendo. No se podía hacer correr la pelota. Ello influyó para ambos lados, pero debo reconocer que a los brasileños los había mortificado todavía más que a nosotros...” [Kubala]. Lo que dijo Coutinho: “Este estadio es realmente hermoso. Diría, para que no queden dudas, uno de los más lindos que he visto en el mundo. Pero su piso estaba imposible para jugar con un mínimo de precisión. La pelota se frenaba, los hombres se desorientaban, así no se podía hacer otra cosa que pegarle para arriba” (...).²²⁶

As demais obras também foram contestadas, principalmente por não terem ficado prontas a tempo do evento, como veremos a seguir.

4. Os outros palcos

No caso argentino foram feitos ainda investimentos em avenidas, hotéis – praticamente nos dois anos anteriores ao evento foi construída a rede hoteleira exigida pela FIFA-, aeroportos – a reforma de Ezeiza não ficou pronta a tempo, mas ele pode ser utilizado. Além dos citados estádios construídos e reformados, meios de comunicação -principalmente em telefonia e televisão, apesar da transmissão em cores não ficar pronta a tempo para o território nacional.

Uma das estratégias dos membros da Junta Militar foi participar de tais obras, como destacou o jornal *Clarín* ao noticiar a presença dos chefes das Forças Armadas nas sedes das Copas: Videla nas obras do aeroporto de Córdoba, Massera em Mar del Plata e Agosti em Mendoza.²²⁷ Também foi comum a exaltação do civismo relacionando o evento com as mudanças no país, enaltecendo as remodelações feitas nas cidades sede:

Buenos Aires, más limpia, más bonita – Si alguna vez, desde estas mismas páginas, se señalaron problemas de la Ciudad de Buenos Aires, justo es señalar, sobre el filo del Mundial, que no solamente los alrededores de River Plate e Vélez Sarsfield fueron

²²⁶ *Clarín*, 08/06/1978, p. 14.

²²⁷ *Clarín*, 04/06/1978, p. 6.

puestos a punto por personal municipal, sino que toda la ciudad aparece distinta, más limpia, más bonita. El intendente, brigadier Osvaldo Cacciatore, puede estar satisfecho. Ahora sólo nos resta, a todos, cuidarla.²²⁸

Os aeroportos também foram alvo de críticas. Inacabados para o torneio, eles tinham o peso de ser, em muitos casos, a primeira impressão dos estrangeiros que chegavam ao país. As vésperas do início da Copa, a preocupação:

Pero, lamentablemente, hay cosas que aun nos preocupan. Más que eso, nos obligan a lanzar una severa advertencia. Antes que nada y en primer lugar, EL AEROPUERTO INTERNACIONAL DE EZEIZA. Es lamentable ser testigo (mucho más protagonista) de una llegada de cualquier vuelo en nuestra estación aérea internacional. (...) Este problema de Ezeiza no es el único problema de aeropuertos sin terminar. El de Córdoba – donde arribará la delegación de Alemania Federal el próximo miércoles 24 a las 10:30 – no sólo no se concluyó sino que su acceso peatonal para ir hacia los vehículos tiene más tierra que asfalto.²²⁹

Um ponto fundamental, que também ocorreu no Brasil, foi o investimento em tecnologia para a transmissão dos jogos pela televisão. Para discutir esta questão, é preciso considerar que: “nos anos 1970, a televisão se modernizou não só pela sua centralidade no projeto de integração nacional do estado autoritário, mas também pela necessidade mercadológica de renovação”.²³⁰ Foi durante o período ditatorial que o mundo viveu a revolução da televisão em cores, da transmissão ao vivo e a consolidação desta mídia como principal meio de entretenimento. O interesse para esta tese é entender como tais governos se apropriaram destes avanços e das Copas do Mundo, que foram um importante influenciador do avanço dessas tecnologias no Brasil e na Argentina.²³¹

Na época da Copa de 1970, a televisão se consagrava como principal entretenimento social e acessório essencial para a classe média dos principais centros urbanos, e segundo o senso da época, 25% dos domicílios urbanos já possuíam um aparelho.²³² Esta difusão interessava ao regime, que pretendia:

²²⁸ *El Gráfico*, 26/05/1978.

²²⁹ *El Gráfico*, 26/05/1978, s/n, assinado pela revista.

²³⁰ RIBEIRO, Ana Paula Goulart et alli. *História da Televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 9-10.

²³¹ Neste sentido, não se defende aqui que as Copas foram as responsáveis pelo avanço tecnológico. O que se pretende destacar é que elas foram um elemento importante no momento do *boom* televisivo, seja na transmissão ao vivo do evento, seja na transmissão em cores.

²³² RIBEIRO, Ana Paula Goulart, *Op Cit*, 2010.

promover a integração nacional pela comunicação, e a televisão era tida como estratégica neste processo. Em 1965, a Empresa Brasileira de Comunicações (Embratel) foi inaugurada e possibilitou, a partir de 1969, que as emissoras propagassem sua programação por micro-ondas.²³³

Se por um lado os argentinos tinham a vantagem da própria realização do evento em seu país, o Brasil tinha a seu favor o gosto pessoal do general Médici pelo futebol, bem como o bom momento econômico que atravessava o país, o *milagre econômico*. No início do ano de 1970, Médici fez questão de mostrar ao povo que o governo garantiu a possibilidade de ver os jogos da seleção ao vivo, tanto pela transmissão – que dependeu de interferências públicas pelos altos gastos – como pela possibilidade de comprar televisores. O regime trouxe, literalmente, o espetáculo da seleção, o palco do evento, realizado no México, para os brasileiros: “Solidariedade também é juntar-se às paixões da alma popular. E, nas asas dessa paixão, meu Governo se empenhou para que trouxéssemos o México à plateia de todos os lares do Brasil”.²³⁴

O primeiro aparelho de televisão chegou ao Brasil em 1950, durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, mas foi durante a ditadura civil-militar que de fato houve investimento público e desenvolveu-se o sistema de telecomunicações através da Embratel. Isto permitiu a popularização do aparelho, e conseqüentemente seu uso como ferramenta de propaganda política, como será analisado no capítulo 5.²³⁵ Na época da Copa, comemoravam-se também os 20 anos do primeiro aparelho no país. As principais novidades, exaustivamente divulgadas pelo governo, eram a transmissão ao vivo dos jogos da seleção na Copa, e a transmissão em cores, que mesmo ainda não acessível a todos, era divulgada como mais um avanço tecnológico do país.²³⁶

O custo da transmissão e quem teria direito a realizá-la foi uma limitação que apareceu tanto para o governo como para as emissoras que queriam transmitir o evento:

Em 1968, o Ministro das Telecomunicações Carlos Simas dizia que a TV da copa estava difícil por falta de dinheiro e da estação captadora da imagem do satélite. Em fevereiro do ano passado, com a inauguração dos sistemas de grande antena de Itaboraí (custo: mais de 1,5 milhão de dólares), um dos obstáculos estava superado. Faltava o dinheiro.²³⁷

²³³ Idem, p. 113.

²³⁴ Emílio Garrastazu Médici, Discurso pronunciado no dia 25-1-1970, no 416º aniversário de fundação da cidade de São Paulo, p. 21.

²³⁵ Matos, H. “O discurso político oculto na comunicação do Governo Médici”. *Líbero*, Ano VI, número 12, 2000. O mesmo aconteceria na Argentina em 1978, como veremos adiante.

²³⁶ Apenas receptores do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília poderiam receber a transmissão em cores. Porém, ela era exclusividade dos poucos que possuíam um aparelho importado com tal tecnologia.

²³⁷ *Veja*, 3/6/1970, p. 35.

O governo assumiu a questão da infraestrutura, mas ainda faltava pagar pelos direitos de transmissão. O sinal era enviado pela Tele-sistema (conjunto de emissoras mexicanas) às antenas da Embratel, permitindo ao governo controlar quais emissoras teriam o direito à transmissão. Frente ao grande interesse que a Copa representava, três emissoras brasileiras interessadas e autorizadas pelo governo aceitaram pagar mais caro que o acordado com seus pares ingleses,²³⁸ que possuíam um público alvo bastante superior: a Rede Globo, a Rede Associada e a Rede de Emissoras Independentes (REI)²³⁹, que distribuíam para suas afiliadas em todo o país.

A TV em cores só seria uma realidade no país dois anos depois do evento.²⁴⁰ Em 1971 o governo promulga a lei obrigando que parte da programação das emissoras seja a cores, ou a licença das mesmas seria cancelada. Assim, as emissoras decidem investir na nova tecnologia, e foi decidido o sistema oficial que geraria imagens em cores, o PAL-M, sendo o padrão M vindo do sistema NTSC, mesclado com o PAL da Europa, criando assim, um sistema próprio. O sistema foi autorizado em 1972, e naquele ano, em 19 de fevereiro, foi realizada a partir da TV Difusora de Porto Alegre, afiliada da TV Bandeirantes, a primeira transmissão oficial de um programa colorido feito no Brasil, a *Festa da Uva de Caxias do Sul*. Em 31 de março, data intencionalmente escolhida pelo governo militar, foi inaugurada oficialmente a televisão em cores no Brasil.²⁴¹ Mas, foi com a transmissão da Copa do Mundo de 1974 que a venda dos novos aparelhos cresceu no país.

Com os investimentos na infraestrutura televisiva, o governo civil-militar associou a possibilidade de acompanhar ao vivo a seleção de futebol com o progresso fruto do início do *milagre*.²⁴² Em termos econômicos, isso representou um aumento significativo na venda de televisores, e em termos políticos, uma oportunidade a mais de

²³⁸ O sistema televisivo nos países europeus já era mais avançado, e um número maior da população possuía aparelhos, o que significava um maior interesse comercial na venda da transmissão.

²³⁹ Formavam parte da REI naquele momento: TV Record São Paulo (Canal 7), TV Rio Rio de Janeiro (Canal 13), TV Copacabana Rio de Janeiro (Canal 9), TV Alvorada Brasília (Canal 8), TV Alterosa Belo Horizonte (Canal 5), TV Guajará Belém (Canal 4), TV Iguazu Curitiba (Canal 4), TV Difusora Porto Alegre (Canal 10), TV Goyá Goiânia (Canal 4), TV Industrial Juiz de Fora (Canal 10), TVS Rio de Janeiro (Canal 11), TVS São Paulo (Canal 4), TV Princesa (Canal 6), TV Cidade Altense (Canal 10). (Instituto Caros Ouvintes de Estúdio de Mídias www.carosouvintes.org.br, site consultado no dia 10/12/2011).

²⁴⁰ A popularização da tecnologia que permitia a transmissão em televisão em cores, bem como a compra dos aparelhos, pode ser entendida dentro dos êxitos do *milagre econômico* que, por sua vez, ajudam entender a popularidade do período.

²⁴¹ RIBEIRO, Ana Paula Goulart et alli. *Op. Cit*, 2010.

²⁴² MATOS, H. *Op. Cit*, 2002.

propaganda. No contexto internacional, a Copa de 70 marcou o início do futebol como espetáculo midiático. A FIFA utilizou a transformação que ocorria com as novas tecnologias, e os contratos televisivos passaram a ser uma das principais fontes de lucro da entidade até os dias atuais. Para o governo brasileiro, foi mais um veículo de divulgação de seu modelo político:

O grupo de emissoras ficou ainda com os dez minutos antes e depois do jogo (...) venderam cinco de início, imediatamente antes do jogo, para a Loteria Esportiva e a Caixa Econômica Federal. Nesse tempo, o governo fará propaganda desses seus dois serviços e inserirá também filmes de propaganda indireta da Revolução. São tapes curtos, de um minuto, muito bem feitos, de extremo bom gosto, que exaltam o otimismo, o respeito aos velhos e outras coisas como o trabalho em equipe. Talvez a própria Seleção devesse ver esses filmezinhos antes de entrar em campo. O governo certamente espera que eles dêem frutos juntos aos jogadores, também.²⁴³

É preciso ressaltar que os jogos finais tiveram um simbolismo importante para os brasileiros. A seleção nacional disputou com a seleção uruguaia um lugar na grande final e, naquele momento, a decepção com a derrota para o Uruguai no Maracanã na Copa de 1950 ainda estava presente na memória popular. Dessa forma, a vitória contra o vizinho também significou a vingança pela derrota no passado. A partida final contra a Itália também foi um momento especial porque, como dito anteriormente, ambas as seleções teriam a possibilidade de levar definitivamente o troféu para casa com a vitória. Nesse sentido, o governo civil-militar utilizou o êxito no futebol a seu favor, associando em suas propagandas que a celebração era apenas uma: o crescimento econômico, a busca pela “paz política e social” com luta pela desarticulação dos movimentos de luta revolucionária, e agora a conquista esportiva:

Na vitória do Brasil na Copa do Mundo, de 1970, um filme tenta estabelecer a relação entre o desenvolvimento e a vitória da seleção brasileira. A cena final é a comemoração da vitória nas ruas: em carro aberto, populares festejam, agitando a bandeira nacional, e a intervenção do narrador destaca-se das vozes de euforia da torcida: “Ninguém segura o Brasil”²⁴⁴

Na Argentina de 1978, assim como no caso brasileiro de 1970, a televisão também teve um importante papel, e a transmissão em cores mundial foi uma das ferramentas de propaganda do evento utilizada pelo governo. A primeira transmissão no país ocorreu em 1951, e foi durante a década de 1970 que o televisor se popularizou de

²⁴³ *Veja*, 3/6/1970, p. 36.

²⁴⁴ MATOS, H. *Op. Cit*, 2002, p. 60.

fato no país. Os três canais privados que existiam em Buenos Aires (Canal 9, Canal 11 e Canal 13) foram estatizados em 1974, no governo de Isabel Perón. No período *Proceso* os mesmos canais foram divididos entre as três Armas: o 9 ficou sob responsabilidade do Exército, o 11 da Força Aérea e o 13 da Marinha.²⁴⁵ Para a transmissão da Copa para o mundo o governo fez um forte investimento em infraestrutura, já que uma das exigências da FIFA era a transmissão em cores do evento.

Para isso, o governo criou o Ente Argentina 78 TV com a Lei 21.377, de 06 de agosto de 1976, a qual definia que a entidade seria “dirigida por representantes de las tres Fuerzas Armadas, de la Secretaria de Información Pública y de la Secretaria de Comunicaciones”.²⁴⁶ Além disso, a ditadura investiu na construção do complexo ATC (Argentina Televisora Color, nome dado em 1979). Segundo a lei:

en la convicción de que la complejidad de la tarea a desarrollar y el escaso tiempo con que se cuenta para asumirla y realizarla, hace imprescindible su constitución, dotada de un sistema que le permitirá actuar con dinamismo y eficiencia.

Asimismo se establecen en el proyecto, las exenciones de naturaleza impositiva y aduanera necesarias para el desenvolvimiento de la sociedad, como así también la asignación dispuesta en carácter de aporte al capital de la misma.

Teniendo en consideración la importancia que reviste la transmisión por televisión en colores al exterior, del aludido Campeonato, cuya realización en nuestro país ya fuera decidida, solicito a V. E. la sanción y promulgación del proyecto de Ley que se acompaña.²⁴⁷

A lei não era clara sobre os limites e controles dos gastos na construção do complexo, além de garantir a isenção de impostos, taxas ou qualquer outra contribuição por cinco anos. O objetivo era: “la generación de imagen y sonido y su distribución, en especial durante el XI Campeonato de Fútbol por la Copa Mundial de la F.I.F.A. 1978, entre las organizaciones que requieran, del mismo, tanto en el país como en el exterior”.²⁴⁸ Cada uma das três Armas possuía um representante na sociedade, e desfrutava:

de plena capacidad pudiendo realizar toda clase de actos jurídicos y operaciones que se relacionen directa o indirectamente con aquél, por cuenta propia, de terceros o asociados a terceros, dedicándose a la explotación de estaciones difusoras de radiotelefonía, televisión o cualquier otro medio de transmisión, alámbrica o inalámbrica, realizando toda clase de negocios de publicidad y propaganda en

²⁴⁵ Com a redemocratização, em 1984 o antigo dono do Canal 9 conseguiu judicialmente recuperar a propriedade do sinal. Os canais 11 e 13 foram privatizados pelo presidente Carlos Menem em 1989.

²⁴⁶ *Clarín*, 01/06/1978.

²⁴⁷ Lei 21377, de 6/08/1976, disponível em <http://www.infoleg.gov.ar>, site consultado em 25/04/2012.

²⁴⁸ *Idem*.

cualquiera de las mencionadas, las que consistirán en transmisiones de programas culturales, artísticos, informativos, educativos, deportivos, de entretenimiento o de cualquier otra naturaleza, sea en forma fonográfica, cinematográfica o en cualquier otra forma o mediante la contratación, subcontratación de artistas, adquiriendo concesiones de cualquier naturaleza, licencia o permisos particulares u oficiales.²⁴⁹

O complexo ficou pronto em apenas 18 meses, o que garantiu as exigências da entidade. Entretanto, a tecnologia não chegou a tempo ao país, que somente transmitiu os jogos em cores para o exterior e internamente em cinemas e teatros específicos.

Durante o torneio, o jornal *Clarín* publicou um caderno especial intitulado: “El centro de la TV Color Argentina”.²⁵⁰ Além das especificações técnicas e explicações sobre o funcionamento do centro e da transmissão colorida para o mundo, o jornal enfatizou algumas questões como: a obra feita por uma indústria nacional, porém com participação de outras estrangeiras, numa integração do país com o mundo; o papel do *Proceso* na construção, considerando que o marco inicial das obras de infraestrutura era 1976, como se antes não houvesse a preocupação em preparar o evento.

Desde 1976, ante la expectativa de instalación de una emisora de televisión color para atender los requerimientos del Campeonato Mundial de Fútbol, una empresa argentina, Dimerson SACI, se abocó al estudio de los requerimientos para estar preparados en el momento en que ese equipamiento se licitara, contando para ello con la colaboración de importantes consultores en Estados Unidos da América. Así fue como, llegando el momento de decidir, Argentina '78 Televisora SA optó por esta empresa que participó con equipos de su fabricación y otros de sus representados en el equipamiento de los seis estudios de televisión Control Central y los dos estudios de grabación de música del Centro de Producción Buenos Aires.²⁵¹

Importante acrescentar que o sistema de transmissão a cores escolhido pelo país foi o PAL alemão, o mesmo que optaram Itália, Inglaterra e Brasil. Também foram instalados adaptadores para a transmissão aos demais modelos. A televisão a cores só se tornou uma realidade no país em 1980, oficialmente no dia primeiro de maio, com a transmissão pelo Canal 7 às 00:00hs da imagem da bandeira nacional com o hino argentino ao fundo. Posteriormente, no mesmo dia, o Canal 13 também fez sua primeira exibição, por acaso a final entre as seleções argentina e holandesa na Copa de 1978. Em 1981, todos os canais na cidade de Buenos Aires já transmitiam pelo sistema colorido.

²⁴⁹ Lei 21377, de 6/08/1976, disponível em <http://www.infoleg.gov.ar>, site consultado em 25/04/2012.

²⁵⁰ *Clarín*, 01/06/1978, Suplemento Especial Clarín Mundial.

²⁵¹ Idem, p. 10.

Apesar de alguns problemas e limitações, o palco do espetáculo estava montando. Faltava, agora, aqueles que justificavam todo o espetáculo: os jogadores da seleção nacional, que analisaremos no próximo capítulo.

Capítulo 4: Os heróis

O grande espetáculo da Copa do Mundo engloba sua história, seus preparativos e seu palco, como vimos. Entretanto, sem os seus personagens, sem seus heróis, ele não pode existir, já que estes são os responsáveis pela paixão, pela mobilização em torno do *show*. No mundo do futebol, os grandes heróis são os jogadores, em alguns casos também os técnicos, que lideram o time rumo ao sucesso ou ao fracasso.

Este capítulo pretende analisar estes personagens, que apesar do clima de festa que os marcou após a vitória, percorreram um longo caminho. E continuam, atualmente, lidando com a memória conflituosa daquele período e os conflitos vividos. O técnico brasileiro que venceu a Copa do Mundo de 1970 foi Mario Jorge Lobo Zagalo, ex-jogador e bicampeão nas Copas de 1958 e 1962 vestindo a camisa da seleção brasileira. Antes de Zagalo a seleção foi comandada, durante as eliminatórias em 1969 e nos primeiros meses de 1970, pelo ex-jogador e jornalista João Saldanha. A saída de Saldanha e a entrada de Zagalo criou um dos maiores mitos do futebol brasileiro, em relação à intervenção ou não da ditadura na seleção, que até hoje é motivo de discussões. E entre as polêmicas, esteve envolvido também aquele que é considerado o maior jogador de todos os tempos, o Pelé, um personagem que também será trabalhado junto com outros jogadores das seleções campeãs. Como afirma Nils Havemann em seu trabalho sobre o futebol na Alemanha nazista:

Poucas são as áreas que se prestam tanto à formação de lendas quanto o futebol. O fanatismo às vezes transbordante, a idolatria irrestrita em relação a alguns jogadores e o sofrimento muitas vezes comovente dos fãs constituem o solo fértil para o surgimento de muitos mitos.²⁵²

Os convocados por Mario Jorge Lobo Zagalo para disputar a Copa em 1970 representando o Brasil foram: Jair Ventura Filho, Eduardo Roberto Stinghen, Joel Camargo, Emerson Leão, Marco Antônio Feliciano, Paulo César Lima, Édson Arantes do Nascimento (Pelé), Roberto Rivelino, Roberto Lopes Miranda, Eduardo Gonçalves de Andrade (Tostão), Wílson da Silva Piazza, José Guilherme Baldocchi, Hércules Brito Ruas, Carlos Alberto Torres (capitão), Clodoaldo Tavares de Santana,

²⁵² HAVEMANN, Nils. “O futebol sob o signo da suástica”. In *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Europa*, Volume 1. ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha (org). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp243-256, p. 245.

Dario José dos Santos, José Eduardo Américo (Edu), Everaldo Marques da Silva, Félix Miñeli Venerando, José de Anchieta Fontana e Gérson de Oliveira Nunes.

No caso argentino, na Copa de 1978, a situação do treinador César Luis Menotti, também ex-jogador, foi mais estável. Apesar dos conflitos com alguns clubes nacionais pela liberação de jogadores, principalmente com os grandes clubes da capital federal Boca Juniors e River Plate, e a pressão pela vitória em casa Menotti consolidou-se como técnico por quase dez anos, de 1974 a 1982. Apesar de suas manifestações políticas de esquerda, Menotti se manteve no cargo após o golpe de 1976 e praticamente durante toda a ditadura, que terminou em 1983, em mais um caso de continuidade entre o regime peronista anterior e o *Proceso*. Segundo o então presidente Jorge Rafael Videla:

El director técnico era considerado de izquierda y venía de antes, como herencia. Yo pensaba que la continuidad en este caso era importante y no quería que viniera otro, un tipo de derecha, como propiciaban muchos, incluso en la Junta Militar. (...) Yo no ponía el acento en si los candidatos eran buenos o no, sino en que la continuidad era fundamental.²⁵³

Diferente do caso brasileiro, a seleção de 1978 marcava outra geração, resultado de um trabalho de quatro anos de testes de Menotti. Os convocados argentinos para a Copa em casa em 1978 foram: Norberto Osvaldo Alonso, Osvaldo César Ardiles, Héctor Rodolfo Baley, Daniel Bertoni, Ubaldo Matildo Fillol, Américo Rubén Gallego, Luis Galván, Rubén Galván, René Houseman Mario Alberto Kempes, Daniel Killer, Omar Larrosa, Ricardo Antonio La Volpe Guarchoni, Leopoldo Jacinto Luque, Jorge Olguín, Oscar Alberto Ortiz, Miguel Oviedo, Rubén Pagnanini, Daniel Alberto Passarella (capitão), Alberto César Tarantini, José Daniel Valencia e Ricardo Villa.

Existem diferenças importantes ao comparar os casos dos heróis do futebol brasileiro e do argentino. A seleção campeã no México em 1970, por exemplo, era considerada madura, com seus principais nomes experientes de outras Copas, como Gérson e o próprio Pelé, enquanto o grupo argentino era a renovação do futebol após os sucessivos fracassos em Copas anteriores. Tais diferenças aparecerão ao longo de toda esta tese, e neste capítulo perceberemos como elas também refletirão algumas peculiaridades das próprias ditaduras e sociedades.

Além dos que disputaram a conquista, veremos outros futebolistas envolvidos nas últimas ditaduras civil-militares de Brasil e Argentina. Percebemos, através da relação

com o esporte, manifestações de apoio aos regimes, de oposição, mas, nos casos apresentados também de ambivalência.²⁵⁴ Pierre Laborie, a partir do caso francês da República de Vichy, afirma também a importância de trabalhar com a ideia do pensar-duplo que abre possibilidades de análise para os historiadores que vão além da simples opção de apoiar ou resistir:

abre outras portas ao historiador e alarga suas possibilidades de análise. Permite não mais pensar somente as contradições em termos antinômicos – resistentes ou pétainistas, gaullistas ou *attentistes...* -, mas ultrapassá-las se perguntando o que elas tentam dizer, para além das pseudo evidências do sentido aparente.²⁵⁵

1. Os líderes

Os técnicos de futebol assumem um papel muito maior do que preparar e decidir o time que disputará os jogos. No caso das seleções de Brasil e Argentina trabalhadas nesta tese, os técnicos foram responsáveis pela conquista da Copa do Mundo de futebol, e como líderes do grupo tornaram-se símbolo dos campeões em campo. Em alguns casos, como no brasileiro, a disputa pela vitória entre dois técnicos, Saldanha e Zagalo, tornou-se parte da própria memória social do período, e um símbolo da própria dicotomia apoiar/resistir que marca as leituras feitas da ditadura.

1.1 Quem liderou os tricampeões?

João Alves Jobim Saldanha, nascido em 1917 em Alegrete, no Rio Grande do Sul, teve sua vida associada ao futebol e à política no Partido Comunista. Primeiro como jogador, posteriormente como técnico e dirigente, sempre no Clube Botafogo, do Rio de Janeiro. Em 1960, Saldanha passou a dedicar-se ao jornalismo esportivo, tendo sido um dos criadores do modelo de mesa redonda, discussões televisionadas entre

²⁵³ REATO, Ceferino. *Disposición final. La confesión de Videla sobre los desaparecidos*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012. P. 207.

²⁵⁴ LABORIE, P. *Les français des années troubles. De la guerre d'Espagne a la Liberation*. Paris, Seuil, 2003.

²⁵⁵ LABORIE, Pierre. “1940-1944. Os franceses do pensar-duplo”. In *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Europa*. ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz (org). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp. 31-44, p. 40.

especialistas do esporte para discutir os últimos jogos e acontecimentos no mundo do futebol.²⁵⁶

Sua carreira no mundo esportivo foi construída alternada à sua ação política no Partido Comunista Brasileiro (PCB), ao qual Saldanha se filiou entre 1945 e 1947.²⁵⁷ Politicamente, Saldanha atuou principalmente na segunda década de 1940 e na de 1950, quando o Partido estava na clandestinidade, como ele mesmo, em ações no Paraná e em São Paulo, segundo seus próprios relatos.²⁵⁸ Foi após se afastar do Partido, segundo Saldanha por discordâncias pessoais, que ele passou a se dedicar ao mundo esportivo, como radialista e técnico do Botafogo.

Em 1969, após a crise enfrentada pela seleção brasileira, como vimos nos capítulos anteriores, João Saldanha foi escolhido como novo técnico. Na memória social sobre o período, tal escolha continua sendo um dos muitos mistérios envolvendo aquele momento, já que prevalece a imagem política de Saldanha. A versão mais difundida é a de que o presidente da CBD João Havelange teria concordado com a opção para acalmar a imprensa, que tanto atacava a seleção, colocando um dos jornalistas mais crítico como técnico, e também por conta de sua popularidade com os torcedores.²⁵⁹ Após o fracasso da Copa de 1966, a seleção brasileira sofria com o descrédito junto a sua torcida, e tanto a CBD, como o governo, procuravam melhorar a imagem do grupo. A escolha agradou tanto a imprensa como a principal estrela da seleção, Pelé:

Posso explicar também porque eu fui diretamente a favor de Saldanha para dirigir a seleção brasileira. Porque ele não era técnico de nenhuma equipe. Porque ele não tinha vínculo com nenhuma equipe no Brasil. Então ele podia fazer e desfazer, sem preocupação de agradar A ou B. E por isso que eu tô totalmente a favor do Saldanha na seleção brasileira.²⁶⁰

²⁵⁶ SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha – uma vida em jogo*. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 2007.

²⁵⁷ Idem. Parte da vida de Saldanha e de sua trajetória foi recuperada através de testemunhos do próprio jornalista e de companheiros e familiares. Portanto, algumas datas e acontecimentos são imprecisos, mas são importantes para trabalhar a memória construída sobre Saldanha, objetivo deste capítulo. Por tais relatos, acredita-se que João esteve um período na Europa Oriental e na China, provavelmente em treinamentos do Partido, na França, onde cursou algumas carreiras universitárias como Economia e História e também teve treinamento com o Partido Comunista Francês, além do citado período clandestino no Brasil, atuando em greves em São Paulo e no movimento rural no Paraná.

²⁵⁸ SIQUEIRA, André Iki. *Op. Cit.*, 2007.

²⁵⁹ Segundo Agostino, a popularidade de Saldanha era de 71% no Rio de Janeiro e 68% em São Paulo (AGOSTINO, *Op Cit.*, 2002)

²⁶⁰ Entrevista datada de 1969, no documentário *João*, Diretores André Iki Siqueira e Beto Macedo, TV Zero e Canal 100, 2008.

Apesar do que é questionado hoje, deve-se considerar que Saldanha possuía um currículo experiente para a posição de técnico. Saldanha era um dos mais conceituados jornalistas esportivos do momento, com experiência em campo como jogador e técnico, além de dirigente. Portanto, ele conhecia diversas esferas do universo do futebol.

Em sua apresentação à imprensa, Saldanha anunciou os jogadores que convocaria para disputar as eliminatórias para a Copa, entre julho e agosto de 1969. O técnico chamou os jogadores de “feras”, e o grupo passou a ser conhecido como “as feras de Saldanha”. Segundo o próprio Saldanha, “o sentido de fera é porque a fera mais brava é o homem, e é uma fera consciente”.²⁶¹ O termo ficou tão associado à seleção da época que Zagalo também o utilizou posteriormente em suas memórias sobre o título, publicadas em 1971.²⁶² A estreia de Saldanha foi em um amistoso contra a seleção do Peru, no dia 7 de abril, com a vitória brasileira por 2 gols contra 1 do adversário.²⁶³

Durante as eliminatórias para a Copa em 1969, Saldanha garantiu a classificação com uma campanha invicta, o que cativou alguns jornalistas e os torcedores e momentaneamente apaziguou o cenário esportivo nacional.²⁶⁴ Segundo Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão, Saldanha foi o responsável por reestabelecer a autoestima dos jogadores e dos torcedores após a campanha negativa na Copa da Inglaterra em 1966.²⁶⁵ É interessante perceber que o curto período em que as eliminatórias foram disputadas foi suficiente para criar uma imagem de Saldanha como grande líder da seleção do período, e que hoje permanece para muitos como o verdadeiro técnico que preparou os campeões no México em 1970.

Após a classificação, o novo projeto da seleção envolvia diversos amistosos até a época da Copa. Ao mesmo tempo, os jogadores deveriam seguir o trabalho em seus clubes até a convocação definitiva. Em 3 de setembro de 1969, a seleção enfrentou o clube Atlético Mineiro em um amistoso e perdeu por 2X1, iniciando as críticas ao modelo Saldanha. O Canal 100, por exemplo, em sua narração, afirmou que “depois de

²⁶¹ João, Diretores André Iki Siqueira e Beto Macedo, TV Zero e Canal 100, 2008.

²⁶² ZAGALO, Mario J. L. *As lições da Copa*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971. Voltaremos ao tema mais adiante.

²⁶³ ASSAF, Roberto e NAPOLEÃO, Carlos Antonio. *Op. Cit*, 2006.

²⁶⁴ O Brasil classificou-se ao ser o primeiro colocado no grupo B, disputando com Paraguai, Colômbia e Venezuela. Os outros classificados foram: Peru, primeiro colocado do grupo A, com Bolívia e Argentina; e Uruguai, primeiro colocado do grupo C, contra Chile e Equador. A campanha brasileira foi: 06/08 em Bogotá, Colômbia 0 X 2 Brasil; 10/08 em Caracas, Venezuela 0 X 5 Brasil; 17/08 em Assunção, Paraguai 0 X 3 Brasil; 21/08 no Rio de Janeiro, Brasil 6 X 2 Colômbia; 24/08 no Rio de Janeiro, Brasil 6 X 0 Venezuela; e 31/08 no Rio de Janeiro, Brasil 1 X 0 Paraguai. (www.fifa.com, site consultado dia 12/12/2011).

²⁶⁵ TOSTÃO. Lembranças, opiniões, reflexões sobre o futebol. São Paulo: DBA, 1997.

uma difícil jornada, o time de Saldanha não queria muita coisa com a bola. Mas estavam lá o público e o adversário, e os 90 minutos tinham que ser jogados”.²⁶⁶ A revista *Veja* enfatizava o caráter difícil do treinador, e questionava seu estilo, afirmando que: “em cinco meses de trabalho (sua estreia foi a 7 de abril, contra o Peru, em Porto Alegre), Saldanha não trouxe nenhuma grande novidade para o futebol da Seleção – a não ser a adoção do líbero para a defesa”.²⁶⁷ Na continuação, a reportagem reconhece o trabalho psicológico do técnico: “ele devolveu a confiança aos jogadores e a fé aos torcedores”, e afirmando que a CBD estava satisfeita com a escolha e que as afirmações da entidade levavam a crer que Saldanha seria o técnico durante a Copa.²⁶⁸

Saldanha sempre foi um personagem polêmico e com uma relação conflituosa com a imprensa. A situação do treinador tornou-se inviável nos primeiros meses de 1970. Em novos amistosos, a seleção outra vez não apresentou resultados satisfatórios, como o jogo contra a seleção da Argentina, não classificada para a Copa, no dia 4 de março, no estádio Beira Rio, em Porto Alegre, em que os argentinos venceram por 2 gols a zero. Nem a revanche quatro dias depois, no Maracanã, Rio de Janeiro, quando o Brasil venceu por 2 X 1, conseguiu amenizar o clima ruim de Saldanha. Por fim, o empate em 1 a 1 com o Bangu, no estádio de Moça Bonita, no Rio de Janeiro, em 14 de março de 1970, foi a última partida de Saldanha como técnico.²⁶⁹

Entretanto, provavelmente, somente estas derrotas, que comparadas com os resultados positivos não eram alarmantes, não seriam suficientes para o afastamento do técnico. A análise e a pesquisa feitas marcam que o temperamento de Saldanha foi um ponto importante na decisão de sua demissão. Além das críticas e polêmicas entrevistas que eram comuns ao treinador, algumas situações se destacaram. A primeira delas, um conflito pessoal com o então técnico do Clube de Regatas do Flamengo, Dorival Knipel, conhecido como Yustrich, quando Saldanha apareceu na concentração daquele clube portando uma arma de fogo para enfrentar seu desafeto, na noite do dia 12 de março. A atitude repercutiu negativamente em todos os jornais da época, que questionavam não apenas o perfil de Saldanha, mas a capacidade de controle que a CBD tinha sobre seu funcionário. Em sua capa, o jornal *Folha de São Paulo* noticiava o incidente e afirmava que o Flamengo pedira proteção policial contra o técnico da seleção:

²⁶⁶ Reportagem Canal 100, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=4U5P8JrRwBQ>, consultado em 15/11/2010.

²⁶⁷ *Veja*, 10/09/1969, p. 48.

²⁶⁸ *Idem*.

²⁶⁹ ASSAF, Roberto e NAPOLEÃO, Carlos Antonio. *Op. Cit*, 2006.

O Flamengo solicitou à Secretaria de Segurança da Guanabara garantia de vida ao seu técnico Yustrich e de segurança à concentração na Gávea, denunciando João Saldanha de ter invadido aquele local na noite de anteontem, de revolver em punho, embora o incidente seja negado pelo técnico da seleção. O porteiro do clube diz que foi agredido por Saldanha, que confirma ter ido à Gávea, “mas apenas para uma visita de cortesia”.²⁷⁰

Saldanha também se desentendeu com a estrela da seleção, Pelé, quem, segundo o técnico, tinha um problema, sem especificar qual, e não estava em condições de jogar a Copa. Em entrevista à revista *O Cruzeiro*, o então técnico declarou: “Eu barrei Pelé. Sinto muito, mas ele não tem mais condições físicas para disputar a Copa”, afirmou João Saldanha em março. Na mesma noite, o técnico era demitido”.²⁷¹ Em entrevista ao programa de TV *Roda Viva* em 1987, João afirmou que nunca disse que o problema de Pelé era físico, apenas que ele enfrentava dificuldades, e segundo o ex-técnico, tratava-se de questões financeiras do jogador.²⁷²

De fato, foram vários os problemas que se acumularam e levaram à demissão do treinador. No dia 02 de março de 1970, por exemplo, o jornal *Folha de São Paulo* criticava Saldanha por suas palavras à imprensa, quando o técnico negou um conflito com os médicos do clube Santos:

As declarações de Saldanha contra os médicos foram publicadas não apenas neste, mas praticamente em todos os jornais. Insinuar que tais declarações não tenham sido bem interpretadas, ou afirmar que elas não existiram, parece até passe de mágica. As declarações foram feitas, estão aqui e nós confirmamos que elas partiram de João Saldanha.²⁷³

Apesar dos conflitos que aumentavam, Saldanha garantia que não deixaria o cargo “Levarei o barco até o fim”.²⁷⁴ No dia 04 de março, como vimos acima, a seleção brasileira enfrentava a rival argentina, em Porto Alegre. Mesmo não classificados para a Copa, os argentinos venceram a partida, o que aumentou o constrangimento da seleção brasileira. Ainda mais grave foi o fato do presidente Médici ter comparecido ao estádio e presenciado a derrota. Os meios de comunicação começavam a duvidar da capacidade

²⁷⁰ *Folha de São Paulo*, 14/03/1970, p. 1.

²⁷¹ *O Cruzeiro*, 31/03/1970, p. 10.

²⁷² *Roda Viva*, 1987, TV Cultura. Primeira parte disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Kt4uJHHwAgE>, segunda parte disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=tqx6kjUFv4o>, e terceira parte disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=N2hOE6NPMcM>.

²⁷³ *Folha de São Paulo*, 02/03/1970, Primeiro Caderno, capa, s/n.

²⁷⁴ *Folha de São Paulo*, 03/03/1970, Primeiro Caderno, capa, s/n.

da seleção, e as críticas a Saldanha tornavam-se frequentes, principalmente em relação à liberdade do grupo, à falta de disciplina e de controle dos jogadores.

Frente a tais questões, que geravam uma sensação de descontrole da seleção, o então ministro da Educação e Desportos Jarbas Passarinho determinou que a situação e a crise na seleção afetavam diretamente o país e que era uma questão de interesse nacional, exigindo explicações.²⁷⁵ Desta forma, Havelange foi convocado para conversar com o próprio Ministro e com o chefe do SNI, o general Carlos Alberto de Fontoura; com o chefe do Gabinete Civil, João Leitão de Abreu; e o chefe do Gabinete Militar, João Baptista Figueiredo. O encontro mostrava o interesse do governo na questão “seleção nacional”, e o tema passou a ser cada vez mais controlado pela ditadura.²⁷⁶

Entretanto, nos documentos do SNI analisados após a abertura do acervo em 2012, não foram encontradas referências sobre estes episódios de Saldanha. Entre as mais de mil páginas enviadas na pesquisa realizada a partir do nome de Saldanha, grande parte se refere ao seu período anterior à seleção, em suas atividades pelo PCB, ou na década de 1980, durante a redemocratização.²⁷⁷

Assim, em março de 1970, em meio à “crise do futebol brasileiro”, como os meios de comunicação se referiam ao assunto,²⁷⁸ Saldanha foi demitido, e em seu lugar assumiu o Zagalo, segundo a revista *O Cruzeiro*, escolhido a pedido dos próprios jogadores.²⁷⁹ As circunstâncias da demissão de Saldanha não foram totalmente justificadas até hoje, e permanece um tema conflituoso na memória sobre o período. Há quem defenda que sua demissão foi fruto do seu temperamento conflituoso acrescido dos resultados insatisfatórios da seleção. Outros acreditam que sua saída foi fruto da não convocação do jogador Dario José dos Santos, o Dadá Maravilha pelo presidente e, por fim, há aqueles que apontam como fator crucial o seu envolvimento com pensamentos de esquerda.

João Havelange, por exemplo, defende a versão de que o técnico foi dispensado por seu caráter difícil e pelos mencionados resultados insatisfatórios em alguns

²⁷⁵ *Veja*, 25/03/1970.

²⁷⁶ MAGALHÃES, L. G. *Op. Cit.*, 2008.

²⁷⁷ Fundo Serviço Nacional de Informações, Arquivo Nacional, Brasília. O SNI possuía todas as fichas de Saldanha da Polícia de São Paulo desde 1937.

²⁷⁸ Todos os meios analisados: *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo*, *Revistas Veja e Cruzeiro* trataram a questão com esta designação.

²⁷⁹ *O Cruzeiro*, 31/03/1970.

amistosos. Justifica ainda sua decisão pela demissão com a vitória brasileira: “Ele disse o que quis, e mais tarde eu o substituí. E o Brasil foi campeão”.²⁸⁰

É preciso problematizar esta justificativa fundada apenas na personalidade do treinador. Saldanha sempre foi conhecido por seu temperamento e seus conflitos, portanto alguns questionam tal explicação dado que não era uma novidade o que aconteceu durante seu período como técnico da seleção. Na época da crise, a revista esportiva *Placar* destacou esta face do técnico:

De revólver na mão ou com valentia no braço, ele invade a concentração do Flamengo ou bate num repórter. João Alves Jobim Saldanha, o técnico das feras, há 51 anos vem brigando e batendo, xingando, gritando e ameaçando. (...) João domador não mudou: assim agia nos tempos de sócio no “Grupo dos Cafajestes”, ou quando era escrevente, ou só jornalista-comentarista-locutor esportivo de rádio jornal ou televisão. Seus quase vinte processos criminais o incomodam tanto quanto o resultado de um jogo do Bonsucesso.²⁸¹

Em entrevista, o próprio Saldanha aponta que sua demissão ocorreu por questões políticas, e as demais acusações foram apenas desculpas para justificá-la. Posteriormente, quando indagado, o ex técnico justificava a chegada de Médici ao poder, com o suposto endurecimento do regime, para sua saída. Saldanha também citava sua suposta ação contra a ditadura, denunciando os crimes em suas viagens como técnico da seleção ao exterior:

Porque eu já tava há um ano e pouco naquilo. Aí um amigo muito influente me deu uma lista de presos, desaparecidos, torturados e o diabo a quatro. Eu peguei a lista e corri a lista. Dei no Observe, no Le Monde, falei no rádio, em televisão na Europa, fiz o diabo com aquela lista.²⁸²

Durante a pesquisa, tanto em fontes nacionais como no exterior, não foi encontrada tal lista ou os comentários aos quais Saldanha se refere. Sobre o tema, o citado fundo do SNI também possui documentos sobre entrevistas posteriores do jornalista defendendo sua versão. No dia de 16 de julho de 1980, em documento cujo assunto é “Conferência de João Saldanha em Porto Alegre, em 20 de junho de 1980” onde há referência a entrevista dada pelo próprio Saldanha ao jornal *Zero Hora* na qual novamente aponta sua saída por não ter “agradado o governo”:

²⁸⁰ João Havelange. Entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 28/01/2010.

²⁸¹ *Placar*, 20/03/1970, p.

²⁸² Entrevista a Cidinha Campos, TV Record, 1982.

Por exemplo, o Governo a quem eu não consegui agradar, também nunca me agradou. Quando fui para o exterior e dei entrevistas para a imprensa estrangeira e estas entrevistas foram publicadas com grande destaque, até mesmo com alarde. Me perguntaram: ‘Existem presos políticos no Brasil? Na época eu tinha ido para o sorteio das chaves – tinha um grupo que foi trocado por um embaixador, me lembro direito que embaixador era, e eles me perguntaram: ‘Mas esses homens estão saindo do cárcere, então existem presos políticos no Brasil.’ Porque o que diziam fora do Brasil é que não existiam presos político. Eu respondi: ‘Todo o Brasil sabe que existem torturas e que, inclusive, muitos morreram’. Lógico que isso não agradou ao Governo.”²⁸³

Ao mesmo tempo, sabe-se que o governo já tinha conhecimento de sua ligação com o Partido Comunista quando o indicou para técnico, não sendo razoável apontar tal fundamento como justificativa para o posterior desligamento do técnico. Em documentos do Arquivo Nacional, como, por exemplo, na Informação nº 70/DSI/MJ, de 08 de maio de 1970, há os seguintes dados:

João Saldanha (...)

Em junho 1946 tomou parte no plano Ampliado do Comitê Metropolitano do PCB, como Assistente.

Fez parte da Comissão Nacional da Campanha Pró-Imprensa Popular do PCB. Era proprietário do carro de chapa 6142 que era visto estacionado nos locais de comício do PCB.

Responsável pelo Clube Copacabana, organizado pelo PCB para arregimentar jovens para o Partido.

(...)

Em 3-Ago-1947, foi detido quando promovia comício de propaganda comunista, sendo solto logo após ser ouvido.

Ingressou no PCB em julho de 1945.(...)²⁸⁴

Também em 10 de novembro de 1972, em documento cujo assunto é “Ligações de João Saldanha com o PC França e com o PCB” há referência a sua ligação com o PCB :

1-Consta de seu prontuário:

- irmão do comunista ARISTIDES SALDANHA;
- vários registros que caracterizariam suas ligações comunistas (...);
- viajou para país da Cortina de Ferro (1968);
- destinatário de correspondência remetida a IGOR FESSUNENKO, comentarista da rádio MOSCOU (1971). Em 1969 manteve contato com BURLAK, funcionário da Embaixada Soviética em sua residência na Guanabara.

(...)

4- Conclusões:

João Saldanha, comentarista esportivo e jornalista, está no ‘Canal de relações’ entre o PC da França e o PCB.²⁸⁵

²⁸³ Arquivo Nacional, Fundo SNI, Informação nº 019/116/APA/80, de 16 de julho de 1980.

²⁸⁴ Arquivo Nacional, Fundo SNI Informação nº 70/DSI/MJ, de 08 de maio de 1970

A última versão, e principal, que permanece na memória sobre o período trata das desavenças futebolísticas com o presidente Médici. O momento marcante foi a citada questão do jogador Dadá Maravilha, então atleta do Atlético Mineiro, quem Saldanha não convocou e por quem o presidente havia declarado várias vezes sua preferência. Em uma entrevista para a filiada da Rede Globo em Porto Alegre, a RBS, quando indagado sobre os palpites presidenciais em seu trabalho, Saldanha respondeu: “Eu e o presidente ou o presidente e eu, temos muitas coisas em comum. Somos gaúchos, somos gremistas, gostamos de futebol, e nem eu escalo o Ministério, nem o presidente escala o time.”²⁸⁶

A frase tornou-se um dos maiores mitos envolvendo os personagens daquela seleção. Em praticamente todas as memórias sobre a saída de Saldanha o tema é retomado, como por exemplo, entre os próprios ex jogadores da seleção. Até mesmo Dario, um dos personagens centrais da questão, em 2011, retomou a polêmica:

Só que o presidente da República era “fãzão” do Dadá. Ele pegava o avião de Brasília e ia lá para Belo Horizonte para me ver jogar. E esta não foi diferente. E, quando acabou o jogo, o presidente falou: “Vem cá, por que é que o Dadá não é convocado? Ninguém pega esse homem. Esse cara tem que ir para a seleção”. E falou para o João Saldanha: “João Saldanha, todo mundo quer o Dadá na seleção. Inclusive o presidente”. João Saldanha falou: “Ele escala o ministério e eu escalo a seleção”. Aí, a imprensa, que não gosta de fofoca, voltou no presidente. Aí, o presidente: “Tira ele”. Aí, foi quando ele saiu e o Zagalo entrou.²⁸⁷

Em documento do SNI, Informação nº 063/16/ACG/84, de 17 de julho de 1984, há referência de que o próprio João Saldanha teria afirmado que sua demissão estava ligada a ausência de convocação do jogador: “Deixei de ser técnico da Seleção Brasileira, na época, porque o presidente da República queria a escalação de DARIO na seleção e eu não o convoquei”.²⁸⁸

Os atletas tricampeões Gérson Nunes, Félix Miélli Venerando e o já citado Tostão também destacam os conflitos existentes entre Saldanha, o regime e a CBD e

²⁸⁵ Arquivo Nacional, Fundo SNI Informação nº 12616/72/ARJ/SNI, de 10 de novembro de 1972.

²⁸⁶ *João*, Diretores André Iki Siqueira e Beto Macedo, TV Zero e Canal 100, 2008. A versão mais comum do episódio foi “Vamos combinar o seguinte: o senhor escala seu Ministério, eu escalo a seleção”, reproduzida em MILLIET, R. (org.) *Vida que segue – João Saldanha e as copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006. O trecho do filme com a entrevista esta disponível no DVD que acompanha esta tese.

²⁸⁷ SANTOS, Dario José dos. *Dario José dos Santos (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011. 59 p.

²⁸⁸ Arquivo Nacional, Fundo SNI, Informação nº 063/16/ACG/84, de 17 de julho de 1984.

retomam esta fala específica sobre a escalação do grupo.²⁸⁹ Somente Tostão considera que houve de fato uma questão política envolvendo a saída do técnico. Para Gérson, não houve interferência política no grupo, apesar das atitudes de Saldanha:

Ele teve uma fase que ele tinha que falar isso, falar o que ele falou, trombar todo mundo, porque o problema dele era também político, porque os caras corriam atrás dele, várias coisas do passado que a gente não interessava aquilo, interessava a amizade que ele tinha por nós e nós por ele.²⁹⁰

Percebe-se, portanto, que os próprios jogadores, que viveram o conflito, possuem uma memória contraditória e permeada por dúvidas sobre o que realmente afastou João Saldanha do comando da seleção brasileira de futebol faltando pouco mais de 3 meses para o início da Copa. Deve-se pensar aqui o sentido destas memórias no momento das referidas entrevistas dos jogadores. Praticamente desde a saída de Saldanha, mesmo com seus conflitos com a imprensa durante sua passagem como técnico da seleção, a mídia de uma forma geral passou a enfatizar esta versão da saída como um ato político do regime. Esta construção de opinião deve também ser pensada a partir da ideia de que:

(...) a memória intervém na fabricação da opinião pela influência das representações dominantes do passado. Por sua vez, a opinião tem papel decisivo na validação social e na legitimação da memória ao dar credibilidade a seu discurso por meio de sua divulgação, processo que pode ser amplificado pela mídia.²⁹¹

Com a demissão de Saldanha, a comissão técnica também foi desfeita, e em seu lugar assumiu outra sob a lógica militar, formada inclusive por membros das Forças Armadas: o chefe da delegação era o major-brigadeiro Jerônimo Bastos, seu assessor o major Ipiranga Guarany, a preparação física ficou a cargo, dentre outros, dos oficiais Raul Carlesso e Cláudio Coutinho, formados pela Escola de Educação Física do Exército.²⁹² O fenômeno, que ficou conhecido como “militarização do futebol”, marcou

²⁸⁹ NUNES, Gérson. *Gérson Nunes (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011, TOSTÃO, *Op. Cit.*, 1997, VENERANDO, Félix Miélli. *Félix Venerando (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011. 80 p.

²⁹⁰ NUNES, Gérson. *Gérson Nunes (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011. 19p.

²⁹¹ LABORIE, Pierre. “Memória e Opinião”. In AZEVEDO, Cecília (org). *Cultura política, memória e historiografia*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, pp 79-97, p. 81.

²⁹² Segundo Sarmiento, “A preparação física do selecionado brasileiro visando o Mundial foi considerada, em relatório apresentado pela comissão médica da UNESCO, um exemplo de condicionamento físico. Diante do desafio de disputar um campeonato da altitude mexicana, os preparadores aplicaram aos

um novo modelo dentro da CBD, com a participação direta de militares na entidade e, no caso do futebol, na comissão técnica.

Zagalo nasceu em Maceió, em 1931, foi jogador de futebol e atuou em três clubes cariocas ao longo de sua carreira: entre 1946 e 1950 no América, entre 1951 e 1957 no Flamengo, e no Botafogo entre 1958 e 1965, quando teve por alguns anos João Saldanha como técnico. Foi parte das seleções brasileiras nas Copas do Mundo de 1958, na Suécia, e 1962, no Chile. Terminada sua carreira como jogador permaneceu no Botafogo como treinador de juvenis. Posteriormente assumiu a seleção principal do clube, na qual trabalhou entre 1966 e 1970, quando tornou-se técnico da seleção brasileira, cargo que ocupou até 1974.²⁹³

Zagalo teve seu primeiro amistoso como técnico poucos dias após sua chegada, em 22 de março de 1970, no jogo contra o Chile no estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi. A seleção brasileira venceu a partida por cinco gols a zero, o que não foi suficiente para acalmar os ânimos da imprensa. Faltando menos de quatro meses para o início da Copa, a imprensa em geral viu como mau sinal a situação que levou a troca de técnicos na seleção. Mesmo concordando com os argumentos da CBD de que Saldanha criou uma situação insustentável, a descrença na vitória na Copa aumentou com os novos problemas que surgiam. Zagalo não foi recebido com a mesma empolgação que tinha sido dada a Saldanha, e o clima era de apreensão. Como seu antecessor, Zagalo teve alguns resultados insatisfatórios nos amistosos e jogos treinos anteriores ao início da Copa do Mundo. No dia 12 de abril, por exemplo, a seleção foi derrotada pelo time do Olaria por 1 a 0, em pleno Maracanã.²⁹⁴

jogadores, por um período de quase três meses, um longo programa de preparo físico". (SARMENTO, *Op. Cit.*, p. 127).

²⁹³ www.fifa.com, site consultado dia 11/01/2012. Zagalo teve uma extensa carreira como técnico de futebol. Entre seleções nacionais, dirigiu de 1970-1974 o Brasil; 1976-1978 o Kuwait; 1981-1984 a Arábia Saudita; 1989-1990 os Emirados Árabes Unidos; 1994-1998 o Brasil novamente. Já clubes foi técnico de 1966-1970, Botafogo; 1971-1972, Fluminense; 1972-1973, Flamengo; 1978-1979, Botafogo; 1979, Al Hilal (Arábia Saudita); 1980, Al Nasr (Arábia Saudita); 1980-1981, Vasco da Gama; 1984-1985, Flamengo; 1986-1987, Botafogo; 1988-1989, Bangu; 1990-1991, Vasco da Gama; 2000, Portuguesa; e 2000-2001, Flamengo (Fonte: www.fifa.com, site consultado dia 11/01/2012).

²⁹⁴ Os amistosos disputados após Zagalo assumir foram: 22/03/1970, Brasil 5X0 Chile, Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo; 26/03/1970, Brasil 2X1 Chile, Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã), Rio de Janeiro; 05/04/1970, Seleção Amazonense 1X4 Brasil, Estádio Vivaldo Lima (Tartarugão), Manaus; 12/04/1970, Brasil 0X0 Paraguai, Maracanã, Rio de Janeiro; 12/04/1970, Brasil 0X1 Olaria, Maracanã, Rio de Janeiro; 26/04/1970, Brasil 0X0 Bulgária, Morumbi, São Paulo; 29/04/1970, Brasil 1X0 Áustria, Maracanã, Rio de Janeiro; 06/05/1970, Combinado Guadalajara 0X3 Brasil, Estádio Jalisco, Guadalajara; Combinado León 2X5 Brasil, Estádio Nou Camp, León; e 24/05/1970, Combinado Irapuato 0X3 Brasil, Estadio Irapuato, Irapuato (NAPOLEAO, Antonio Carlos, e ASSAF, Roberto. *Op. Cit.*, 2006).

Para os jogadores, ao contrário, a chegada de Zagalo foi sem conflitos, como aponta o então novo técnico: “cheguei à concentração e tive minha primeira grande alegria: a boa acolhida que os jogadores me deram”.²⁹⁵ Após a vitória, ao refletir sobre a conquista, Zagalo procurou criar a ideia de um ambiente harmonioso entre jogadores e comissão técnica: “... na Seleção brasileira de 1970 muito se caracterizou e estendeu o ambiente de amizade e respeito, reinante entre o técnico e todos os seus comandados. O diálogo era assim como o prato do dia”.²⁹⁶ De fato, a saída de Saldanha amenizava a tensão vivida nos primeiros meses daquele ano, segundo relatos dos mesmos. É preciso também problematizar a procura de Zagalo de mostrar seu bom relacionamento com o grupo, assim como sua capacidade de criar um ambiente positivo e harmonioso, o contrário do que era descrito nos momentos de tensão com os conflitos envolvendo Saldanha.

O ex-goleiro Félix, inclusive, questiona décadas depois a visão de companheirismo e do lado *psicólogo* de Saldanha:

Porque com o Saldanha não tinha diálogo. “Esse é minha fera e tal”, e nem instrução dava. “Vamos para a vida que segue!”. Ele só falava isso e botava dentro de campo. Agora, o Zagalo não. O Zagalo perguntava a um a um se dava para jogar como ele queria.²⁹⁷

Félix teve problemas pessoais com o ex técnico, que o escalou para as eliminatórias, mas em 1970 disse que o goleiro não seria convocado porque seu porte físico, magro e alto, o tornava um alvo fácil para os jogadores europeus, como afirma Félix na entrevista citada. Este caso é interessante para problematizar como a memória destes eventos também está permeada pelas vivências e conflitos pessoais. De fato, os jogadores que Saldanha mantinha um bom relacionamento, como o caso de Tostão, costumam defender a imagem positiva do ex- técnico. Por sua vez, Félix, cortado daquele que seria o grupo que Saldanha levaria à Copa, e que posteriormente seria criticado nas crônicas escritas pelo mesmo como jornalista durante a Copa,²⁹⁸ tem uma imagem crítica sobre o líder e nega a questão política no afastamento de Saldanha do cargo.

²⁹⁵ ZAGALO, Mario Jorge Lobo. *As lições da Copa*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971, p. 26.

²⁹⁶ Idem, p. 176.

²⁹⁷ VENERANDO, Félix Miélli. *Félix Venerando (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011. 80 p.

²⁹⁸ Este tema será aprofundado no capítulo seis, “Os Corneteiros”.

Ao assumir, Zagalo decidiu fazer algumas alterações na escalação de Saldanha. Dispensou alguns jogadores e convocou Félix, Leônidas, Roberto, Arílson e o polêmico Dario. A inclusão do jogador, que para muitos era o motivo do suposto conflito entre Médici e Saldanha, foi entendida por parte da sociedade como a prova de que existia a pressão do regime na lista dos jogadores convocados. Em seu livro de memórias sobre a vitória, publicado em 1971, Zagalo dedicou diversas páginas a discutir a polêmica:

Não é verdade que tenha convocado o Dario por influência da imprensa ou porque o presidente da República o admirasse. Nada disso, tanto que ele não foi titular, nem figurou na regra três, o que aconteceria se eu tivesse querendo agradar a uma classe ou a uma altíssima autoridade, O certo é que o meu apreço pelo Dario vem de muito tempo.²⁹⁹

Sobre a interferência de Médici na seleção, de acordo com Zagalo: “não existiu nenhuma influência política, um presidente da República falaria com um técnico de futebol?”.³⁰⁰ Por sua vez, João Havelange insiste que nem Médici ou qualquer outro presidente se intrometeu nas questões da CBD: “no caso da Copa de 70 já estava no regime militar e falam que o presidente Médici impôs isso, impôs... Nunca abriu a boca”.³⁰¹

Os próprios jogadores da seleção também afirmam que não houve esse tipo de interferência. Segundo Gérson:

Não, não houve nada disso, e eu vou dizer aqui com a maior sinceridade: se houvesse essa pressão nós não jogaríamos. Não teve pressão nenhuma, não tivemos pressão nem dos militares, nem da comissão técnica, de nada. Nosso trabalho, nosso trabalho em 1970 foi justo. É isso que nós vamos fazer, foi isso que foi traçado, foi isso que nós fizemos. Não teve interferência nenhuma, política, política-partidária, política-militar, nada, nada, nada...³⁰²

Não foi apenas na convocação de Dario que Zagalo soube conciliar os interesses da CBD e até do próprio presidente com os seus como técnico. É importante considerar que, já naquela época, a interpretação de que Saldanha tinha saído por questões políticas era presente, e Zagalo encontrou uma situação complicada. Assim, não faltaram elogios e reconhecimento aos principais nomes que marcaram a crise de Saldanha: Pelé, Havelange e Médici, como veremos a seguir.

²⁹⁹ ZAGALO, *Op. Cit.*, 1971, p. 29.

³⁰⁰ Entrevista Jorge Mario Lobo Zagalo, Novembro de 2009, Blog *Tudo sobre futebol* (<http://blogdoruiodaniel.blogspot.com/2009/11/Zagalo.html>), consultado em 15/03/2010.

³⁰¹ João Havelange. Entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 28/01/2010.

Em relação a Pelé, Zagalo procurou sempre mostrar publicamente que o apoiava e o considerava o jogador mais importante do grupo. Procurou inclusive trabalhar a suposta baixa estima gerada pelos conflitos com Saldanha, e a insegurança que Pelé sofria com as críticas do técnico anterior. Em suas memórias, publicadas em 1971, um ano após a conquista, o técnico tricampeão dedicou um capítulo para enaltecer Pelé.³⁰³

Sobre João Havelange, Zagalo também procurou mostrar a participação e importância do dirigente na vitória:

A lembrança do Presidente João Havelange acompanhava-me sempre, testemunha que passara a ser do seu penoso empenho em cuidar de tudo com precisão e maestria. Confiava em poder dar-lhe e aos seus companheiros, juntamente com os demais membros da comitiva selecionada, alguns instantes de recompensa merecida. Estava na minha consciência esta verdade: o Presidente João Havelange, no comando central de todas as situações, tornava-se insubstituível; teria direito a um dia supremo de glória, como símbolo de todas as glórias do futebol brasileiro.³⁰⁴

Zagalo destacou o papel que o clima de paz e harmonia, segundo ele fundamentais para a conquista da Copa. E enfatizou a importância que o governo e a CBD tiveram: “tínhamos a assistência indormida e amena de todo o comando da delegação, com a cobertura estoica do presidente da CBD. De longe, o próprio presidente Médici nos acenava com a sua torcida e a sua confiança”.³⁰⁵ Os agradecimentos ao presidente, assim como a importância de seu reconhecimento ao trabalho feito, foram parte do discurso do técnico:

No meio de toda aquela festa, o Dr. Antonio do Passo aproximou-se de mim para dizer-me isto: “Escute, Zagalo, o Presidente Médici confidenciou-me que, desde a hora do seu ingresso como técnico da nossa Seleção, ele e Dona Scyla ainda mais certos ficaram da vitória, porque ambos têm grande simpatia por você e acreditam no seu valor profissional.” É claro que aquelas referências ainda mais me emocionaram; servem muito de estímulo a quem procura ser exato em todas as provas de decência e no cumprimento dos deveres de qualquer tipo.³⁰⁶

Se não houve qualquer tipo de crítica política, nem ao regime nem mesmo a CBD, percebe-se que o discurso de apoio e exaltação são marcados pela conquista, resultado do trabalho da comissão técnica e dos jogadores. A convocação de Dario, por exemplo, mostra como o técnico soube resolver um conflito sem que isso prejudicasse

³⁰² NUNES, Gérson. *Gérson Nunes (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011.19p.

³⁰³ ZAGALO, Mario Jorge Lobo. *Op. Cit*, 1971.

³⁰⁴ Idem, p. 79.

³⁰⁵ ZAGALO, Mario Jorge Lobo. *Op. Cit*, 1971, p. 111.

sua imagem ou seu plano de trabalho, e assim pôde comandar a equipe sem atritos diretos.

1.2 *El flaco*³⁰⁷

O treinador que garantiu a primeira Copa do Mundo para os argentinos assumiu em um cenário de mudanças. A derrota na Copa da Alemanha em 1974, mesmo ofuscada pela comoção nacional com o falecimento três dias antes do último jogo do presidente Perón, foi um momento de ruptura no futebol nacional. A partir de mais uma decepção, e visando garantir ao menos uma boa apresentação no evento organizado em casa, a AFA projetou nova tática, envolvendo um ex-jogador e técnico que se destacava no clube Huracán com um futebol empolgante e popular: César Luis Menotti.

Nascido na cidade de Rosario, província de Santa Fé, em 1938, Menotti foi jogador de futebol em diversos clubes tanto na Argentina como no exterior: entre 1960-1963 no Rosario Central (Argentina); em 1964 no Racing Club (Argentina); entre 1965-1966 no Boca Juniors (Argentina); em 1967 no New York Generals (Estados Unidos); em 1968 no Santos, com Pelé (Brasil); e em 1969 no Juventus (Brasil). Após deixar sua carreira em campo, tornou-se treinador de futebol.³⁰⁸

Quando foi convidado para assumir a seleção nacional, Menotti era treinador do Huracán, clube que em 1973 conquistou importantes títulos com um estilo de jogo inovador, valorizando o que o técnico considerava o jogo bonito argentino, oposto ao modelo defensivo europeu em voga, fato que o tornou rapidamente popular. Menotti assinou o contrato para ser técnico da seleção em 1974, mas por seus compromissos com o Huracán assumiu apenas em janeiro de 1975, e permaneceu no posto até o final de 1978. Após a conquista do título, enfrentou uma longa negociação para renovar o contrato por desavenças financeiras, e retornou ao posto de técnico da seleção quando iniciava o campeonato Mundial Juvenil no Japão em setembro de 1979.

No momento do golpe de 1976, o treinador estava com a seleção em uma excursão europeia e, ao retornar, seu cargo foi mantido, apesar das intervenções da

³⁰⁶ Idem, pp. 124-125.

³⁰⁷ *Flaco* (na tradução livre *magro*) é como se conhece César Luis Menotti.

³⁰⁸ Como técnico, dirigiu duas seleções nacionais, a da Argentina, de 1974-1982, e a do México, de 1991-1992. Foi técnico dos seguintes clubes: de 1972-1974, Huracán (Argentina); de 1982-1984, Barcelona (Espanha); de 1986-1987, Boca Juniors (Argentina); de 1987-1988, Atlético de Madrid (Espanha); de 1988-1989, River Plate (Argentina); de 1990-1991, Peñarol (Uruguai); de 1993-1994, Boca Juniors (Argentina); de 1996-1997, Independiente (Argentina); de 1997-1998, Sampdoria (Itália); de 1998-1999, Independiente (Argentina); e em 2002 do Rosario Central (Argentina). Fonte: www.fifa.com, site consultado em 15/11/2010.

Junta Militar na diretoria da AFA. Menotti tinha relações tanto com o Partido Comunista Argentino como com o peronismo. Com o fim da ditadura, em 1983, o técnico reconheceu que ajudou a esconder perseguidos políticos: “tuve gente em mi casa, salve gente de la carcel”³⁰⁹, porém não foi considerado uma ameaça para o novo regime; Ao contrário, sua campanha vitoriosa, que em 1976 conquistou o campeonato juvenil de Toulon, com a seleção base que conquistaria a Copa de 1978, foi vista de maneira positiva para os planos de conquistar a competição em casa.

De fato o treinador nunca se envolveu em grandes polêmicas. Soube conviver com a ditadura, porém não fez qualquer apoio aberto ao regime. Quando questionado sobre seu papel na Copa e o posterior uso da vitória pelo *Proceso*, Menotti foi firme: “Traté que el equipo divirtiera a la gente (...) hice todo lo que pude dentro de mis posibilidades. Además, ¿sabes lo que hay que diferenciar acá? Yo soy un laburante, viejo... no soy factor de poder”³¹⁰. De todas formas, Menotti tinha a seu favor a autocensura à imprensa, que emitiu poucas críticas sobre a seleção nacional, reproduzindo o discurso otimista e nacionalista do próprio regime de um grupo que, através do trabalho e do esforço coletivo, representava o país em campo.³¹¹ Assim, mesmo com uma derrota durante a competição contra a Itália na primeira fase e os resultados iniciais que não mostravam um time seguro para a disputa da taça, o treinador não teve que enfrentar críticas e oposição.

Com a redemocratização, acrescido à questão dos crimes estatais como parte do debate público da sociedade, e a crítica da opinião ao uso político da seleção pelo regime, Menotti e os jogadores passaram a ser alvo de acusações pela conquista. Questionado sobre o lugar que a seleção ocupou na ditadura, e o sentido que a Copa teve para o regime e para o apoio da sociedade ao mesmo, Menotti considera que:

no era la Junta Militar, no era la platea de River, era la gente de Jose Carlos Paz³¹² la gente de los pueblos, la gente que se bajaba de los camiones, de los taxis, y no nos dejaban pasar. Yo siempre terminaba mi charla diciendo lo mismo: cuándo saluden

³⁰⁹ Cesar Luís Menotti, *Mundial 78. La Historia Paralela* [DVD], Argentina, 2008.

³¹⁰ *El porteño*, setembro de 1982, p.15. Após a eliminação da Argentina na Copa de 1982 na Espanha Menotti deixou o cargo e se auto exilou na Espanha, onde treinou o Futebol Clube Barcelona. No mesmo ano, assinou uma das soliciadas publicadas no jornal *La Nación* questionando os desaparecidos durante a ditadura.

³¹¹ NOVARO, Marcos e PALERMO, Vicente. *Historia Argentina v. 9 – La dictadura Militar 1976/1983, del golpe de Estado a la restauración democrática*, Buenos Aires: Paidó, 2003.

³¹² Localidade onde a seleção argentina teve sua concentração durante a Copa de 1978, na província de Buenos Aires.

levanten la cabeza y van a saber para quien juegan. Ahí están, son estos, los que están ahí. Ahí está tu viejo, tu hermano, tus amigos, tu barrio, tu gente...³¹³

Percebe-se que, assim Menotti conviveu sem conflitos com o ambiente político do país durante seu período como técnico, e assim se manteve em seu cargo e conseguiu conquistar o título mais importante do futebol mundial, e de sua carreira. Considerando sua atuação política anterior, pode-se também entendê-lo a partir da ideia de um pensar-duplo de Laborie, do indivíduo que atua de forma dupla, mais por necessidades externas que por interesse:

É nessa direção que se poderia talvez encontrar um elemento de explicação para a forte presença dos modos de pensamento ambivalentes na opinião comum. (...) Sem pertencer à consciência clara, e sem tampouco ser vivida como uma contradição dilacerante, mais como uma forma de aculturação, a ideia do duplo ritma as formas do pensamento ordinário, tanto na banalidade do cotidiano quanto nas situações excepcionais e nos riscos de engajamento.³¹⁴

2. Os heróis em campo

Os jogadores são o grande centro do espetáculo do futebol. São eles que entram em campo e levam em sua participação os sentimentos dos torcedores, as esperanças das vitórias, os interesses que permeiam o mundo do esporte. Nas Copas do Mundo, eles se tornam os símbolos da conquista, em alguns casos também da derrota, e participam com destaque das disputas de memória e poder que envolvem o espetáculo.

2.1 Os tricampeões

Em 1970, a principal figura do futebol mundial era o brasileiro Pelé, que a partir da Copa de 1958 na Suécia, quando jogou com apenas 17 anos, ganhou destaque mundial. Em 1962, mesmo sem ter jogado a Copa no Chile por uma contusão no primeiro jogo, Pelé já se tornara um fenômeno do esporte, como um marco da nova lógica de espetáculo que desenvolvia o ambiente desportivo e símbolo da nova geração dos esportistas pós-profissionalização, que surgiram em um ambiente esportivo já comercializado. Desde cedo, quando chegou ao Santos Futebol Clube em 7 de setembro

³¹³ Cesar Luís Menotti, *Mundial 78. La Historia Paralela* [DVD], Argentina, 2008.

³¹⁴ LABORIE, Pierre. “1940-1944. Os franceses do pensar-duplo”. In *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Europa*. ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz (org). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp. 31-44, pp. 39-40.

de 1956, aproveitou as oportunidades que sua imagem como jogador lhe proporcionavam. O próprio Edson se refere ao personagem Pelé em terceira pessoa, considerando que o mesmo surgiu aos seus 15 anos, quando se tornou jogador profissional.³¹⁵

Com sua imagem divulgada em todo o mundo, Pelé tornou-se um personagem importante para a própria CBD, e para os interesses pessoais de seu presidente, João Havelange. Ao mesmo tempo, quanto mais divulgava sua imagem a partir da seleção brasileira e do Santos, mais o jogador valorizava seu passe e seu personagem.

Em campo, Pelé tornou-se um mito, poucas vezes criticado publicamente. Porém, alguns adversários, como o português Eusébio da Silva Ferreira, que enfrentou Pelé em um jogo da Copa de 1966 na Inglaterra, quando Portugal venceu por 3X1, o acusavam de violento e de “jogar sujo”.³¹⁶ Em 1965, por exemplo, jogando pela seleção brasileira no Maracanã, quebrou a perna do jogador da Alemanha Ocidental Kiesman, e em 1968 rompeu o tendão do joelho do jogador do Cruzeiro Procópio Cardoso Neto, em partida disputada pelo seu clube santista.

A imagem de Pelé também foi importante para a campanha de João Havelange para a presidência da FIFA. Já com fama internacional, o jogador viajou o mundo em apresentações pela CBD, divulgando o nome do presidente da entidade, do seu clube Santos e, claro, o seu próprio.³¹⁷ Era um jogo de interesses em que todos saíam favorecidos.

Alguns momentos da carreira de Pelé foram destaque, como o milésimo gol no dia 19 de novembro de 1969, contra o Vasco da Gama no Maracanã. Naquele momento a seleção brasileira já estava classificada para a Copa no ano seguinte, e vivia um momento de euforia com a campanha das eliminatórias e com as “feras do Saldanha”. Foi o primeiro jogador brasileiro a atingir a marca, celebrada como um êxito nacional. O presidente Médici o recebeu no Palácio do Planalto após o feito, encontro posteriormente divulgado como parte da propaganda oficial:

O palácio do Planalto vive um dia diferente. O maior atleta mundial do futebol, Pelé, é recebido pelo presidente Médici, que também é um entusiasta desse esporte. Com afabilidade o presidente palestra com Pelé, colhendo impressões do craque e de sua

³¹⁵ MORAES, Mario (org.) Futebol é arte. Série depoimentos. Parte II, Rio de Janeiro, FAPERJ e MIS Editorial, s/d.

³¹⁶ <http://esportes.terra.com.br/futebol/noticias/0,,OI5495480-EI1832,00-Excraque+portugues+Eusebio+reclama+de+Pele+e+diz+que+Garrincha+foi+melhor.html>.

³¹⁷ Guterman, *Op. Cit.*, 2009.

fabulosa carreira nas disputas nacionais e internacionais, até a proeza do milésimo gol.³¹⁸

O jogador construiu sua carreira e sua imagem tanto durante a democracia como na lógica da ditadura. No período das eliminatórias e da Copa de 1970, por exemplo, apesar das crises e tensões que envolveram a seleção, principalmente com a demissão de Saldanha e a entrada de Zagalo, Pelé sempre se posicionou favorável às decisões tomadas pela CBD. Ele apoiou a contratação de Saldanha, e evitou o desgaste público com as críticas que o treinador fazia ao seu desempenho. Para a opinião pública, torcedores e a sociedade, Pelé se mostrava sempre como o jogador que não se envolvia nos conflitos, o companheiro, o que lhe dava uma certa imagem de inocência e pureza. Pelé era quase divino, puro talento, e trabalhou ao máximo esta imagem.

Em entrevista ao Museu da Imagem e do Som em 1967, por exemplo, o jogador afirmou que não pretendia jogar a Copa de 1970, por considerar que ele não trazia sorte à seleção, já que contundido em 1962 garantiu-se a Copa sem ele e com sua participação em 1966 o Brasil foi desclassificado na primeira fase: “Conversando com o pessoal da época, talvez eu mude de ideia, mas ainda faltam dois anos. Agora, porém, eu acho que não jogo mais em Copas do Mundo”³¹⁹. É interessante considerar que, naquele momento, no auge do seu sucesso, Pelé provavelmente poderia ter se recusado a jogar, porém passa a decisão adiante, a responsabilidade deixa, então de ser sua. A derrota na Copa de 1966 e as fortes críticas recebidas pela seleção talvez justifiquem este tipo de cuidado do jogador. Posteriormente, segundo o jornalista Juca Kfourir, Pelé afirmou que não jogou a Copa de 1974 na Alemanha Ocidental porque estaria cansado de ser utilizado pela ditadura, o que Kfourir afirma ser uma imagem de resistência criada por Pelé como memória, já que segundo o jornalista o jogador não participou por questões financeiras.³²⁰

Outro jogador que se destacou naquele período foi o já citado o Dadá Maravilha, que também costuma se referir a si próprio em terceira pessoa. Diferente de Pelé, que marcou a Copa com sua técnica e consagração como melhor jogador da história do futebol, foram as polêmicas sobre sua escalação que o levaram ao centro das discussões:

³¹⁸ Arquivo Nacional, vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9rwMyv3KxtM>.

³¹⁹ MORAES, Mario (org.) *Futebol é arte*. Série depoimentos. Parte II, Rio de Janeiro: FAPERJ e MIS Editorial, 2002, p.338.

³²⁰ Juca Kfourir, entrevista concedida à autora no dia 19/07/2011, em São Paulo, SP.

...eu fui muito sufocado, porque, até hoje, os caras dizem que foi o presidente que me convocou. Ninguém fala que foram 69 gols, que eu era uma máquina de fazer gol... Ninguém fala. Falam que o presidente me convocou. Então, é uma situação difícil. Mas, de qualquer maneira, eu levava o negócio na brincadeira. Eu até gosto, porque um ato de ditador – que falavam, que era ditador... Então, um presidente me convocou. Olha só que coisa linda. Eu fui convocado por um presidente... Mas, no fundo, eu fico “fulo da vida”, porque e o mérito do Dadá? Então, tentaram tirar o meu mérito. Eu briguei. E o pior é que era todo mundo contra o Dadá.³²¹

A questão envolvendo o jogador Dario tornou-se definitivamente um marco da memória social do período. De um lado, está a memória coletiva de um resistente Saldanha, que teria perdido seu cargo por suas convicções políticas; do outro a memória de um Zagalo, que, eventualmente, teria cedido às pressões do regime para se manter no cargo. Neste meio, aparece a figura de Dario, que se tornou para o povo um “bode expiatório”, como um possível símbolo da presença da ditadura na seleção, e ao mesmo isentando os demais jogadores de qualquer tipo de manifestação positiva ao regime.

O testemunho de Gérson mostra uma reflexão atual em que o jogador reconhece o conhecimento que tinham da situação do país naquele momento:

Em 1970 tinha o problema da ditadura, e teve, nós sabíamos o que estava acontecendo aqui, mas ninguém apertou, ninguém foi pé firme lá com a gente, trombada, nós éramos... Nós tínhamos uma Seleção, nós tínhamos que treinar, jogar, com todas as garantias, com tudo, sem problema nenhum, não tivemos problema nenhum em termos de esporte, naturalmente, sabíamos o que estava acontecendo, aí você pergunta, mas por que vocês não largam tudo? Nós não largamos tudo porque nós estávamos representando o país numa competição que exigia isso. Se não fosse para uma Copa do Mundo talvez largássemos, talvez não estivéssemos ali, mas fomos cumprir a nossa obrigação, fomos lá, ganhamos e acabou o problema. Nós não tivemos problema nenhum em matéria dessas pressões, essas coisas todas, não tivemos problema nenhum, tivemos todas as garantias, sabíamos o que estava acontecendo, éramos contra a uma série de coisas, né? Mas nós estávamos dentro do contexto, nós tínhamos que fazer a nossa parte, a parte de esporte, era isso.³²²

A memória de Gérson, construída a partir da distância de 41 anos do evento, mostra a indiferença dos jogadores. Como parte da sociedade, eles também procuraram formas de seguir o cotidiano, sem necessariamente ter que apoiar efetivamente o regime para isso. Na ditadura argentina, esse tipo de relação entre esporte e ditadura confundiu-se ainda mais, com a realização da Copa no próprio país. Como dito, após o fim da ditadura a principal memória que prevaleceu foi a da Copa como parte da vitória do

³²¹ SANTOS, Dario José dos. *Dario José dos Santos (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011. 59 p.

³²² NUNES, Gérson. *Gérson Nunes (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011. 19p.

regime, e a vitória como uma celebração oficial. Jogadores e comissão técnica tornaram-se, de certa forma, uma extensão do governo, cúmplices da opressão realizada.

2.1.2 O segredo do sucesso

Após a vitória, uma das referências da seleção brasileira foi à preparação física, apontada como o grande segredo dos jogadores que, apesar da idade avançada, deram um *show* de técnica nos gramados mexicanos. Por isso, faremos aqui alguns comentários pertinentes a formação deste time de heróis.

Em 1964, no momento da escolha da sede, em função da questão da altitude da Cidade do México (principal palco da Copa), a comissão organizadora explicou que a altura na verdade poderia ser um fator positivo. De fato, ela poderia significar uma melhora na respiração dos jogadores e a bola rolando com mais velocidade, desde que a seleção chegasse pelo menos vinte dias antes do início da competição para realizar a adaptação necessária.³²³

Esse processo de preparação técnica dos atletas recebeu o nome de Planejamento México e, para alguns, como Marco salvador e Antônio Soares, foi um importante fator de contribuição para a vitória brasileira, tendo as seguintes determinações:

No estudo sobre altitude, o planejamento analisava a questão dos fusos horários; o tipo de treinamento a ser utilizado em cada etapa do processo de preparação; o uso da câmara de baixa pressão como suporte para a simulação dos efeitos da altitude em cada atleta individualmente; a alimentação; as condições climáticas do local; a unidade do ar; os efeitos do stress; o horário de treinamento físico, técnico e tático equivalente ao horário dos jogos da competição; os resultados da massagem muscular em altitude e o preparo psicológico dos atletas, com o objetivo de atingir o máximo a capacidade atlética dos jogadores da Seleção nas vésperas e durante o evento.³²⁴

O Brasil não foi o único país a realizar um planejamento,³²⁵ mas o caso brasileiro foi o que atingiu o melhor resultado e teve como principal base o *Método Cooper*.³²⁶ Segundo Carlos Alberto Parreira, preparador físico da seleção:

³²³ Especial Taça Jules Rimet, fascículo 9: México. Revista Placar, s/d, p.6.

³²⁴ SANTORO SALVADOR, Marco Antônio & SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. *A memória da copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009, p.29

³²⁵ “Cabe lembrar que o Brasil não foi o único país participante que se preocupou com a competição em altitude e com o clima. A narrativa do suporte científico na preparação das equipes era patente naquele contexto. A altitude e o clima eram encarados como forte adversário das seleções que vinham do nível do mar, por isso cada país pesquisava, a seu modo, os efeitos que aqueles fatores exerciam sobre a capacidade física dos seus atletas” SANTORO SALVADOR & SOARES. *Op. Cit.* p.36

A preparação para 70 foi pioneira, houve um condicionamento científico, um planejamento e a introdução dos ciclos de treinamento. Cada jogador treinava de acordo com a sua condição específica. Nós chegamos à conclusão de que, tecnicamente, eles eram os melhores do mundo. Se nós dêssemos uma base física para manter a qualidade técnica e fazer no aspecto tático o que o treinador quisesse... Até porque a final ia ser disputada em condições muito especiais: no México, onde tem altitude. A condição física seria muito importante.³²⁷

Para Parreira, a vitória e os elogios à preparação do grupo mostram que o *Planejamento* deu certo.³²⁸ Após a Copa, a Organização Mundial da Saúde (OMS) fez testes de avaliações físicas com os jogadores, e o desempenho dos brasileiros garantiu a indicação de melhores preparados. Apesar do reconhecimento internacional, na verdade a seleção era “até hoje idealizada como uma equipe que não precisava treinar e tampouco necessitava de recomendações táticas, quando sabemos que, na verdade, a comissão técnica utilizou métodos de condicionamento e preparação física dos mais modernos da época”.³²⁹

Esse questionamento também é feito por Santoro Salvador e Soares em seu trabalho sobre a memória social da Copa de 1970, no qual procuram mostrar como atualmente os meios de comunicação, de uma maneira geral, negam a importante preparação técnica que foi feita na época. Cumpre destacar que alguns apontam a vitória ao futebol arte, esquecendo-se que houve um planejamento e uma preparação técnica

³²⁶ Idealizado pelo médico e preparador físico Kenneth H. Cooper, o método desenvolvido nos Estados Unidos foi popularizado no Brasil após sua adesão pela comissão técnica da seleção de 1970. Dois anos depois da Copa, em 1972, a mesma *Veja* fez uma reportagem sobre a popularidade que o método ganhou no país: “Qual é o segredo do método? O que tem ele de inusitado, de especial? “Por mais incrível que pareça”, afirma Kenneth Cooper, “absolutamente nada. Eu não criei novos exercícios. Somente reformulei os que já existiam.” Mas foi uma reformulação radical. Preocupado em encontrar o processo ideal para medir o estado físico dos oficiais da Força Aérea americana, especialmente os candidatos a astronautas, Cooper concluiu, depois de catorze anos de tentativas, que nenhum dos exercícios convencionais, como os isométricos, o levantamento de pesos ou a ginástica calistênica, demonstrava, isoladamente, qualquer efeito apreciável sobre todo o organismo, dos músculos até o coração e o sistema circulatório”. (Revista *Veja*, 26/07/1972, p. 71)

³²⁷ Carlos Alberto Parreira, entrevista para o SporTV Repórter, disponível em <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-reporter/noticia/2012/05/parreira-credita-tri-mundial-em-70-ao-metodo-cooper-deu-muito-resultado.html> e consultada no dia 20/08/2012.

³²⁸ O Planejamento foi composto das seguintes etapas:

“Períodos de treinamento:

1ª semana: Rio de Janeiro – apresentação, exames médicos, testes de aptidão física, início dos treinamentos em campo.

2ª semana até a 8ª semana: Rio de Janeiro, Brasília, Manaus, Bogotá, Guadalajara – Preparação, adequação.

9ª semana até a 12ª semana: Guadalajara – Adaptação à altitude, período de condicionamento.

16ª semana até a 19ª semana: Guadalajara – Período de Competição.”

SANTORO SALVADOR, Marco Antônio & SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. *Op. Cit* p.34

que alicerçou o triunfo: “A euforia da conquista do tricampeonato mundial em 1970 obscureceu o discurso do treinamento e da dedicação, presentes durante a competição, em favor da afirmação das qualidades do futebol e do povo no Brasil”.³³⁰

Os autores destacam em seu trabalho como a mídia atualmente ignora o “Planejamento México” e qualquer outra referência ao intenso trabalho de preparação física dos atletas que foi feito para a Copa de 1970. Ao comparar o trabalho da mídia na época do evento, os autores afirmam que naquele momento:

As narrativas jornalísticas exaltam a alegria, a raça e o orgulho, como características do povo brasileiro, ligando a imagem do presidente ao povo. Nesse sentido, os ideais românticos, do “gênio do povo”, e o trabalho científico utilizado pelo selecionado de 1970, foi constantemente acionado pela mídia durante e após o evento.³³¹

2.2 *Heróis ou cúmplices?*

Como ocorreu com os jogadores brasileiros, a seleção argentina também se relacionou diretamente com os líderes do regime em função do evento. Antes do início da Copa, os jogadores e a comissão técnica foram recebidos pelo presidente Videla na Casa Rosada, oportunidade em que o atacante Daniel Bertoni declarou: “Para nosotros es muy importante que el señor Videla, la Junta Militar, digamos, este con nosotros y nos apoyen en todo sentido y haya dado toda la fuerza y todo el aliento que dieron ellos”.³³²

Posteriormente, em entrevista concedida nas comemorações dos 30 anos da conquista, o atacante afirmou que: “¡Yo en ese momento pensaba en jugar al fútbol! Ni sabía... ni me enteraba quién era presidente... Después supe lo que supimos todos: cerca de dónde nosotros estábamos festejando y saliendo campeón del mundo había gente sufriendo, y a gente que desaparecía”.³³³ Percebe-se a mudança no discurso do jogador, marcado por esta memória construída, que condena e acusa os jogadores de cúmplices. O desconhecimento da situação, de quem era o presidente, significa, neste sentido, a não participação ou apoio ao regime, mas para Bertoni justificaria e legitimaria sua participação naquela seleção.

³²⁹ HELAL, Ronaldo. “As idealizações de sucesso no imaginário brasileiro: um estudo de casos” IN A invenção do país futebol: mídia, raça e idolatria. HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio J. G. e LOVISOL, Hugo Rodolfo (org.). Rio de Janeiro: Mauad, 2007, pp 135-148, p. 145.

³³⁰ SANTORO SALVADOR, Marco Antônio & SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. *Op. Cit*, 2009, p.18.

³³¹ Idem, p. 67.

³³² Daniel Bertoni, *Mundial 78. La Historia Paralela* [DVD], Argentina, 2008.

Por sua vez, o goleiro Ubaldo Fillol disse ter sido ameaçado, junto com sua família, por ordem do presidente do Ente Autárquico Mundial 78, o Almirante Carlos Alberto Lacoste, por não renovar imediatamente seu contrato com o clube River Plate.³³⁴ Tais afirmações mostram contradições nos discursos: sofreram ameaças, mas ao mesmo tempo não sabiam de nada do que acontecia, se diziam pouco politizados. O discurso ambíguo reflete a própria situação vivida, assim como a própria sociedade, que não quer olhar porque ali se vê.

Ao longo dos anos, os jogadores foram construindo uma memória que reivindica a vitória do grupo, o esforço e as dificuldades superadas para conseguir o título inédito. Como afirmou o goleiro Ubaldo Fillol em entrevista nas comemorações dos 30 anos da Copa: “A medida que pasa el tiempo sentimos más orgullo de lo que hicimos. Porque hicimos Argentina campeona del mundo por primera vez en la historia y defendimos la bandera”.³³⁵

Estas memórias dos jogadores das duas seleções mostram os conflitos que os mesmos vivem hoje ao lidar com esse passado, tema de disputas na sociedade. Percebe-se, entretanto, que em ambos os casos os jogadores possuem a preocupação de procurar compreender e justificar como o jogar pela seleção não significava necessariamente apoiar a ditadura. Eram, assim, como indivíduos de um pensar-duplo, que: “aparece como uma maneira de contornar uma realidade que se tornou insuportável, como uma resposta de circunstância a uma situação de exceção, como elemento de um amplo processo de adaptação”.³³⁶

³³³ Idem.

³³⁴ VEIGA, Gustavo. *Deporte, Desaparecidos y Dictadura*. Buenos Aires: Al Arco, 2006.

³³⁵ Ubaldo Matildo Fillol em *Mundial 78. La Historia Paralela* [DVD], Argentina, 2008.

³³⁶ LABORIE, Pierre. *Op. Cit*, 2010, pp. 31-44, p. 40.

3. Outros jogadores

Uma das bases desta tese é a importância que o futebol possui no Brasil e na Argentina, o que o permite ser objeto de análise de relações e manifestações sociais, como no caso das Copas do Mundo durante as ditaduras. Torna-se necessário também levantar outros casos de envolvimento deste esporte, no caso de seus jogadores, com o autoritarismo. Em alguns casos, os jogadores foram vítimas de perseguições, torturas e até desaparecimentos forçados. Em outros, tornaram-se parte do próprio aparelho estatal. Tais exemplos permitem aprofundar a questão da relação entre esporte e sociedade, assim como da própria sociedade com o autoritarismo.

O caso do jogador argentino Edgard Norberto de Andrada vincula os espaços esportivos e políticos de ambos os países. Andrada entrou para a história do futebol brasileiro como o adversário do milésimo gol de Pelé. Ídolo do Vasco da Gama, time que defendia naquele momento, até hoje é celebrado como um dos principais nomes da história do clube carioca. Andrada foi convocado para a seleção argentina algumas vezes, quando foi campeão da Copa América em 1963 e durante as eliminatórias para a Copa de 1970, em 1969, quando o país não se classificou para a o México. Após deixar o Vasco, em 1975, jogou por um ano no Vitória da Bahia, até retornar para a Argentina em 1977.

Andrada foi acusado de participar do sequestro dos militantes Osvaldo Agustín Cambiasso e Eduardo Pereyra Rossi, em 14 de maio de 1983, na cidade de Rosário. O ex-goleiro foi formalmente acusado em 2009, quando a então presidente da Argentina Cristina Fernandez de Kirchner tornou pública a Lista de Pessoal Civil de Inteligência (PCI), na qual estava o nome de Andrada como participante de grupos de tarefas³³⁷ ligados ao regime. Apesar de ter sido afastado de seu cargo de treinador juvenil de goleiros do clube Rosário Central em 2011, por conta do julgamento, Andrada foi liberado pela justiça em 2012 por falta de provas.³³⁸

Outro caso também na ditadura argentina foi do ex-jogador Juan de la Cruz Kairuz, que durante seu período como policial na província de Jujuy trabalhava também como técnico do clube Atlético Ladesma de Jujuy. Segundo testemunhas, ele era chefe de um grupo de tarefas que invadia domicílios na região:

³³⁷ Os grupos de tarefas eram os responsáveis pelos sequestros, desaparecimentos e em alguns casos torturas de presos políticos na Argentina.

³³⁸ <http://www.pagina12.com.ar/diario/deportes/subnotas/114735-36485-2008-11-09.html>.

Se cumplía el primer mes de la desaparición de mi padre y veníamos de una misa. Cuando acabábamos de llegar a casa, tocaron el timbre. Atendí yo y me tiraron la puerta para atrás. Entraron en gran cantidad militares con uniforme y ametralladoras que estaban comandados por Juan de la Cruz Kairuz, que en esa época era técnico de Atlético Ledesma. Me quedó su imagen porque a cada momento salía en reportajes en los diarios. Y cuando entró a punta de pistola y se llevó un montón de cosas, estaba de civil. El daba las órdenes y sabía perfectamente lo que hacía. En un segundo invadieron los tres pisos de mi casa. Sólo estábamos mi mamá, mi abuela y yo, que tenía dieciséis años”, recuerda Aredes, quien trabaja hoy en la Universidad de Buenos Aires.³³⁹

Em 2012, o caso de Kairuz segue na justiça argentina e, além de levantar a questão da participação de esportistas no regime, é marco nas causas contra grandes empresas que também participaram da repressão. Nesse caso, a açucareira Ladesma, do grupo familiar Blaquier, acusada de atuar no desaparecimento de operários da própria fábrica, como nas noites de 20 e 27 de julho de 1976, no episódio conhecido como “Apagão de Ledesma”.³⁴⁰

No Brasil o ex-jogador Augusto da Costa, capitão da seleção vice-campeã em 1950 na Copa realizada no Brasil, tornou-se censor durante a ditadura. Neste caso, seu trabalho era reconhecido publicamente, diferente dos citados argentinos que trabalhavam na repressão ilegal do regime:

Depois de visto o filme, cada censor dá seu parecer por escrito. Se houver empate, Romero do Lago, ou um segundo grupo de censores, desempata. Se não houver, Augusto da Costa, que já teve seu nome conhecido no Brasil inteiro, pois foi o beque da Seleção Brasileira na Copa de 1950 — recebe os pareceres, prepara os certificados, passa ao chefe para assinar e despacha aos distribuidores. Funcionários federais (dos níveis 17 e 18), os censores ganham no máximo NCr\$ 356,50 por mês e só podem ter outro emprêgo se forem jornalistas.³⁴¹

Entre diversos materiais, Costa censurou a música “Tanto Mar”, do cantor Chico Buarque. Costa faleceu em 2004, e seu nome continua mais associado ao mundo esportivo que ao seu papel posterior como censor.³⁴²

Outro caso foi o de Orandir Ortassi Lucas, conhecido no mundo esportivo como Didi Pedalada, que durante as décadas de 1960 e 1970 jogou no Internacional de Porto

³³⁹ <http://www.pagina12.com.ar/diario/deportes/8-49818-2005-04-17.html>.

³⁴⁰ CATELA da SILVA, Ludmila: “Apagón en el Ingenio, escrache en el museo. Tensiones y disputas entre memorias locales y memorias oficiales en torno a un episodio de represión de 1976”. In Ponciano Del Pino e Elizabeth Jelin (orgs.): *Luchas locales, comunidades e identidades*, Madrid: Siglo XXI, pp. 63- 106.

³⁴¹ *Realidade*, junho de 1967.

³⁴² KUSHNIR, Beatriz. Cães de guarda. Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo, 2004.

Alegre, no Atlético Paranaense, no Guarany de Bagé e no exterior, nos Estados Unidos e no México. Após encerrar a carreira esportiva foi escrivão da polícia. É um dos acusados do sequestro dos uruguaios Miriam Celiberti e Universindo Dias, durante a Operação Condor. O caso tornou-se público quando um jornalista da Revista *Veja* recebeu a denúncia de um sequestro em 17 de novembro de 1978, e ao investigar a denúncia noticiou a prisão dos uruguaios. Didi foi reconhecido quando o jornalista chegou ao local, e condenado pela participação do sequestro em 1980.³⁴³

Existem também os diversos casos de jogadores e atletas de um modo geral que foram perseguidos pelas ditaduras. No filme argentino *Crônicas de uma fuga*,³⁴⁴ a história do goleiro Cláudio Tamburrini, que jogava profissionalmente no Clube Almagro (Buenos Aires), além de cursar a faculdade de Filosofia e Letras. Claudio foi sequestrado e mantido em cativeiro por quase um ano, quando conseguiu fugir da Mansión Seré, um dos centros clandestinos de tortura indicados no livro *Nunca Más*.³⁴⁵ Em 1984, Cláudio retornou à Argentina e foi uma das testemunhas no julgamento das Juntas Militares.

No Brasil, Fernando Antunes Coimbra, irmão do ex-jogador Arthur Antunes Coimbra, o Zico, foi o primeiro jogador anistiado no país. Segundo Fernando, ele foi perseguido ao longo de seus seis anos como jogador profissional (1966-1972) por ter sido professor do Plano Nacional de Alfabetização.³⁴⁶ Para o ex-jogador, foi por conta de sua perseguição que seus irmãos não foram convocados para a seleção em distintas oportunidades: Eduardo Coimbra, artilheiro do principal campeonato nacional em 1969, o Roberto Gomes Pedrosa, e considerado o melhor jogador da América Latina no mesmo ano, não foi convocado para a Copa de 1970, no México. E, também segundo Fernando, Zico, apesar de ter feito o gol que classificou o Brasil para as Olimpíadas de Munique em 1972, também não foi convocado para esta competição.

Eu e meus irmãos formávamos um time de society na praia do Rio e há pouco tempo fomos jogar e um dos caras se apresentou como alguém que me interrogou. Ele pediu desculpas, mas não o cumprimentei. Foi a oportunidade de lembrá-lo que eu fui preso, submetido a tortura e com o rosto coberto por um capuz o tempo todo. Em Portugal, quando fui para o Belenenses, a ditadura do Salazar me enquadrrou, deram uma

³⁴³ CUNHA, Luiz Cláudio. *Operação Condor – O seqüestro dos uruguaios – uma reportagem dos tempos da ditadura*, L&PM, 2008.

³⁴⁴ *Crônica de uma fuga*. DVD, Direção: Adrián Caetano, Argentina, 2006.

³⁴⁵ SÁBATO, Ernesto (org.). *Op Cit*, 1984..

³⁴⁶ Baseado no método Paulo Freire, foi um plano iniciado em 1963 que tinha como objetivo alfabetizar cinco milhões de jovens e adultos em dois anos. Com o golpe civil-militar em 1964, o Plano foi interrompido.

carteirada logo no início de minha transferência. Tinha 22 anos, fiquei desesperado e tive de abandonar tudo. Tive a porta fechada no futebol por ordem do regime e tive de ficar calado para não prejudicar meus irmãos. O Zico a gente sabia que seria craque desde os seus seis anos. Ele era completo desde menino com a bola. Fiquei calado e a história o permitiu seguir adiante. Quando voltei ao Brasil, fui ser vendedor para me virar”, informa.³⁴⁷

Como nos casos das seleções das Copas de 1970 e 1978 do Brasil e Argentina, respectivamente, tais casos mostram também os conflitos de memória sobre o período. A partir do olhar do presente, diversas leituras são feitas daqueles episódios, repensando a tradicional visão do esporte como um espaço “puro”, sem intervenções políticas, praticamente um meio à parte da sociedade. Ao contrário, tais casos ajudam a perceber o mundo esportivo como parte da sociedade onde viveu e atuou em tais anos no cotidiano das práticas do próprio regime.

4. Os conflitos de memórias

Ao longo deste capítulo, acabamos por trabalhar as experiências dos principais atores das Copas do Mundo tratadas nesta tese, e percebe-se que as mesmas são marcadas por importantes disputas de memória sobre o período. No caso brasileiro, por exemplo, a reivindicação de Zagalo de seu papel na formação da seleção campeã, de sua participação no esquema técnico, luta contra a memória social de que foram “as feras de Saldanha” que garantiram a taça. A seleção de 1970 entrou para a memória brasileira por sua arte, não por sua técnica, e pelo período sob liderança de João Saldanha. Na página da FIFA na internet, Zagalo reclama do tratamento que recebe da sociedade brasileira: “Acepto las críticas, no las burlas. En Alemania me eligieron mejor entrenador del mundo. En Brasil me ridiculizan”.³⁴⁸ João Havelange também considera que seu próprio país não o reconhece, “eu ganhei três Copas do Mundo para o Brasil”, e continua sem as devidas homenagens que considera ser merecedor.³⁴⁹

O caso argentino não é diferente. Os jogadores e o técnico Menotti tiveram que enfrentar críticas que consideram que a seleção de 1986 representa mais o país que a primeira campeã, em 1978. Segundo o ex-goleiro Ubaldo Fillol, “es una polémica

³⁴⁷ <http://www.jcnet.com.br/Politica/2012/04/irmao-de-zico-lanca-livro-sobre-ditadura-no-futebol.html>.

³⁴⁸ www.fifa.com, site consultado em 13/12/2011. A citação não está disponível na versão em português da página.

³⁴⁹ João Havelange. Entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 28/01/2010.

ridícula, a mí entender. Nosotros, les guste o no le guste a mucha gente, y a mucha gente si, pero al que no le gusta, la selección de 78 fue la primera selección campeona del mundo en la historia del fútbol argentino. Y eso es inmortal”.³⁵⁰

Podemos entender que estas disputas são marcadas por diferentes *memórias* e *projetos*, que articulados buscam construir *identidades*: “...existe uma tendência de constituição de identidades a partir de um jogo intenso e dinâmico de papéis sociais, que associam-se a experiências e a níveis de realidade diversificados, quando não conflituosos e contraditórios”³⁵¹.

Por outro lado, as memórias são espaços de disputa e conflito, mas também um exercício de poder e de cidadania.³⁵² Assim, trabalhar e problematizar estas diferentes experiências permite tanto ampliar a perspectiva sobre o tema como trazer alguns atores excluídos para o conflituoso espaço da memória recente como é o caso dos esportistas. Porém, questiona-se neste sentido até que ponto esta exclusão também não é provocada pelos próprios atores, que muitas vezes preferem não se expor em relação ao passado recente.

³⁵⁰ Ubaldo Matildo Fillol, entrevista disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=iYkHZhBL404>, consultado em 25/10/2011.

³⁵¹ VELHO, Gilberto. “Memória, Identidade e Projeto”. In *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994, p.8.

Capítulo 5: O décimo segundo jogador

O palco armado, os heróis prontos para entrar em campo e defender a camisa, no entanto, as Copas do Mundo só alcançam sua magnitude quando se incorpora ao espetáculo o décimo segundo jogador: a torcida. Neste capítulo, serão trabalhados tanto os próprios eventos como as diversas manifestações sociais ao longo das duas Copas e as grandes festas populares que tomaram as ruas com as vitórias.

Festejaram os governos, que, como vimos no capítulo três, investiram em obras de infraestrutura e modernização para preparar o palco da festa. Comemorou também o *povo*, indivíduos que compartilharam esta experiência, seja de seu lar, com amigos, familiares; seja da dura realidade de um centro clandestino ou das prisões, com outros presos e desaparecidos políticos; seja na busca dos familiares: positiva ou negativamente, todos viveram o cotidiano das competições. Assim, preparando o *clima* deste capítulo, é pertinente retomar aqui a questão das Copas como um espaço de enfrentamento e exposição de diversas visões sobre o mesmo governo, em que as comemorações e celebrações populares podem ter diferentes significados.

Na primeira parte, serão trabalhadas as competições de 1970 e 1978 de maneira geral, retomando alguns episódios já citados em capítulos anteriores como os jogos e a expectativa a cada etapa vencida. Como se procura trabalhar ao longo desta tese, as Copas não se resumiram ao uso que os regimes fizeram delas e foram também um importante espaço de relações e manifestações de outras partes da sociedade.

Na segunda parte, trabalharemos os regimes e suas manifestações. A propaganda oficial será discutida como elemento chave na procura de estabelecer a estimada associação entre o governo e a seleção de futebol. Neste sentido, destaca-se o papel de Médici e Videla como torcedores, ultrapassando a relação social de líderes políticos.

A proposta é, portanto, mostrar as múltiplas faces deste décimo segundo jogador que foram estas sociedades. Apesar do interesse das ditaduras nas vitórias, mostraremos aqui como outras opções de torcer, desvinculadas de uma suposta obrigatoriedade em estar associada ao apoio político às ditaduras:

(...) ojo, no es que nos obligaron a gritar los goles. Hay que tener en cuenta que toda esta gente que estaba allí, si no hubiera estado prisionera, si no hubiera estado secuestrada, hubiera estado en su casa mirando el partido o en la cancha. Un Campeonato Mundial en

³⁵² LE GOFF, Jacques. "Memória". In: Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

que la Argentina estaba... o sea, que era natural, digamos. Más con el significado que tiene el fútbol en nuestra sociedad.³⁵³

Presidentes, presos políticos, a sociedade em geral: todos possuíam em comum o *status* de torcedor..

1. A grande festa do futebol

1.1 México: a consagração brasileira.

A IX Copa do mundo do México começou no dia 31 de maio e, apesar do clima pessimista nos meios de comunicação nacionais, a seleção brasileira desfrutava do *status* internacional de ser uma das favoritas ao título.³⁵⁴ A vitória foi a confirmação da superioridade do futebol *tupiniquim*: “Foi a maior campanha da história das Copas do Mundo: nos 12 jogos disputados (seis pelas eliminatórias e seis na fase final), o Brasil venceu os 12. Não é a toa que a Seleção de 1970 é considerada a melhor de todos os tempos”.³⁵⁵ Na tabela abaixo, estão as datas e os placares dos jogos finais que levaram o caminho da vitória:

Data	Confronto
03/06/1970	Brasil 4X1 Tchecoslováquia
07/06/1970	Brasil 1X0 Inglaterra
10/06/1970	Brasil 3X2 Romênia
14/06/1970	Brasil 4X2 Peru
17/06/1970	Uruguai 1X3 Brasil
21/06/1970	Brasil 4X1 Itália

Antes da Copa, o presidente Médici recebeu os jogadores em uma recepção de despedida, ato já comum para os presidentes brasileiros. Apesar da festa promovida pelo governo, a seleção embarcou para o México sob desconfiança dos principais meios de comunicação, como veremos no próximo capítulo. O plano de preparação física organizado pela comissão técnica –planejado ainda durante o tempo de Saldanha no

³⁵³ Memoria Abierta, *Testimonio de Mario Cesar Villani*, Buenos Aires, 2002.

³⁵⁴ Apesar de ser uma das favoritas pelos apostadores e especialistas internacionais, como veremos no próximo capítulo, a imprensa brasileira criticou insistentemente o grupo antes do início do torneio.

³⁵⁵ Especial Taça Jules Rimet, fascículo 9: México. Revista *Placar*, s/d, p.4.

comando da seleção- definiu que os jogadores chegariam à sede um mês antes de seu primeiro jogo, no dia 4 de maio.³⁵⁶

Enquanto a seleção se preparava para os jogos decisivos, no Brasil, em plena euforia pelas primeiras vitórias da seleção, no dia onze de junho ocorria no Rio de Janeiro o sequestro do embaixador alemão, Ehrenfried von Holleben, pelas organizações *Ação Libertadora Nacional (ALN)* e *Vanguarda Popular Revolucionária (VPR)*.³⁵⁷ A exigência dos sequestradores era a liberação de quarenta presos políticos e a ação ganhou repercussão popular nos *intervalos* da torcida pela seleção canarinho.³⁵⁸

A revista *Veja* publicou cinco diferentes comunicados sobre a situação: o do Itamaraty (Ministério de Relações Exteriores), o da Presidência da República, dos sequestradores, o do Exército e um em nome da seleção enviado do México:

O Ministério do Exército distribui a seguinte nota: “Guadalajara – Urgente. Causou profundo impacto na Seleção a notícia chegada ao México sobre o sequestro do embaixador alemão. Pelé, Rivelino, Clodoaldo e outros craques lamentaram que maus traidores e criminosos venham quebrar a tranquilidade e o entusiasmo da Seleção. Lamentaram nossos craques que os terroristas, a serviço dos países comunistas, tentem com atos criminosos atingir um país amigo.”³⁵⁹

Chama atenção no comunicado que o porta voz da seleção era o Ministério do Exército. Em primeiro lugar, confirma a ideia da lógica militarizada na seleção, e não apenas da presença de profissionais de educação física do exército na comissão técnica. Em segundo lugar, corrobora a associação de que o discurso oficial seria também o discurso da seleção e dos próprios jogadores.

Entre os libertados estava Daniel Aarão Reis Filho, então preso em Ilha Grande, no Rio de Janeiro, que relata que a partir daquele momento foi retirada a televisão colocada pelo diretor da prisão para os presos assistirem os jogos. A opção foi continuar acompanhando pelo rádio (apesar da ordem ter sido confiscar também as pilhas, algumas foram escondidas e os detentos puderam seguir a competição desta forma), misturando a emoção da seleção com a expectativa de conquistar a liberdade.³⁶⁰

Não foram as referências dos anos de chumbo que marcaram aqueles dias. No clima patriótico daqueles dias, a música também participava da festa esportiva. Wilson Simonal, o cantor que “esbanjador, expansivo, debochado, vencedor (...) representava

³⁵⁶ As imagens do embarque estão disponíveis no DVD anexo à esta tese.

³⁵⁷ *Jornal do Brasil*, 12/06/1970.

³⁵⁸ INFORME 360/CISA RJ, DE 24/07/1970, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

³⁵⁹ Revista *Veja*, 17/06/1970, p. 27.

mais do que ninguém o brasileiro engajado no “*milagre econômico*”,³⁶¹ embarcou com seleção para o México, onde fez shows divulgando a música brasileira e, claro, a imagem do brasileiro que o regime queria exportar. Um clima de euforia, no que Janaína Cordeiro destacou ser a característica daqueles anos de ouro.³⁶²

A Copa também trouxe de volta alguns traumas esportivos. Na semifinal, o adversário era o Uruguai, que 20 anos antes havia derrotado a seleção brasileira, protagonizado o que Nelson Rodrigues intitulou como uma irremediável catástrofe nacional, uma verdadeira *Hiroshima brasileira*, ao conquistar no Maracanã a competição de 1950.³⁶³ Apesar das apresentações da seleção no México até aquele momento, a partida do dia 17 de junho recuperou medos e angústias: teríamos finalmente superado a “inferioridade” que nos custou aquela Copa em casa? Não restavam dúvidas: como definiu a Revista Placar em sua capa do dia 19 de junho, “Vingança!”: “Um jogo nervoso, quente, de fazer a gente chorar, de gritar, de aplaudir Clodô, Jair e Rivelino, as feras que colocaram três gols na rede do Uruguai e acabaram com uma dor de vinte anos”.³⁶⁴

Na final, o Brasil consagrou-se campeão afirmando sua superioridade esportiva contra a Itália. A festa explodiu nas ruas do país, com o coroamento do futebol brasileiro, reconhecido em sua superioridade em todo o mundo. Embalando os festejos, os brasileiros cantavam:

Noventa milhões em ação/ Pra frente Brasil, no meu coração/ Todos juntos, vamos pra frente Brasil/ Salve a seleção!!!/ De repente é aquela corrente pra frente,/ parece que todo o Brasil deu a mão!/ Todos ligados na mesma emoção,/ tudo é um só coração!/ Todos juntos vamos pra frente Brasil!/ Salve a seleção!³⁶⁵

A música, composta pelo radialista Miguel Gustavo Werneck de Souza Martins, fala na união nacional, na participação de todo o país como torcedor e responsável pela conquista. A marchinha que se tornou símbolo da vitória foi utilizada também pelo governo como uma associação entre o país e a seleção. O futebol era um elemento que

³⁶⁰ Daniel Aarão Reis Filho, entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 07/08/2011.

³⁶¹ FERREIRA, Gustavo A. A. “Simonal, ditadura e memória: do *cara que todo mundo queria ser* a bode expiatório”. In ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Europa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 193.

³⁶² CORDEIRO, Janaína, *Op. Cit*, 2009.

³⁶³ SANTORO SALVADOR & SOARES. *Op. Cit*.

³⁶⁴ Revista *Placar*, 19/06/1970, p. 4. Interessante perceber que a revista utiliza o adjetivo “feras”, tão associado ao ex técnico João Saldanha, para se referir aos jogadores.

³⁶⁵ Miguel Gustavo *apud* GUTERMAN, G *Op. Cit*, 2009.

permitia ao regime promover a suposta união nacional em um espaço que não passava pelo setor político. A seleção de futebol era um elemento comum, um espaço de diálogo e de identificação entre a ditadura e importantes parcelas da sociedade brasileira, e a música enfatiza esse caráter.

Com a vitória no futebol dia 21 de junho, as ruas do país foram ocupadas pela população em um clima de euforia e expressão popular. Pode-se pensar, então, se um dos períodos mais repressivo e autoritário dos anos de ditadura não terminou sendo também, para parte da população, o governo do presidente que celebrava com seu povo a vitória no futebol e o orgulho nacional nas ruas.

Um dos momentos mais emblemáticos da vitória foi a abertura dos portões do Palácio da Alvorada pelo presidente Médici, deixando a população entrar e participar da festa da conquista: “Mas os aplausos do presidente tinham também outro significado: o povo o reconhecia e aceitava como cabeça e símbolo da imensa e exaltada torcida em que o país inteiro havia se transformado”.³⁶⁶

Como de costume nas conquistas anteriores, houve uma grande recepção no retorno dos tricampeões, que foram direto para Brasília para a recepção no Palácio da Alvorada.³⁶⁷ Os heróis desembarcaram em Brasília no dia 23 de junho às 13 horas, para o encontro com o presidente, um almoço que incluía também a família do mandatário. Todo trajeto foi percorrido em carro aberto a capital saudando a população. Mais de setenta mil torcedores eufóricos recebiam os campeões em uma grande festa nas ruas de Brasília. A foto a seguir mostra um pouco da festa ocorrida na capital:

³⁶⁶ Revista *Veja*, 01/07/1970, p. 19.

³⁶⁷ As seleções campeãs de 1958 e 1962 também foram recebidas com festa pelos presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart, respectivamente.



Fonte: Imagem cedida pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo APESP – ICO UH 1575 019.

Segundo os dados oficiais, desde a inauguração da cidade não se juntava tamanha multidão na Praça dos Três Poderes.³⁶⁸ A foto a seguir de Médici segurando a taça foi intensamente reproduzida pelos meios de comunicação:



O presidente Médici e a Julio Rimet (Imagem cedida pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo APESP – ICO UH 0798).

Depois de saudar o presidente, a seleção seguiu pelo país. No Rio de Janeiro a festa contou com mais de 1 milhão e meio de pessoas nas ruas, escolas de samba e um verdadeiro carnaval em pleno inverno carioca. A Jules Rimet, agora definitivamente brasileira, também foi com o capitão da seleção Carlos Alberto Torres para esta cidade,

³⁶⁸ Revista *Veja*, 01/07/1970, p. 21.

onde ficava a sede da CBD, e inicialmente ficou exposta no Banco do Estado da Guanabara.³⁶⁹

A festa popular não foi completa em todos os centros urbanos que esperavam a carreato com os campeões. Em São Paulo, as 500 mil pessoas que esperavam seus heróis num dia frio de inverno não ficaram satisfeitas quando apenas dois jogadores titulares, Clodoaldo e Rivelino, apareceram para a festa. Inconformados, os torcedores vaiaram o carro aberto que desfilou os craques junto com o refeito da cidade e os representantes da CBD.³⁷⁰

Cabe aqui a questão: qual o sentido de tais vaias? Em primeiro lugar, é interessante pensar a própria divulgação delas em uma reportagem dedicada a pensar a relação entre a imagem do regime e sua associação com a Copa. Em segundo lugar, percebe-se aqui os próprios limites deste complexo jogo de paixões, uma sociedade que vai da festa popular à vaia em tão curto espaço de tempo. E se aqui as vaias são consideradas apenas manifestação de uma angustia pontual, cabe pensar também se esta não é uma leitura possível para os aplausos ao presidente Médici no dia da vitória.

1.2 A glória em casa

Poucas datas foram tão esperadas pelos argentinos como a Copa de 1978. Como vimos, nos dois primeiros capítulos desta tese, durante muito tempo o país seguiu uma política de não participação no evento da FIFA e, quando percebeu o peso que a competição adquiriu e que importantes adversários como Brasil e Uruguai já celebravam suas conquistas, teve que lidar com as dificuldades de sua entrada na elite do futebol mundial. Por isso, a Copa tinha um sentido especial, uma expectativa anterior ao golpe.

Os jogos que traçaram o caminho da conquista argentina foram:

Data	Confronto
02/06/1978	Argentina 2X1 Hungria
06/06/1978	Argentina 2X1 França
10/06/1978	Argentina 1X0 Itália
14/06/1978	Argentina 2X0 Polônia
18/06/1978	Argentina 0X0 Brasil
21/06/1978	Argentina 6X0 Peru
25/06/1978	Holanda 1X3 Argentina

³⁶⁹ Revista *Placar*, 03/07/1970.

³⁷⁰ Revista *Veja*, 01/07/1970, p. 27.

Assim, através do clima da organização e da experiência de viver cotidianamente a Copa, os festejos e a participação popular começaram antes mesmo da vitória da seleção nacional que garantiu a conquista do campeonato. Afinal, a própria realização do evento já permitia comemorações, tendo sido um dos principais canais de estímulo do governo e dos que o apoiavam, como os meios de comunicação, tendo feito, eles mesmos, uma campanha contra a suposta *campanha anti-argentina*, que será tratada mais adiante.

Foi então que a Copa do Mundo transformou-se na oportunidade de resposta, através do cotidiano e da organização, sendo que a seleção nacional passou a ser a própria representação da “verdadeira” Argentina. Nos jornais e revistas da época foi comum o pedido de participação popular na resposta às denúncias de violações de direitos humanos. Segundos estes meios –que reproduziam a retórica oficial- as acusações eram contra o próprio povo argentino, contra a nação, e por isso exigia uma resposta coletiva. Foram inúmeras as formas de “participação” incentivadas, como por exemplo, o envio de cartas ao exterior contando a “verdadeira” situação do país, como foi o caso da revista *Para Ti*, que publicou em algumas de suas edições cartões postais para seus leitores enviarem para os que criticavam a Argentina.³⁷¹

Uma das questões que preocupava os organizadores era a possibilidade de alguma ação por arte das organizações armadas, embora estivessem desarticuladas, mas poderiam significar um problema para a imagem do país caso preparassem algum atentado. Apesar de não ser oficialmente confirmado, existem indícios de que o Almirante Massera, encontrou-se alguns meses antes do evento em Paris com o líder montonero Mario Firmenich, onde a Marinha mantinha, na embaixada argentina, um *centro piloto de informação* organizado para responder às críticas vindas do exterior.³⁷²

Mesmo com este suposto cessar fogo, o regime procurou outras formas de garantir a paz durante a Copa. Em seu depoimento o ex militante, Carlos Zamorano, afirma que foi parte de um grupo de presos mantido refém pelo governo durante a Copa:

³⁷¹ Além dos postais da Revista *Para Ti* (Que estão nos cadernos de imagem desta tese), podemos citar também o caso da revista *Gente*: “Invita a cualquiera de tus amigos preocupados que elija cualquier dirección en cualquier guía y escriba preguntando sobre la realidad argentina. Y te puedo anticipar las respuestas” (*Gente*, 11/05/78, p. 5).

³⁷² URIARTE, Claudio. *Almirante Cero*. Buenos Aires: Planeta, 1ª ed, 1992. As ações do grupo de Massera em Paris foram denunciadas por uma funcionária da embaixada na época, Elena Holmberg Lanusse. Em vinte de dezembro de 1978 ela foi sequestrada em Buenos Aires e seu o corpo da foi encontrado no dia onze de janeiro de 1979 no rio Luján, na província de Buenos Aires. (Uriarte, *Op. Cit*, 1992).

Bien, lo cierto es que después de dos días viene un guarda cárcel hablando en cordobés y nos damos cuenta que estamos en Córdoba. Y ahí nos habían llevado a un seleccionado, gente oriunda de 5 cárceles. De varones era Resistencia, Rawson, La Plata y Sierra Chica; y mujeres de Devoto. En ese momento en Devoto había nada más que mujeres. Todos a la cárcel de Córdoba, donde las mujeres fueron a su pabellón, los varones al nuestro, y ahí estuvimos hasta que, bueno, vino un contingente, digo, dentro del contingente que venía de Sierra Chica estaba Osvaldo Zigfrido de Benedete, que ha sido comandante en jefe de varias operaciones nacionales del ERP, miembro de la comisión ejecutiva del poder central de su partido, rosarino. Y él me dijo: “Bueno, me han dicho que los transmita a todos que acá en Córdoba va a venir presenciar uno de los partidos el presidente Videla, si a él le llega a pasar algo moriremos los 25. Pero si le llega a pasar algo a los miembros de las FFAA o de seguridad, incluidas las penitenciarias eso se supone que se entendía, etc., vamos a ser fusilados 5”. Y así pasamos 2 meses en esta cárcel como rehenes, como si la gente de afuera supiera que estábamos nosotros ahí y por eso iban a frenar o estimular según nos tuvieran simpatía o antipatía sus acciones.³⁷³

Percebe-se, a partir deste caso, a importância da garantia da imagem pacífica do país para o governo. Afinal, a justificativa do golpe e do próprio *Processo* era acabar com a violência social existente no país e, no momento em que confirma que será sede do evento da FIFA, a ditadura deu também suas garantias de paz e tranquilidade, como vimos no segundo capítulo da tese.

A negociação com as organizações armadas não foi a única ação do *Processo* para criar um clima de paz social. Em função da imagem do país para os visitantes estrangeiros foram removidas favelas que rodeavam os estádios e áreas de acesso dos visitantes, numa remodelação do espaço urbano que transmitisse uma ilusão de um país desenvolvido, sem desigualdades sociais e com *gente de bem*. Esta lógica envolveu também uma limpeza das ruas daqueles que eram considerados uma imagem negativa:

Lo único que me acuerdo es que comimos re poco en el Mundial, porque metieron preso a todos los homosexuales, todos los homosexuales de Buenos Aires los metieron presos, y a todos los carteristas. No quedó uno sólo homosexual en las calles de Buenos Aires, ni un carterista, nada. Previniendo los metieron presos a todos... así que, se bajó la cantidad de comida, que la misma dividíamos entre los demás, viste. Se bajó la cantidad de comida, me acuerdo que comimos menos, bueno, estos días que duró el Mundial, ese mes que duró el Mundial.³⁷⁴

No mesmo sentido, o governo também promoveu uma campanha de educação para a própria população:

La campaña era que los argentinos tenían que comportarse bien. A los tacheros les decían que no había que llevar a los turistas a dar vueltas para cobrarles más, no había que empujar. Nos trataban a todos como inadaptados. El subtexto de eso era “acá son

³⁷³ Memoria Abierta, *Testimonio de Carlos Zamorano*, Buenos Aires, 2003.

³⁷⁴ Memoria Abierta, *Testimonio de Analía Martín*, Villa Constitución, Santa Fé, 2007.

todos unos hijos de puta, pero que no se note”. Era una campaña muy agresiva, en radio, en televisión, en la prensa, bien organizadita por la Secretaría de Difusión Pública.³⁷⁵

A vitória na Copa e as comemorações ao longo do torneio foram, para muitos, uma manifestação popular sem precedentes na história do país. De fato, diferente do caso brasileiro que teve importantes manifestações nos primeiros anos da ditadura, os argentinos não saíam às ruas pelo menos desde antes do golpe em março de 1976.³⁷⁶ A mídia favorável ao regime e o próprio governo enfatizavam que “los argentinos, acaso por primera vez em lo que va del siglo, levantaron estos colores [da bandeira nacional] sin enfrentamientos”.³⁷⁷ Afirmavam ser aquela uma comemoração que unia a população sem conflitos políticos, que marcavam a história recente do país. E não eram os únicos. Mesmo para os que se opunham ao regime era uma oportunidade única de união, de celebrar mesmo sob o poder de um regime opressivo: “Es que, nos guste o no, sea trágico o ridículo, nos dé culpa hoy recordarlo o placer, ese día estábamos todos unidos por una misma voluntad: que Argentina saliera campeón mundial”.³⁷⁸

Os protestos dos que não se entusiasmaram pareciam não ofuscar a festa.³⁷⁹ Para a população nas ruas, o clima de festa que era quase uma unanimidade. Afinal, deve-se considerar que muitos já aguardavam ansiosos pela Copa desde a confirmação da sede, em 1974, e mesmo contra a ditadura não hesitaram em participar da festa futebolística:

Nosotros, la grande mayoría éramos pibes, 22, 23, 24 años. La gran mayoría nos gustaba el fútbol, algunos éramos más fanáticos otros menos, pero nos gustaba el fútbol. Y (...) desde el 74 que nos habíamos enterado que en el 78 era en Argentina y nuestra aspiración era verlo, era tener a oportunidad de ver lo que en este momento eran los mejores jugadores del mundo.³⁸⁰

Nas entrevistas consultadas a maioria da população recorda que aquele foi um momento de alegria, uma oportunidade de festejar em meio a uma situação de crise que se estendia há anos:

Entonces me acuerdo cuando sale la gente por el Mundial, que la gente gritaba, festejaba y demás, yo creo que fue, era como una cuestión de... aprovechaba digamos el tema del Mundial para salir a la calle a gritar, ¿no? Y yo lo único que me acuerdo fue la

³⁷⁵ CALOI, APUD HERNAIZ, Sebastián. “Literatura, Memoria y Política: El Mundial ‘78”, Revista Afuera, Estudios de Crítica Cultural. Año IV, número 7, noviembre 2009, p. 4.

³⁷⁶ Entre as manifestações que ocorreram no Brasil, podemos citar a Passeata dos cem mil no dia 26 de junho de 1968, no Rio de Janeiro.

³⁷⁷ *Gente*, 26/06/78, s/n

³⁷⁸ LA MADRID e HALAC, Op Cit, p. 9.

³⁷⁹ As manifestações da oposição serão analisadas no próximo capítulo.

³⁸⁰ Memoria Abierta, *Testimonio de José Brontes*, Buenos Aires, 2007.

primera vez que paré ahí en la esquina, la gente pasaba en los autos, y la gente...y yo lloraba como loca, y veía a la gente y se me caían las lágrimas y no lo podía controlar. Digamos, era la primera vez que había llorado desde que había empezado la represión en Villa. Como una cosa que no podía creer, viste, ver gente en la calle manifestando, aunque fuera por una cuestión de un Mundial.³⁸¹

De fato, muitos viveram situações contraditórias. Sabiam que o regime utilizava a Copa a seu favor, viam e viviam as campanhas e propagandas, mas não deixaram de comemorar. Para diversos indivíduos que estavam clandestinos dentro do país, era também uma oportunidade para sair às ruas e de talvez encontrar pessoas que acreditavam, presas, mortas ou desaparecidas. Deste ponto de vista, a Copa foi um alívio:

Ya el acontecimiento del comienzo del Mundial fue muy singular. Porque fue el acontecimiento de masas populares más importante que había desde el momento del golpe. Y nos empezamos encontrar, nos empezamos a encontrar en la cancha. Era algo muy vertiginoso, gente que pensábamos que estaba desaparecida, que tenía 2 o 3 años que no nos veíamos, darnos un abrazo, parecía que estábamos celebrando el fútbol y en realidad lo que estábamos diciendo era “Estás vivo, mira yo también estoy vivo”. Lo que pasa es que hay toda una lectura emocional y dijéramos, hasta política.³⁸²

Para os que estavam presos, legalmente ou como *desaparecidos*, as experiências foram diversas. A maioria reconhece a época da Copa como um período de euforia, de acompanhar os jogos e torcer. Muitas vezes, inclusive, com os próprios torturadores. Entre os presos também foram comuns as discussões sobre qual deveria ser o papel da oposição, principalmente das organizações armadas, durante o evento: “Y nos hubiera encantado que afuera nuestros compañeros impidieran la realización del Mundial o algo así, pero ya una vez que entraban a la cancha ya... ¡gritábamos los goles!”.³⁸³

Uma das marcas do evento foi seu mascote, o Gauchito, batizado de Pampita. Tratou-se de um menino vestido a caráter de gaúcho argentino, um dos esteriótipos nacionais que a ditadura procurou valorizar: “Un panteón heroico; una narrativa histórica, oficial y coercitiva sobre todo discurso alternativo; el modelo del *melting pot* como política frente a la inmigración, y un subsecuente mito de unidad étnica; y un relato de origen que instituyó la figura del *gaucho* como modelo de argentinidad y figura épica”.³⁸⁴

³⁸¹ Memoria Abierta, *Testimonio de María Eva López de Gasanea*, Villa Constitución, Santa Fé, 2007.

³⁸² Memoria Abierta, *Testimonio de Rolando Concati*, Mendoza, 2008.

³⁸³ Memoria Abierta, *Testimonio de Julio Menajovsky*, Buenos Aires, 2002

³⁸⁴ ALABARCES, *Op. Cit.* 1998, p. 9.

Também tornou-se símbolo da Copa o slogan “25 millones de argentinos jugaremos el Mundial”, título e parte da música oficial do evento, composta por Martin Darre.³⁸⁵ A canção, que evoca a união nacional e a participação popular no evento, reflete a retórica oficial da oportunidade de mostrar ao mundo uma imagem positiva da Argentina: “luciremos nuestra imagen/ en deporte y en cultura/ brindaremos a hermanos/ de otras tierras nuestra proverbial/ hospitalidad/ mundial la justa deportiva sin igual”.³⁸⁶

Com a vitória na final a população explodiu em festa. Participando como parte da torcida, com tamanha euforia, o regime não teve nem mesmo que responder, pelo menos durante o evento, ao polêmico jogo entre as seleções argentina e peruana, em que os donos da casa venceram por seis a zero. De acordo com as regras da competição, Brasil e Argentina definiriam a vaga na final pelo saldo de gols. O Brasil venceu a Polônia e colocou o rival em uma situação complicada: precisava de quatro gols de



diferença contra o já desclassificado Peru para garantir a disputa contra a Holanda. Pela organização da tabela dos jogos, os argentinos entraram em campo já sabendo o resultado que precisavam. A goleada sofrida pelos peruanos é até hoje motivo de discussões, e os que defendem o suborno afirmam que o Almirante Lacoste, “munido de uma linha de crédito da ordem de 50 milhões de dólares, além de 35.000 toneladas de grãos, teria negociado com membros da delegação peruana, que repassariam as cifras à Junta Militar em Lima”.³⁸⁷

A repercussão no Brasil, principal afetado, foi imediata, e a delegação voltou ao país declarando-se campeã moral do torneio. Os meios de comunicação denunciavam o favorecimento ao país sede, e não se

³⁸⁵ A letra completa mostra diversas referências à unidade e à imagen nacional através da Copa: “25 millones de Argentinos/ jugaremos el mundial/ mundial la justa deportiva sin igual/ mundial un grito de entusiasmo universal/ vibrar, soñar, luchar, triunfar/ luciendo siempre sobre la ambicion y la ansiedad/ temple y dignidad/ jugar en limpia competencia hasta en final/ sentir latente en cuerpo y alma el ideal/ asi brindar a todos nuestra enseña grande/ y fraternal, azul y blanca celestial/ con fervor enfrentaremos/ con amor recibiremos/ con honor en la victoria o en la derrota/ palpitando igual, nuestro corazón/ (... silbado ...)/ luciremos nuestra imagen/ en deporte y en cultura/ brindaremos a hermanos/ de otras tierras nuestra proverbial/ hospitalidad/ mundial la justa deportiva sin igual/ mundial un grito de entusiasmo universal/ vibrar, soñar, luchar, triunfar/ luciendo siempre sobre la ambicion y la ansiedad/ temple y dignidad/ jugar en limpia competencia hasta en final/ sentir latente en cuerpo y alma el ideal/ asi brindar a todos nuestra enseña grande/ y fraternal, azul y blanca celestial/ 25 millones de Argentinos/ jugaremos el mundial” (Site Mundial78 <http://www.elortiba.org/mundial78.html>, consultado 10/08/2011).

³⁸⁶ O vídeo com a música está disponível no DVD que acompanha a tese.

³⁸⁷ AGOSTINO, *Op Cit*, 2002, p. 183.

conformavam com o terceiro lugar na competição. No mesmo ano, o programa humorista brasileiro “Os Trapalhões” fez um quadro ironizando a questão, no qual a crítica principal era de que o suposto roubo terá sido feito pelos próprios organizadores e responsáveis.³⁸⁸

Ganhou destaque o apoio de parte da juventude argentina ao discurso oficial relacionado ao futebol e à própria vitória da Copa do Mundo. No dia seguinte após a conquista da seleção, milhares de estudantes secundaristas foram ovacionar o presidente Videla na Praça de Maio. Videla não apenas acenou dos balcões da Casa Rosada, mas desceu para cumprimentar a juventude, que o recebia como mais um herói da conquista.³⁸⁹

Neste sentido é importante considerar a leitura de Karl Mannheim, que quebra o mito da juventude sempre renovadora, destacando que existem também as culturas juvenis marcadas por um conservadorismo e que apoiam os governos autoritários.³⁹⁰ Neste caso, mesmo os que afirmam que celebravam sem relação com a ditadura não podem esclarecer porque estes jovens foram agradecer ao presidente e ovacioná-lo se não por um determinado consenso estabelecido através da seleção nacional.

2. As ditaduras fazem a festa

Na procura por legitimação e consenso, a propaganda foi, e ainda é, uma ferramenta muito utilizada, tanto por governos democráticos como autoritários ao longo da história. A propaganda é comum a diversos tipos de regimes, e um marco do mundo contemporâneo. Consideramos aqui sua definição como uma:

mensaje con intencionalidad directa o indirectamente política totalmente controlado por el emisor en sus fases de producción y difusión, cuyo objetivo es la promoción deliberada de las ideas e intereses del comunicador, con el propósito de producir en el público seleccionado ciertas respuestas cognitivas, afectivas y/o comportamentales acordes.³⁹¹

³⁸⁸ O vídeo está disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=fH3Oup6wppY>, e no DVD anexo desta tese.

³⁸⁹ *Gente*, 26/06/06/1978, s/n.

³⁹⁰ MANNHEIM, Karl. “O problema da juventude na sociedade moderna”. In *Diagnóstico de nosso tempo*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.

³⁹¹ BEAUDOUX, V., D’ADAMO, O. e SLAVINSKY, G. *Propaganda gubernamental. Tácticas e iconografías del poder*. Buenos Aires, la Crujía, 2011, p.28.

No caso do Brasil, a propaganda política no governo do General Médici era essencialmente organizada pela Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), cujo objetivo inicial era coordenar a comunicação entre o regime, os órgãos setoriais e a sociedade civil em geral, procurando assim obter um sistema político integrado que permitisse a execução do projeto político oficial. Durante o governo Médici, a agência buscava especialmente vender noções de cidadania e “guiar” a sociedade nesta direção, porém sem um discurso muito politizado, o que poderia afastar a população. Portanto, a proposta era mostrar as “boas intenções” e as “boas ações” dos militares, da mesma forma que apontar as “ameaças” a serem combatidas, como a falta de moral e o comunismo.³⁹²

Nesta lógica, o principal meio de comunicação de reprodução do discurso do regime e de sua propaganda foi a televisão, especialmente através de mini-filmes elaborados pela AERP, porém não vinculados explicitamente a nenhum órgão do governo. Esta função, que adquiriu o televisor, também justifica as obras de infraestrutura para a transmissão ao vivo dos jogos da Copa de 1970, como vimos no terceiro capítulo, em função do interesse do regime de que a maior parcela possível da população adquirisse este aparelho. As campanhas e filmes tinham como principal objetivo transmitir a impressão de um clima de paz e harmonia no país, já que os militares viam a discussão, a tensão e o debate público como sintomas de fragilidade. O objetivo das campanhas era mostrar o oposto, que a pátria vivia um clima de paz, resultado da intervenção e da governança militar. Logo, buscava-se transmitir à população a ideia de ausência de conflitos entre as classes sociais.

A produção dos “filmetes”, como denominou o próprio regime, não era uma novidade ou exclusividade da ditadura brasileira. Fabrice D’Almeida destaca que esta era uma prática comum em diversos países da Europa Ocidental, e afirma que tais filmes:

... não se limitam à mera proteção da moral e da nação, mas são instrumentos de moderados na luta pela sobrevivência no poder contra o comunismo. O governo também tem novas maneiras de tornar sua ação ou mudança de comportamento cívico. Na França, Inglaterra, Itália, Alemanha, o Estado torna-se um produtor de filmes. Através de documentários, os governos estão insidiosamente elogiando sua escolha.

³⁹² MATOS, Heloíza. “O discurso político oculto na comunicação do Governo Médici”. *Líbero*, Ano VI, nº12, 2002.

Essas campanhas são transmitidos em cinemas e também estão disponíveis para as escolas como instrumentos de formação.³⁹³

No caso brasileiro, os filmes eram parte da campanha publicitária que procurava, principalmente, educar e transmitir regras de conduta à população.³⁹⁴ Segundo Carlos Fico: “Esses filmes dividiam-se em dois grupos principais; os de natureza educativa e os de caráter ético-moral”.³⁹⁵ Apesar dos autores apresentarem métodos semelhantes, tais propagandas possuíam um caráter diferente, como destaca D’Almeida:

A auto-promoção governamental não demonstra, no entanto, uma concentração de recursos a serviço de uma força política operada pelo Estado. Pelo contrário, durante todo o período, observamos os esforços de outros grupos políticos em possuir seus próprios instrumentos de propaganda e reagir às tentativas dos governantes.³⁹⁶

Como destacou Fico, apesar da tentativa do regime de agir “envergonhosamente, desejando não ser reconhecido como uma ditadura”,³⁹⁷ essa propaganda procurava impor um determinado modelo, sem espaço para outras propostas dissidentes. Como veremos, na Argentina a situação era semelhante à brasileira, apesar da ausência de uma propaganda tão sistematizada.

Por outro lado, a propaganda brasileira durante a ditadura também foi uma arma ideológica importante para o regime porque criava a ilusão da participação da população no processo político. As campanhas oficiais enfatizavam o que o cidadão deveria fazer seu papel no programa desenvolvimentista dos militares, construindo a ideia de que todos eram uma peça importante para alcançar o objetivo de crescimento nacional.³⁹⁸

³⁹³ D’ALMEIDA, Fabrice. *Images et Propagande*. Casterman – Giunti Gruppo Editoriale, Firenze, 1995, pp 127-128 “:...ne se limitent pas à la simple protection de la morale et de la nation, mais sont les instruments des modérés dans la lutte pour la survie au pouvoir face au communisme. Le gouvernement possède aussi de moyens nouveaux pour faire valoir son action ou pour modifier les comportements civiques. En France, en Angleterre, en Italie, en Allemagne, l’État redevient producteur de films. A travers des documentaires, les gouvernements font insidieusement l’éloge de leurs choix. Ces campagnes d’information sont diffusées dans les salles de cinéma et sont aussi mises à la disposition des écoles comme outils de formations”. Tradução realizada pela autora.

³⁹⁴ FICO, Carlos. *Op. Cit*, 1997.

³⁹⁵ FICO, Carlos. “Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão”. In Ferreira, Jorge e Delgado, Lúcia de Almeida Neves (comp.). *Brasil Republicano – o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Livro 4*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira 2003, pp.167-205, p. 197.

³⁹⁶ D’ALMEIDA, Fabrice. *Op. Cit*, p. 128. “L’autopromotion gouvernementale ne démontre pas cependant une concentration de moyens au service d’une force politique ayant mis la main sur l’État. Au contraire, tout au long de la période, on remarque les efforts d’autres groupes politiques pour posséder leurs propres instruments de propagande et réagir face aux tentatives des gouvernants”. Tradução realizada pela autora.

³⁹⁷ FICO, Carlos. *Op. Cit*, 2003, pp.167-205, p. 196.

³⁹⁸ FICO, Op. Cit, 1997.

Em função da vitória da seleção na Copa de 1970 e da comoção popular, a Revista *Veja* faz um especial sobre a propaganda e a imagem do presidente Médici. Na reportagem, a revista discute os objetivos de Otávio Costa, chefe da AERP, e comenta que antes dos jogos da seleção que eram transmitidos ao vivo pela televisão eram reproduzidos vinhetas da AERP, associando, assim, o evento com a propaganda positiva e otimista do regime que era construída pela agência.

Segundo a revista, os filmes produzidos pela AERP custavam entre cinco e doze mil cruzeiros. Apesar do regime considerar que era um importante canal de divulgação para a sociedade, nem sempre eles eram bem aceitos. A revista comenta, por exemplo, que em julho de 1970, durante a Copa, um dos filmes oficiais foi vaiado em um cinema na capital federal.³⁹⁹ Apesar de algumas rejeições, o futebol encaixava, então, perfeitamente na ideia de “otimismo” que trabalha Carlos Fico, que não se limita a uma atitude positiva da sociedade, “mas a plena convicção de que isso [o futuro almejado] ocorrerá, em função de algumas características enfocadas de forma mítica”.⁴⁰⁰

No caso argentino o governo realizou diversas campanhas cujo objetivo também era construir uma ilusão de participação da população no projeto político do *novo país* e instaurar a ideia de guerra e luta contra a “subversão”. Para isso, uma das primeiras ações do novo regime foi, ainda em 1976, contratar uma agência de relações públicas, a Burson Marsteller, com sede em Nova York, procurando melhorar a imagem da Argentina no mundo.

A principal preocupação do regime civil-militar era com a imagem externa do país, em função das diversas denúncias feitas no exterior. Em 1978, a Argentina estava no centro do debate internacional por dois eventos que seria sede: a própria Copa do Mundo de Futebol e o Congresso Internacional de Câncer, e a principal imagem internacional do país estava associada às acusações de violação dos direitos humanos por conta da violência ditatorial. As denúncias feitas por diversas organizações, como a Anistia Internacional, exilados, partidos políticos de esquerdas e o governo dos Estados Unidos foram levadas à OEA. Procurando reverter esta imagem negativa externa e obter algum tipo de legitimação, o governo civil-militar decidiu responder a tais advertências convidando a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) da própria OEA

³⁹⁹ Revista *Veja*, 01/07/1970, p. 22.

⁴⁰⁰ FICO, Op. Cit, 1997, p. 19.

para verificar tais denúncias, mas a visita somente foi concretizada em 1979, e foi a primeira denúncia formal de um organismo internacional contra a ditadura.⁴⁰¹

Em sua defesa, o governo civil-militar denominou todas estas manifestações como “campanha anti-argentina”. Em seu discurso, os militares denunciavam o que consideravam uma campanha externa contra o país, resultado de um desconhecimento da realidade nacional por parte dos acusadores e também de uma ação da “subversão externa”. Na verdade a “campanha anti-argentina” era uma re-atualização de uma antiga denúncia, existente desde o primeiro ano do regime, e em 1978 foi o momento que ela ganhou força.⁴⁰²

O principal guia para trabalhar a imagem do governo argentino foi o “Programa de Comunicaciones Internacionales para la Argentina”, produzido pela Burson Marsteller e apresentado no dia 22 de outubro de 1976 ao *Proceso*. Tal documento incluía, por exemplo, a proposta de um curso para os funcionários internos do regime, que abrangeria questões como o tratamento sugerido à grupos e organizações internacionais que realizavam denúncias contra o regime no marco da *campanha anti-argentina*.⁴⁰³

La Burson-Marsteller, que se propone actuar con el personal del gobierno militar “como una unidad cohesiva”, se ha fijado como “tarea primaria de este programa el generar una sensación de confianza en la Argentina dentro de las filas de los auditorios metas en ocho países alrededor del mundo mediante la proyección de un aura de estabilidad para la nación, su gobierno y su economía”. Esto, agrega, “solamente puede lograrse a través de un programa de comunicaciones altamente controlado”. Sus “herramientas” serán “un equipo básico de prensa que se escribiría en Nueva York” y un “seminario donde se simularán situaciones para involucrar al personal de las embajadas en forma dramática, en lo que debe y no debe hacerse, en varias situaciones relacionadas con la comunicación”.⁴⁰⁴

Foram feitas diversas publicidades internacionais do país, especialmente na Europa, e também foram convidados jornalistas e personalidades estrangeiras ao país, além da realização de atividades culturais em importantes cidades europeias.⁴⁰⁵

⁴⁰¹ NOVARO, Marcos e PALERMO, Vicente. *Op. Cit*, 2003. A visita será abordada no capítulo 7 dessa tese.

⁴⁰² As denúncias da violência política na Argentina foram feitas pelos primeiros exilados antes mesmo do golpe em 1976. Com o destaque internacional de uma competição do porte da Copa do Mundo, as acusações ganharam mais força. (FRANCO, Marina. *Op. Cit*, 2002)

⁴⁰³ Relatório Comisión Especial Mundial 78 do Movimiento Peronista Montoneros. Archivo CEDINCI, Buenos Aires, Argentina.

⁴⁰⁴ Idem.

⁴⁰⁵ FRANCO, Marina. “Derechos humanos, política y fútbol”. *Entrepassados*. Buenos Aires, v.XIV, n° 28, 2005, p. 27 - 45.

Mostrando um país com belezas naturais, jovens convidando ao turismo, estas campanhas procuravam reproduzir a imagem que a ditadura criava de si mesma.

Os embaixadores eram uma questão importante para a agência. Afinal, eles representavam o país e deveriam responder as demandas e questionamentos internacionais. Um exemplo foi o embaixador na França Tomás Joaquín de Anchorena, representante da Argentina no principal centro de denúncias durante a Copa. Segundo o diplomata: “las ‘informaciones’ que se transmiten siempre buscan la espectacularidad tratando de crear un clima de terror y de persecución que no existe en la Argentina”.⁴⁰⁶

No trecho a seguir de reportagem do Jornal *La Nación*, na época da Copa, pode-se verificar a atuação do embaixador na França, respondendo a questionamentos sobre a violação de direitos humanos na Argentina, assuntos potencializados pelo aumento da visibilidade da Argentina em razão do evento da Copa em 1978

“El embajador, quien fue invitado a participar en el programa “Expliquez-vous”, negó también la aplicación de torturas en la Argentina y subrayó: ‘Desde el punto de vista humanitario, a mi gobierno le preocupa la situación de los desaparecidos.’ (...) El embajador señaló, que en su país, quizá se hayan cometido algunos excesos para reprimir el terrorismo ‘pero hay que reconocer que éste actuó criminalmente en los últimos diez años’. El diplomático concluyó caracterizando al actual gobierno argentino como de ‘recuperación nacional’.”⁴⁰⁷

Da mesma forma, a imprensa internacional precisava ser “controlada”, já que era a principal difusora das críticas ao *Processo*. A proposta da agência foi agressiva: colocar jornalistas e matérias infiltrados nos grandes jornais mundiais, o que ajudaria “a poner la realidad en foco y corregir malos entendidos que normalmente llegan hasta la impresión”.⁴⁰⁸ O Programa propunha também receber os jornalistas estrangeiros com convites para passeios pelas principais cidades, jantares em bons restaurantes, mostrando a vida comum, o cotidiano no país. O objetivo era mostrar que estavam em um país “normal”.

No caso da Copa de 1978, vemos como este discurso de normalidade esteve presente tanto nas propagandas oficiais como nas de entidades privadas⁴⁰⁹. Com a realização da Copa no próprio país grande parte delas se referia à infraestrutura e

⁴⁰⁶ Revista *Gente*, 13/4/78, p. 14

⁴⁰⁷ *La Nación*, 14/06/78, p.02

⁴⁰⁸ Relatório Comisión Especial Mundial 78 do Movimento Peronista Montoneros. Arquivo CEDINCI, Buenos Aires, Argentina.

⁴⁰⁹ No caderno de imagens que conforma esta tese estão incluídos alguns exemplos destas propagandas, como os cartões postais da Copa do Mundo de 1978.

estimulava uma imagem positiva da pátria, como a do Automóvel Clube Argentino: “El Mundial es la oportunidad de mostrarnos tal como somos, em la medida justa de nuestro valor”.⁴¹⁰ Assim, em muitos casos os discursos se confundiam com os do próprio governo, e reproduziam a ideia oficial de um país injustiçado pelas críticas internacionais, e que via na Copa a oportunidade de mostrar sua face “verdadeira”. Neste contexto, a televisão teve um importante espaço e a transmissão em cores para o exterior foi uma das ferramentas de propaganda do evento utilizada pelo governo. O jornal argentino *Clarín* fez um caderno especial sobre a transmissão, que enfatizava o investimento em tecnologia “de ponta”, que seria uma das exigências do governo nas muitas obras feitas para a Copa.⁴¹¹ A tecnologia não chegou a tempo ao país, que somente transmitiu os jogos em cores em cinemas e teatros específicos, não em residências.

Como é comum em competições deste porte, foram disponibilizados diversos materiais sobre a Copa, como copos, cinzeiros, canetas, moedas, selos etc. Cabe assinalar que um dos principais patrocinadores através da publicidade nas Copa de 1978 –e nas que seguiriam- foi a Coca-cola⁴¹², empresa que já participava dos eventos da FIFA. O contrato assinado no dia 4 de agosto de 1977 entre a empresa, a FIFA e o EAM 78 define que:

A FIFA cede e transfere para a empresa todos os direitos de publicidade dos estádios para a competição final da Copa do Mundo de 1978 em todos os estádios referido incluindo todas as placas de publicidade (...). A FIFA deve conceder outras possibilidades para a publicidade adicional dos estádios, incluindo o espaço aéreo sobre os estádios e outros espaços visíveis ou audíveis de publicidade dentro dos estádios selecionados para o acontecimento da competição final ou qualquer substituição do mesmo, tais direitos adicionais serão concedidas para o empresa, sem nenhum custo adicional.⁴¹³

⁴¹⁰*La Nación*, 11/06/1978, p. 11, 2ª seção.

⁴¹¹*Clarín*, 01/06/1978.

⁴¹² Como destaca Marcos Alvito, “Isto ficou claro na associação da FIFA a grandes empresas multinacionais, como a Adidas e a Coca Cola, parceiras da entidade desde meados da década de 1970”. ALVITO, Marcos. “A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização”. In *Revista Análise Social*, Lisboa. v.41, n. 179, 2006, p. 455.

⁴¹³ Contrato de 4/08/1977, Acervo Institucional FIFA, Zurique, Suíça. “FIFA assigns and transfers to the Company all rights to stadia advertising for the Final Competition of the 1978 World Cup in all the aforesaid stadia including all advertising boards (...). Should FIFA grant other possibilities for additional advertising include the stadia including the airspace above the stadia and other visible spaces or audible advertising from within the stadia selected for the taking place of the Final Competition or any replacement thereof, such additional rights shall be granted to the Company at no additional cost”. Tradução realizada pela autora.

Esta questão da publicidade e direitos também foi um tema discutido entre os países organizadores e a FIFA. No material disponível para pesquisa, nos arquivos da entidade em Zurique, fica evidente a mudança na lógica publicitária entre a Copa de 1970 e a Copa de 1978.

De fato, a questão da Copa do Mundo como um grande evento de publicidade mundial foi sendo construído ao longo da própria consolidação da competição. Foi a partir da chegada de João Havelange à presidência da entidade que a mesma sofreu profundas mudanças neste sentido. Portanto, é justificável que sobre esta questão apareça mais em documentos relacionados à Copa da Argentina.

Estas propagandas devem ser analisadas de diversas perspectivas. Em primeiro lugar, não se pode ignorar o poder publicitário de um evento como a Copa de Mundo da FIFA. Ao longo dos anos o futebol e suas competições (assim como ocorreu com outras modalidades esportivas) foram se tornando um grande material publicitário. E foi na década de 1970 que a Copa do Mundo da FIFA se consolidou como espetáculo de marketing em diversas áreas.

Também é verdade que a propaganda possui um efeito maior quando associada à lógica da publicidade. Portanto, pode-se perceber que parte do material aqui reproduzido não se limita a divulgar um determinado produto, como também termina por reproduzir o discurso dos próprios regimes.

2.1 Presidente também é torcedor

Didier Musiedlak, ao trabalhar o fascismo italiano, aponta para a importância da propaganda na construção de uma imagem única do líder Benito Mussolini e da própria Itália.⁴¹⁴ No caso das ditaduras civil-militares de Brasil e Argentina aqui trabalhadas, apesar do culto ao líder não ter sido uma característica, houve momentos em que a identificação entre a população e o presidente foi uma forma de consenso.⁴¹⁵

Se os argentinos tinham a vantagem da própria realização do evento em seu país, o general Médici tinha a seu favor o gosto pessoal pelo futebol. Isto foi importante em momentos cruciais para aproximar-se da população, assim como o bom momento econômico pelo qual o país passava. No início do ano de 1970, Médici fez questão de mostrar ao povo que o governo garantiu a possibilidade de ver os jogos da seleção ao

⁴¹⁴ MUSIEDLAK, Didier. “O fascismo italiano: entre consentimento e consenso”. In ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha (orgs.) *Op. Cit*, 2010, pp. 149-177.

⁴¹⁵ MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Op. Cit*, 2008.

vivo, tanto pela transmissão –que dependeu de interferência públicas pelos altos gastos– como pela possibilidade de comprar televisores. O regime trouxe, literalmente, a seleção para os brasileiros: “Solidariedade também é juntar-se às paixões da alma popular. E, nas asas dessa paixão, meu Governo se empenhou para que trouxéssemos o México à plateia de todos os lares do Brasil”.⁴¹⁶

Mesmo sem uma situação econômica favorável e ainda que não fosse fã do esporte como seu correspondente brasileiro, durante a Copa de 78 o presidente Videla também aproveitou o torneio para trabalhar sua própria imagem. Ele fez questão de comparecer ao estádio, não apenas na abertura e no encerramento do evento, como é comum aos chefes de estado dos países sede, mas em todos os jogos da seleção argentina. Assim, o presidente conseguiu ser aplaudido seis vezes pelos torcedores argentinos nos estádios lotados. Nas fotos podemos ver o presidente Videla, Massera e Agosti, os três representantes da Junta Militar, na cerimônia de abertura, junto com João Havelange:



Fonte: Arquivo Institucional FIFA, Zurique, Suíça.

Quando questionado se essa presença constante não era por interesses políticos no evento, o presidente não hesitou em negar qualquer tipo de acusação:

Es cierto que he asistido a ocho encuentros de fútbol durante el desarrollo del Mundial y que esto no es una cosa usual para mí, pero le puedo asegurar que no lo he hecho por

⁴¹⁶ Emílio Garrastazu Médici. “Na praça do povo” Discurso pronunciado no dia 25-1-1970, no 416º aniversário de fundação da cidade de São Paulo, p. 6. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/emilio-medici/discursos-1>.

motivos políticos porque sería erróneo capitalizar el éxito que realmente le pertenece a todos.⁴¹⁷

Ambos os presidentes enfatizavam que as vitórias eram do povo de seu país, nem só dos jogadores nem era exatamente dos regimes; era o povo o responsável pelo êxito. Partindo desta ideia, a próxima ação era incluir aos próprios presidentes como parte deste povo, do “homem comum”. Desta forma, indiretamente, a conquista também era dos líderes, a partir do momento em que eles também eram parte do povo, e, não apenas criavam um canal de identidade com as massas como também canalizavam para si a vitória esportiva.

No Brasil, o presidente Médici fez questão de marcar seu lugar como um torcedor mais: “desejo que todos vejam no presidente da República um brasileiro igual a todos os brasileiros, como um homem comum, como um brasileiro que acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável nesse país e nesse povo”.⁴¹⁸ É possível perceber uma “humanização” do líder militar. Tanto Médici como Videla utilizaram a Copa do Mundo como veículo de diálogo e identificação com a sociedade. Criaram, então, um tipo de aproximação e imagem positiva frente a diversos setores sociais, como um torcedor mais na celebração pela conquista esportiva. Além disso, os presidentes criavam também, a partir da seleção, o modelo de cidadão do país: “Neste momento de vitória, trago ao povo a minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável Seleção de Futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro!”⁴¹⁹

Torcedor, presidente e cidadão tornaram-sesinônimos. E entravam também nesta equação os jogadores. Na retórica oficial, a vitória só foi possível pelo empenho dos atletas, que agiam como modelo de cidadão pensado pelo regime. O exemplo do discurso de Videla após o jogo contra o Peru que garantiu a seleção argentina na final simboliza esta associação: “Nuestros jugadores mostraron coraje, corazón y esas ganas de ganar que en todos los aspectos tiene el pueblo argentino”.⁴²⁰ O presidente defendia que a vitória era consequência da personalidade dos argentinos, lutadores, corajosos, que lutaram pelo título, representados nos onze jogadores em campo. De fato, em

⁴¹⁷ Jorge Rafael Videla, Declaração à BBC de Londres reproduzida pelo jornal Clarín, 28/6/78.

⁴¹⁸ Emilio Garrastazu Médici. “O valor do homem brasileiro” Mensagem do Presidente Médici ao povo brasileiro, quando da vitória da Seleção no Campeonato Mundial de Futebol, a 21-6-1970, p. 4. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/emilio-medici/discursos-1>.

⁴¹⁹ Idem, p.5.

⁴²⁰ Jorge Rafael Videla, Mensagem ao país pelo rádio e pela TV, reproduzido pelo Jornal *La Nación*, 24/06/1978, s/n.

ambos os casos era a vitória do modelo de cidadania da ditadura, representado na própria seleção de futebol: “A vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e serenidade dos capacitados, da técnica, do preparo físico e da categoria”.⁴²¹

Outro ponto em comum no discurso dos dois líderes era a ideia de união como condição para a vitória: “Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva”.⁴²² No caso do presidente Videla, seu discurso enfatizou a união da torcida e da organização, da capacidade dos argentinos, que diversas vezes foi questionada, de organizar a Copa em seu país. Para o general argentino, a vitória representou a superação e a união nacional, em um país marcado pelos conflitos políticos.

O ponto mais importante, também presente em ambos os discursos, foi a associação da vitória esportiva com um êxito maior, a vitória da própria nação. Em um comunicado alguns dias após o fim da Copa de 78, Videla fez questão de mostrar que o êxito era além do campo esportivo:

Ese grito de Argentina que surgió unánime de nuestros corazones, esa única bandera celeste y blanca que flameó en tantas manos, son signos de una realidad profunda que excede los límites de un acontecimiento deportivo. Son la voz y la enseña de una nación que, en la plenitud de su dignidad, se ha encontrado consigo misma.⁴²³

Anos antes, o presidente Médici também fez questão de associar à vitória da seleção canarinho em 1970 a um projeto nacional: “Na vitória esportiva, a prevalência de princípios que nos devemos armar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional”.⁴²⁴ Alguns meses depois, o presidente lembrou a vitória futebolística e comparou as comemorações populares às próprias comemorações da Independência do país:

Quero dizer ao povo que nunca, como neste ano, vi festejar-se, assim, a nossa Independência, em toda a extensão do território nacional, com essa efusão e essa presença. E cuido que, sobre ser um eco ainda do justo orgulho do povo pela recente vitória desportiva, estamos diante de um sinal e de um estado de espírito. Diz-me a

⁴²¹ Emílio Garrastazu Médici. Op. Cit, 21-6-1970, p. 4.

⁴²² Idem.

⁴²³ Jorge Rafael Videla, Discurso de encerramento da X Copa do Mundo, *Clarín*, 30/06/1978, s/n.

⁴²⁴ Emílio Garrastazu Médici. Op. Cit, 21-6-1970, p. 4.

sensibilidade que este é um sinal de que desperta e se fortalece a vontade coletiva, estado de espírito indispensável ao desenvolvimento de uma nação.⁴²⁵

No discurso do presidente argentino Videla, a Copa de 78 simbolizava uma nova etapa do *Proceso de Reorganización Nacional* vencida pelos militares. Na lógica do regime, a ameaça “subversiva interna” tinha sido derrotada, e era o momento do povo argentino, em paz, mostrar seu valor e construir um novo país: “Es un día de júbilo para nuestro país. Por ello pido a Díos Nuestro Señor. Que este evento sea realmente una contribución para afirmar la paz. Esa paz que todos deseamos para todo el mundo y para todos los hombres del mundo”.⁴²⁶ Neste discurso de abertura da Copa, o presidente Videla enfatizava a oportunidade do país de encerrar definitivamente um período e começar uma nova etapa histórica. Ao discursar no encerramento do evento, o presidente argentino ressaltou o que considerava a capacidade vencedora de seu povo, e reafirmou as novas responsabilidades que o país teria daí por diante:

Argentinos: hemos sido capaces de vencer a la ingería y al escepticismo. Seamos ahora también capaces, con la ayuda de Dios de impulsar a la nación en pro de un objetivo permanente. Todos, gobernantes y gobernados, instamos en lo hondo la dignidad de constituir un pueblo, que consciente de su propia fuerza quiere edificar su futuro, con humildad y alegría; con pasión y con paciencia; con prudencia y con coraje. Esta experiencia colectiva que hemos vivido nos enseña a levantar esa Argentina, definitivamente fraterna con que hemos soñado. Si de verdad lo queremos, nada ni nadie nos detendrá.⁴²⁷

Para o Brasil, a Copa era o resultado, mais do que um início. Claro, na lógica oficial ainda havia um longo caminho a seguir, mas em seus discursos o presidente Médici enfatizava o dever cumprido, em conjunto. Por sua vez, Videla também enfatizava a conquista coletiva, mas sempre marcando que aquele era o início da *nova era*, que ao mesmo tempo simbolizava o fim de uma etapa e o início de outra. Para Videla, a Copa mirava ao futuro; para Médici, ao presente.

Um dos momentos mais marcantes para os dois governos foi o contato com a população em espaços públicos durante as comemorações da conquista futebolística. Como dito anteriormente, em 1970, o presidente Médici abriu as portas do Palácio da Alvorada, deixando a população entrar e assim participar junto da festa, enfatizando que

⁴²⁵ Emílio Garrastazu Médici. “Ofício de todos nós” Pronunciamento feito, no Palácio Laranjeiras, durante a solenidade da assinatura da Lei que instituiu o Programa de Integração Social, a 7-9-70, p. 7. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/emilio-medici/discursos-1>.

⁴²⁶ Jorge Rafael Videla, Discurso de abertura da X Copa do Mundo, reproduzido pelo Jornal *La Nación*, 02/06/1978, s/n.

o povo estava feliz, e celebrava pacificamente uma conquista nacional. Oito anos depois, foi Videla quem recebeu milhares de estudantes na Plaza de Mayo, em frente à sede do governo argentino, que foram agradecer ao presidente pela conquista esportiva, em uma manifestação de seu apoio ao regime. Eram espaços tradicionalmente marcados por lutas políticas, as ruas e praças públicas, e que por isso estavam fora do alcance popular no período autoritário. O que ambos os regimes conseguiram com a vitória na Copa do Mundo foi trazer novamente a população para esses espaços tradicionais. As ditaduras brasileira e argentina conseguiram, assim, no marco das comemorações, a tão buscada associação com a sociedade.

As críticas às duas seleções sempre existiram. Durante as Copas, elas foram mais um espaço de manifestação social em relação ao evento e às próprias ditaduras. Algumas críticas internas, outras da oposição ao regime, outras de organizações e partidos políticos internacionais: nem tudo foi festa no espetáculo. No próximo capítulo, veremos aqueles que de alguma forma se opuseram às vitórias e ao espetáculo do futebol.

⁴²⁷ Jorge Rafael Videla, Op. Cit., *Clarín*, 30/06/1978, s/n.

Capítulo 6: Os Corneteiros

No futebol, sempre existe o torcedor que não vai estar satisfeito com a vitória, pronto para fazer críticas e apontar os problemas que a conquista costuma ocultar. Na gíria do futebol, é o famoso corneteiro. Apesar da festa e das múltiplas comemorações de brasileiros e argentinos, não faltou quem aparecesse para *cornetar*: antes, durante e depois. Trata-se de uma parte da sociedade não se deixou envolver pelo clima de festa, e entendeu que este era um momento de *colocar a boca no trombone*. Afinal, apesar da festa em torno das Copas do Mundo, elas também são motivo de crítica. Existem os que criticam a organização, os altos gastos, e denunciam a corrupção que muitas vezes envolve o evento. Outros criticam a própria adoração pelo futebol, a importância dada ao evento e a paixão nacional, a suposta manipulação das massas e o senso comum do esporte como *ópio do povo*.

Este capítulo será dedicado a eles, os corneteiros, que, como veremos, apareceram a partir de diversos lados. Durante as Copas de 1970 e 1978, o uso político da competição pelas ditaduras foi e permanece sendo o principal tema de críticas. Neste capítulo, uma das questões de análise será sobre as ações durante o período da Copa da Argentina, quando manifestantes estrangeiros organizaram comitês de boicote ao redor do mundo. Veremos também o posicionamento dos que não entenderam que o boicote era a melhor opção. Alguns por acreditarem que era um momento de festa, e que *cornetar* seria reconhecer o que as ditaduras buscavam, a ligação entre a seleção e o regime. Alguns foram além, como a organização Montoneros, que viu na realização da Copa de 1978 uma oportunidade de colocar em prática a chamada *Contraofensiva*.

Finalmente, discutiremos o problema de quando a corneta soa dentro de casa. No Brasil, a imprensa esportiva nacional foi um espaço de críticas, principalmente em relação a seleção, envolvendo tanto a atuação em campo como os conflitos com os membros da comissão técnica. Retomaremos aqui a questão abordada no quarto capítulo, o momento da *crise do futebol nacional*, que teve como principal consequência a demissão do técnico João Saldanha. Para os argentinos, a situação se diferenciou pelo alvo: as críticas feitas pela mídia foram aos altos gastos na organização, refletindo as próprias questões internas entre as Forças Armadas que governavam e disputavam o poder no país.

1. Boicote!

Os grandes eventos esportivos como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo da FIFA costumam ser marcados -e também deixam suas marcas- no contexto político em que estão envolvidos. A importância que tais competições ganharam ao longo de suas realizações fez com que as mesmas se tornassem não apenas um espaço de afirmação nacionalista, mas também de denúncias e boicotes políticos. Isso porque, seja em governos democráticos em autoritários, o objetivo maior do país sede é transmitir uma imagem positiva para o mundo. Tais eventos são uma janela para o organizador, que trabalha para definir o que deseja mostrar para os demais e é neste sentido que aparecem os boicotes e outros tipos de movimentos contestatórios, como uma denúncia desta imagem “fabricada”.

Nas décadas de 1970 e 1980, os boicotes políticos a eventos esportivos foram uma situação comum entre os países que participavam dos grandes eventos esportivos. Os dois casos mais emblemáticos foram o das Olimpíadas de Moscou, em 1980, quando os Estados Unidos liderou o boicote condenando a invasão soviética ao Afeganistão;⁴²⁸ e as Olimpíadas de Los Angeles em 1984 quando foi a vez da URSS:

(...) em razão do boicote decretado pelo Presidente norte-americano Jimmy Carter (...) Leonid Brézhnev, (...) calçou seu embargo esportivo em várias desculpas ligeiras, como a falta de segurança da cidade, a ameaça à integridade física dos participantes, a incitação ao exílio de dissidentes e até a danosa poluição do ar no conurbano californiano.⁴²⁹

Outros exemplos que podem ser citados são: em 1976 os países africanos boicotam as Olimpíadas pela participação da África do Sul sob o regime do *apartheid*; no mesmo ano, a China Nacionalista não participou dos jogos no Canadá; em Seul 1988, a Coreia do Norte foi a líder do boicote, que incluiu também Cuba, Etiópia, Nicarágua e Albânia. Como os boicotes eram, principalmente, feito pelos Estados participantes destas competições, era importante para o COBA o apoio do governo francês, e de outros países participantes.

No caso das Olimpíadas do México em 1968, não houve propriamente uma campanha de boicote. A questão política mexicana apenas tornou-se de interesse mundial nas vésperas do evento, com o *Massacre de Tlatelolco* no dia 02 de outubro,

⁴²⁸ VASCONCELLOS, Douglas W. de. *Op Cit*, 2011. Entre os países que seguiram a decisão dos Estados Unidos estão: Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Noruega, Paraguai, Uruguai e Alemanha Ocidental.

dez dias antes dos jogos. Apesar da apreensão mundial, o evento não foi cancelado. Para os organizadores, o *Massacre* aparecia como uma mancha na imagem que procuravam construir do país:

confusa, muitas vezes contraditória imagem do México surgiu durante o desenvolvimento desses planos, (...) o debate sobre caracterização do México foi influenciado por tensões entre uma elite social que procurou definir o México e a grande maioria do povo mexicano, que, a elite temia, não poderia cumprir os projetos para a nação.⁴³⁰

Apesar da repercussão internacional, a sede da Copa do Mundo de 1970 foi mantida, e a competição foi a oportunidade do governo mostrar internacionalmente um país pacífico, em contraste com a imagem anterior. Se pensarmos em relação às memórias construídas sobre as Copas, o objetivo foi alcançado: o torneio em que o Brasil consagrou-se tricampeão mundial da FIFA ocorreu sem maiores problemas, e é lembrado de forma positiva no imaginário futebolístico. Oito anos depois, os argentinos tiveram que enfrentar uma campanha que ganhou destaque internacional contra a realização da Copa no país.

1.1 O barulho que vem de fora

Como vimos, estas denúncias eram originárias especialmente da Europa, onde as principais manifestações eram de grupos e partidos de esquerda. O caso de maior destaque é o da França, onde foi criado o COBA. Neste sentido, cabe destacar que foi só a partir do golpe chileno de 11 de setembro de 1973 e a consequente repressão instalada naquele país que a América Latina entrou na pauta de Direitos Humanos das organizações e partidos políticos de maior destaque de esquerda internacionais.⁴³¹ Foi também um momento de mudança na política da ONU, que passou a olhar mais para os casos da América Latina além dos africanos e asiáticos.

Fundado no final de 1977, o COBA era resultado da associação entre dois distintos grupos políticos de esquerda francesa. Por um lado estavam militantes mobilizados pela questão dos exilados argentinos e da crise política que vivia o país,

⁴²⁹ Idem, p. 79.

⁴³⁰ BREWSTER, Keith. "Mexico City 1968: Sombreros and Skyscrapers". In *National Identity and global sports events*. New York: State University of New York, 2006, pp. 99-116, p. 100. "(...) confused, often contradictory, image of Mexico emerged during the development of these plans, (...) the protected debate concerning Mexico's characterization was affected by tensions between a social elite that sought to define Mexico and the vast majority of the Mexican people, who, the elite feared, could not fulfill its designs for the nation" Tradução realizada pela autora.

que participavam do *Comité de soutien aux luttes du peuple argentin* (CSPLA), desde de 1975. Ou seja, que já participavam de ações de solidariedade antes do golpe de 24 de março de 1976. Por outro lado, grupos formados principalmente por indivíduos focados na crítica histórica do uso do esporte, baseados principalmente nos casos da Copa do Mundo da Itália em 1934 e das Olimpíadas de Berlim 1936.⁴³² Além da Copa de 1978, os Jogos Olímpicos de Moscou em 1980 também aparecem como alvo de críticas e boicote.

As denúncias de violação de direitos humanos e os pedidos de solidariedade que hoje fazem parte do arquivo do COBA, sob a guarda da BDIC, se iniciam ainda no governo de Isabelita, principalmente a partir de 1975.

Hoje, sob o governo de Isabel Perón, essas mesmas forças aparecem abertamente como o braço armado da burguesia e do imperialismo. Suas ações complementam esses grupos paramilitares ou parapoliciais como a Aliança Anti Comunista Argentina (AAA) que semeia o terror na população.⁴³³

As diferenças entre os dois grupos que inicialmente formaram o COBA aparecem nas diversas ações realizadas pelo Comitê. Ao mesmo tempo em que existiam divergências, essa combinação permitiu a pluralidade das suas atividades, o que ajuda a compreender a grande adesão que o grupo conseguiu, com mais de 200 comitês pela França. A diversidade torna-se, assim, um elemento fundamental das ações. Em relação à Copa de 1978, o COBA teve basicamente duas formas de atuação: a denúncia tanto da situação de violência política vivida pela Argentina como do uso político que o regime fazia do esporte. Dessa maneira, a principal reivindicação era a não realização do evento naquele país. Em um de seus documentos, o COBA cita as ações realizadas pelo Comitê:

- O chamado ao boicote do Mundial, que serviu de plataforma de campanha COBA, reuniu cerca de 150 mil assinaturas após registrar a adesão das personalidades mais diversas.
- 200 COBA foram formados em toda a França e organizaram numerosas iniciativas, manifestações de rua, reuniões ... a nível local e regional.

⁴³¹ QUADRAT, Samantha. Op. Cit, 2008.

⁴³² FRANCO, Marina. Op. Cit, 2005.

⁴³³ *Argentine en Lutte* No. 0, Février – Mars 1975, .7. Cote : F Delta 1831. “Aujourd’hui, sous le gouvernement d’Isabel Perón, ces mêmes forces armées s’affichent ouvertement comme le bras armé de la bourgeoisie et de l’impérialisme. Leurs actions viennent compléter celles des groupes paramilitaires ou para-policiers comme l’Alliance Anti-Communiste Argentine (AAA) qui sème le terreur perme la population”. Tradução realizada pela autora.

-Os n.º 3 e 4 do jornal " L'EPIQUE " feito pela COBA venderam mais de 120.000 cópias.

-Um rico material em informação áudio-visual (reportagem em vídeo, apresentações de slides), escrito (folhetos, jornais) e gráficos (cartazes, placa desenhos) foi realizado e amplamente divulgado.⁴³⁴

As ações do Comitê mostram o conflito em relação aos diferentes posicionamentos internacionais em relação às ditaduras latino-americanas. Enquanto as principais potências mundiais (incluindo a União Soviética) condenaram imediatamente o golpe chileno, a reação ao caso argentino foi lenta. No caso dos Estados Unidos, foi somente com a chegada e James "Jimmy" Carter ao poder, que as denúncias sobre a situação da Argentina passaram a ser tema na agenda do governo. Mesmo assim, são poucas as referências encontradas no material do COBA sobre o governo estadunidense.

O "silêncio" internacional em relação ao caso argentino foi tema constante nas denúncias do COBA. Os documentos destacam as boas relações comerciais e políticas de diversos países com a Argentina ao longo dos 8 anos de ditadura. Um documento de 1981 aponta, por exemplo, a URSS, os Estados Unidos e Cuba, que não consideravam as denúncias feitas pela OEA de 1979.

Si la actitud de cubanos y soviéticos con relación a la Argentina no puede llamar la atención, por el contrario sorprendía a los observadores la del nuevo gobierno socialista francés. Después de resolver el no cumplimiento de todos los contratos existentes con Chile, decidía cumplir con todos los concluidos con el gobierno militar argentino. En esta forma parecía calificar de diferentes maneras las violaciones de los derechos humanos en ambos países.⁴³⁵

O caso do francês é amplamente criticado: um governo de caráter socialista, mas que mantém as relações com a ditadura argentina. Nos documentos, aparecem muitas denúncias sobre a venda de armas pelo governo francês ao governo do *Proceso* e outros interesses comerciais: "Sem dúvida, é pelos interesses importantes que o grande capital francês tem na Argentina que o governo de Giscard tem sido tão "simpático" à

⁴³⁴ Fundo COBA Cote : F Delta 1831, BDIC.

"-L'appel au boycott du Mundial, qui a constitué la plateforme de la campagne du COBA, a recueilli environ 150.000 signatures après avoir enregistré l'adhésion de personnalités les plus diverses.

-200 COBA se sont constitués partout en France et ont organisé de nombreuses initiatives, manifestation de rue, meetings... a l'échelon local et régional. -Les No. 3 et 4 du journal « L'EPIQUE » réalisés par le COBA ont été vendus à plus de 120.000 exemplaires. -Un abondant matériel d'information audio-visuel (reportage vidéo, montage de diapositives), écrit (brochures, journaux) et graphique (affiches, plaquette de dessins) a été réalisé et largement diffusé". Tradução realizada pela autora. O modelo de abaixo assinado está incluído no caderno de imagens, junto com diversos panfletos do acervo do COBA.

ditadura argentina, apesar da prisão arbitrária, da abdução ou "desaparecimento" de 19 cidadãos franceses".⁴³⁶

Uma das principais críticas era em relação ao posicionamento dos Partidos Comunistas, o argentino e o francês, que, segundo o COBA, viam Videla como “moderado”, e uma opção única para evitar o “pinochetismo” na Argentina. Assim, o Comitê não poupou acusações de que o PCF não participou do boicote à Copa porque seria o mesmo que boicotar ao presidente argentino: “apoiar as posições adotadas pelo movimento comunista internacional ligado à URSS, junto a Videla, apresentado como o líder da tendência militar "anti fascistas e liberal"”.⁴³⁷ Segundo o COBA, a URSS foi um importante apoio argentino, que inclusive evitou durante um tempo que na ONU fossem feitas denúncias formais contra o país.

O caso do PCA e seu suposto apoio à ditadura não se explica somente pelo alinhamento à posição da União Soviética. É preciso considerar que antes do golpe, os integrantes do Partido eram perseguidos politicamente pelo governo peronista, que os via como opositores na luta pela liderança política do operariado. Na lógica comunista, Perón se igualava ao fascismo europeu e, portanto, o golpe civil-militar era por eles interpretado como a etapa da revolução nacionalista burguesa prévia ao modo de produção comunista. Segundo o COBA, o PCA era incapaz de entender o peronismo e por isso “perdeu qualquer influência significativa na classe trabalhadora argentina, deixando o campo aberto para o peronismo, movimento nacionalista burguês e popular, que ele nunca compreendeu a verdadeira natureza”.⁴³⁸

Esta é uma crítica que aparece diversas vezes, e em análises e questionamentos profundos, deixando transparecer questões de discordância entre os franceses que vão além do caso argentino. É preciso pensar o COBA dentro do contexto europeu, que naquele momento também vivia as denúncias ao autoritarismo da Cortina de Ferro da Europa Oriental.

⁴³⁵ *Argentina Hoy* No. 01, 30 septiembre 1981, p. 6. Cote: F Delta 1831.

⁴³⁶ Fundo COBA Cote : F Delta 1831, BDIC. No caderno de imagens está a lista dos franceses presos divulgada pelo COBA. “C’est sans doute à cause des intérêts importants qu’à le grand capital français en Argentine que le gouvernement Giscard s’est montré si « compréhensif » envers la dictature argentine, malgré l’arrestation arbitraire, l’enlèvement ou la « disparition » de 19 ressortissants français” tradução realizada pela autora.

⁴³⁷ Fundo COBA Cote : F Delta 1831, BDIC. “les positions de soutien, adoptées par le mouvement communiste international lie à l’URSS, à l’encontre de Videla, présenté comme le chef de la tendance des militaires “antifascistes et libéraux””. Tradução realizada pela autora.

⁴³⁸ Fundo COBA Cote : F Delta 1831, BDIC. “perdit toute influence appréciable dans la classe ouvrière argentine, laissant le champ libre au péronisme, mouvement nationaliste bourgeois et populaire, dont il ne comprit jamais la véritable nature”. Tradução realizada pela autora.

No entanto, em determinados momentos, o próprio COBA negligenciava o caso de outros países, como por exemplo, o brasileiro. O foco na situação argentina era tal que alguns documentos mostram que membros do COBA consideravam uma possível mudança de sede para o Rio de Janeiro como algo positivo: “É possível que a FIFA decida, em março, organizar a Copa no Brasil” (...) “A Copa no Rio: Uma bela vitória!”.⁴³⁹

Chama atenção o fato de como não foi considerado, ou pelo menos não citado, que o Brasil também vivia uma ditadura. Apesar de ter sido denunciada na ONU apenas em 1979, a ditadura brasileira naquele momento já havia expulsado do país milhares de opositores, que no exílio também denunciavam os crimes no país.

Entre os que se recusaram a participar e divulgar o boicote estava o principal jornal esportivo francês, o *L'Equipe*. No dia 13 de dezembro de 1977, o jornalista Jacques Ferran publicou em sua coluna as justificativas de tal negativa. Além de afirmar que esporte e política não devem se misturar, o texto levanta outra questão: “E se não vamos Argentina, por esta e aquela razão, para onde iremos, eu lhe pergunto? Onde, em um mundo cada vez mais cruel e arbitrário, faremos estas grandes reuniões de pessoas, como eventos esportivos internacionais?”⁴⁴⁰

Outra questão que representou conflitos para os integrantes do COBA foi a pouca adesão de argentinos exilados à ideia do boicote. A Copa do Mundo foi um momento de tensões para o exílio, marcado basicamente por:

dos posiciones fundamentales: una la de los que estaban por el boicot al Mundial, pensando que el hecho de publicitar el boicot iba a permitir aclarar, difundir la situación argentina; y los que pensaban que el pueblo argentino quería ver el Mundial, que iba a ser antipopular, y que justamente se iba a usar como parte de ese fantasma de la “campana antiargentina” el hecho de que hubiera argentinos en el exterior dificultando el Mundial, diciéndole a la gente que no compre los pasajes, que no viniera a la Argentina, en fin, esas fueron fundamentalmente las dos posiciones.⁴⁴¹

No entanto, esse conflito não foi específico do exílio francês. Em outros centros, como México e Espanha, os argentinos também se viram a situação de decidir como se

⁴³⁹ *COBA: documents internes*. Textes originaux publiés par le COBA durant la campagne, Cote : F Delta, 1831. “Il est possible que la FIFA decide, en mars, d’organiser la coupe au Bésil!” (...) “La Coupe à Rio: Une belle victoire!”. Tradução realizada pela autora.

⁴⁴⁰ *L'Equipe*, 13/12/1977, Fundo COBA Cote : F Delta 1831, BDIC. “Et puis, si nous n’allons pas en Argentine, pour telle et telle raison, où irons-nous, je vous le demande ? Où, dans un monde de plus en plus impitoyable et déchiré, abriterons-nous ces derniers grands rassemblements de peuples que sont les manifestations sportives internationales?” Tradução realizada pela autora.

⁴⁴¹ Memoria Abierta, *Testimonio de Rodolfo Mattarollo*, Buenos Aires, 2003.

posicionariam em relação à Copa na Argentina. No México, como veremos a seguir, a maioria dos exilados entendeu que a realização do evento era inevitável, e por isso a melhor opção era aproveitá-la. Na Espanha e na França as tensões com grupos de boicote locais foram mais fortes. Segundo aponta Marina Franco:

Estas diferencias pueden explicarse, en parte, por el peso de los núcleos partidarios exiliados en cada uno de los tres destinos, en particular Montoneros y diversos grupos peronistas –muy presentes y organizados en México por ejemplo–, cuyas posiciones contra el boicot pueden haber tenido más peso sobre el colectivo de exiliados activos. Pero la diferencia remite, fundamentalmente, a otra dinámica central que nos interesa considerar aquí: la especificidad característica de cada sector de exiliados como un aspecto modelado en la interacción con cada sociedad de acogida. En los países de acogida europeos donde el boicot creció rápidamente como proyecto político, los exiliados argentinos se vieron confrontados al problema, y si bien la mayoría conservó la ambivalencia señalada, también surgieron núcleos favorables. A su vez, en el espacio específicamente francés, el alcance público de la campaña debe haber generado mucha mayor presión sobre los residentes allí argentinos y un mayor involucramiento frente a la situación.⁴⁴²

Nos documentos do COBA encontramos correspondências entre membros organizadores e grupos de exilados, geralmente marcados pela discussão do não posicionamento dos argentinos. Para os franceses, era difícil entender justificativas como “o futebol é maior que a ditadura” ou “a população não vai ver com bons olhos”. Tampouco foram muito insistentes em relação a participação de argentinos no boicote. De fato, uma das marcas do movimento foi sua forte relação com a própria realidade francesa, e nesse caso significava a necessidade da adesão de locais, exigindo um posicionamento do governo e até da própria seleção nacional.

Entretanto, se o boicote em si não foi concretizado, as diversas manifestações e denúncias, e o próprio debate, foram importantes para os grupos envolvidos com a questão das violações de direitos humanos na Argentina. Como mostram os documentos nos arquivos do COBA, as atividades pós Copa do Mundo foram tão importantes quanto o próprio evento, considerado um êxito por ter colocado o país no centro das discussões políticas dos principais países europeus e dos Estados Unidos. Assim, conseguiu-se chamar a atenção de importantes organizações como a ONU e a OEA para o caso argentino.

Dessa maneira, para o COBA o boicote à Copa de 1978 foi vitorioso. Mesmo sem a adesão da maioria dos exilados argentinos, o movimento ganhou proporções internacionais e foi uma importante oportunidade de denúncia do que ocorria na

Argentina. O fato da ditadura também entender que a Copa foi favorável para melhorar, pelo menos em um primeiro momento, a imagem do país pode parecer contraditório. Este é um dos objetivos desta tese: mostrar que estas representações e interpretações foram múltiplas, e cada um a seu modo, ambos foram vitoriosos. Para os denunciantes, entre eles o COBA, a segurança que o evento transmitiu ao regime permitiu certa abertura a entrada de organizações, especialmente da CIDH, que formalizou depois as denúncias contra o país, como veremos no próximo capítulo. Foi também quando a situação argentina ganhou visibilidade no mundo, com a divulgação de testemunhos, da situação dos desaparecidos e dos exilados.

O COBA também permite uma interessante leitura dos conflitos internos que viviam os franceses naquele período. Sem dúvida, o Comitê foi também um meio de crítica ao governo francês, um espaço para grupos e partidos de esquerda aprofundar suas críticas ao presidente Valéry Giscard d'Estaing (1974-1981). As poucas referências a Patricia Derian e ao governo Carter também ajudam a perceber como a questão se centrava principalmente no papel do governo francês.

Outro ponto interessante é como se relacionava a sociedade francesa com estas novas formas de autoritarismo que eram as ditaduras latino-americanas. Ainda com as referências do passado recente do período do nazi-fascismo e das Grandes Guerras Mundiais, o imaginário francês e europeu de um modo geral tinha a realidade europeia como eixo de leitura dos casos de Chile, Argentina e etc. Assim, era natural classificar tais ditaduras como fascistas, utilizar conceitos como “solução final” e até mesmo comparar a Copa com o caso dos eventos de 1934 na Itália e os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim.

Chama a atenção o próprio conflito cultural entre a sociedade francesa e os argentinos exilados. Além da própria situação que é viver o exílio, neste caso para muitos incluindo a dificuldade do idioma, a resistência argentina em apoiar o boicote foi um ponto de conflito e de bloqueio nas relações com os grupos políticos franceses. Assim, sobressaía a dificuldade dos franceses em entender a resistência argentina:

El foot, en todo el mundo, es una pasión: de derecha, de izquierda, de generaciones, y fue muy difícil de dejar la Junta con “la Coupe, la Coupe, la Coupe”, con cárceles clandestinas, tortura, desaparición. Y fue difícil pq en el exilio la mayoría de los exiliados argentinos, de todas tendencias, PRT, Montoneros, otros, más o menos todos estaban en contra hacer el boicot, por el boicot. Por diversas razones, dicen que el pueblo no comprende, el pueblo argentino; hubo otro argumento, era de decir que es

⁴⁴² FRANCO, Marina 2005, *Op. Cit.* p. 6.

muy importante que viene la prensa internacional con la Coup para ver la situación. No. La Junta muy bien organizada. El foot es una pasión, ne regard pas côtes. (...) Para los franceses no es posible por 2 razones: la primera es que la Junta hace una manipulación de comunicación; la segunda es que en Francia esa época es una lucha para encontrar la feliz del foot.⁴⁴³

Logo, para a oposição à ditadura, as Copas trouxeram um novo tema para o debate: como lidar com o fato de que a vitória e o evento serão utilizados pelo regime a seu favor? Isto implica necessariamente negar e se opor, ou seja, significa não torcer pela seleção nacional? Nada disso: a Copa do mundo é nossa!

2. A Copa é do povo!

Independente de suas posições políticas e seus lugares sociais, a maioria dos brasileiros e dos argentinos compartilhava a paixão pelo futebol. A ânsia por mais um título no Brasil, e o primeiro na Argentina, era anterior à questão política em que ambos estavam envolvidos, e a sonhada conquista coincidiu com o momento de militância em que estas pessoas estavam envolvidas. Logo, era praticamente impossível não discutir e problematizar o significado tanto das vitórias como do lugar do torcedor.

Para os integrantes do COBA a campanha do boicote foi positiva por ter incluído a situação argentina na agenda internacional, incluindo grupos que já se organizavam dentro do país. O caso mais emblemático foi o das Mães da Praça de Maio, que mantiveram sua manifestação semanal na praça do governo mesmo com as visitas internacionais. Alguns jornalistas e atletas, informados pelas denúncias que eram feitas no exterior, foram assistir as estas *marchas*, o que significou para as integrantes da associação a primeira oportunidade de denúncia internacional da situação que viviam.⁴⁴⁴

No caso brasileiro, Eduardo Roberto da Silva,⁴⁴⁵ por exemplo, percebeu que a Copa do México era um bom momento para denunciar as ações do governo para capitalizar a vitória a seu favor:

Eu, particularmente –não com a turma da faculdade, mas com os colegas que eu tinha do ensino médio- a gente participou, não vou dizer de um movimento, mas tinha um

⁴⁴³ Memoria Abierta, *Testimonio de Louis Joinet*, Buenos Aires, 2007.

⁴⁴⁴ LLONTO, Pablo. *La vergüenza de todos*. Buenos Aires: Asc. Madres de Plaza de Mayo, 2005.

⁴⁴⁵ Eduardo Roberto da Silva é diretor do Colégio Oswald de Andrade, em São Paulo, e foi indicado como referência para este trabalho pelo professor Plínio José Labriola de Campos Negreiros, da Universidade de São Paulo, por sua militância estudantil durante a ditadura.

esquema assim, de panfletagem, denunciando o governo na utilização dos feitos do esporte nacional para, como eu te disse, encobrir certas coisas do regime.⁴⁴⁶

Neste sentido, a denúncia envolvia o uso por parte do regime, e não uma crítica ou reflexão sobre o papel do esporte na sociedade. Questionado sobre se esta panfletagem foi durante a Copa, Eduardo Silva negou com firmeza: “Durante a Copa a gente tava torcendo!”. A resposta do entrevistado é exemplo do posicionamento dos que defendiam o *direito de torcer*: era preciso separar o futebol do uso que se fazia dele.

Quem também concorda com esta visão é o jornalista esportivo Juca Kfourri. Na época da Copa de 1970, Kfourri estava cursando o primeiro ano da faculdade de Ciências Sociais na USP, mas já era repórter da revista *Placar*. O jornalista relembra como foram as tensões em sala de aula em relação ao torcer ou não pela seleção na Copa:

Numa bela noite, numa segunda-feira, nunca me esqueço, o professor de Sociologia I, (...) marca uma prova para quarta-feira. Eu levanto a mão e digo: “Professor, tem Brasil e Romênia, professor”. E a minha classe vaia. Vivíamos aquela situação: “cada gol do Brasil atrasa em dez anos a revolução brasileira”.⁴⁴⁷

Naquele tempo, segundo informa o próprio entrevistado, Kfourri era listado como apoio da ALN, mas não atuava na organização. Seus colegas da aula de Sociologia eram o que ele mesmo indicou como determinado setor da esquerda brasileira. Numa autocrítica sobre seus próprios preconceitos em relação a esta “esquerda acadêmica”, o jornalista relembra que anos depois reencontrou o mesmo professor, que então o questionou por sua própria postura dentro da faculdade. Segundo ele, o próprio Kfourri não falava de futebol naquele espaço, que entendia não ser o lugar para este tipo de relação, ou seja, perpetuando ele também esta ideia de dissociação entre intelectuais e o futebol.

Durante a primeira partida do Brasil na Copa, contra a Tchecoslováquia, Kfourri recebeu uma ligação informando que seu primo havia se suicidado em um quarto de hotel.⁴⁴⁸ Transtornado, o jornalista confessa que, por um momento, questionou os momentos de euforia enquanto ocorriam torturas, prisões e desaparecimentos nos *porões da ditadura*. Ou seja, por mais que sua postura fosse crítica em relação ao

⁴⁴⁶ Eduardo Roberto da Silva. Entrevista concedida à autora em 27/07/2012, São Paulo.

⁴⁴⁷ Juca Kfourri, entrevista concedida à autora no dia 19/07/2011, em São Paulo, SP.

⁴⁴⁸ Ao longo da entrevista Juca Kfourri não citou o nome de seu primo, porém, afirmou que na verdade a morte havia sido por torturas e o corpo deixado em um hotel na capital paulista simulando o suicídio.

tradicional futebol como *alienação das massas*, o próprio jornalista também se encontrou em algum momento frente a este tipo de questionamento:

No mesmo tempo que eu prometi que eu ia matar o Fleury, eu disse que não ia confundir as coisas. (...) Não vou deixar a ditadura levar até aquilo que eu tenho de mais íntimo (...). Nós vamos permitir que a ditadura nos usurpe até isso, até as coisas mais recônditas que a gente tem? Não pode mais curtir-las porque identifica com a ditadura?

Em seu depoimento para esta tese, o professor e pesquisador Daniel Aarão Reis Filho também ponderou sobre a dificuldade de tomar uma posição neste debate, “não era tão fácil tentar dissociar”.⁴⁴⁹ Afinal, por mais que alguns tivessem claro que não só o futebol, mas momentos de comemoração e manifestações populares em geral, eram anteriores à própria ditadura e parte da cultura do país, e portanto, era de se esperar que na procura por algum tipo de consenso ou construção de uma imagem positiva do regime o mesmo utilizasse tais momentos e procurasse criar esta associação. A questão era, portanto, como separar as *paixões nacionais* de um determinado projeto que também entendia que as mesmas eram parte de seu discurso.

Recluso na prisão em Ilha Grande, no estado do Rio de Janeiro, durante a primeira fase da Copa, Daniel Aarão relembra que os presos solicitaram ao diretor que lhes fosse disponibilizada uma televisão para acompanhar os jogos da seleção. Neste ambiente, surgia uma questão que era comum em diversos círculos sociais: torcer pela seleção é torcer pela ditadura? Aarão comenta que a questão não era tão simples, que envolvia posições diversas:

Em relação à Copa havia muitas contradições entre os presos. Vários sustentavam que nós deveríamos ter uma posição contra, torcer contra a seleção do Brasil. Porque eles viam, com certa razão, que a ditadura poderia capitalizar a vitória da seleção.⁴⁵⁰

A experiência de Reis é interessante para pensar tais contradições e discussões entre os indivíduos das organizações armadas. Segundo ele próprio, as posições nem sempre eram tão claras. Alguns não viveram o momento festivo também pela questão do trauma recente envolvendo suas prisões e torturas.

No Brasil a questão do torcer ou não torcer atravessou todas as organizações, porém sem que as mesmas emitissem uma posição oficial frente à Copa. As discussões existiam, mas eram individuais, cada um tinha seus argumentos e optou por como

⁴⁴⁹ Daniel Aarão Reis Filho, entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 07/08/2011.

encararia aquele momento. Diferentemente, as organizações armadas argentinas emitiram oficialmente suas posições. A pressão internacional que envolvia a questão da sede na Argentina foi um fator importante para isto. Afinal, a organização e a realização do evento pelo *Proceso* passou a ser tão questionada que alguns realmente acreditavam na possibilidade de mudança da sede.

A atenção internacional que a Argentina recebeu foi vista como uma oportunidade para realizar diversos trabalhos de denúncia da situação do país. Para a organização Montoneros, era hora de:

prepararse para el Mundial, para que en las canchas se cante la Marcha Peronista; para juntarse en las canchas y pedir que abran las puertas en el segundo tiempo; para contarle a cuanto extranjero tengamos cerca lo que pensamos de Videla y Martínez de Hoz; para aprovechar el margen de legalidad y movilizarse por aumentos salariales, por la liberación de presos e aparición de los secuestrados, por la normalización sindical, para que el Mundial no sea un gran operativo de propaganda gorila sino un gran triunfo popular, en la política y en el fútbol. ¡Argentina campeón, Videla al paredón!⁴⁵¹

E a Copa foi também um momento de esperança, tanto de alguma possível ação contra o governo como de encontrar nas transmissões algum companheiro clandestino nas plateias dos estádios. No exílio, a maioria afirma que acompanhou e torceu pela seleção, e, claro, que celebrou a vitória nas ruas. No México, alguns foram comemorar em frente à Embaixada Argentina aos gritos de “Argentina Campeón, Videla al paredón”.⁴⁵² De uma forma geral, para os que eram a favor da Copa o futebol era entendido como algo em uma esfera separada da política. Para os que se opunham, exatamente por seu peso político não podia ser deixado nas mãos do regime, e era uma oportunidade de manifestações e denúncias. E para outros, principalmente membros de grupos peronistas, o futebol era, de fato, um espaço de resistência, e a visão do povo manipulado pelo esporte era elitista e equivocada:

(...) y yo plateé que no estaba de acuerdo con este posicionamiento que planteaba que todo el pueblo es un pueblo de imbéciles, que se ganaba la Argentina campeón del Mundial todos se iban a olvidar de lo que pasaba, que iban a salir a gritar “Viva Videla”, y que la instrumentación que hacia Videla, y que por supuesto hacia una instrumentación maléfica del Mundial de Fútbol era una historia. Y que había una historia popular que así como había otros países que habían tenido su Mundial de Fútbol... el pueblo argentino no iba a quedar atrapado ni engranado por si Kempes hiciese un gol o no hiciese un gol. O sea, que mi posición fue de esta perspectiva, reconociendo lo que hacía la Junta, de que había que tomar el Mundial de Fútbol sin

⁴⁵⁰ Idem.

⁴⁵¹ Movimiento, número 5. Órgano del Consejo Superior del Movimiento Peronista Montonero, janeiro 1978. Arquivo CEDINCI, Buenos Aires.

⁴⁵² FRANCO, Marina. *Op. Cit.*, 2008.

tanto dramatismo, y si ganaba o perdía Argentina la gente iba a salir a la calle, iba a saltar de alegría y después iba a ir a su casa y va a seguir pensando que era una época de mierda.⁴⁵³

E foi a partir do México, onde estavam exilados os principais líderes da organização Montoneros, que a oposição resolveu agir. Considerando que “A 22 meses del crimen institucionalizado en el Estado, los gorilas se encuentran con que todos los fracasos, todas las atrocidades cometidas, todas las mentiras que dijeron, se les vienen encima”⁴⁵⁴, a organização entendeu que era hora de voltar e reiniciar a luta e preparar a *contraofensiva*.

A postura da organização era a de que a Copa seria um momento para os turistas e jornalistas estrangeiros conhecerem os problemas do país, como define a consigna apresentada como justificativa para não apoiar o boicote: “Cada espectador del Mundial un testigo de la Argentina real”, como se pode observar do slogan abaixo:⁴⁵⁵



Em seu livro jornalístico *Fuimos soldados. Historia de la contraofensiva Montonera*, Marcelo Larraquy descreve o clima envolvendo a questão:

Mientras la comunidad de exiliados discute se debe boicotear la organización del campeonato de fútbol porque puede significar una victoria política de la dictadura militar, o festejar los goles argentinos sin sentirse traidores, Lazarte le ofrece a Montoneros volver a la Argentina. Dice que él puede interferir los canales de televisión y propagar los discursos revolucionarios del comandante Mario Firmenich durante los partidos del Mundial.⁴⁵⁶

⁴⁵³ Memoria Abierta, *Testimonio de Nicolás Casullo*, Buenos Aires, 2005.

⁴⁵⁴ Movimiento, número 5. Órgano del Consejo Superior del Movimiento Peronista Montonero, janeiro 1978. Arquivo CEDINCI, Buenos Aires.

⁴⁵⁵ Idem.

A proposta de retornar não foi uma unanimidade entre os exilados: “En el orden de la militancia hubo también una enorme discusión a propósito de la ofensiva, la contraofensiva de los Montoneros, (...) que yo creo que no tenía la más mínima posibilidad de tener simpatía en el medio de la gente (...)”.⁴⁵⁷ A questão levantada não era apenas a segurança de voltar ao país, mas também como ficaria a imagem da organização perante a população que queria viver a festa da Copa sem conflitos, como um momento esperado por tantos anos.

O objetivo era aproveitar a Copa para iniciar as ações de retorno, e aproveitar o evento “ya que todo el mundo nos estará mirando durante el Mundial, debemos aprovechar para hacernos oír por televisión en colores entre centenares de millones de hombres de todo el mundo”.⁴⁵⁸ Em um documento sobre a apresentação oficial da *Comisión Especial Mundial 78 del Movimiento Peronista Montonero*, explica-se que, apesar de não boicotarem a Copa e entenderem que a mesma é um momento do povo argentino, “(...) el hecho de que nos opongamos a la realización del Mundial no significa que aceptemos pasivamente la forma en que el gobierno militar pretende realizarlo”.⁴⁵⁹

No dia 06 de junho, durante o jogo contra a França, na prisão em La Plata a transmissão foi interrompida pela *Marcha Peronista* e um discurso do líder Fermenich. A ação, a principal durante a Copa, gerou consequências para os presos:

(...) mi principal crítica a los Montoneros que es que no me dejaron escucharlo [a Copa]. Porque empezó el Mundial y los de La Plata, los de la cárcel de La Palta habían puesto los parlantes para que escucharas los partidos y a los 10 minutos se interfirió la, al partido y empezó una proclama a los Montoneros. ¡Genial! ¡Nunca más nos dejaron ningún partido! [risos]⁴⁶⁰

Em fevereiro de 1978, as ações já começavam no país. Em documento da Dirección de Inteligencia de la Policía de la Provincia de Buenos Aires (DIPBA), aparece a descrição de panfletos que foram difundidos defendendo a realização da Copa:

⁴⁵⁶ LARRAQUY, Marcelo. *Fuimos soldados. Historia Secreta de la Contraofensiva Montonera*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2011, p. 29.

⁴⁵⁷ Memoria Abierta, *Testimonio de Rolando Concatti*, Mendoza, 2008.

⁴⁵⁸ Movimiento, número 5. Órgano del Consejo Superior del Movimiento Peronista Montonero, janeiro 1978. Arquivo CEDINCI, Buenos Aires.

⁴⁵⁹ Idem. A Comissão se dividiu em duas partes para divulgar seus objetivos na América e o outro grupo na Europa, Ásia e África.

⁴⁶⁰ Memoria Abierta, *Testimonio de Ernesto Villanueva*, Buenos Aires, 2002.

Estos panfletos son de cuatro tipos diferentes, y em los cuales versa lo siguiente: panfleto 1: “Mundial '78, Argentina Campeón, sin milicos ni orejón, Movimiento Peronista Montonero”; pabfleto 2: “Argentina Campeón, el pueblo apoya el Mundial no a la dictadura militar, Movimiento Peronista Montonero”; panfleto 3: “Argentina 78, Dictadura 0, Resistir es vencer, Movimiento Peronista Montonero”; panfleto 4: “Argentina Campeón, el pueblo apoya a la Selección y repudia a Videla y a Martínez de Hoz, Movimiento Peronista Montonero”.⁴⁶¹

Algumas bombas foram posicionadas ao longo da competição em alvos estritamente militares, que foram abafados pelo regime e não geraram a repercussão esperada pela organização. Foi em 1979 que o projeto da Contraofensiva foi realmente colocado em prática, e o resultado foi desastroso para a organização, com a morte e captura dos *soldados*.⁴⁶²

Os que estavam fora procuraram voltar. E os que estavam dentro, nem sempre jogaram no mesmo time da onda de otimismo e ufanismo que as Copas trouxeram.

3. A corneta toca em casa

3.1 A imprensa esportiva e a crise do futebol brasileiro

Mesmo com a campanha vitoriosa e invicta nas eliminatórias para a Copa de 1970, em 1969, a imprensa brasileira foi o principal veículo de críticas da seleção. No início de 1970, com as tensões que apareciam entre João Saldanha e a CBD, a mídia brasileira viu no conflito um tema de grande interesse e passou a ser um ator mais na chamada por eles mesmos “crise do futebol brasileiro”. A situação da seleção naquele momento levou o regime, através do Ministro da Educação e Desportos Jarbas Passarinho, a convocar o presidente da CBD João Havelange para que explicasse o *escarcéu* que era feito na mídia:

Aproveito o momento para fazer um apelo a todos os brasileiros. Se nós ainda temos alguma esperança de trazer a Copa, não podemos tolerar esse clima permanente de polêmicas. A seleção precisa de muita tranquilidade para trabalhar e para se preparar para a luta no México.⁴⁶³

⁴⁶¹ Archivo DIPBA, Mesa “D (s)”, Carpeta Vários, Legajo 11686.

⁴⁶² (NOVARO, Marcos e PALERMO, Vicente, *Op. Cit.*, 2002).

Nas palavras do Ministro, mais uma vez a ideia da Copa como um projeto nacional, que dependia de todos para que a seleção conseguisse o caminho da vitória.

Ao falar das críticas da mídia, é importante resgatar a questão das polêmicas envolvendo o técnico João Saldanha, apontadas no quarto capítulo. Como dito, sua demissão tornou-se uma grande disputa de memória do período. A Revista *Placar*, por exemplo, é uma das que recupera esta questão enfatizando que a saída de Saldanha foi por uma questão política.⁴⁶⁴ Em uma entrevista exclusiva logo após sua saída, Saldanha conta a *verdade* para a revista, e o faria por muitos anos ao reproduzir uma determinada versão pelos meios de comunicação.

Em seu trabalho sobre a Revista *Placar*, João Malaia afirma que nesta mesma entrevista a revista aponta quatro razões para a saída do técnico: “brigas com a comissão técnica, liberdade “tática” excessiva aos jogadores, falta de organização tática da equipe e o interesse do governo pela Seleção”.⁴⁶⁵ Em nenhum momento existe uma referência clara às dissidências políticas do treinador. A ideia de interesse na Seleção por parte do governo não obrigatoriamente significa a questão das opções políticas de seu técnico. Afinal, o interesse era claro, e já existia quando Saldanha foi chamado para o cargo. De fato, o principal objetivo era proteger a imagem da seleção, muito mais do que qualquer questão política com o técnico.

A revista dá a entender que a demissão não foi um fator isolado, mas uma sucessão de atitudes que, juntas, levaram à saída de Saldanha. Uma semana antes, a mesma revista, ao tratar a tentativa de invasão da concentração do Clube de Regatas do Flamengo por parte de Saldanha, ironizou o técnico com uma charge de Henfil.⁴⁶⁶

⁴⁶³ Jarbas Passarinho, APUD MALAIA, João. “Placar 1970”, In Hollanda, Bernardo B. B e Melo, Victor A. de. (orgs.) *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012, pp.149-170, p.155.

⁴⁶⁴ Revista *Placar*, 27/03/1970.

⁴⁶⁵ MALAIA, João, *Op Cit*, 2012, p. 158.

⁴⁶⁶ Revista *Placar*, 20/03/1970, p. 3.



Portanto, considerando o que foi apresentado no capítulo quatro sobre os Heróis da conquista e aqui retomado, não consideramos que a demissão do técnico tenha sido em função de suas posições políticas. Aceitamos que elas podem ter sido uma influência –afinal, se o técnico já trazia problemas em outras questões, isto sempre seria um peso a mais-, porém não são capazes de justificar por si só a polêmica atitude que expôs tanto a CBD como o próprio Ministério.

No entanto, as críticas não se resumiram aos conflitos entre Saldanha e o regime, ou com os jogadores. Os jornalistas e a população de um modo geral, não acreditavam na seleção às vésperas da Copa de 1970. Mundialmente, o futebol brasileiro, bicampeão, era considerado ultrapassado, uma seleção de velhos que não poderia brilhar frente ao novo modelo que se apresentava na Europa.

Em seu caderno espacial sobre a Copa, do dia 3/06/1970, a revista *Veja* iniciou a nota principal com um título que deixava clara a *pouca fé* na seleção: “A esperança pessimista”. Três dias após o início da competição, o especial chegava aos seus leitores preparando para o pior resultado:

Para os brasileiros, acostumados à discutível ideia de que têm o melhor futebol do mundo, é meio constrangedor aceitar um terceiro ou quarto lugar numa disputa desse tipo. Mas a verdade é que, nas circunstâncias atuais, se o Brasil chegar a uma dessas colocações, já terá conseguido uma grande vitória.⁴⁶⁷

A revista reconhece o esforço e trabalho físico feito pela seleção, baseado principalmente no método Cooper, como trabalhado no capítulo anterior. Porém, afirma que o problema não era a preparação física, ou a falta de vontade de vencer do grupo. O problema seria o “atraso histórico do futebol brasileiro”: “Começam aí, na organização tática, os problemas do Brasil. A maioria dos disputantes da Copa aparecerá com líbero, e o jogo defensivo irá predominar”.⁴⁶⁸

Novamente, retomava-se a questão do modelo de futebol brasileiro em oposição ao europeu. Neste momento, o futebol ofensivo que foi a marca da seleção do Brasil nas conquistas anteriores, era considerado supero pelo futebol defensivo, ou futebol força. Para muitos do que criticavam o grupo antes da Copa, a procura pelo brilho em campo, o jogo bonito, os dribles, era a receita da derrota. Ironicamente, a vitória no México soaria como resposta aos críticos.

O novo técnico Zagalo também foi constantemente alvo de críticas e desentendimentos com a imprensa. Sobre tais críticas, Zagalo afirmou em suas memórias sobre a Copa: “O imperdoável, caracterizando falta de consciência profissional, é valer-se o crítico de sua condição para tentar atassalhar a reputação do treinador e pretender desmoralizá-lo. Então, o crítico deixa de ser crítico para ser um energúmeno”.⁴⁶⁹

Ainda sobre as críticas, no capítulo dedicado ao tema, “O lado amargo do êxito”, Zagalo aproveita para, novamente, destacar suas características positivas, que considerava a razão para seu êxito. Criticando a situação pela qual passava sua esposa ao enfrentar-se com tais críticas, o treinador afirmou:

No íntimo, tudo aquilo a contrafazia até as lágrimas. Constituiria crime haver-se casado com um homem então no topo de sua carreira profissional, selecionador de jogadores, preparador de um dos mais fortes esportes do mundo, bicampeão mundial de futebol e que, naquele momento, dava tudo de si para ser tricampeão? Seriam imbecis os dirigentes da CBD, que, dentre os preparadores de todos os times de futebol do Brasil, me escolheram para dirigir nossa Seleção, com o fim de recuperar a situação perdida na Inglaterra?⁴⁷⁰

⁴⁶⁷ Revista *Veja*, 03/06/1970, p. 39.

⁴⁶⁸ Revista *Veja*, 03/06/1970, p. 40.

⁴⁶⁹ ZAGALO, Mario Jorge Lobo *Op. Cit.*, 1971, p. 136.

⁴⁷⁰ *Idem*, p. 137.

A crítica feita por parte da imprensa esportiva não necessariamente mostrava alguma crítica ao modelo da CBD ou, para forçar uma questão mais profunda, com uma crítica ao próprio regime. Os debates limitavam-se ao espaço esportivo. De fato, é quase uma tradição a ideia de que, quando desacreditada, a seleção ganha.

Se no Brasil a seleção precisou conquistar a Copa para garantir a celebração e o apoio dos meios esportivos, na Argentina o caminho foi distinto. Desde um primeiro momento os meios de comunicação, de um modo geral, exaltaram o grupo, e procuraram criar identidades entre a seleção e a população. Para os torcedores, a Copa em casa era não somente a oportunidade de viver o grande evento mundial pessoalmente, mas também a chance de finalmente conquistar o título. Os jogadores e o técnico Menotti foram recebidos com festa em todos os jogos, e nem mesmo a derrota para a Itália na primeira fase gerou críticas ou diminuiu o apoio.

Assim, a imprensa esportiva assumiu uma postura de que criticar ou desacreditar a equipe era uma forma de contestar o próprio modelo. Ou, ainda mais significativo: era apoiar exatamente os inimigos externos, que promoviam a campanha difamatória contra o país. Ser crítico era *cornetar*. E na lógica nacionalista do discurso construído pelos meios de comunicação em torno da Copa do Mundo, o verdadeiro argentino era o que apoiava a seleção.⁴⁷¹ E os mesmos meios de comunicação responderam à tais críticas após a festejada cerimônia de abertura:

Para los de afuera, para todo ese periodismo insidioso y malintencionado que durante meses montó una campaña de mentiras acerca de la Argentina, este certamen le está revelando al mundo la realidad de nuestro país y su capacidad de hacer, con responsabilidad y bien, cosas importantes. Para los de adentro, para los descreídos que teníamos en nuestra propia casa, estamos seguros de que el Mundial ha servido para sacudirlos, emocionarlos y enorgullecerlos. Un país como el nuestro, tan golpeado y tan caído después de las duras experiencias pasadas, se está demostrando a sí mismo sus enormes posibilidades de realización. Y esto no tiene nada que ver con los resultados futbolísticos”.⁴⁷²

Isso não significa que não existiram críticas em relação ao evento. A realização da Copa foi criticada por seu alto valor por diversos funcionários, como o Ministro de Economia José Martínez de Hoz. Como vimos no capítulo dois, se existia unanimidade entre os chefes das Forças Armadas em que o evento deveria ser realizado, o preço que

⁴⁷¹ MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Op Cit*, 2008.

⁴⁷² Revista *El Gráfico*, 06/06/1978, s/n.

a organização teria terminado se tornando um grande espaço de disputas entre as três Armas.

3.2 *O (alto) preço da vitória*

Quando a questão da organização da Copa surgiu entre os integrantes da Junta Militar, o valor em discussão era 70 milhões de dólares, que parecia um número aceitável para o presidente Videla, considerando o retorno que poderia significar para o país.⁴⁷³ Quando os meios de comunicação começaram a divulgar os valores finais, ainda em meio a festa da vitória, estimava-se um gasto superior aos 700 milhões de dólares.⁴⁷⁴

Desde o princípio, dois nomes da equipe econômica do governo reiteraram seu desacordo com o gasto excessivo: o citado Ministro de Economia, José Martínez de Hoz, quem não entendia sequer tanto interesse por este esporte, e seu secretário da Fazenda, Juan Alemann. Para ambos, além de não encaixar no plano econômico que tinham projetado, era um dinheiro que o país não tinha naquele momento, e a emissão desenfreada de papel moeda geraria uma inflação que não seriam capazes de controlar. Alemann não perdeu a oportunidade de criticar nem mesmo durante as comemorações: “Es necesario tener conciencia de que hemos elegido poner nuestro dinero en dar una gran fiesta. A no quejarse entonces de que falten recursos para otras cosas.”⁴⁷⁵

Para os responsáveis pela festa, realmente não existiram limites, nem mesmo na briga pelo controle do evento. A lei que criava o EAM 78 lhe dava total liberdade de gastos, o que significava também um grande poder nas mãos do responsável por eles. O Almirante Lacoste, apesar de ser vice presidente da Entidade, era quem realmente decidia seus rumos. A Copa era um dos principais interesses da Marinha, e parte dos planos de construção de uma imagem de líder internacional do Almirante Emilio Massera. Portanto, Lacoste tinha apoio em não limitar seus esforços: a Argentina deveria superar suas expectativas e oferecer ao mundo uma festa inesquecível.

Nas disputas internas, a crítica aos altos gastos passou a ser interpretada como oposição à própria organização:

Se ha dicho que los que sostenemos esta posición estamos contra el Mundial. Falso. No estamos contra el Mundial. Dijimos, simplemente, que podíamos haber hecho un

⁴⁷³ LLONTO, Pablo. *Op. Cit.*, 2005.

⁴⁷⁴ “A pesar de los 700 millones de dólares que costó. Por primera vez los argentinos sabemos lo que cuestan las cosas, y pagaremos esa deuda aunque no resulte fácil”. *Gente*, 1/6/1978 s/n.

⁴⁷⁵ *Gente*, 13/7/1978 p. 74.

Mundial más barato, más razonable, más modesto, más ajustado a las posibilidades reales del país.⁴⁷⁶

No *fim do jogo*, um apoio foi fundamental: o da FIFA e seu presidente. No Relatório Final sobre o evento, as palavras de Havelange foram de exaltação não apenas ao regime, mas especialmente ao EAM 78:

A Copa do Mundo de 1978 na Argentina foi, em minha opinião, um dos melhores torneios finais organizados. Muitos outros que tiveram o privilégio de experimentar os momentos emocionantes da Copa do Mundo na Argentina e foram capazes de comparar a organização com a de Copas do Mundo anteriores, compartilham essa valorização comigo. Muitos duvidaram de que a Argentina poderia organizar uma Copa do Mundo com o alto nível exigido por uma competição tão difundida no mundo. Após as mudanças políticas e econômicas que o país passou, a criação do Ente Autárquico Mundial com o árduo trabalho do almirante Carlos Alberto Lacoste atrás dele, do apoio recebido das autoridades argentinas e da excelente cooperação entre a EAM, AFA, e do Comitê Organizador da Copa do Mundo da FIFA, sob a presidência de especialista Hermann Neuberger e os outros comitês da FIFA envolvidos, prestado uma organização quase perfeita do Copa do Mundo da FIFA de 1978.⁴⁷⁷

Elogiar a organização da Copa era também uma maneira de mostrar que ele acertou em manter a sede. Havelange também aproveita para destacar o Almirante Lacoste, quem posteriormente se tornaria um dos vices presidentes da FIFA, no dia 07 de julho de 1980.⁴⁷⁸ Mesmo após o fim do *Processo* e com as denúncias internacionais contra o regime argentino, Lacoste permaneceu frequentando o mundo do futebol da FIFA, participando como convidado de outras competições como México 1986 e França 1998.⁴⁷⁹

As críticas feitas por alguns setores ao valor gasto na organização da Copa servem também para perceber que a unanimidade do regime em relação à Copa estava fundamentalmente na oportunidade de ser uma vitrine positiva para a imagem exterior

⁴⁷⁶ *Gente*, 8/6/78, s/n.

⁴⁷⁷ Relatório Final Copa do Mundo 1978, p. 4, Arquivo Institucional FIFA, Zurique, Suíça. “The FIFA World Cup of 1978 in Argentina was, in my opinion, one of the Best organised final tournaments. Many others who had the privilege of experiencing the exciting moments of the World Cup in Argentina and were able to compare the organisation with of previous World Cups, share this appreciation with me. Many doubted that Argentina could organise a World Cup at the high level demanded by such a well know worldwide competition. After the political and economic changes the county went through, the creation of the Ente Autárquico Mundial with the hard work of Admiral Carlos Alberto Lacoste behind it, the support received from the Argentinian authorities and the excellent cooperation between the EAM, AFA, and the FIFA World Cup Organising Committee under the expert chairmanship of Hermann Neuberger and the other Committees of FIFA involved, rendered a nearly perfect organisation of the 1978 FIFA World Cup possible.” Tradução realizada pela autora.

⁴⁷⁸ <http://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-37257-2004-06-26.html>. Página consultada no dia 10/11/2012.

⁴⁷⁹ *Idem*.

da ditadura.⁴⁸⁰ E esta intenção política não foi negada pelos responsáveis, como afirmou após a vitória o Almirante Lacoste: “Vea, yo estoy harto del famoso cuento de que tenemos que hacer las cosas con modestia porque nos faltan hospitales y escuelas. (...) Se pudo hacer más barato [a Copa]. Pero... ¿a qué precio político?”⁴⁸¹

Da mesma forma que não podemos considerar que todos os que celebraram e comemoram a Copa eram adeptos às ditaduras, criticá-las não era sinônimo de oposição aos regimes. As manifestações sociais eram múltiplas

No último capítulo desta tese, veremos algumas repercussões destas Copas. Primeiro, as mudanças que vão ocorrer como resultado imediato delas. Depois, o legado deixado, tanto fisicamente como nas sociedades e na memória que se tem sobre o período. O jogo está quase terminando.

⁴⁸⁰ Sobre as disputas internas envolvendo a questão econômica da Copa do Mundo ver Canela (2004), Novaro e Palermo (2003) e Schvarzer (1996).

⁴⁸¹ *Gente*, 6/7/1978 p. 16.

Capítulo 7: Prorrogação

Depois dos jogos finais, as seleções brasileira e argentina levantaram a taça e comemoram o êxito esportivo em grandes festas pátrias. Entretanto, a conquista do campeonato não representava exatamente o fim do jogo. Pelo menos não do que está em questão nesta tese. Afinal, parte importante desta análise inclui o que consideramos aqui, no nosso vocabulário futebolístico, como a prorrogação do espetáculo: o legado das Copas.

No primeiro tópico, trabalharemos com questões mais imediatas, como as políticas brasileiras que passam a entender o futebol como espaço de interesse do Estado: a criação do Campeonato Brasileiro em 1971, a realização da Copa Independência em 1972, a nomeação de um militar para a CBD em 1975. Durante este período, vimos a chamada *militarização do futebol* atingir seu auge, até a fundação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 1979.

No caso argentino, o legado pode ser analisado de perspectivas mais diversas. Primeiro, retomamos aqui a questão de o país ter sido sede da Copa de 1978, o que significou também um legado relacionado à infraestrutura que deve ser considerado. Além disso, destacaremos dois importantes momentos no ano de 1979: a conquista do Mundial Juvenil no Japão – quando aparece para o mundo o jovem jogador Diego Armando Maradona-, e a visita da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) da Organização dos Estados Americanos (OEA), o que foi considerado uma conquista para os que denunciavam a violência política por parte do Estado.

Na segunda parte, este capítulo vai trabalhar com um legado memorialístico: como estes eventos impactaram nas sociedades através de três diferentes expressões artísticas: o cinema, a música e a literatura.

1. O que as Copas deixaram

1.1 O Brasil do tri

Depois do fim da festa, é hora de ver o que ficou. Mesmo que o espetáculo não tenha sido em casa, como no caso da conquista brasileira, vimos ao longo desta tese que as manifestações sociais também tiveram importante impacto. Portanto, não seria diferente em relação ao legado que a Copa de 1970 deixou para o país.

Em termos de infraestrutura, o principal investimento foi para a transmissão televisiva. O governo nacional assumiu tais obras, dentro da lógica das demais desenvolvimentistas do período, e o avanço tecnológico em telecomunicações foi um dos marcos do período governado por Médici e também do “*milagre econômico*”. Foi a consolidação do televisor como objeto de lazer da classe média brasileira, que sofreu importantes mudanças estruturais com a incorporação deste equipamento.

O sucesso do evento e as possibilidades que o futebol apresentava também foram responsáveis pela criação em 1971 do Campeonato Brasileiro de Clubes, organizado pela CBD. Como aponta Marcos Alvito:

Não é coincidência que este primeiro campeonato brasileiro nacional tenha surgido durante a ditadura militar, preocupada com a “*integração nacional*”. O uso do futebol como instrumento político ficou muito claro pela escalada do número de clubes do campeonato nacional, de 20 na sua primeira edição para 40 clubes em 1973, 54 em 1976, 74 em 1978 e inimagináveis 94 clubes em 1979!⁴⁸²

Nasceu aí o jargão “Onde o ARENA vai mal, um time no Nacional”. Em 1975 assumia a CBD o Almirante Heleno Nunes, e nos anos em que esteve no comando da entidade –até 1979, quando foi extinta e Giulite Coutinho tornou-se o primeiro presidente da CBF-, o uso político do futebol chegou ao seu ápice no período ditatorial.

Outro legado diz respeito aos novos estádios: o Estado construiu mais de 15, todos públicos, ao longo da década de 1970 e até 1985. Praticamente todo estado da federação passou a ter seu próprio estádio público. Com isso, os clubes deixaram de investir em construções próprias, e hoje o país enfrenta o problema de grandes estádios ultrapassados e muitas vezes sem uso.

⁴⁸² ALVITO, Marcos. *Op. Cit*, 2006, p. 457.

Em 1972, com o apoio do governo que buscava aproveitar ao máximo a vitória de 1970, a CBD organizou a Taça Independência, em comemoração aos 150 anos da independência do Brasil. O evento foi pensado também por João Havelange como uma oportunidade de se destacar internacionalmente, em plena campanha para a presidência da FIFA. E mais: era a oportunidade do Brasil, agora tricampão, organizar novamente um torneio oficial da FIFA e ser, finalmente, campeão no traumático Maracanã. Entretanto, a CBD e o governo não contavam com o desinteresse por parte de alguns convidados, impossibilitando realizar um confronto entre todos os campeões mundiais até então e seus convidados, já que a Alemanha, a Inglaterra e a Itália não compareceram.

Entre os dias 11 de junho e 09 de julho, os vinte participantes se enfrentaram em cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Natal e Recife.⁴⁸³ Como aponta Janaína Cordeiro, foi um momento de investimento em construção e remodelação de estádios. A distribuição dos jogos em doze estádios em diferentes pontos do país funcionava para o objetivo de integração do país do governo Médici.⁴⁸⁴

Mesmo sem Pelé, a seleção brasileira jogou com a base do time tricampão dois anos antes no México, para euforia nacional. O Brasil consagrou-se vencedor, mas o evento não correspondeu às expectativas de sua organização, e seus altos gastos significaram um importante déficit para a CBD.⁴⁸⁵ De fato, a principal crítica que a Mini Copa, como ficou conhecido o evento, recebe até os dias de hoje não é seu uso pela ditadura, mas pelo então presidente da CBD João Havelange. Para o jornalista Juca Kfourri:

Foi uma roubalheira. (...) Ele [Havelange] endividou a CBD, pegou dinheiro público, não pagou... (...) e foi pego com a boca na botija. Quando ele se elegeu presidente da FIFA ele não foi preso pelo governo Geisel porque acharam que ia ser um baita escândalo (...) E mandaram ele abandonar a CBD.⁴⁸⁶

As críticas do jornalista em 2011 reproduzem outra memória dominante sobre aquele período: a da imagem de João Havelange como símbolo da corrupção do futebol brasileiro. Nos arquivos consultados para esta tese, não foram encontradas referências á

⁴⁸³ Os vinte participantes foram: Brasil, Portugal, Iugoslávia, Argentina, Escócia, União Soviética, Tchecoslováquia, Uruguai, França, Paraguai, Chile, Peru, Irlanda, Seleção da África, Colômbia, Bolívia, Equador, Irã, Seleção da CONCACAF e Venezuela.

⁴⁸⁴ CORDEIRO, Janaina Martins. *Op. Cit.*, 2012.

⁴⁸⁵ RODRIGUES, Ernesto. *Jogo Duro: a história de João Havelange*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

⁴⁸⁶ Juca Kfourri, entrevista concedida à autora no dia 19/07/2011, em São Paulo, SP.

investigações feitas sobre tais casos, e os mesmos costumavam envolver não apenas a CBD, mas as relações do dirigente com o poder público. Afinal, todos os presidentes de períodos democráticos e autoritários foram fotografados e receberam Havelange, apoiaram seu projeto na CBD e lhe deram uma importante liberdade de ação. Sua saída representou o desencontro de interesses entre a ditadura e a sequência que ele dava à CBD, mas também é preciso destacar que sua presidência na FIFA era um *status* que importava ao governo brasileiro. Esta memória em relação a Havelange, que como vimos o próprio reclama atualmente um reconhecimento de seu papel na história esportiva brasileira, de certa forma desvinculou os interesses e intervenções do Estado ao longo da história esportiva brasileira. Havelange, inocente ou não, aparece como principal responsável pelos males do esporte nacional.

Em contrapartida, temos a imagem do jornalista Juca Kfourri. Sua participação na construção da revista *Placar* como principal referência esportiva brasileira, ao mesmo tempo como um espaço de contestação e liberdade jornalística. Segundo o próprio Kfourri, a revista nunca sofreu com a censura e perseguições da ditadura, e de fato a Editora Abril só passou a controlar o que a revista publicava quando entrou para a televisão à cabo em 1991, com a fundação da Televisão Abril (TVA), operadora por assinatura do grupo, procurando estabelecer boas relações com os dirigentes esportivos para comprar a transmissão de jogos. Segundo Kfourri, foi quando ele deixou a diretoria da *Placar*, em 1995. Hoje, Juca tornou-se uma espécie de *guardião* da memória do futebol brasileiro, sendo a principal referência social como resistência ao modelo da CBF na redemocratização.

A Copa também deixou como legado para o país a consagração do futebol brasileiro como parte da elite do mundial. Em 2013, a seleção de 1970 ainda é considerada por muitos especialistas e fãs do esporte como o modelo ideal, e seus atletas reverenciados, mas sem associação entre eles e a ditadura da época. A conquista definitiva da Taça Jules Rimet também foi importante para o esporte nacional, e para a própria sociedade, uma conquista internacional que marcava o Brasil como expoente máximo do futebol mundial. Seu roubo alguns anos depois da sede da CBF no Rio de Janeiro também significou a perda de identidade de um país que já não mais conseguia com seu futebol arte o topo do pódio da FIFA.

Finalmente, o legado que a vitória deixou na memória nacional e na identidade brasileira devem ser destacados. Foi a consagração do mito de que o jogador brasileiro, com seu futebol espetáculo, simplesmente nasce com o dom do jogo. Como se não fosse

preciso tática, treinamento ou planejamento técnico. O exaustivo trabalho da comissão técnica descrito no capítulo cinco que garantiu o sucesso da seleção de 1970 no México foi esquecido gradativamente. Aquela Copa se transformou em um marco da memória coletiva do país, e um modelo da própria sociedade brasileira:

De fato, o evento da Copa de 1970, rememorado e reconstruído de forma espetacular pela mídia, tornou-se um marco na memória social do futebol, que se concilia com aquilo que o brasileiro acredita “ser”. O brasileiro pensa-se como uma obra de arte no mundo ocidental, isto é, um ser de ruptura, um ser criativo que, da carência, construiu e constrói possibilidades de enfrentar o mundo desenvolvido e civilizado.⁴⁸⁷

1.2 “*Derechos y humanos*”⁴⁸⁸

No caso da Argentina, trataremos primeiro os conflitos em relação ao legado relativo às obras de infraestrutura. Como vimos no terceiro capítulo desta tese, para preparar o palco do evento, foram feitos investimentos em avenidas, hotéis – praticamente nos dois anos anteriores ao evento levantou-se a rede hoteleira exigida pela FIFA-, aeroportos – a reforma do Aeroporto Internacional Ministro Pistarini, mais conhecido como Aeroporto Ezeiza, não ficou pronta a tempo, mas ele pode ser utilizado-, estádios construídos e reformados, meios de comunicação -principalmente em telefonia e televisão, apesar da transmissão em cores não ficar pronta a tempo para o território nacional. Segundo o Boletim produzido pelo EAM 78 e distribuído na ocasião do sorteio dos grupos para a Copa, em 1978, o legado era um tema considerado pela organização:

Estadios nuevos, y reacondicionados, Centros de Prensa, comodidades, generales para el periodismo, dirigentes, delegaciones deportivas, técnicos y público han constituido las programaciones y su cumplimiento en la etapa previa al instante en que todos nos encontramos para asistir al sorteo de los partidos entre los 16 clasificados. Caminos, transportes, comunicaciones, remodelación de aeropuertos, ampliación e inauguración de servicios para la televisión en colores, todo en la proyección de una beneficiosa y utilizable acción futura. Porque así se ha comprendido el mensaje de la contribución deportiva. Que toda la obra de infraestructura sea inmediatamente aprovechada por la comunidad⁴⁸⁹

⁴⁸⁷ SANTORO, M A e SOARES, A J G. *Op. Cit.*, 2009, p. 8.

⁴⁸⁸ A frase foi uma das campanhas realizadas pela agência de publicidade Burson Marsteller para a ditadura argentina.

⁴⁸⁹ Ente Autárquico Mundial 1978, Boletim número 8, ano 1978, p. 3.

Na verdade, a questão não era consensual nem mesmo entre os integrantes do regime, já que o questionamento sobre a necessidade dos estádios foi feito já na época por alguns deles. Como vimos no capítulo anterior, um dos *corneteiros* foi o Secretario da Fazenda Juan Alemann, um dos maiores críticos da realização da Copa, afirmou após a vitória: “Ahora habrá, entre otras cosas, que resolver el destino de los estadios. Parece que nadie los quiere”.⁴⁹⁰ O tema dos estádios surgiu novamente em 2011, com a realização da Copa América na Argentina. Nas mãos do poder público provincial e municipal, muitos estão mal conservados, e criticou-se a necessidade de um novo estádio, em La Plata, construído em 2005 e reformada para ser a principal sede em 2011.

Os três estádios construídos especialmente para a Copa de 1978 permanecem propriedade pública do governo da respectiva província, com exceção do de Mar del Plata, propriedade do Município de General Pueyrredón. Os nomes também foram alterados: O antigo Estádio Mundialista de Mar del Plata passou a ser chamado José María Minella, em homenagem ao ex-jogador do Independiente de Mar del Plata e técnico da seleção nacional em 1964 e 1965 (quando conquistou a Copa das Nações no Brasil e garantiu a vaga na Copa de 1966); o Estádio Ciudad de Mendoza foi renomeado Malvinas Argentinas, em referência ao conflito com a Inglaterra pelas ilhas de mesmo nome (em inglês Falklands) em 1982; e em 2010, o Estádio Olímpico de Córdoba foi rebatizado Estádio Mario Kempes, em homenagem ao capitão da seleção de 1978.

As demais obras também foram contestadas, principalmente por não terem ficado prontas a tempo do evento, como o citado caso da reforma do aeroporto de Ezeiza e a transmissão em cores nacional. Outras, como a rede hoteleira, tornou-se rapidamente ultrapassada pela falta de investimentos futuros. Um exemplo foi o Hotel Bauen, que se tornou símbolo da corrupção da época da ditadura foi. Construído em 1978 para a Copa, o hotel recebeu grande investimento estatal, sem praticamente nenhum controle por parte do Estado.⁴⁹¹

Além da questão da infraestrutura, dois acontecimentos próximos à conquista de 1978 formam parte desta *prorrogação* argentina: O Mundial Juvenil do Japão em 1979

⁴⁹⁰ *Gente*, 13/07/78, p. 74.

⁴⁹¹ *Nosotros del Bauen*. Diretores: Jérémie Reichenbach, Didier Zyserman, França, 95min, 2010. Na década de 1990 o hotel entrou em crise, e fechou em 2001. Dois anos depois um grupo de ex-funcionários ocupou o lugar e reabriu o hotel, o que gerou disputas judiciais com os donos. Em 2010 a cooperativa que dirige o lugar ganhou na justiça o direito de permanecer a cargo do hotel.

e a visita da CIDH da OEA, no mesmo ano. Foi um mês de setembro agitado para a sociedade argentina.

1.2.1 Entre a euforia e as denúncias

O ano de 1979 foi de sentimentos contraditórios para o *Proceso de Organización Nacional*. Ao mesmo tempo em que conseguiu comemorar mais uma vitória esportiva mundial, viu sua aceitação da visita da CIDH terminar em uma denúncia formal ao governo.

Ainda no mês de junho, aproveitando sua imagem favorável, o governo realizou um jogo comemorativo de um ano do título e dos 75 anos da FIFA; A seleção foi formada por jogadores do país (nem todos os vencedores do ano anterior) contra um combinado de diversos países do mundo. O técnico italiano Enzo Bearzot liderou o segundo grupo que teve jogadores importantes como os brasileiros Leão e Zico, o francês Michel Platini, os italianos Causio, Tardelli e Paolo Rossi, o polaco Boniek.⁴⁹² Os argentinos perderam por 2 a 1, num evento que lotou mais uma vez o estádio Monumental na capital Buenos Aires.

A nova *glória nacional* veio alguns meses depois, com a vitória da seleção argentina na Copa Mundial de Futebol Juvenil da FIFA, realizada no Japão entre os dias 25 de agosto e 07 de setembro: “La obtención del título ecuménico del fútbol juvenil en Tokio, determinó que en las principales ciudades del ámbito bonaerense, el público se volcara, en horas de esta mañana, en forma masiva a las calles festejando la conquista”.⁴⁹³ Com o jovem Diego Armando Maradona como destaque, certamente não gerou a mesma euforia que a conquista no ano anterior em casa, mas também significou uma renovação na imagem oficial.⁴⁹⁴ O presidente Videla fez questão de conversar com o técnico César Menotti e os jogadores durante uma transmissão de rádio após a vitória:

El mandatario retoma la iniciativa cuando llegó el turno de Maradona: “Quiero hacerle llegar a usted, en mi nombre, en nombre del pueblo argentino, y digo bien el pueblo argentino, porque está ya ese pueblo con afecto volcado a las calles gritando Argentina, Argentina... hacerle llegar mi más cordial saludo”. Diego, desde sus cándidos 18 años

⁴⁹² BLAUSTEIN e ZUBIETA, *Op. Cit.*, 2006, p. 289.

⁴⁹³ Arquivo DIPBA, Mesa “D(e)”, Legajo 221.

⁴⁹⁴ Com a vitória surgia também uma nova geração de jogadores, parte deles se consagrariam campeões na Copa do Mundo do México em 1986, como o próprio Maradona. Era o grupo que na década seguinte consagraria o país frente ao mundo, principalmente ao vencer uma Copa sem o fantasma da ditadura como aconteceu em 1978.

respondió: “Este triunfo es par usted y para todos los argentinos. Luchamos porque sabíamos que estaban pendientes de lo que hacíamos”. Y luego aclaró, por si hiciera falta: “Nos portamos bien, dentro y fuera de la cancha”.⁴⁹⁵

No trecho acima, o autor Ricardo Gotta transparece uma ideia de ingenuidade por parte de Maradona. Maior ídolo do futebol argentino, é difícil considerar que, naquela instância, com a visita da CIDH e a repercussão internacional da Copa de 1978, ele não tivesse conhecimento das denúncias que o país enfrentava. A questão que deve ser colocada é: por que Maradona não sofre as mesmas pressões que seus companheiros campeões em 1978? A memória, sempre seletiva, neste caso não considera que a atuação do jogador tenha tido o mesmo sentido simbólico. Talvez pela juventude do jogador, que naquele momento tinha 19 anos; talvez pelo peso que a Copa do Mundo possui, muito maior que o campeonato Juvenil, ou, e novamente surge a questão, por não ter sido um evento organizado pela ditadura.

Enquanto alguns acordavam cedo para acompanhar os jogos transmitidos de acordo com o fuso horário japonês, outros voltavam as atenções para um grupo especial de visitantes: os integrantes da Comissão enviada pela OEA para apurar as muitas denúncias de violação de direitos humanos contra o governo argentino.

Desde o início de suas manifestações, o COBA procurou, com outras organizações como a Anistia Internacional, chamar a atenção de governos e da ONU para o caso argentino. Neste sentido, após algumas derrotas apontadas pelo COBA, como o fato de em 1978 a Argentina ter sido absolvida das acusações de violação de direitos humanos na Comissão de Direitos do Homem na ONU, graças aos votos da Nicarágua e da União Soviética, a visita da CIDH era considerada um momento chave para os opositores:

Una de las cosas que yo digo que es muy conmovedora es que se presentaron cerca de nueve mil reclamos, en el corazón mismo de la dictadura. Los milicos estaban seguros... yo se lo escuché decir a uno, por otras cuestiones de trabajo yo escuché decir a un oficial de la aeronáutica “Ahí van a poder ir a presentar la denuncia, te juro lo que quieras que no va nadie”. Y fueron... hubo colas de cuatro cuadras, hostigadas.⁴⁹⁶

Do outro lado, representando a voz da ditadura, José María Muñoz, o mesmo que fez o vínculo transmitido pelo rádio entre Videla e Maradona e consagrou-se como a voz da Copa de 1978 em suas narrações, chamou a população a posicionar-se em

⁴⁹⁵ GOTTA, Ricardo. *Op. Cit.*, 2008, p. 258

⁴⁹⁶ Memoria Abierta, *Testimonio de Rolando Concatti*, Mendoza, 2008.

relação aos visitantes: “Vayamos todos a la Avenida de Mayo y demostremos a los señores de la Comisión de Derechos Humanos que la Argentina nada tiene que ocultar”.⁴⁹⁷ Era a época do difundido slogan “los argentinos somos derechos y humanos”, preparado pela agência Burson Marsteller, em uma resposta direta às acusações internacionais contra o país.

Em agosto, pouco antes da chegada da CIDH, o COBA denunciou que os militares invadiram sedes das organizações na Argentina e roubaram documentos que seriam apresentados à Comissão:

Secuestran y prohíben la difusión de una lista de 5581 desaparecidos – Por decreto 1829 del 27 de Julio se secuestró y prohibió la difusión del folleto “Dónde están?”, que cita y detalla la cantidad de casos mencionados, elaborado por entidades de defensa de los derechos humanos donde participan diversas personalidades eclesiásticas y políticas, la decisión se fundamenta en que “es un deber ineludible del poder ejecutivo preservar el orden y la seguridad pública.”⁴⁹⁸

Como era esperado, o objetivo do regime era que a visita fosse uma prova das *mentiras* que as denúncias difundiam sobre o país. Portanto, fez o possível para ocultar as evidências das mesmas. Na ESMA, emblematicamente tão próxima ao estádio Monumental de Nuñez, palco principal da Copa de 1978, foram feitas reformas para descaracterizar o espaço em que eram mantidos os presos desaparecidos.

Apesar da visita, o governo argentino não se intimidou. Mesmo fortemente pressionado pela questão dos desaparecidos, não hesitou em promulgar a Lei 22.068, no dia 14 de setembro de 1979, em plena visita da Comissão da OEA. Conhecida como Lei dos Desaparecidos, definía que:

“podrá declararse el fallecimiento de la persona cuya desaparición del domicilio o residencia, sin que de ella se tenga noticias, hubiese sido fehacientemente denunciada entre el 6 de noviembre de 1974, fecha de declaración del estado de sitio, y la fecha de promulgación de esta nueva norma legal”. La ley permite al Estado la iniciación del trámite inclusive con la oposición de los familiares del desaparecido.⁴⁹⁹

⁴⁹⁷ José María Muñoz, APUD HERNÁIZ, Sebastián. “Literatura, Memoria y Política: El Mundial ‘78”, Revista Afuera, Estudios de Crítica Cultural. Año IV, número 7, noviembre 2009, p. 4.

⁴⁹⁸ “La répression et la “solution final” Du problème des “disparus” en Argentine” Centre D’Études et de Documentation Europe – Argentine, Septembre 1979, p. 4. Cote: F Delta 1831.

⁴⁹⁹ “La répression et la “solution final” Du problème des “disparus” en Argentine” Centre D’Études et de Documentation Europe – Argentine, Septembre 1979. Cote: F Delta 1831.

No dia 29 de setembro de 1979, o parlamento europeu condenou o regime argentino por prática de terrorismo estatal, citando a lei de desaparecidos. E mesmo com as tentativas do regime de ocultar os crimes, os campos clandestinos de detenção e até as manifestações como das Mães da Praça de Maio, no informe divulgado em onze de abril de 1980 a Comissão concluía que:

A la luz de los antecedentes y consideraciones expuestos en el presente informe, la Comisión ha llegado a la conclusión de que, por acción u omisión de las autoridades públicas y sus agentes, en la República Argentina se cometieron durante el período a que se contrae este informe –1975 a 1979—numerosas y graves violaciones de fundamentales derechos humanos reconocidos en la Declaración Americana de los Derechos y Deberes del Hombre.⁵⁰⁰

Mas a CIDH não foi a única visita permitida. Ao considerar a Copa como um sucesso na melhora da imagem do país, o governo decidiu autorizar algumas inspeções internacionais, confiante de que novamente a entrada de estrangeiros mostraria a “verdadeira” Argentina. Assim, em maio de 1979 uma delegação da Confederação Mundial do Trabalho (CMT) e da Central Latino-americana de Trabalhadores (CLAT) foi a Buenos Aires para realizar um informe sobre a situação sindical do país.

Apesar da esperança que tais visitas trouxeram para diversos setores da sociedade, a ditadura ganharia um novo gás em 1982 com a Guerra contra a Inglaterra pelas Ilhas Malvinas. Como na Copa de 1978, o povo voltou às ruas para saudar o presidente no balcão da Casa Rosada, manifestando seu apoio à invasão. Não durou muito tempo a *última aventura* do Processo, que ao final significou o começo do fim.

Com a redemocratização, as comemorações e vitórias das Copas ganharam novos significados e lugares sociais. A seguir, veremos algumas das manifestações destas memórias, que continuam permeando o imaginário social de ambos os países.

⁵⁰⁰O informe completo da visita está disponível em <http://www.cidh.oas.org/countryrep/Argentina80sp/indice.htm>.

2. O jogo da memória

A produção artística é um referencial interessante para pensar alguns momentos em que Brasil e Argentina vão refletir e repensar as memórias destas Copas do Mundo, e, como consequência, sobre os sentidos do último regime civil-militar e as distintas manifestações sociais, como o consenso, o consentimento e a indiferença naqueles anos.⁵⁰¹ Uma longa lista de filmes, literatura e músicas foram produzidas a partir desta experiência, que simbolizam também o legado que estas competições deixaram para a sociedade.

Estas obras mostram como o tema está presente na sociedade, em diversas esferas, que convivem com o passado traumático de maneiras diversas. No novo período democrático a memória coletiva que prevaleceu em um primeiro momento foi a de uma sociedade vítima da violência resultante do antagonismo e do conflito entre duas forças políticas, *subversão* e militares, que resultou na violência física, na forma da violação de direitos humanos de vítimas desta mesma sociedade “inocente”. O objetivo de resgatá-las neste espaço não é realizar uma análise profunda de tais materiais enquanto documentos históricos, e sim pensá-los como *lugares de memórias* propostos por Pierre Nora.⁵⁰²

Ao longo das últimas décadas esta memória foi constantemente problematizada. Na Argentina, por exemplo, por organizações de familiares de desaparecidos políticos - principalmente H.I.J.O.S, que luta para recuperar a identidade política de seus pais-, ou por aqueles que defendem uma memória positiva da ditadura –e nesse sentido o julgamento dos membros das organizações armadas.⁵⁰³ No Brasil, os próprios ex militantes e ex guerrilheiros, como o entrevistado Daniel Aarão, discutem e problematizam a ideia de democracia por parte dos grupos dos quais faziam parte.⁵⁰⁴

De certa forma, as entrevistas e parte dos documentos aqui trabalhados reproduzem esta ideia de uma sociedade vitimizada, ou pelo menos alheia aos outros dois grupos em conflito: guerrilheiros e governo. A “sociedade” surge como um terceiro elemento, geralmente ausente aos conflitos políticos. Alguns testemunhos, por exemplo,

⁵⁰¹ ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha. *Op. Cit*, 2010.

⁵⁰² NORA, Pierre. “Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux”. In *Les lieux de mémoire*, Paris, Gallimard, 1984, Vol. 1, pp. 7-15.

⁵⁰³ JELIN, Elizabeth. “La justicia después del juicio: legados y desafíos en la Argentina postdictatorial”. In Quadrato, S. et al. (org.) *Ditadura e Democracia na América Latina*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2008, pp. 341-360. 2008.

⁵⁰⁴ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

utilizam um discurso do “nós”, perseguidos, torturados, familiares de vítimas e desaparecidos; “eles”, o regime; e “os outros”, que seria a zona cinzenta a qual se refere Pierre Laborie.⁵⁰⁵

Estes aspectos aparecem, por exemplo, nos filmes, músicas e livros aqui selecionados. O caso brasileiro, por exemplo, nos permite analisar a partir do cinema distintas leituras memorialísticas da Copa de 1970. Neste caso, selecionamos três filmes que permitem perceber distintas manifestações de memória envolvendo a vitória da Copa. O primeiro deles, *Para Frente Brasil*, de 1982, narra a história do *inocente*: um *cidadão comum*, que não estava envolvido em nada nem sabia de nada do que acontecia na repressão, e que, por azar, é confundido como integrante de uma organização armada e sequestrado por agentes da repressão.⁵⁰⁶ Depois de incansáveis torturas, morre no *excesso* de seus algozes. De pano de fundo, a euforia com a Copa de 1970. O filme reproduz as questões daqueles momentos dos primeiros anos da década de 1980, com a abertura e as diversas denúncias que surgiam. Como se, de repente, a sociedade descobrisse que vivia no autoritarismo. O personagem retratado neste filme representa dois lados desta postura social: primeiro, o *cidadão comum*, que não sabia de nada; segundo, a ideia do *excesso* do autoritarismo, que por engano terminou levando também inocentes.

O segundo caso para discutir a memória da Copa de 1970 e sua associação com o momento político do país é o filme *Casseta & Planeta: A taça do Mundo é Nossa*, lançado em 2003 pelo grupo de humoristas das Organizações Globo.⁵⁰⁷ A produção é uma sátira ao uso político que a ditadura fez da vitória, e os ex jogadores Carlos Alberto Torres e Jair Ventura Filho, o Jairzinho, participaram como eles mesmos. A história é sobre um suposto grupo comunista que planeja roubar a Taça Jules Rimet dos jogadores como forma de denunciar o uso político feito pela ditadura da conquista. A sátira também se refere ao posterior roubo real da Taça, em 1983. Segundo narrado na ficção, o verdadeiro roubo teria ocorrido em 1970, e o noticiado em 1983 foi parte de um plano do regime para ocultar o acontecimento. O caso desta produção torna interessante pensar como na década de 2000 a sociedade brasileira encontrou-se capaz de, literalmente, *fazer piada* de um tema que nos países vizinhos continua sendo tratado como um trauma. Das peculiaridades de nossa sociedade, surge um filme que se baseia

⁵⁰⁵ LABORIE, Pierre. *Op. Cit.*, 2010.

⁵⁰⁶ *Para Frente Brasil*. Diretor Roberto Farias, 105min, 1982.

⁵⁰⁷ *Casseta & Planeta: A taça do Mundo é Nossa*. Diretor: Lula Buarque de Holanda, 83min, 2003.

no estereótipo tanto do repressor quanto do integrante das organizações de luta armada para divertir a sociedade que, novamente, é retratada como passiva entre os dois inimigos.

O terceiro longa metragem escolhido para esta ocasião é a obra do diretor Cao Hamburger *O ano em que meus pais saíram de férias*.⁵⁰⁸ A sinopse, segundo o site da Globo Filmes, produtora do filme descreve:

Em 1970, o Brasil e o mundo parecem estar de cabeça para baixo, mas a maior preocupação na vida de Mauro, um garoto de 12 anos, tem pouco a ver com a ditadura militar que impera no País, seu maior sonho é ver o Brasil tricampeão mundial de futebol. De repente, ele é separado dos pais e obrigado a se adaptar a uma estranha e divertida comunidade - o Bom Retiro, bairro de São Paulo, que abriga judeus, italianos, entre outras culturas. Uma história emocionante de superação e solidariedade.⁵⁰⁹

Uma nova abordagem, a infantil. A partir da perspectiva inocente de uma criança, o filme mostra o conflito entre o torcer ou não torcer pela seleção nacional. Como vimos no capítulo anterior, a opção de alguns foi, como oposição ao regime e considerando o uso que mesmo faria da vitória, não, torcer. Segundo Juca Kfourir: “O filme retrata na perfeição: toma um gol da Tchecoslováquia, país da órbita comunista, todo mundo vibrou com o gol da Tchecoslováquia. Empatou o jogo, vibraram mais. Virou, vibraram mais ainda. E bom, festa nas ruas!”.⁵¹⁰

As produções em relação à Argentina terão abordagens distintas. A Copa de 1978 serviu como eixo para diversos romances produzidos durante a redemocratização. Para analisá-los, consideraremos “a possibilidade de tomarmos o texto literário como modo ou modos históricos de organizar uma experiência simbólica, levando em conta os sistemas de produção, as regras dessa produção, os públicos, as audições ou as leituras desses produtos (...)”⁵¹¹

O primeiro que trabalharemos aqui é *Dos veces junio*, do escritor Martín Kohan.⁵¹² Publicado pela primeira vez em 2002, o livro chamou a atenção por um estilo de narrativa inovador, que trata o cotidiano de um militar em um centro clandestino desde seu próprio ponto de vista. Misturado no texto, aparecem as reflexões de uma das

⁵⁰⁸ *O ano em que meus pais saíram de férias*. Diretor: Cao Hamburger, 110min, 2006.

⁵⁰⁹ Site Globofilmes, <http://globofilmes.globo.com/OAnoemqueMeusPaisSairamdeFerias/>, consultado em 17/09/2012.

⁵¹⁰ Juca Kfourir, entrevista concedida à autora no dia 19/07/2011, em São Paulo, SP.

⁵¹¹ Hansen em debate IN CHARTIER, Roger, e Hansen, J. A. “Literatura e História, TOPOI, Conferência proferida por Roger Chartier no salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais., pp. 197-216, p. 211.

detidas, o que não significa algum tipo de misericórdia por sua situação. O eixo temporal que guia os personagens é a Copa de 1978 e as celebrações populares. De um lado, o regime, representado no motorista de um médico que trabalha no Centro Clandestino de Detenção vivendo de fora o cotidiano da Copa:

VI

Durante dos horas, mientras durase el partido, se sabía que no iba a pasar nada. Si la Argentina ganaba, hasta podía suceder que la noche entera se fuera sin novedad. Era mejor no imaginar que podía pasar se perdía. Pero eso nunca había ocurrido, y no tenía porque ocurrir.

VII

Noté de pronto que la ciudad había quedado vacía. Repentinamente vacía: ni un solo auto, ni un solo colectivo, ni una sola persona caminando, nadie por ningún lugar. Supe así que el partido había empezado.⁵¹³

Do outro, a voz débil (que aparece tão poucas vezes se comparada com a do outro narrador), da prisioneira:

XII

Esa agua turbia y fría, a la que sin justicia llamaban caldo, traía por lo común unos pocos fideos, y a veces un pedazo de papa tan leve que flotaba. Aquella noche, sin embargo, eran tres los pedazos de papa, y había también un poco de algo que quizá fuese zapallo, y los fideos que venían no podían ser contados sin esmero. Habían hecho eso contra Hungría, y después lo habían hecho contra Francia: seguramente no querían que la racha se cortara.⁵¹⁴

Utilizando distintos narradores no texto, o autor mostra diferentes pontos de vista do que foi o cotidiano naqueles dias. Dentro ou fora do Centro Clandestino, como vítima ou como algoz, a Copa foi um referencial para ambos. E, afastado, apenas celebrando, a sociedade. Em seu trabalho de análise do livro “La culpa colectiva. Un análisis de Dos Veces junio de Martín Kohan”, Rosana López Rodríguez afirma que:

En un lugar menos responsable y más alejado del poder, ese sujeto es responsable como engranaje. Y como individuo, nos dice la novela, es punible moralmente. El primer efecto de la lectura es provocar la indignación moral en el receptor. Sin embargo, la novela misma brinda el contexto que justifica y determina las acciones del protagonista, como por ejemplo, las recomendaciones del padre antes de ingresar en la colimba. Por lo tanto, no alcanza con presentarlo como inconsciente, como alejado de los conflictos que lo rodeaban, pues la novela marca el momento en el cual se ve obligado a ser

⁵¹² KOHAN, Martín. *Dos veces junio*. Buenos Aires: Debolsillo, 6ª edição, 2011.

⁵¹³ Idem, pp. 59-60.

⁵¹⁴ KOHAN, Martín. *Op. Cit.*, p. 61.

cómplice, a tomar partido (aunque se lo presente sometido a fuerzas que parecen superarlo).⁵¹⁵

A partir da concepção de Roger Chartier de que a obra literária, assim como qualquer outro documento, deve ser interpretado a partir da realidade em que é construído, a análise acima reflete as novas leituras feitas na sociedade argentina sobre o período ditatorial a partir da década de 2000.⁵¹⁶ A teoria dos dois demônios, difundida na memória social a partir da obra *Nunca Más*, é agora questionada e novas perguntas aparecem: éramos todos cúmplices?⁵¹⁷

O segundo livro sobre a Copa de 1978 é *Hay unos tipos abajo*, de Antonio dal Masetto.⁵¹⁸ Nesta obra, o suspense é desenhado a partir da situação de apreensão de seu protagonista: um jornalista que escreve temas sem relações com o clima político, assuntos sem relevância, mas que passa a viver uma paranoia quando acredita que está sendo perseguidos por dois homens. A história se passa durante os últimos jogos da Copa do Mundo, e a história central serve para o autor mostrar tanto a paranoia daqueles dias –o medo de desaparecer- como a euforia e as mudanças na Buenos Aires que vivia a competição. Em uma conversa com um taxista, por exemplo, o protagonista Pablo procura manter a normalidade e o cotidiano que era ter a Copa como tema central:

-¿Leyó en el diario lo de ese matrimonio francés que quería conocer la basílica de Luján?

-Me parece que algo leí – dijo Pablo.

-El taxi que contrataron los paseó un rato por la Capital y después los dejó frente a la iglesia de Pompeya.

-Ahora me acuerdo.

-¿Cuánto habrá tardado esa gente en darse cuenta de que no estaba en Luján? ¿Se imagina la desilusión? ¿Qué van a decir de nosotros cuando vuelvan a casa?

-Nada bueno.

-¿Esta es la forma de brindar nuestra hospitalidad y nuestro afecto?

-Evidentemente no.

-¿Qué opina de los seis goles de Argentina-Peru? Hay quien dice que el partido fue comprado. ¿A usted le parece?⁵¹⁹

No trecho encontramos algumas das questões trabalhadas nos capítulos anteriores: a *campanha anti-Argentina*, a polêmica do jogo entre Argentina e Peru, e a

⁵¹⁵ RODRÍGUEZ, Rosana López. “La culpa colectiva. Un análisis de Dos Veces junio de Martín Kohan”. In Cuadernos del Sur, Letras. Bahía Blanca, 2007, s/n.

⁵¹⁶ CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

⁵¹⁷ SÁBATO, Ernesto (org.), *Op. Cit.*, 1984.

⁵¹⁸ DAL MASETTO, Antonio. *Hay unos tipos abajo*. Buenos Aires: El Ateneo, 2012.

⁵¹⁹ Idem, p. 70.

campanha para que a população receba bem aos turistas, como demonstração da cordialidade do país. A preocupação do taxista em “¿qué van a decir de nosotros cuando vuelvan a casa?” não se relacionava às denúncias internacionais de violação de direitos humanos, mas à questões cotidianas de corrupção que eram parte da sociedade, e não um tema político.

Em outro trecho em aparece a paranoia que envolvia grande parte dos que vivera aquela época. Quando Pablo procura um casal de amigos para que o ajudem com os supostos perseguidores, o diálogo mostra que, apesar de transmitirem uma sensação de normalidade em suas vidas, os amigos se assustam com a possibilidade de abrigar alguém que está sendo vigiado:

-No es la esquina de su casa –dijo Roberto-, es la esquina de muchas casas. Además con el Mundial y tantos extranjeros dando vueltas por la ciudad es lógico que haya más vigilancia en las calles.

-Disculpame, pero no estoy de acuerdo con tu forma de considerar las cosas.

-¿Y cómo las considero?

-Así, tan a la ligera, como si nunca pasara nada. Yo en el lugar de Pablo también me inquietaría.

-¿Por qué razón debería inquietarse?

-Porque trabaja en periodismo.

-¿Y con eso qué?

-¿Cómo qué? Un periodista es un periodista.

-Pero no, Sara, Pablo nunca escribió sobre política ni nada que se parezca. Las notas tuyas no pueden molestar a nadie.

-Lo que escribía el hermano de María tampoco podía molestar a nadie.

-Es diferente. Además, ¿qué sabemos nosotros de la vida del hermano de María? ¿Vos sabés en que andaba el hermano de María?⁵²⁰

Neste trecho aparece também a lógica do *em algo estavam metidos, alguma coisa fizeram*, que foi uma justificativa comum quando alguém sabia de algum tipo de prisão ou desaparecimento. Assim, o livro vai traçando as típicas paranoias daqueles dias, misturadas a uma sensação de cotidiano que era viver a Copa.

Finalmente, analisaremos aqui duas músicas que também tratam da Copa de 1978. A primeira delas de Andres Calamaro, cantor argentino que também trata em seu repertório sobre estes temas envolvendo a ditadura do *Proceso*:

¿Sentiste alguna vez

lo que es, tener,

el corazón roto?.

¿Sentiste a los asuntos pendientes volver,

⁵²⁰ Idem, p. 79.

hasta volverte muy loco?.
 Si resulta que si,
 si podrás entender
 lo que me pasa a mi esta noche,
 ella no va a volver y la pena me
 empieza a crecer adentro,
 la moneda cayó por el lado de la soledad
 y el dolor...
 Todo lo que termina,
 termina mal, poco a poco.
 Y si no termina, se contamina más,
 y eso se cubre de polvo.
 Me parece que soy de la quinta que vio el Mundial 78,
 me toco crecer viendo a mi alrededor paranoia
 y dolor, la moneda cayó por el lado de la soledad,
 otra vez...
 No me lastimes con tus crímenes perfectos,
 mientras la gente indiferente se da cuenta.
 De vez en cuando, solamente, sale afuera la peor manera.⁵²¹

Em um primeiro momento, a música foi interpretada como uma canção romântica, sobre o abandono de uma mulher. Porém, a referência à Copa do Mundo demonstra que a questão tratada é o momento vivido naqueles anos: a paranoia, o medo, o desaparecido. Aqui, a Copa de 1978 é lembrada como um momento negativo, como parte do próprio período ditatorial. Lançada em 1997, a canção encaixa na memória negativa da Copa do Mundo que marcava aqueles anos.

Já na outra música selecionada, *Arde la ciudad*, do grupo argentino La Mancha de Rolando, percebemos outros aspectos sobre como viveu-se aquele momento:

Tu equipo volvió a ganar,
 te prendieron mil bengalas hoy.
 La banda grita tu nombre y ves,
 como la popular se va a caer.
 Pero tu estrella no está más.
 Se la llevó la mañana.
 Arde la ciudad, llueve en tu mirada gris,
 la gente festeja y vuelve a reír.
 Pero este carnaval, hoy no te deja dormir,
 mires donde mires ella esta ahí.
 Tu vida siempre fue así,
 te da y te quita por nada
 y aunque estés solo, sin corazón
 ahora tenes que seguir la función.
 Y es una fiesta el bodegón
 donde se junta la hinchada...
 Arde la ciudad, llueve en tu mirada gris,

⁵²¹ Andres Calamaro, “Crímenes Perfectos”, *Alta Suciedad*, [CD], 1997.

la gente festeja y vuelve a reír.
 Pero este carnaval, hoy no te deja dormir,
 mires donde mires ella esta ahí
 Y es una fiesta el bodegón
 donde se junta la hinchada... (...) ⁵²²

No início do videoclipe oficial da música a banda esclarece: “Dedicado a los familiares de los desaparecidos durante el Mundial ‘78”. Percebemos algumas diferenças em relação ao caso anterior. Aqui, a Copa de 1978 é retratada a partir de uma perspectiva contraditória: um momento de festa, em que as pessoas voltam a sorrir No meio da festa, aqueles que viviam o drama dos desaparecidos. Ou seja, exatamente o conflito trabalhado ao longo desta tese: como comemorar em uma situação de tamanho drama pessoal? Mas, ao mesmo tempo, como *não* comemorar no meio da euforia coletiva, da conquista por décadas ansiada e esperada? Divulgada em 2004, a música reflete as novas reflexões daqueles anos, de contestação à ideia anterior, reproduzida por Calamaro em sua música, de que a Copa era parte daquele momento negativo, parte da própria ditadura, e portanto não era espaço de comemoração.

Recentemente a música foi motivo de uma polêmica envolvendo o governador da cidade de Buenos Aires, Mauricio Macri, e os integrantes da banda. Candidato pelo partido conservador Propuesta Republicana (PRO), em 2011, ao vencer as eleições e ser reeleito governador, Macri utilizou a música nas celebrações da campanha. O vocalista Manu Quieto difundiu um manifesto público contra o político:

En mi calidad de único autor y titular de todos los derechos de propiedad intelectual sobre la obra musical con letra titulada "Arde la Ciudad", los intimo para que cesen en toda y cualquier utilización de la misma y cualquier obra que me pertenezca, que han venido realizando durante su campaña política y dentro de los festejos de la misma. (...) la utilización de las obras en el marco que Uds. la realizan genera la falsa idea de una asociación entre mi obra, mi persona y la banda musical "La Mancha de Rolando" que integro, con un proyecto político con el cual, estamos plenamente en desacuerdo. ⁵²³

Em seu trabalho sobre o rock brasileiro, Aline Rochedo reflete sobre a análise das canções considerando que:

Neste processo de recepção, cada ouvinte interpreta a canção de maneira distinta, dependendo de sua própria experiência de vida. As palavras têm sentidos diferentes,

⁵²² La Mancha de Rolando “Arde la Ciudad”, *Viajes [CD]*, 2004.

⁵²³ http://www.perfil.com/contenidos/2011/08/01/noticia_0029.html

para as pessoas e cada qual cria interpretações pessoais para uma mesma letra de música, (...) Permanece como elo o reflexo da sociedade e das culturas das quais procedem.⁵²⁴

As duas músicas trabalhadas mostram este traço destacado pela autora. Seja pela interpretação como canção de amor, ou pelo uso de uma música de protesto como campanha política, nem sempre as interpretações serão as mesmas para todos os ouvintes.

Uma das características em comum de todas estas obras é mostrar a questão cotidiana durante as ditaduras. Enquanto um personagem vive a repressão e o autoritarismo, fica evidente a vida que continua ao redor. Neste sentido, as Copas do Mundo marcam esta cotidianidade: (...) fue uno de los momentos donde era más claro que afuera la vida continuaba.⁵²⁵ Como mostramos ao longo destas páginas, os jogos começaram antes mesmo das ditaduras, da mesma maneira que o fim das mesmas não colocou fim às disputas de memória envolvendo a sociedade e seu papel naquele período.

O jogo foi longo. Começamos nos primórdios do futebol moderno, para mostrar como se formaram as relações de poder do futebol no Brasil e na Argentina. Percorremos o longo caminho de onze edições de Copas do Mundo, e as particularidades dos eventos de 1970 no México e 1978 na Argentina. O **palco** da festa recebeu seus **heróis**, que proporcionaram a festa da **torcida** e a decepção dos **corneteiros**. Finalmente, o que este jogo deixou como marca, que permanece na memória e no legado daqueles dias.

Ao longo destas páginas, procurou-se mostrar algumas das muitas formas em que as Copas de 1970 e 1978 foram vividas por brasileiros e argentinos, respectivamente. Apesar do uso político feito pelas ditaduras de tais eventos, os mesmos e as manifestações que geram não se resumem à noção simplista de manipulação do

⁵²⁴ ROCHEDO, Aline. “Os filhos da revolução”. A juventude urbana e o rock brasileiro de 19880”. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011, p. 99.

⁵²⁵ Entrevista de Graciela Daleo, em *Mundial 78. La Historia Paralela* [DVD], Diretores Mario Pergolini e Gonzalo Bonadeo, Argentina, 2008. Graciela estava sequestrada na ESMA durante a Copa do Mundo, e no DVD em questão relata que no dia da vitória final foi levada com mais alguns presos em um carro com um grupo de militares para ver e participar das comemorações.

mundo esportivo. É necessário, de fato, considerar tanto a autonomia do futebol, e dos esportes em geral, como as diferentes vivenciais dos atores envolvidos.

Referências Bibliográficas

Fontes:

Arquivos:

Associação Brasileira de Imprensa (ABI) - Brasil

Arquivo Institucional da FIFA - Suíça.

Arquivo Nacional – Brasil: Fundo Serviço Nacional de Informações

Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine (BDIC), Paris: Fundo
Comité d' Organization pour le Boycotte a la Coupe du Monde en Argentine
(COBA).

Biblioteca del Congreso de la Nación - Argentina

Biblioteca Nacional de la Nación - Argentina

Biblioteca Nacional – Brasil

Biblioteca Nacional – França

CEDINCI - Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas en
Argentina.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC),
Acervo Futebol, Memória e Patrimônio, <http://cpdoc.fgv.br/museudofutebol>.

Comisión Provincial por la Memoria – Arquivo Dirección de Inteligencia de la Policía
de la Provincia de Buenos Aires (DIPBA)

Memoria Abierta – Argentina

Museu do Futebol – Brasil

Discursos:

Jorge Rafael Videla, Declaração à BBC de Londres reproduzida pelo jornal *Clarín*,
28/6/1978.

Jorge Rafael Videla, Discurso de abertura da X Copa do Mundo, reproduzido pelo
Jornal *La Nación*, 02/06/1978.

Jorge Rafael Videla, Discurso de encerramento da X Copa do Mundo, *Clarín*,
30/06/1978.

Jorge Rafael Videla, Mensagem ao país pelo rádio e pela TV, reproduzido pelo
Jornal *La Nación*, 24/06/1978.

Emílio Garrastazu Médici. “Na praça do povo” Discurso pronunciado no dia 25-1-1970, no 416º aniversário de fundação da cidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/emilio-medici/discursos-1>.

Emílio Garrastazu Médici. “O valor do homem brasileiro” Mensagem do Presidente Médici ao povo brasileiro, quando da vitória da Seleção no Campeonato Mundial de Futebol, a 21-6-1970. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/emilio-medici/discursos-1>.

Emílio Garrastazu Médici. “Ofício de todos nós” Pronunciamento feito, no Palácio Laranjeiras, durante a solenidade da assinatura da Lei que instituiu o Programa de Integração Social, a 7-9-70. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/emilio-medici/discursos-1>.

Jornais e Revistas:

Argentina:

Jornal Clarín

Jornal La Nación

Jornal Página 12

Jornal Perfil

Revista El Gráfico

Revista El Porteño

Revista Gente

Revista Para Ti

França:

Jornal Le Monde Diplomatique

Revista L'Equipe

Brasil:

Folha de São Paulo

Jornal do Brasil

Revista O Cruzeiro

Revista Placar

Revista Realidade

Revista Veja

Entrevistas:

Carlos Alberto Parreira, entrevista para o SporTV Repórter, disponível em <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-reporter/noticia/2012/05/parreira-credita-tri-mundial-em-70-ao-metodo-cooper-deu-muito-resultado.html>

Daniel Aarão Reis Filho, entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 07/08/2011.

Eduardo Roberto da Silva. Entrevista concedida à autora em 27/07/2012, em São Paulo, SP.

João Havelange. Entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 28/01/2010.

Jorge Mario Lobo Zagalo, Novembro de 2009, Blog *Tudo sobre futebol* (<http://blogdoruedodaniel.blogspot.com/2009/11/zagallo.html>), consultado em 15/03/2010.

Juca Kfourri, entrevista concedida à autora no dia 19/07/2011, em São Paulo, SP.

Memoria Abierta, *Testimonio de Carlos Zamorano*, Buenos Aires, 2003

Memoria Abierta, *Testimonio de Ernesto Villanueva*, Buenos Aires, 2002.

Memoria Abierta, *Testimonio de José Brontes*, Buenos Aires, 2007.

Memoria Abierta, *Testimonio de Julio Menajovsky*, Buenos Aires, 2002

Memoria Abierta, *Testimonio de Louis Joinet*, Buenos Aires, 2007.

Memoria Abierta, *Testimonio de María Eva López de Gasanea*, Villa Constitución, Santa Fé, 2007.

Memoria Abierta, *Testimonio de Mario Cesar Villani*, Buenos Aires, 2002.

Memoria Abierta, *Testimonio de Nicolás Casullo*, Buenos Aires, 2005

Memoria Abierta, *Testimonio de Rodolfo Mattarollo*, Buenos Aires, 2003.

Memoria Abierta, *Testimonio de Rolando Concatti*, Mendoza, 2008.

NUNES, Gérson. *Gérson Nunes (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011.

SANTOS, Dario José dos. *Dario José dos Santos (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011.

VENERANDO, Félix Miélli. *Félix Venerando (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011.

Visuais:

Canal 100

Programa Cidinha Campos, Joao Saldanha, TV Record, 1982.

Programa Roda Viva, 1987, Primeira parte disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=Kt4uJHHwAgE>, segunda parte disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=tqx6kjUFv4o>, e terceira parte disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=N2hOE6NPMcM>.

Filmes:

Casseta & Planeta: A taça do Mundo é Nossa. Diretor: Lula Buarque de Holanda, 83min, 2003.

Crônica de uma fuga. DVD, Direção: Adrián Caetano, Argentina, 2006.

João, Diretores André Iki Siqueira e Beto Macedo, TV Zero e Canal 100, 2008.

Mundial 78. La Historia Paralela [DVD], Diretores Mario Pergolini e Gonzalo Bonadeo, Argentina, 2008.

Nosotros del Bauen. Diretores: Jérémie Reichenbach, Didier Zyserman, França, 95min, 2010

O ano em que meus pais saíram de férias. Diretor: Cao Hamburger, 110min, 2006.

Para Frente Brasil. Diretor Roberto Farias, 105min, 1982.

Videoclipes:

Andres Calamaro, “Crímines Perfectos”, *Alta Suciedad*, [CD], 1997.

La Mancha de Rolando “Arde la Ciudad”, *Viajes* [CD], 2004.

Sites na Internet:

AFA: www.afa.org.ar

AFC: www.the-afc.com

CAF www.cafonline.com

Caros Ouvintes: www.carosouvintes.org.br

CONCACAF: www.concacaf.com

CONMEBOL: www.conmebol.com

FIFA: www.fifa.com

JCNET: <http://www.jcnet.com.br/Politica/2012/04/irmao-de-zico-lanca-livro-sobre-ditadura-no-futebol.html>

Legislatura Argentina: <http://www.infoleg.gov.ar>

Mundial78 <http://www.elortiba.org/mundial78.html>

OFC: www.oceaniafootball.com

ONU: www.un.org

International Service of the Swiss Broadcasting Corporation:
http://www.swissinfo.ch/por/Capa/Archive/Grandes_instancias_do_futebol_estao_na_Suica.html?cid=6356518

The Football Association: <http://www.thefa.com/>

UEFA: www.uefa.com

Bibliografia:

ABRAAO, B. O. L, e SOARES, A. J. “Que o Brasileiro Não Esquece Nem a Tiro É o Chamado Frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro.” IN Revista Movimento, Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 13-31, abril/junho de 2009

ABREU, Gustavo A. “El pobre federalismo del fútbol Argentino. Comparación con el sistema de competición de Brasil”. In Revista de Derecho del Deporte, Buenos Aires: Información Jurídica Editores, abril de 2012.

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALABARCES, Pablo (org). *Deporte y Sociedad*. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

ALABARCES, Pablo. e RODRÍGUEZ, María Graciela “Fútbol y Patria: La crisis de la representación de lo nacional en el fútbol argentino”. Trabalho apresentado no North American Society of Sociology of Sport (NASSS) Conference Toronto, Canada, 5 al 8 de Noviembre, 1997.

ALABARCES, Pablo e e RODRÍGUEZ, María Graciela. *Cuestión de Pelotas. Fútbol, deporte, sociedad, cultura*. Buenos Aires: Atuel, 1996.

ALVITO, Marcos. “A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização”. In Revista Análise Social, Lisboa. v.41, n. 179, 2006.

- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de Futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ANTÚNEZ, M. S. e MIRANDA, N. E. “El deporte como política pública. Participación y representación femenina”. In *Anais do VII Seminário Fazendo Gênero*, UFSC, 28-30 de agosto, 2006.
- ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades, Fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- ARCHETTI, E. “Fútbol: imágenes y estereótipos” In DEVOTO, F e MADERO, M. *Historia de la vida privada en la Argentina, tomo 3*. Buenos Aires: Taurus Ediciones, 2000, pp 229-230.
- ASSAF, Roberto e NAPOLEÃO, Carlos Antonio. *Seleção Brasileira, 1914-2006*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- AVELLANEDA, Andrés. *Censura, autoritarismo y cultura*. Buenos Aires: CEAL, 1986.
- BARROS, José. “História Comparada – um novo modo de ver e fazer a história”. In *Revista de Historia Comparada*, vol. 1, nº 1, junho, UFRJ, 2007.
- BAYER, Osvaldo. “Pequeño recordatorio para un país sin memoria”. In Saúl, Sosnowsky. *Represión y reconstrucción de una cultura: el caso argentino*. Buenos Aires: EUDEBA, 1988.
- _____. *Fútbol argentino*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1990.
- BEAUDOUX, V., D’ADAMO, O. e SLAVINSKY, G. *Propaganda gubernamental. Tácticas e iconografías del poder*. Buenos Aires, la Crujía, 2011.
- BLAUSTEIN, Eduardo e Martín ZUBIETA. *Decíamos ayer. La prensa argentina bajo el proceso*. Buenos Aires: Colihue, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. “A representação política. Elementos para uma teoria do campo político”. In : *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1986.
- . *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BUFALI, Andrés Alberto, BOIMVASER, Jorge Daniel e CECCHINI, Daniel Guillermo. *El libro negro de los Mundiales de Fútbol*. Buenos Aires: Planeta, 1994.
- BURKE, Peter (org.). *A Escrita da história. Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial – memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CALVEIRO, Pilar. *Poder y desaparición. Los campos de concentración en Argentina*. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 2006.
- CAMIN, H. C e MEYER, L. *À sombra da Revolução Mexicana. História mexicana contemporânea, 1919-1989*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CANELO, Paula. "La política contra la economía: los elencos militares frente al plan económico de Martínez de Hoz durante el proceso de Reorganización Nacional (1976-1981)". In Pucciarelli, Alfredo (org.), *Empresarios, tecnócratas y militares*, Buenos Aires: Siglo XXI, 2004, pp. 219-312.
- CATELA, Ludmila da Silva. *No habrá flores en las tumbas del pasado*, Buenos Aires: Ediciones Al Margen, 2001, pp. 21-74.
- _____. "Apagón en el Ingenio, escache en el museo. Tensiones y disputas entre memorias locales y memorias oficiales en torno a un episodio de represión de 1976". In Ponciano Del Pino e Elizabeth Jelin (orgs.): *Luchas locales, comunidades e identidades*, Madrid: Siglo XXI, pp. 63- 106.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CHARTIER, Roger, e Hansen, J. A. "Literatura e História, TOPOI, Conferência proferida por Roger Chartier no salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais., pp. 197-216, p. 211.
- CORDEIRO, Janaína Martins. "Anos de chumbo ou anos de ouro? A Memória social sobre o governo Médiçi." In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 22, no 43, janeiro-junho de 2009.
- _____. "Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do Sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento (1972)". (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.
- CORRADI, Juan E. "El método de destrucción. El terror en la Argentina". In Quiroga, Hugo e Tcach, César (org.). *A veinte años del golpe con memoria democrática*. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 1996, pp. 87-106.
- CUNHA, Luiz Cláudio. *Operação Condor – O seqüestro dos uruguaios – uma reportagem dos tempos da ditadura*, L&PM, 2008.

- D'ALMEIDA, Fabrice. *Images et Propagande*. Casterman – Giunti Gruppo Editoriale, Firenze, 1995
- DAMATTA, Roberto "Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro", In *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- DAMO, Arlei S. "O ethos capitalista e o espírito das Copas". In Gastaldo, Edison Luis e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, pp. 39-72.
- DIETSCHY, P.; GASTAUT, Y.; MOURLANE, S. *Histoire Politique des Coupes du Monde de Football*. Paris: Vuibert, 2006.
- D'ARAÚJO, Maria Celina, CASTRO, Celso e SOARES, Gláucio Ary Dillon (orgs). *Visões do golpe: a memória militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
-
- (orgs). Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- DAL MASETTO, Antonio. *Hay unos tipos abajo*. Buenos Aires: El Ateneo, 2012.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. "1964: temporalidade e interpretações". In Reis, Daniel Aarão, Ridenti, Marcelo e Motta, Rodrigo P. Sá (org.). *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004, pp. 15-28.
- DI GIANO, Roberto. "El fútbol en el marco de políticas nacionalistas". In Revista Digital, Buenos Aires, ano 8, número 55, dezembro de 2002.
- DI GIANO, Roberto. *Fútbol y cultura política en la Argentina: identidades y crisis*. Buenos Aires: Leviatán, 2006.
- DI TELLA, Andrés. "La vida privada en los campos de concentración". In Devoto, Fernando e Madero, Marta. *Historia de la vida privada en la Argentina. Tomo III – La Argentina entre multitudes y soledades. De los años treinta a la actualidad*, Buenos Aires: Taurus, 1999, pp. 79-105.
- DOMENACH, Jean Marie. *La propaganda política*. Buenos Aires: EDUEBA, 1993.
- DRUMOND, Mauricio. "Pátrias em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas e Perón". In MELO, Victor Andrade de (org.), *História Comparada do Esporte*, Rio de Janeiro: Shape, 2007, pp 61-78.
- DUHALDE, Luis Eduardo. *El Estado Terrorista Argentino*. Buenos Aires: Eudeba, 1999.

- EDELMAN, Robert “Moscow 1980: Stalinism or Good, Clean Fun?” In TOMLINSON, Alan e YOUNG, Christopher (org). *National Identity and global sports events – culture, politics and the football world cup*. Albany: State University of New York Press, 2006.
- FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada 1850-2002*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- FERREIRA, Gustavo A. A. “Simonal, ditadura e memória: do *cara que todo mundo queria ser* a bode expiatório”. In ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX*. Europa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (coords.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo - Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.
- _____. “A Pluralidade das Censuras e das Propagandas da Ditadura” In: REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo & MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.) *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964 – 2004)*. Bauru. SP: EDUSC, 2004.
- _____. *Como eles agiam. Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*, Rio de Janeiro e São Paulo, Record, 2001.
- _____. “Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão”. In Ferreira, Jorge e Delgado, Lúcia de Almeida Neves (org.). *Brasil Republicano – o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Livro 4*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2003, pp.167-205.
- FRANCO, Marina. “Derechos humanos, política y fútbol”. *Entrepasados*. Buenos Aires, v.XIV, nº 28, 2005, p. 27 - 45.
- _____. “Exilio, dictadura y memoria”. *Anuario de Rosario*. Rosario, v.20, 2005b, p.119 - 146.
- _____. “La ‘campaña antiargentina’: la prensa, el discurso militar y la construcción de consenso”, en Judith Casali de Babot e María Victoria Grillo (eds.), *Derecha, fascismo y antifascismo en Europa y Argentina*. San Miguel de Tucumán: Universidad de Tucumán, 2002, pp.195-225.

-
- “Reflexiones sobre la historiografía argentina y la historia reciente de los años '70”. *Nuevo Topo*. Buenos Aires, v.1, nº 1, 2005, p.141 - 164.
-
- El exilio. Argentinos en Francia durante la dictadura*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.
- FRANZINI, Fábio *As Raízes do País do Futebol. Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira 1919-1950*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2000.
- FRYDENBERG, Julio. “El nacimiento del fútbol profesional argentino: resultado inesperado de una huelga de jugadores”. Trabalho apresentado no II Encontro de Esporte e Ciências Sociais Faculdade de Filosofia e Letras – UBA, 6 de novembro de 1999.
- GALEANO, Eduardo. *Fútbol a sol y sombra*. Madrid, Siglo XXI, 2003
- GASPARINI e PONSICO. *El director técnico del Proceso*. Buenos Aires: El Cid Editor, 1983.
- GASTALDO, Edson L. e GUEDES, Simoni. L. “De pátrias e de chuteiras”. In Gastaldo, Edison Luis e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, pp. 7-12.
- GILBERT, Abel e VITAGLIANO, Miguel. *El terror y la gloria – La vida, el fútbol y la política en la Argentina del Mundial 78*, Buenos Aires: Editorial Norma, 1998.
- GILLESPIE, Richard David, *Soldados de Perón; los montoneros*. Buenos Aires: Grijalbo, 1998
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- GONZALEZ, S. S. "Perón y el deporte", In revista *Todo es Historia*, Nº 345, Buenos Aires, abril 1996.
- GOTTA, Ricardo. *Fuimos campeones: la dictadura, el Mundial 78 y el misterio del 6 a 0 a Paerú*. Buenos Aires: Edhasa, 2008.
- GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil – Uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no Campo de Futebol. Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: Eduff, 1998.
-
- De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil*, XXVI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu (MG), 22 a 26 de outubro de 2002.

-
- _____ *O Futebol Brasileiro: Instituição Zero*, Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1977.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 1999.
- HAVEMANN, Nils. “O futebol sob o signo da suástica”. In *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Europa*, Volume 1. ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha (org). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp243-256, p. 245..
- HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses – futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
-
- _____ “Jogo Bonito” y Fútbol Criollo: la relación futbolística Brasil-Argentina en los medios de comunicación” In: Alejandro Grimson (org.). *Pasiones Nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. 1ª edição. Barcelona: Edhasa, 2007, v.1, p. 349-385.
-
- _____ “As idealizações de sucesso no imaginário brasileiro: um estudo de casos” IN *A invenção do país futebol: mídia, raça e idolatria*. HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio J. G. e LOVISOL, Hugo Rodolfo (org.). Rio de Janeiro: Mauad, 2007, pp 135-148.
- HERNAIZ, Sebastián. “Literatura, Memoria y Política: El Mundial ‘78”, Revista *Afuera*, Estudios de Crítica Cultural. Año IV, número 7, noviembre 2009.
- HOBBSBAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOBBSBAWN, Eric J. e RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- HUYSEN, Andre. *Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público*. Porto Alegre: 2004.
- JÚNIOR, Hilário Franco. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- JELIN, Elizabeth, “La política de la memoria: el Movimiento de Derechos Humanos y la construcción democrática en la Argentina”, In Carlos Acuña et al., *Juicio*,

castigos y memorias. Derechos Humanos y justicia en la política argentina, Buenos Aires: Nueva Visión, 1995, pp.101-145.

_____ “Los derechos humanos entre el Estado y la sociedad”, In Juan Suriano (dir.), *Nueva Historia argentina, Dictadura y democracia, 1976-2001*, Buenos Aires: Sudamericana, 2005, pp. 507-557.

_____, *Los trabajos de la memoria*, Madrid, Siglo XXI, 2002.

_____ “La justicia después del juicio: legados y desafíos en la Argentina postdictatorial”. In Quadrat, S. et allí (org.) *Dictadura e Democracia na América Latina*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2008, pp. 341-360.

KOHAN, Martín. *Dos veces junio*. Buenos Aires: Debolsillo, 6ª edição, 2011

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda – jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

LAMADRID, J.C. Cernadas e HALAC, Ricardo. *Los militares y el fútbol*. Coleção Yo fui testigo, Buenos Aires: Perfil, 1986.

LABORIE, Pierre. “Memória e Opinião”. In AZEVEDO, Cecília (org). *Cultura política, memória e historiografia*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, PP. 79-97.

_____ “1940-1944. Os franceses do pensar-duplo”. In *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Europa*. ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz (org). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp. 31-44, pp. 39-40.

LARRAQUY, Marcelo. *Fuimos soldados. Historia Secreta de la Contraofensiva Montonera*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2011.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

_____. “Documento/Monumento”. In: Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.

_____. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LLONTO, Pablo. *La vergüenza de todos*. Buenos Aires: Asc. Madres de Plaza de Mayo, 2005

LUCAI, C. G e JARA, B. Q, *A Discreción*, Santiago de Chile: Editorial Forja, 2010.

MAGALHAES, Livia G. *Histórias do Futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

- _____. “Salve a Seleção”: as muitas memórias da conquista a 40 anos do Tricampeonato Mundial de futebol”. In V Jornadas de Trabajo sobre Historia Reciente, Anais Eletrônicos, Los Polverines, 22 a 25 de junho de 2010.
- _____. *Trece jugadores en campo: medios de comunicación, dictaduras militares y mundiales de fútbol em Brasil y Argentina*, Dissertação (Mestrado). UNSAM, Buenos Aires, 2008.
- MALAIÁ, João. “Placar 1970”, In Hollanda, Bernardo B. B e Melo, Victor A. de. (orgs.) *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012, pp.149-170
- MANNHEIM, Karl. “O problema da juventude na sociedade moderna”. In *Diagnóstico de nosso tempo*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.
- MARCARINI, José Pedro, “A política econômica do governo Médici: 1970-1973”, *Nova Economia*, Belo Horizonte 15, setembro-dezembro de 2005, pp. 53-92.
- MATOS, Heloíza. “O discurso político oculto na comunicação do Governo Médici”. *Líbero*, Ano VI, nº12, 2002.
- MATTOS, Sérgio. “O contexto teórico e histórico da periodização da televisão”. In Unisaber, Revista da Unibahia, Lauro de Freitas, Bahia, Ano I, nº 1, Dez.2000/maio 2001, pp. 89-119.
- MAXIMO, J. “Memória do Futebol Brasileiro”. Revista *Estudos Avançados* – Dossiê Memória. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo, v. 13, n. 37, p.179-118, set./dez, 1999.
- MESA, Antonio R. *La propaganda y sus secretos*. Buenos Aires: Monogran SAC, 1959.
- MILLIET, Raul (org.) *Vida que segue – João Saldanha e as copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- MOORES, Ezequiel Fernández. “¿La fiesta de quiénes?” In *Cuentas Pendientes*, Año 2, nº 6, Buenos Aires, junho 1998.
- MORAES, Mario (org.) *Futebol é arte*. Série depoimentos. Parte II, Rio de Janeiro: FAPERJ e MIS Editorial, 2002.
- MORANDINI, Norma. “La oscuridad como marca”. In Quiroga, Hugo e Tcach, César (org.). *Argentina 1976-2006 – Entre la sombra de la dictadura y el futuro de la democracia*. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2006, pp. 47-68.
- MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

- MURARO, Heriberto. “La comunicación masiva durante la dictadura militar y la transición democrática en la Argentina 1973-1986”. In Landi (org.), *Medios, transformación cultural y política*. Buenos Aires: Legasa, 1987.
- MUSIEDLAK, Didier. “O fascismo italiano: entre consentimento e consenso”. In ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha (orgs.) *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Europa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp. 149-177.
- NEGREIROS, Plínio. J. L. de C. “Futebol e Identidade Nacional: o caso da Copa de 1938”. In: *Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 1997.
- NORA, Pierre. “Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux”. In *Les lieux de mémoire*, Paris, Gallimard, 1984, Vol. 1, pp. 7-15.
- NOVARO, Marcos e PALERMO, Vicente. *Historia Argentina v. 9 – La dictadura Militar 1976/1983, del golpe de Estado a la restauración democrática*, Buenos Aires: Paidó, 2003.
- OLIVEIRA, Francisco de. “Ditadura Militar e Crescimento Econômico: A Redundância Autoritária”. In REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo & MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.) *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964 – 2004)*. Bauru: EDUSC, 2004.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Corações em ação.” In: Revista de História da Biblioteca Nacional, Ano 1, nº 7, Janeiro de 2006.
- PEREIRA, L. A. de M.. *Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- POLLACK, Michael. "Memória, esquecimento e silêncio". In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Editora FGV, vol.2, n.3, 1989.
- PRADO, Luiz Carlos Delorme e EARP, Fabio Sá. “O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In Ferreira, Jorge e Delgado, Lúcia de Almeida Neves (org.). *Brasil Republicano – o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Livro 4*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 207-241.
- QUADRAT, Samantha. V. *A repressão sem fronteiras*. Niterói: PPGH, 2005. Tese de doutorado.

- _____. “A emergência do tema dos direitos humanos na América Latina” In FICO, C. *et all* (orgs.). *Ditadura e democracia na América latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- QUIROGA, Hugo. “La verdad de la justicia y la verdad de la política. Los derechos humanos en la dictadura y en la democracia”. In Quiroga, Hugo e Tcach, César (org.). *A veinte años del golpe con memoria democrática*. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 1996, pp. 67-86.
- REATO, Ceferino. *Disposición final. La confesión de Videla sobre los desaparecidos*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012.
- REIS, Daniel Aarão. “Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo & MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.) *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2002.
- _____. *Ditadura militar, esquerdas e sociedades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. “A Revolução e o Socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso”. In ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha (orgs.) *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Europa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- RIBEIRO, Ana Paula G, ROXO, Marco e SACRAMENTO, Igor. *História da Televisão no Brasil – do início aos dias de hoje*. São Paulo: Contexto, 2010.
- RIDENTI, Marcelo. “Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilhas para os investigadores” In Reis, Daniel Aarão, Ridenti, Marcelo e Motta, Rodrigo P. Sá (org.). *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004, pp. 53-65.
- RIORDA, Mario. “Hacia un modelo de comunicación gubernamental para el consenso” In ELIZALDE, L.; PEDAMONTE, D.F, RIORDA, M. *La construcción del consenso*. Buenos Aires, La Crujía, 2006.
- ROCCO JUNIOR, A. J. “‘Todos juntos vamos, pra frente Brasil’ - o futebol, os meios de comunicação, o público e o privado”. In Congresso brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, 2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005.

- ROCHEDO, Aline. “Os filhos da revolução”. A juventude urbana e o rock brasileiro de 1988”. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.
- RODRIGUES, Ernesto. *Jogo Duro: a história de João Havelange*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Fumo, 1994.
- RODRIGUES, Nelson. *A Pátria em Chuteiras*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- RODRÍGUEZ, Rosana López. “La culpa colectiva. Un análisis de *Dos Veces Junio* de Martín Kohan”. In Cuadernos del Sur, Letras. Bahía Blanca, 2007
- ROLLEMBERG, Denise. “Esquerdas revolucionárias e luta armada” In Ferreira, Jorge e Delgado, Lúcia de Almeida Neves (org.). *Brasil Republicano – o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Livro 4*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 43-91.
- _____. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. e QUADRAT, Samantha Viz (org.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX*, 3 vols, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- SÁBATO Ernesto (org). *Nunca Mais*. Porto Alegre: L&PM, 1984.
- SALUN, Alfredo Oscar. *Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou tudo Buona Gente?*– São Paulo, 2007, Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social - Universidade de São Paulo.
- SANTORO SALVADOR, Marco Antônio & SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. *A memória da copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.
- SCHER, A. e PALOMINO, H. *Fútbol: pasión de multitudes y de elites*, Buenos Aires: CISEA, 1988.
- SCHVARZER, Jorge. “La política económica como política de poder” In Quiroga, Hugo e Tcach, César (org.). *A veinte años del golpe con memoria democrática*. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 1996, pp. 107-121.

- SEONE, M. e V. MULEIRO. *El dictador*. Buenos Aires: Sudamericana, 2001.
- SIDICARO, Ricardo. “Sobre algunas consecuencias políticas de la dictadura militar 1976-83”. In Quiroga, Hugo e Tcach, César (org.). *Argentina 1976-2006 – Entre la sombra de la dictadura y el futuro de la democracia*. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2006, pp. 31-45.
- _____. “El régimen autoritario de 1976: refundación frustrada y contrarrevolución exitosa”. In Quiroga, Hugo e Tcach, César (org.). *A veinte años del golpe con memoria democrática*. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 1996, pp. 9-26.
- SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha – uma vida em jogo*. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 2007.
- SOARES, Antonio J. “História e invenção de tradições no futebol brasileiro”. In Alabarces, Pablo. (org.), *Peligro de Gol. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*, pp. 113-142, Buenos Aires: CLACSO, 2000.
- _____, SALVADOR, Marco A. e BARTHOLO, Tiago Lisboa. “Copa de 70: o planejamento México”. In Gastaldo, E. L. e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, pp. 103-123.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. “Futebol: uma paixão coletiva” In SILVA, F. C. T. da e SANTOS, R. P. dos (orgs). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora e FAPERJ, 2006, vol 2, p. 18.
- SUGDEN, John e TOMLINSON, Alan. *FIFA and the contest for the world football: who rules the peoples’ game?*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- TOSTÃO. Lembranças, opiniões, reflexões sobre o futebol. São Paulo: DBA, 1997.
- TRAVERSO, Enzo, “Historia y memoria. Notas sobre un debate”, In Franco, Marina e Levín, Florencia (eds.), *Historia reciente. Perspectivas y desafíos para un campo en construcción*, Buenos Aires: Paidós, 2007, pp. 67-96.
- URIARTE, Claudio. *Almirante Cero*. Buenos Aires: Planeta, 1ª ed, 1992.
- VASCONCELLOS, Douglas Wanderlei. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011.
- VELHO, Gilberto. “Memória, Identidade e Projeto”. In *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

VILARINHO, Carlos F. *Quem derrubou João Saldanha*. Rio de Janeiro: Livrosdefutebol.com, 2010.

YALLOP, David A. *Como eles roubaram o jogo – segredos dos subterrâneos da FIFA*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

YANKELEVICH Pablo e JENSEN, Silvina (org.) *Exilios: destinos y experiencias bajo la dictadura militar*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2007.

ZAGALO, Mario J. L. *As lições da Copa*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971.

Caderno de Imagem I

Arquivo BDIC – COBA

1. Abaixo Assinado

D04/78284

APPEL
POUR LE BOYCOTT DE L'ORGANISATION
PAR L'ARGENTINE (BDIC)
DE LA COUPE DU MONDE DE FOOTBALL

La Coupe du Monde de Football, prévue en Argentine en juin 1978, aura-t-elle lieu entre les camps de concentration ?

L'Équipe de France de Football, qualifiée le 16 novembre dernier, jouera-t-elle à 800 mètres du pire centre de tortures du pays ? C'est en effet la distance qui sépare le stade de *River Plate*, où doivent se dérouler plusieurs matchs de la Coupe du Monde, de « *L'Escuela de Mecánica de la Armada* » (École de Mécanique de la Marine), siège du sinistre « *Grupo de Tareas 3-3* », véritable gestapo argentine composée de 314 officiers et soldats de la Marine. Depuis deux ans que ce groupement sévit, des centaines d'hommes et de femmes y ont été atrocement suppliciés, brûlés au chalumeau, coupés vifs à la scie électrique, écorchés vivants, etc... C'est aussi de l'École de Mécanique que décollent les hélicoptères qui vont jeter les corps mutilés dans les eaux du *Rio de la Plata* ou de l'Atlantique.

En Argentine, depuis plus de deux ans, au moins 8000 personnes ont été emprisonnées, le plus souvent sans aucune procédure judiciaire, et 15 000 ont « disparu », selon les chiffres d'Amnesty International. On estime d'autre part de 8000 à 10 000 le nombre de personnes assassinées par les forces de l'ordre dans la même période.

Cela, il ne faut jamais l'oublier.

La junte militaire argentine, qui impose par des méthodes nazies une politique de misère sans précédent, a fait de la Coupe du Monde de Football une affaire d'État, comme en témoigne l'engagement total du gouvernement par dessus la tête des organisations sportives, et l'intervention omniprésente de toutes les forces répressives dans l'organisation de la Coupe. Il s'agit pour elle, d'une part de restaurer son image internationale ternie, d'autre part de renforcer son autorité et sa cohésion sur le plan interne. Le régime tyrannique du Général Videla se heurte en effet, depuis le coup d'État du 24 mars 1976, à la résistance populaire : grèves, sabotages de la production, coulage des cadences, manifestations de mères de détenu(e)s et disparu(e)s, se multiplient contre le faim et l'arbitraire.

Dans ces conditions, devons-nous cautionner la Junte militaire argentine, qui fait de la Coupe du Monde de Football un nouvel instrument de son régime de terreur ? Est-il tolérable que des centaines de millions de dollars soient dépensés dans une pure opération de prestige, alors que le pouvoir d'achat des travailleurs est tombé en deux ans de 65 %, que l'inflation atteint des taux records, et que le chômage frappe 15 % des travailleurs ?

Pouvons-nous accepter que se tienne une fois encore, comme à Berlin pour les Jeux Olympiques de 1936, un rassemblement sportif international servant de caution à une dictature fasciste ?

DANS LES CONDITIONS ACTUELLES DE RÉPRESSION EN ARGENTINE, LE BOYCOTT DE CE PAYS COMME ORGANISATEUR DE LA COUPE DU MONDE DE FOOTBALL NOUS PARAÎT LA SEULE RÉPONSE CONSÉQUENTE ET RESPONSABLE.

On ne jouera pas au football entre les camps de concentration et les chambres de tortures !

La Coupe du Monde ne doit donc avoir lieu ni en Argentine, ni dans un autre pays où les Droits de l'Homme sont bafoués.

Le Comité pour le Boycott de l'Organisation par l'Argentine de la Coupe du Monde de Football multipliera les démarches et les initiatives pour que l'équipe de France ne se rende

pas en Argentine, ni dans un pays où les libertés démocratiques ne sont pas respectées,
à moins que d'ici là, la Junte militaire argentine :

- ne libère tous les prisonniers politiques, y compris les « disparus »,
- ne rétablisse de manière intégrale et définitive les libertés politiques, syndicales et démocratiques.

Nous appelons tous les sportifs, les amateurs de football, les journalistes, les mouvements de jeunesse, les militants politiques et syndicaux et leurs organisations, les associations de défense des Droits de l'Homme, tous les démocrates et progressistes, à rejoindre ou à soutenir l'action du Comité pour le Boycott de l'Organisation par l'Argentine de la Coupe du Monde de Football.

Nous souhaitons et favoriserons une large coordination internationale des initiatives de boycott de l'organisation par l'Argentine de la Coupe du Monde de Football (Suède, Espagne, Italie, Pays-Bas, Ecosse, etc...).

ADRESSEZ CET APPEL SIGNÉ AU
*Comité pour le Boycott de l'Organisation par l'Argentine
de la Coupe du Monde de Football*
C.O.B.A. — 14, rue de Nanteuil — 75015 - Paris

BDIC

Nom et Prénom

Profession

Adresse

Signature

2. Lista de presos de nacionalidade francesa na Argentina

DEUX ÉQUIPES DE FRANCE EN ARGENTINE POUR LA COUPE DU MONDE ? ...

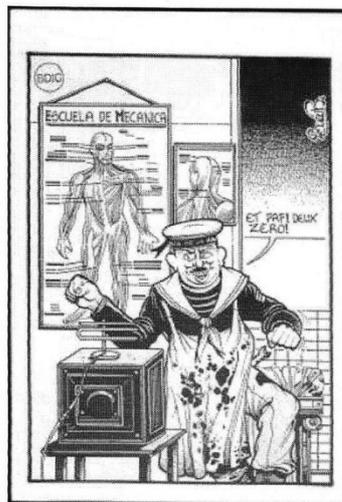
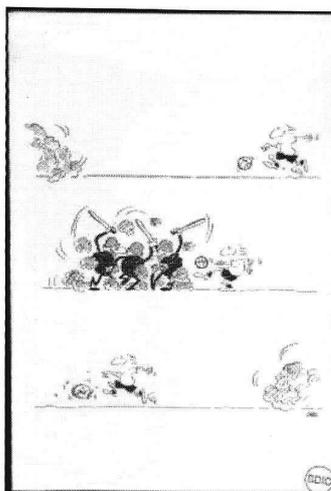
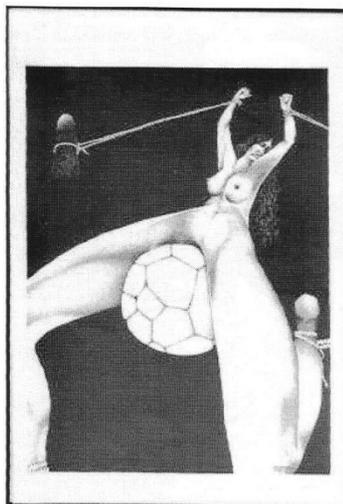
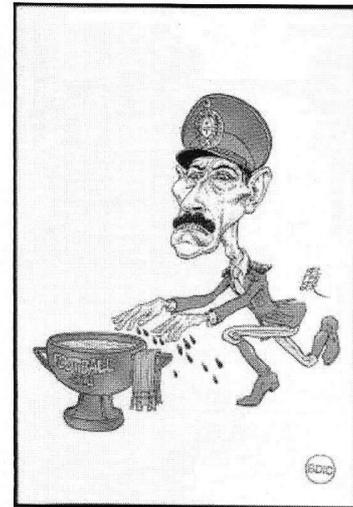
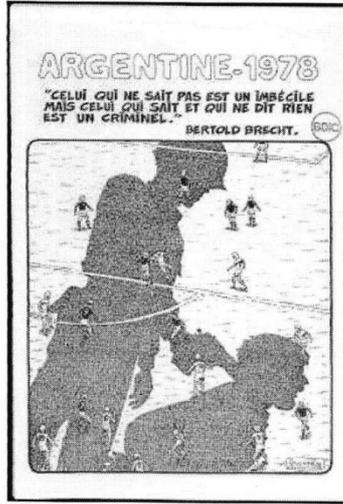
Savez-vous que pour chaque Français qui jouera la Coupe du Monde sur les stades d'Argentine, un autre Français, dans les prisons et les Camps de concentration d'Argentine, gémit peut-être au même moment sous la torture ?

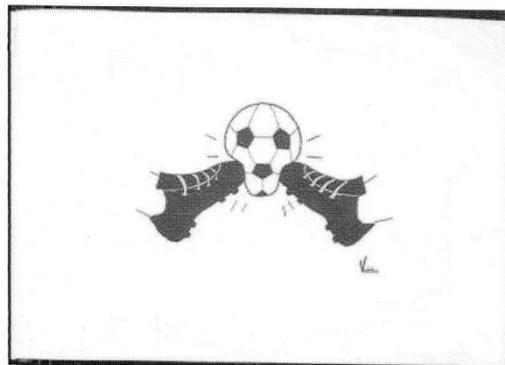
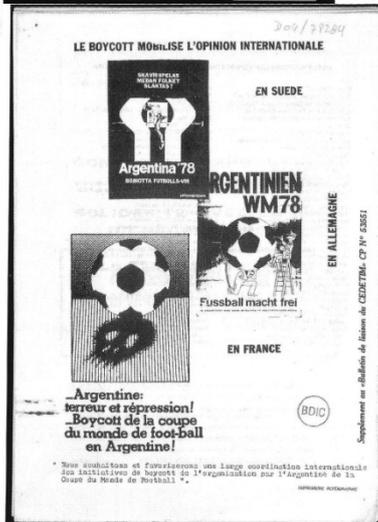
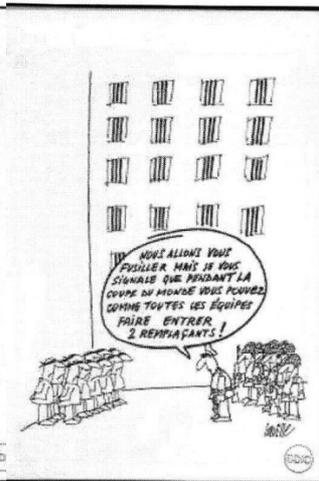
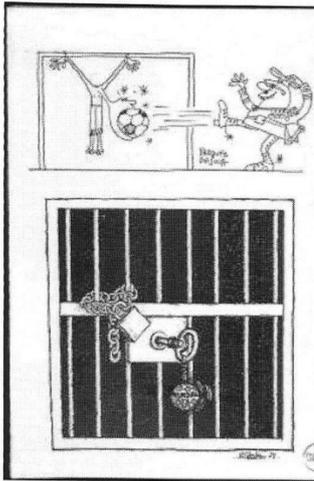
LISTE DES 18

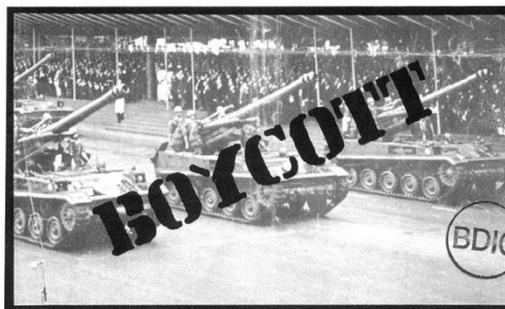
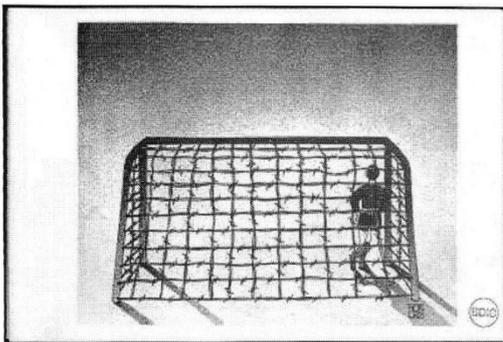
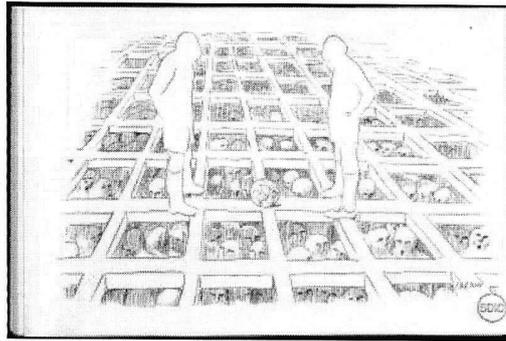
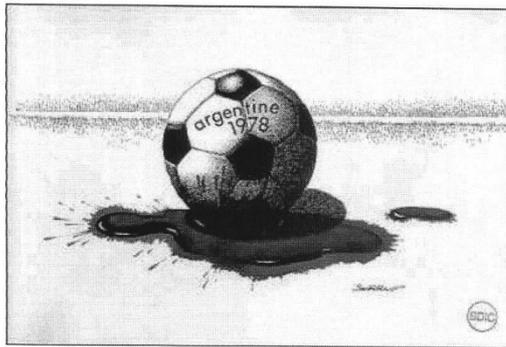
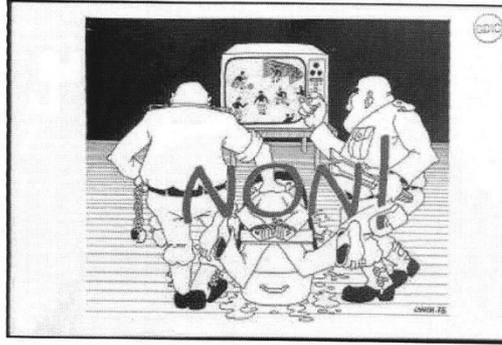
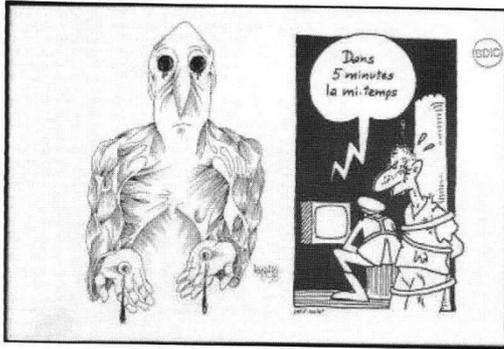
1. CARIVENC Pierre	disparu en Mai 1975 à Buenos Aires
2. JEGER Maurice	disparu le 9 Juillet 1975 à Tucuman
3. CLAUDET Jean Yves	disparu le 31 Octobre 1975 à Buenos Aires
4. DOMERGUE Yves	disparu le 20 Septembre 1976 à Rosario
5. BOUDET Robert Marcel	disparu le 24 Octobre 1976 à Buenos Aires
6. AMIEL Marcel	disparu le 9 Février 1977 à Mendoza
7. DEPREZ Georges	disparu le 19 Mai 1977 à Buenos Aires
8. DAUTHIER Françoise	disparue le 21 Octobre 1977 à Buenos Aires
9. DOMON Alice (Soeur Alice)	disparue le 8 Décembre 1977 à Buenos Aires
10. DUQUET Léonie (Soeur Léonie)	disparue le 10 Décembre 1977 à Buenos Aires
11. GUILLEMOT Gérard	emprisonné le 6 Mars 1974 à La Plata. condamné à 4 ans 1/2 de prison.
12. ORTIZ Michel	emprisonné le 23 Novembre 1974 à Magdalena (B. Aires) condamné à 10 ans de prison.
13. BENAÏYAG Michel	emprisonné le 18 Mars 1975 à Resistencia. Non jugé "à la disposition du pouvoir exécutif"
14. BARRERO Gérard	emprisonné le 7 Novembre 1975 à Sierra Chica Non jugé : "à la disposition du pouvoir exécutif".
15. JACOB Viviane B.	emprisonnée le 24 Décembre 1975 à Villa Devoto (B. Aires). Condamnée à 10 ans de prison.
16. ABRILE Hector	emprisonné le 4 Mars 1976 à Coronado (Santa Fé) Situation inconnue.
17. PIUMATO Julio	emprisonné le 1er Juin 1976 à La Plata Situation inconnue.
18. LHANDÉ Michel	emprisonné le 23 Juin 1976 à Magdalena (B. Aires) Condamné à 10 ans de prison.

.../...

3. Panfletos Diversos







Caderno de Imagem II

Arquivo Institucional FIFA, Zurique, Suíça.

1. Convite para a Copa do Mundo 1970



FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION

Circulaire No. 120

Aux Associations Nationales affiliées à la F.I.F.A.

Monsieur le Secrétaire Général,

Championnat du Monde — Coupe Jules Rimet 1970

Par décision du Congrès de la F.I.F.A. de 1964, la compétition finale du IX^e Championnat du Monde — Coupe Jules Rimet 1970 sera organisé au Mexique.

Au nom du Comité Exécutif de la F.I.F.A. nous avons l'honneur d'adresser la très cordiale

invitation

à toutes les associations affiliées à la F.I.F.A. de prendre part au IX^e Championnat du Monde — Coupe Jules Rimet 1970 et d'envoyer votre engagement

avant le 15 décembre 1967

au secrétariat de la F.I.F.A., case postale 136, 8030 Zurich.

L'engagement doit être notifié exclusivement sur la formule officielle ci-jointe et être accompagné du droit d'entrée de fr.s. 1000.—, à verser au compte de la F.I.F.A. auprès de l'Union de Banques Suisses à Zurich. Afin d'éviter tout malentendu nous soulignons que cet engagement doit être *en possession* du secrétariat général *avant* le 15 décembre 1967.

Nous vous prions de bien vouloir indiquer sur la formule, dans l'espace réservé à cet effet et par un *croquis coloré*, le dispositif exact des couleurs du maillot, de la culotte et des bas de votre équipe nationale représentative. (Au verso veuillez indiquer les couleurs de réserve.)

Ci-joint nous vous adressons le règlement régissant la Compétition de 1970. Ce règlement a été adopté par le Comité Exécutif en sa séance du 3 juin 1967. Nous le recommandons à votre attention et signalons spécialement l'art. 34 (matches amicaux en 1970).

Le IX^e Championnat du Monde – Coupe Jules Rimet 1970 se déroulera en deux phases principales:

- a) la Compétition Préliminaire et
- b) la Compétition Finale.

Selon les circonstances, la Compétition Préliminaire sera jouée en une ou plusieurs phases.

16 équipes au maximum peuvent participer à la Compétition Finale, dont la Football Association Angleterre, gagnante en 1966 de la Coupe Jules Rimet, l'équipe de la Fédération de Football du Mexique, association organisatrice, et les 14 équipes qualifiées par la Compétition Préliminaire.

Pour les huitièmes de finale les 16 équipes sont réparties en quatre groupes à quatre équipes, chaque équipe jouant un match contre chaque équipe de son groupe. Le système appliqué pour les huitièmes de finale est celui du championnat (addition des points).

Les autres matches ($\frac{1}{4}$, $\frac{1}{2}$ finales, la finale et le match pour désigner le 3^e classé) sont joués par élimination du perdant (Coupe).

La Compétition Finale aura lieu du 31 mai au 21 juin 1970. Le tableau des matches sera publié plus tard.

Au Congrès de la F.I.F.A. de 1964 la proposition suivante du Comité Exécutif a été approuvée: «*Les Associations Nationales membres de la F.I.F.A. doivent prendre part au moins à l'une des compétitions – Championnat du Monde et Tournoi Olympique de Football – organisées par la F.I.F.A., à moins qu'elles en aient été expressément dispensées.*»

Le Comité Exécutif de la F.I.F.A. espère que les engagements lui parviendront nombreux de toutes les parties du monde et que le IX^e Championnat du Monde – Coupe Jules Rimet sera couronné d'un succès aussi brillant que les précédents.

Nous vous prions de croire, Monsieur le Secrétaire Général, à l'assurance de nos sentiments distingués et d'agréer nos meilleures salutations.

Zurich, juillet 1967

FÉDÉRATION INTERNATIONALE
DE FOOTBALL ASSOCIATION

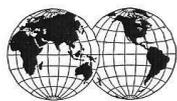
Le Secrétaire Général



Dr. Helmut Käser

Annexes: 1 exemplaire du règlement en anglais
4 exemplaires du règlement en français
1 formule d'engagement

2. Convite para a Copa do Mundo 1978



FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION

Circulaire n° 205

*Aux Associations affiliées***Coupe du Monde de la F.I.F.A. 1978**

Monsieur le Secrétaire Général,

Suivant décision du Congrès de la F.I.F.A. de 1964, le Comité Exécutif, dans sa séance du 6 juillet 1966, a décidé que la XI^e Coupe du Monde de la F.I.F.A. 1978 aura lieu en Argentine.

Au nom du Comité Exécutif de la F.I.F.A., nous avons l'honneur d'adresser la très cordiale

invitation

à toutes les associations affiliées à la F.I.F.A. à prendre part à la XI^e Coupe du Monde de la F.I.F.A. 1978 en adressant leur engagement

au Secrétariat de la F.I.F.A., case postale 136, CH-8030 Zurich

avant ou le 31 août 1975.

L'engagement doit être notifié exclusivement sur la formule officielle ci-jointe et, en même temps, le droit d'entrée de Fr.s. 1000.— doit être versé au compte de la F.I.F.A. auprès de l'Union de Banques Suisses à Zurich. Pour éviter tout malentendu, nous soulignons que cet engagement doit être *en possession* du Secrétariat Général *avant* le 1^{er} septembre 1975.

Nous vous prions de bien vouloir indiquer sur la formule, dans l'espace réservé à cet effet et par un *croquis coloré*, la disposition exacte des couleurs du maillot, de la culotte et des bas des joueurs de votre équipe représentative (en indiquant au verso les couleurs de réserve).

Vous trouverez en annexe le Règlement de la Compétition de 1978 qui a été adopté par le Comité Exécutif lors de sa séance du 30 avril 1975. Nous le recommandons à votre attention en vous signalant tout spécialement l'art. 36 (matches amicaux en 1978).

La XI^e Coupe du Monde de la F.I.F.A. 1978 se déroulera en deux phases principales:

- a) Compétition Préliminaire
- b) Compétition Finale

Suivant les circonstances, la Compétition Préliminaire sera jouée en un ou plusieurs tours.

16 équipes au maximum peuvent participer à la Compétition Finale, dont l'équipe du D.F.B. de la République Fédérale d'Allemagne, détenteur de la Coupe du Monde, l'équipe de la Asociación del Fútbol Argentino de l'Argentine, association organisatrice, et les 14 équipes qualifiées par la Compétition Préliminaire.

Pour le 1^{er} tour final, les 16 équipes seront réparties en quatre groupes de quatre équipes, chacune jouant un match contre chaque équipe de son groupe. Le système appliqué dans ce cas est celui de championnat (addition des points).

Les deux équipes classées en premier dans chaque groupe se qualifient pour le 2^e tour final. Les équipes sont réparties en deux groupes de quatre, chaque équipe jouant un match contre les autres équipes du même groupe.

L'équipe première de chaque groupe se qualifie pour la Finale et l'équipe classée deuxième pour le match des 3^e/4^e places.

La Compétition Finale commencera le 1^{er} juin 1978. Le calendrier des matches sera publié plus tard.

Nous vous rappelons que la proposition suivante du Comité Exécutif a été approuvée au Congrès 1968 de la F.I.F.A.:

Les Associations Nationales qui — sans raisons valables — ne participent pas à deux Coupes du Monde successives ou Tournois Olympiques seront automatiquement privées de leur droit de vote au Congrès tant qu'elles n'auront pas rempli leurs obligations.

Le Comité Exécutif de la F.I.F.A. espère que les engagements lui parviendront nombreux de toutes les parties du monde et que la XI^e Coupe du Monde de la F.I.F.A. 1978 aura un aussi brillant succès que les compétitions précédentes.

Veillez croire, Monsieur le Secrétaire Général, à nos sentiments les meilleurs.

Zurich, mai 1975

FEDERATION INTERNATIONALE
DE FOOTBALL ASSOCIATION

Le Secrétaire Général

Helmut Käser

Dr Helmut Käser

Annexes: 1 règlement en anglais
4 règlements en français
1 formule d'engagement

3. Selo e Mascote Copa do Mundo México 1970

NOTICIERO

LA DIRECCION General de Correos de la Secretaría de Comunicaciones y Transportes ha diseñado dos estampillas, en relación con el Campeonato Mundial de Fútbol, para su uso en el correo y además, tendrá un objeto preciado para los filatelistas. Seguramente, por su colorido y belleza, serán un objeto preciado para los filatelistas de todo el mundo y para aquellas personas que desean conservar el recuerdo de México 1970. Ambos sellos tienen un valor de 2.00 pesos y otro de 80 centavos, México 1970. Ambos sellos tienen la misma composición de leyendas.

La figura de JUANITO, ya circulando en decalcomanías y demás objetos, ha tenido una gran aceptación en diversos países. De Argentina, Inglaterra, España, Francia, Italia, Alemania, Indonesia, etc. han llegado solicitudes para que se les autorice a usar y a difundir su imagen en el aspecto comercial.

La venta de boletos para el IX Campeonato Mundial de Fútbol, efectuada a través del Banco de Comercio, institución bancaria de sólida prestigio, tuvo una gran aceptación por parte de los aficionados. Las categorías A y B, al ponerse a la venta en el mes de julio, se agotaron en dos semanas. El éxito económico está asegurado.





NOUVELLES

LA DIRECTION générale des Postes du ministère des Communications et des Transports a dessiné deux sceaux commémoratifs du Championnat du Monde de Football, qui, pour leur graphisme et leurs colors, constitueront sans aucun doute des pièces très appréciées des philatélistes du monde entier et de tous ceux qui désirent conserver un souvenir de "Mexico 70". Ces deux vignettes, valant respectivement 2 pesos mexicains et 80 centavos de peso, possèdent des fonds et des légendes analogues.

L'effigie de JUANITO, qui a été reproduite sur des décalcomanies et divers objets souvenirs, a remporté un grand succès dans de nombreux pays. L'Argentine, l'Angleterre, l'Espagne, la France, l'Italie, l'Allemagne, l'Indonésie, etc. ont déjà demandé au Comité l'autorisation d'utiliser et de diffuser à des fins commerciales la sympathique silhouette de JUANITO.

La vente des billets du IXe Championnat du Monde de Football par l'intermédiaire du Banco de Comercio — institution à solide réputation — a obtenu un très vif succès auprès du public. Dans les catégories A et B mises en vente en juillet dernier, les billets ont été épuisés en deux semaines. Le résultat financier de l'opération est donc assuré.

NEWS ITEMS

THE GENERAL Director of Mail department of the Secretariat of Communications and Transportation has designed two new stamps commemorating the World Football Championship. Undoubtedly, their colour and beauty will make them highly esteemed pieces for stamp collectors throughout the world as well as for those who seek a souvenir of Mexico 1970. Both stamps, one of which will sell for two pesos and the other for 80 centavos, have the same background and present the same legends.

The figure of JUANITO which is now circulating on decals and other objects has received an enthusiastic welcome in many countries. From Argentina, England, France, Italy, Germany, Indonesia and Spain, among others, requests have arrived for authorization to use and publicize his image commercially.

The sale of tickets for the IX World Football Championship through the Banco de Comercio, a banking institution of solid prestige, has been highly approved by all sector of football fans. The A and B class tickets that went on sale in July were sold out in two weeks. Economic success is assured.

KURZNACHRICHTEN

DIE HAUPTVERWALTUNG der Post im Verkehrsministerium hat anlässlich der Fußball Weltmeisterschaft zwei Briefmarken entworfen, die wegen ihrer Farbgebung und Schönheit gewiss überall in der Welt zu einem begeisterten Sammlerobjekt werden dürfen, und zwar für alle jene, welche ein Andenken an "Mexiko 1970" suchen. Beide Marken, mit einem Wert von 2 Pesos bzw. 80 Centavos, haben ein gemeinsames Thema und die gleiche Beschriftung.

Das Bild des kleinen JUANITO, das als Aufkleber etc. schon seine Runde macht, hat in verschiedenen Ländern bereits großen Anklang gefunden. Aus Argentinien, England, Spanien, Frankreich, Italien, Deutschland, Indonesien usw. liegen Anträge vor mit dem Ersuchen, das Bild kommerziell verwenden und verbreiten zu dürfen.

Der Verkauf der Eintrittskarten für die IX. Fußballweltmeisterschaft, der über das indonesische bankwirtschaftliche Unternehmen "Banco de Comercio" abgewickelt wird, hat seinen Anfang bei den Fans gefunden. Die Preiskategorien A und B, welche im Juli in wirtschaftliche Erfolg in geschickt.



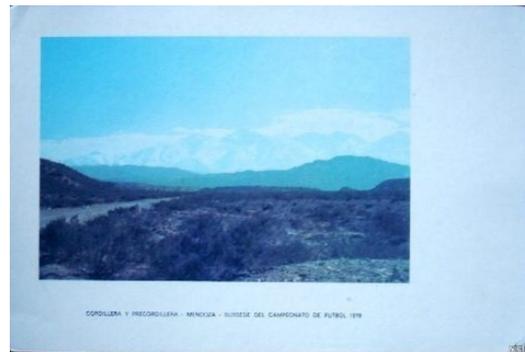
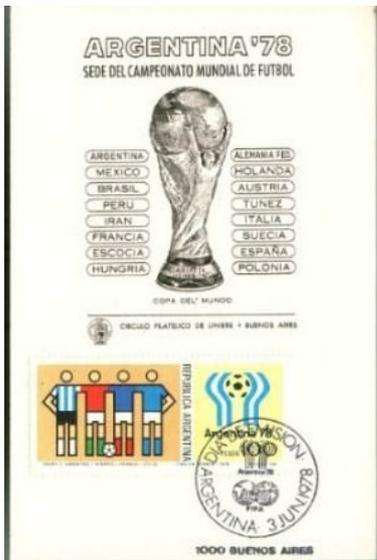
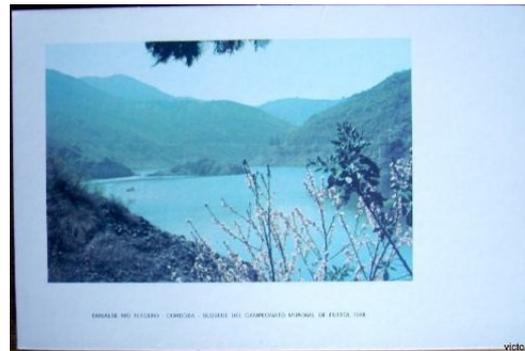
Caderno de Imagens III

Arquivo autora – Copa do Mundo 1978

1. Cartões Postais Revista *Para Ti* em resposta à *campanha anti-argentina*



2. Cartões postais comemorativos



3. Capa vinil músicas temáticas



4. Álbum de figurinhas Coca-Cola



5. Selos e moedas comemorativos

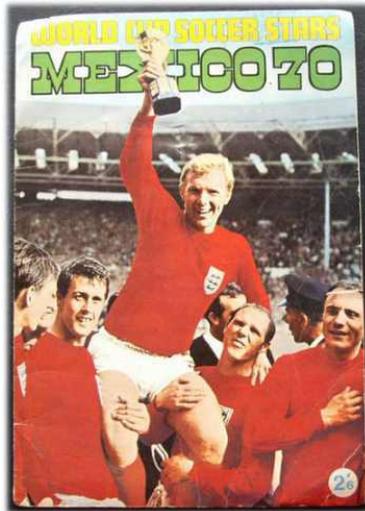




Caderno de Imagens IV

Arquivo autora – Copa do Mundo 1970

1. Álbum de figurinhas



2. Cartões postais



3. Selos comemorativos



